

“refinado, brilhante, único” Neil Gaiman

ANNO
DRACULA

Kim newman

N



Uma das histórias mais conhecidas e revisitadas da literatura e do cinema, a saga de Conde Drácula ganha uma nova e espantosa versão em *Anno Dracula*.

Kim Newman reinventa o mito do vampiro subvertendo a trama num ponto crucial. Se no clássico de Bram Stoker (1897) Vlad Tepes é perseguido e banido da Inglaterra por um grupo de caçadores intrépidos, aqui ele não apenas escapa da destruição como derrota seus inimigos e assume o poder ao desposar a Rainha Vitória, tornando-se Príncipe Consorte.

Agora a vampirização está em alta na sociedade inglesa, especialmente entre a nobreza vitoriana. Entre as classes mais baixas, a “transformação” pode ser comprada no *bas-fond* pelo preço de uma dose de gim ou de um trago de sangue de porco.

No entanto, uma onda de homicídios aterroriza a capital do Império: prostitutas renascidas são cruelmente assassinadas e mutiladas por um criminoso brutal e detalhista. Além da polícia londrina, uma vampira aristocrática e um distinto membro de um clube político secreto acompanham as investigações.

Partindo de uma premissa inusitada, Newman constrói uma obra de horror magistral e surrealista à qual ainda acrescenta inúmeros personagens ficcionais e históricos, como Dr. Jekyll, Oscar Wilde, Dr. Fu-Manchu, inspetor Abberline e o próprio Bram Stoker.

Um texto afiado, escrito com refinamento, crueldade, humor e muito sangue.

Kim Newman

ANNO DRACULA

Tradução
Susana Alexandria



Copyright © 1992 Kim Newman
Copyright © 2009 Aleph

Título original

Anno Dracula

Capa

Retina78

Preparação de texto

Carlos Orsi

Tradução

Susana Alexandria

Revisão

Hebe Ester Lucas

Projeto gráfico

Neide Siqueira

Editoração

Join Bureau

Coordenação editorial

Débora Dutra Vieira

Diretor editorial

Adriano Fromer Piazzzi

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Newman, Kim, 1959–
Anno Dracula / Kim Newman ; tradução
Susana Alexandria. – São Paulo:
Aleph, 2009
276 p.

ISBN: 978-85-76570-89-9

Título original: *Anno Dracula*

1. Dracula, Conde (Personagem fictício)
2. Ficção inglesa 3. Vampiros – Ficção

I. Título

09-11109 | CDD 823

1. Ficção : Literatura inglesa 823



Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Aleph Ltda.

Rua Dr. Luiz Migliano, 1110 – cj. 301

05711-900 – São Paulo – SP

www.editoraaleph.com.br

ePub: Yuna

Design: Hyperion

Versão v1.0.0

*Para Steve Jones,
o Monumental Guarda-Livros
de Vampiros.*



Nota ao leitor

Escrito por Kim Newman em 1992, *Anno Dracula* é uma ficção singular, para dizer o mínimo.

Além da união inusitada de tema e cenário — o vampirismo e a sociedade vitoriana da Inglaterra do século XIX o livro traz uma incrível mescla de personagens que, embora originários de diversas fontes, convivem no mesmo universo ficcional. Este recurso permite às figuras fictícias da trama interagir com personalidades históricas e com personagens imortalizados por outras obras da literatura mundial.

Em razão dessa característica única, a Editora Aleph acrescenta no final do livro dois textos inéditos, especialmente elaborados para esta edição brasileira: um guia de personagens, para orientar o leitor em meio a tantas referências; e um posfácio analítico, que aborda as particularidades e a relevância do autor e de sua obra.

ANNO DRACULA



“Nós, os zequelis, temos o direito de ser orgulhosos, pois em nossas veias corre o mingue de muitas raças valentes, que lutaram como leões pela supremacia. Para cá, no turbilhão das raças europeias, a tribo úgrica trouxe da Islândia o espírito guerreiro herdado de Thor e Odin, que os berserkers ostentavam em suas incursões cruéis nos litorais da Europa, ah, e da Ásia e África também, até os povos pensarem que os próprios lobisomens haviam chegado. Aqui, também, quando vieram, combateram os hunos, cuja fúria belicosa varreram a terra como uma labareda viva, até os povos moribundos acreditarem que em suas veias corria o sangue das antigas bruxas que, expulsas da Cítia, haviam se acasalado com os demônios do deserto. Idiotas, idiotas! Que demônio ou bruxa foi maior que Átila, cujo sangue corre nestas veias? Alguém duvida que éramos uma raça de conquistadores, que éramos orgulhosos, que quando os húngaros, os lombardos, os ávaros, os búlgaros ou os turcos invadiram, aos milhares, nossas fronteiras, nós os rechaçamos? Alguém estranha que quando Arpad e suas legiões varreram a pátria húngara, ele nos encontrou aqui, quando atingiu a fronteira? E que quando as hordas húngaras varreram o leste, os zequelis foram proclamados irmãos pelos magiares vitoriosos, e por séculos a nós foi confiada a defesa da fronteira com a terra turca? Ah, e mais do que isso, o interminável dever de guardar a fronteira, pois, como dizem os turcos, “a água dorme, mas o inimigo está sempre em vigília”. Quem, em todas as Quatro Nações, recebeu mais alegremente do que nós a “espada ensanguentada” ou, ao seu chamado de guerra, ocorreu mais rápido ao estandarte do rei? Quando a grande humilhação de minha nação foi redimida, a humilhação de Cassova, quando as bandeiras dos valáquios e dos húngaros foram derrubadas pelo Islã, quem senão um de minha própria raça, como voivoda, cruzou o

Danúbio e derrotou os turcos em seu próprio território? Era, sem dúvida, um Drácula! A desgraça foi seu próprio e indigno irmão ter vendido seu povo aos turcos e ter-lhe causado a desonra da escravidão!... De novo, quando, após a Batalha de Mohács, livramo-nos da opressão húngara, nós, do sangue Drácula, estávamos entre os líderes, pois nosso espírito não tolerava o fato de não sermos livres. Ah, meu jovem, os zequelis — e os Dráculas, que são o sangue do coração desse povo, seu cérebro e sua espada — podem se vangloriar de um registro de feitos tão vasto, que jamais será alcançado pelos Habsburgos e os Romanovs. A época guerreira acabou. Sangue é uma coisa preciosa demais nesta época de paz indecorosa; e as glórias das grandes raças são apenas histórias que se contam”.

Conde Drácula



“Tenho estudado incessantemente, desde que chegaram às minhas mãos, todos os documentos referentes a esse monstro e, quanto mais estudo, maior parece a necessidade de exterminá-lo completamente. Em toda parte há sinais de seu avanço; não apenas de seu poder, mas do conhecimento que tem dele. Pelo que sei, a partir de estudos de meu amigo Arminius, de Budapeste, ele era, em vida, um homem maravilhoso. Soldado, estadista e alquimista — este último era o ápice do desenvolvimento científico de sua época. Tinha um cérebro poderoso, um conhecimento incomparável e um coração que desconhecia medo e remorso. Ousou até frequentar a Scholomance, e não havia ramo do conhecimento que não experimentasse. Bem, o poder de seu cérebro sobreviveu à sua morte física; embora a memória pareça não estar completa. Em algumas faculdades mentais ele foi, e é, apenas uma criança; mas está amadurecendo, e algumas coisas que eram infantis no início têm agora a estatura de um homem feito. Ele está experimentando, e bem; e se não tivéssemos cruzado o seu caminho, ele já seria — talvez ainda venha a ser, se fracassarmos — o pai ou patrono de uma nova ordem de seres cujo caminho deve passar pela Morte, não pela Vida”.

Dr. Abraham Van Helsing

NO NEVOEIRO

Diário do Dr. Seward (registrado no fonógrafo)

17 de setembro.

A libertação de ontem à noite foi mais fácil que as outras. Muito mais fácil que a da semana passada. Talvez, com prática e paciência, tudo se torne mais fácil. Embora nunca seja fácil. Nunca... fácil.

Desculpe: é difícil manter os pensamentos em ordem, e este incrível aparelho é implacável. Não posso riscar as palavras apressadas ou arrancar uma página estragada. O cilindro gira, a agulha entalha e minhas divagações ficam gravadas para sempre na cera impiedosa. Aparelhos incríveis, como curas milagrosas, são cercados de efeitos colaterais imprevisíveis. No século XX, novos meios de registrar o pensamento humano talvez precipitem uma avalanche de digressões inúteis. *Brevis esse laboro*, como diria Horácio. Sei como apresentar um caso clínico. Este interessará à posteridade. Por enquanto, trabalho em segredo e escondo os cilindros com meus relatos anteriores. Na presente situação, minha vida e liberdade estariam em perigo se esses diários fossem expostos ao público. Um dia, espero que minhas razões e métodos sejam conhecidos e esclarecidos.

Muito bem.

O sujeito: feminino, aparentando 20 e poucos anos. Morta recentemente, eu diria. Profissão: óbvia. Local: Chicksand Street. Final da Brick Lane, do outro lado da Flower & Dean Street. Horário: pouco antes das cinco da manhã.

Eu vagava há mais de uma hora no nevoeiro, espesso como leite estragado. O nevoeiro é melhor para meu trabalho noturno. Quanto menos puder ser visto

do que esta cidade se tornou no último ano, melhor. Como muitas pessoas, passei a dormir durante o dia e trabalhar à noite. Na maioria das vezes, apenas cochilo; parece que faz anos que não sinto a satisfação de um sono de verdade. As horas de escuridão são as horas de atividade, agora. É claro que aqui, em Whitechapel, as coisas nunca foram muito diferentes.

Há uma daquelas malditas placas azuis na Chicksand Street; no número 197, um dos refúgios do Conde. Ali estão localizadas seis das caixas de terra a que ele e Van Helsing atribuíram uma importância supersticiosa e, como se viu, totalmente injustificável. Lorde Godalming deveria destruí-las; mas, como em muitas outras coisas, meu nobre amigo não se mostrou à altura da tarefa. Eu estava abaixo da placa, incapaz de enxergar seus dizeres, refletindo sobre nossos fracassos, quando a moça morta me abordou.

— Senhor — ela chamou. — Senhooooor...

Quando me virei, ela afastou as plumas da garganta. Seu pescoço e colo eram brancos como a névoa. Uma moça viva teria tremido de frio. Ela estava em pé, sob uma escadaria que levava a uma passagem no primeiro andar, sobre a qual ardia uma lanterna vermelha. Atrás dela, parcialmente oculta pela sombra da escada, havia outra entrada, um pouco abaixo do nível da rua. Nenhuma das janelas do prédio, ou de qualquer outro nas proximidades, estava iluminada. Habitávamos uma ilha de visibilidade num mar de trevas.

Atravessei a rua, as botas formando redemoinhos amarelos no nevoeiro baixo. Não havia ninguém por perto. Ouvi pessoas passando, mas estávamos encobertos. Logo os primeiros raios da alvorada afugentariam os últimos renascidos das ruas. A moça morta tinha ficado na rua até tarde, pelos padrões de sua espécie. Perigosamente tarde. Sua necessidade de dinheiro, de bebida, deve ter sido intensa.

— Que belo cavaleiro — murmurou, acenando com a mão, unhas afiadas cortando pedaços de nevoeiro.

Esforcei-me para enxergar seu rosto e fui recompensado com a impressão de uma beleza magra. Ela inclinou ligeiramente a cabeça para me olhar, uma mecha de cabelo preto caindo-lhe sobre a bochecha branca. Havia interesse em seus olhos vermelho-negros, e fome. Havia também uma espécie de deleite semiconsciente que beirava o desprezo. Esse olhar é comum entre as mulheres, de rua ou não. Quando Lucy — a senhorita Westenra, de saudosa memória — recusou meu pedido de casamento, a centelha de uma expressão parecida residia em seus olhos.

— ...e tão perto da manhã.

Ela não era inglesa. Pelo sotaque, diria que era alemã ou austríaca. Um indício de “f” em “cafalheiro”, um “r” mais puxado em “perrto”. A Londres do

Príncipe Consorte, desde o Palácio de Buckingham até o Buck's Row, é o esgoto da Europa, entupido de dejetos de duas dúzias de principados.

— Venha me beijar, senhor.

Parei por um instante, apenas olhando. Ela era de fato bonita, diferente. Seu cabelo brilhante era curto, penteado com laquê num estilo quase chinês, franjas pontudas como os protetores faciais de um elmo romano. No nevoeiro, seus lábios vermelhos pareciam quase pretos. Como todos eles, sorria com facilidade, desnudando dentes pontudos como pérolas lascadas. Uma nuvem de perfume barato pairava ao nosso redor, disfarçando de modo enjoativo o odor desagradável.

As ruas estão imundas, esgotos abertos de depravação. Os mortos estão em toda parte.

A moça cantarolou uma risada, como o som de algo espremido por um mecanismo, e fez sinal para que me aproximasse, abrindo ainda mais as plumas que envolviam seus ombros. Seu riso fez-me lembrar novamente de Lucy. Lucy quando estava viva, não a coisa sanguessuga que eliminamos no Cemitério de Kingstead. Há três anos, quando apenas Van Helsing acreditava...

— Não vai me dar um beijinho? — ela cantou. — Só um beijinho.

Seus lábios tinham o formato de um coração. As unhas tocaram meu rosto, depois as pontas de seus dedos. Estávamos frios; meu rosto, uma máscara de gelo, as unhas de seus dedos espetando suavemente a pele gelada.

— Como ficou assim? — perguntei.

— Boa sorte e cavalheiros gentis.

— Sou um cavalheiro gentil? — perguntei, segurando o bisturi no bolso de minha calça.

— Ah, sim, um dos mais gentis. Tenho certeza.

Pressionei a parte chata do instrumento contra minha coxa, sentindo a prata fria através do tecido.

— Eu tenho um pouco de visco — disse a moça morta, tirando um ramo do espartilho. Ela o segurou sobre si.

— Um beijo? — pediu. — Um beijo, só por um centavo.

— O Natal ainda está longe.

— Sempre há tempo para um beijo.

Ela agitou o ramo, as bagas balançando como sinos silenciosos. Dei um beijo frio em seus lábios vermelho-negros e puxei minha faca, segurando-a sob o casaco. Senti a lâmina afiada através da luva. Sua bochecha fria encostou em meu rosto.

Apreendi com a da semana passada, na Hansbury Street — Annie ou Anne Chapman era o nome dela, segundo os jornais a fazer o serviço de modo rápido e

preciso. Garganta. Coração. Tripas. E depois arranco a cabeça. Isso destrói as coisas. Prata limpa e consciência limpa. Van Helsing, obcecado por folclore e simbolismo, sempre falava do coração, mas qualquer órgão vital serve. Os rins são mais fáceis de atingir.

Preparei-me com cuidado antes de me aventurar. Fiquei sentado por meia hora, tolerando a dor. Renfield está morto — morto de verdade —, mas o louco deixou as marcas de sua mordida em minha mão direita. O semicírculo da profunda dentada cicatrizou muitas vezes, mas nunca sarou por completo. Com Chapman, eu estava entorpecido pelo láudano e não fui tão preciso quanto deveria. Ter de cortar com a mão esquerda não ajudou. Errei a artéria principal e a coisa teve tempo de guinchar. Temo ter perdido o controle e me tornado um açougueiro, quando deveria ser um cirurgião.

Ontem à noite foi melhor. A moça agarrou-se à vida com a mesma tenacidade, mas aceitou minha dádiva. No fim, aliviou-se por ter a alma purificada. Está difícil obter prata. A cunhagem é feita com ouro ou cobre. Consegui três moedas enquanto o dinheiro era trocado e sacrifiquei o aparelho de jantar de minha mãe. Meus instrumentos, tenho desde a época de Purfleet. Agora as lâminas estão folheadas, um núcleo forte de aço dentro da prata mortífera. Desta vez escolhi o bisturi de autópsia. Acho que é mais adequado utilizar uma ferramenta feita para dissecar cadáveres.

A moça morta convidou-me para entrar e ergueu as saias sobre as pernas brancas e esguias. Abri sua blusa, sem pressa. Meus dedos, ardendo em dor, tateavam.

— O que aconteceu com sua mão?

Levantei pesadamente a mão enluvada e tentei sorrir. Ela beijou os nós cerrados dos meus dedos e deslizei minha outra mão para fora do casaco, segurando o bisturi com firmeza.

— Uma ferida antiga — respondi. — Não é nada.

Ela sorriu e rapidamente passei a lâmina de prata de um lado a outro de seu pescoço, apertando firmemente com o polegar, abrindo um corte profundo na carne morta incólume. Seus olhos se arregalaram, em choque — a prata *dói* e ela soltou um longo suspiro. Linhas finas de sangue escorreram como chuva numa vidraça, manchando a pele de suas clavículas. Um único filete de sangue saiu pelo canto da boca.

— Lucy — eu disse, lembrando...

Ergui a moça, meu corpo protegendo-a dos transeuntes, e enfiei o bisturi, transpassando o espartilho, até o coração. Senti-a estremecer e desfalecer, sem vida. Mas sei que os mortos-vivos podem ser resistentes, e tive o cuidado de terminar o serviço. Deitei-a no fosso da entrada submersa e completei a

libertação. Havia pouco sangue nela; não deve ter se alimentado durante a noite. Após cortar seu corselete, rasgando com facilidade o tecido barato, expus o coração perfurado, descolei os intestinos do mesentério, desemaranhei uma jarda do intestino grosso e extraí os rins e parte do útero. Então, alarguei a primeira incisão. Depois de expor as vértebras, sacudi a cabeça solta para a frente e para trás até quebrar os ossos do pescoço.

GENEVIÈVE

Um barulho penetrou a escuridão. Pancadas. Batidas insistentes, repetidas. Carne e osso contra a madeira.

Em seus sonhos, Geneviève retornara à época de sua infância, na França do Rei Luís XI, de Joana D'Arc e do monstro Gilles de Rais. Quando quente, era filha do médico, não cria de Chandagnac. Antes de ela se transformar... antes do Beijo Negro...

Sua língua sentia uma película de sono nos dentes. O travo do próprio sangue estava em sua boca, repugnante e levemente excitante.

Em seus sonhos, o barulho era um malho golpeando um bastão cortado ao meio. O capitão inglês liquidou seu pai-das-trevas como uma borboleta, pregando Chandagnac no chão ensanguentado. Um dos combates menos memoráveis da Guerra dos Cem Anos. Tempos bárbaros merecidamente encerrados, assim ela esperava.

As pancadas continuaram. Ela abriu os olhos e tentou focalizar o vidro encardido da claraboia. O sol não estava totalmente posto. Os sonhos desvaneceram-se num instante e ela acordou, como se um galão de água gelada tivesse sido lançado em seu rosto.

Houve uma pausa nas pancadas.

— Mademoiselle Dieudonné — alguém gritou. Não era o diretor, geralmente responsável pelas chamadas urgentes que a arrancavam do sono, mas ela reconheceu a voz. — Abra. Scotland Yard.

Ela se sentou, o lençol caindo. Dormia no chão, de roupas íntimas, num cobertor estendido sobre o assoalho duro.

— Houve mais um assassinato do Faca de Prata.

Ela descansava no pequeno gabinete do Toynbee Hall. Era um lugar seguro para passar os poucos dias do mês em que o cansaço a dominava e ela partilhava o sono dos mortos. Localizado no alto do prédio, o aposento tinha apenas uma pequena claraboia, e a porta podia ser trancada por dentro. Servia, assim como caixões e criptas serviram aos da linhagem do Príncipe Consorte.

Soltou um grunhido apaziguador e as pancadas cessaram. Pigarreou. Seu corpo, inerte há dias, estalou quando ela se esticou. Uma nuvem obscureceu o sol e a dor diminuiu momentaneamente. Ficou em pé no escuro e passou a mão nos cabelos. A nuvem passou e ela enfraqueceu.

— Mademoiselle?

As pancadas recomeçaram. Os jovens eram sempre impacientes. Ela já tinha sido assim.

Tirou de um cabide um penhoar de seda chinesa e cobriu-se com ele. Não é o traje recomendado pela etiqueta para receber um cavalheiro, mas teria de servir. Etiqueta, tão importante há poucos anos, significava cada vez menos. Estavam dormindo em caixões forrados de terra em Mayfair e caçando em bandos em Pall Mall. Numa época assim, a forma correta de se dirigir a um arcebispo dificilmente preocuparia alguém.

Vestígios da confusão do sono persistiam, enquanto ela deslizava o ferrolho da porta. Lá fora, a tarde caía; só estaria em sua melhor forma quando a noite a envolvesse outra vez. Um renascido atarracado a esperava no corredor, um casaco comprido sobre ele, como uma capa, o chapéu-coco passando de uma mão a outra.

— Certamente, Lestrade, você não é do tipo que precisa ser convidado à casa de alguém? — perguntou Geneviève — Isso seria muito inconveniente para um homem de sua profissão. Bem, entre, entre...

Ela consentiu a entrada do homem da Scotland Yard. Dentes recortados, que o bigode ralo não conseguia esconder, saltavam de sua boca. Quando quente, tinha cara de rato; o bigode escasso completava a semelhança. Suas orelhas estavam mudando, tornando-se altas e pontudas. Como a maioria dos renascidos da linhagem do Príncipe Consorte, ainda não atingira sua forma final. Usava óculos escuros, mas pontos vermelhos atrás das lentes sugeriam olhos ágeis.

Colocou o chapéu sobre a escrivaninha.

— Ontem à noite — ele começou, esbaforido —, na Chicksand Street. Foi uma carnificina.

— Ontem à noite?

— Desculpe — ele fez uma pausa, levando em consideração o período de descanso de Geneviève. — Hoje é dia 17 de setembro.

— Dormi três dias.

Geneviève abriu o guarda-roupa e avaliou as poucas peças penduradas. Quase não tinha roupas para todas as ocasiões. Era improvável, dadas as circunstâncias, que fosse convidada para uma recepção no Palácio, no futuro próximo. A única joia que restava era o pequeno crucifixo de seu pai, e ela raramente o usava, temendo perturbar algum renascido sensível e de ideias tolas.

— Achei melhor despertá-la. Está todo mundo nervoso. Os ânimos estão exaltados.

— Você agiu certo — ela disse. Esfregou os olhos sonolentos. Mesmo os últimos fragmentos de luz solar, filtrados por um quadrado de vidro sujo, eram como estalactites de gelo cravadas em sua testa.

— Depois do pôr do sol — dizia Lestrade — haverá um pandemônio. Poderá ser um novo Domingo Sangrento. Dizem que Van Helsing voltou.

— O Príncipe Consorte adoraria isso.

Lestrade balançou a cabeça. — É só um boato. Van Helsing está morto. A cabeça dele continua na estaca.

— Você verificou?

— O Palácio está sempre vigiado. O Príncipe Consorte tem os carpatianos para protegê-lo. Nossa espécie deve ter cuidado. Temos muitos inimigos.

— Nossa espécie?

— Os mortos-vivos.

Geneviève quase riu. — Não sou da sua espécie, Inspetor. Você é da linhagem de Vlad Tepes, eu sou da linhagem de Chandagnac. No máximo, somos primos.

O detetive deu de ombros e bufou. Geneviève sabia que a linhagem não era muito importante para os vampiros de Londres. Mesmo que fosse em terceiro, décimo ou vigésimo grau, todos consideravam Vlad Tepes seu pai-das-trevas.

— Quem foi? — ela perguntou.

— Uma renascida chamada Schön. Lulu. Prostituta comum, como as outras.

— Essa foi... o que, a quarta?

— Ninguém sabe. A imprensa sensacionalista desencavou todos os casos de morte não solucionados do East End dos últimos trinta anos, para pôr a culpa no Assassino de Whitechapel.

— A polícia tem certeza de quantos foram?

Lestrade bufou. — Até do caso de Schön só vamos ter certeza depois do inquérito, mas eu aposto meu salário nela. Estou vindo direto do necrotério. As marcas são inconfundíveis. Como as de Annie Chapman, na semana passada, e

de Polly Nichols, na semana retrasada. As opiniões divergem em mais dois casos. Emma Smith e Martha Tabram.

— O que você acha?

Lestrade mordiscou o lábio. — Só três. Pelo menos as três que sabemos. Smith foi atacada, roubada e empalada por arruaceiros do Jago. Foi violentada, também. Violência típica de gangues, não o trabalho de um homem só. E Tabram era quente. O Faca de Prata está interessado apenas em nós. Em vampiros.

Geneviève compreendeu.

— Esse homem tem *ódio* — continuou Lestrade —, um ódio passional. Ele deve cometer os crimes num frenesi. No entanto, há uma frieza neles. Ele mata na rua, no escuro. Ele não abate, apenas, ele *disseca*. E vampiros não são fáceis de matar. Nosso homem não é um simples lunático. Ele tem um *motivo*.

Lestrade encarava os crimes de modo pessoal. O Assassino de Whitechapel causava pânico. Os renascidos corriam de um lado a outro, desorientados por divergências, e encolhiam-se de medo do crucifixo por conta de uma lenda que mal conheciam.

— A notícia já se espalhou?

— Rápido — respondeu o detetive. — As edições vespertinas publicaram a história. Londres inteira já deve estar sabendo. Muitos quentes não gostam de nós, Mademoiselle. Eles estão exultantes. Quando os renascidos saírem, pode haver pânico. Sugeri tropas, mas Warren está cauteloso. Depois daquele episódio no ano passado...

Ela lembrou-se. Alarmado com a crescente desordem pública após o Casamento Real, Sir Charles Warren, Comissário da Polícia Metropolitana, proibira reuniões de caráter político na Trafalgar Square. Em desafio à ordem, rebeldes quentes, protestando contra a Coroa e o novo governo, reuniram-se numa tarde de novembro. William Morris e H. M. Hyndman, da Federação Democrática Socialista, com o apoio de Robert Cunningham-Grahame, o radical Membro do Parlamento, e Annie Besant, da Sociedade Secular Nacional, defenderam a proclamação de uma República. Houve um furioso e violento debate. Geneviève observava da escadaria da Galeria Nacional. Ela não era a única vampira a cogitar alinhar-se à suposta República. Não era preciso ser quente para considerar Vlad Tepes um monstro. Eleanor Marx, ela própria uma renascida e autora, junto com o Dr. Edward Aveling, de *A Questão dos Vampiros*, fez um discurso inflamado, conclamando a abdicação da Rainha Vitória e a expulsão do Príncipe Consorte.

— ...Não posso dizer que discordo dele. Mesmo assim, a Divisão H não está equipada para tumultos. A Yard me mandou partir para cima dos nativos, mas já

temos trabalho suficiente para pegar o assassino sem ter que ficar nos defendendo de turbas armadas com estacas e foices.

Geneviève imaginou que caminho Sir Charles seguiria. Em novembro o comissário, anteriormente mais soldado que policial, e agora mais vampiro que soldado, tinha enviado o exército. Antes mesmo de um aturdido juiz ler o Ato do Tumulto, um oficial da cavalaria ordenou que seus homens, uma mistura de vampiros e quentes, liberassem a praça. Depois dessa primeira carga, a Guarda Carpatiana do Príncipe Consorte atacou a multidão, causando mais dano com dentes e garras do que os soldados com baionetas caladas. Houve alguns mortos e muitos feridos; logo depois, houve alguns julgamentos e muitos “desaparecimentos”. O dia 13 de novembro de 1887 ficou conhecido como o “Domingo Sangrento”. Geneviève passou uma semana no Guy’s Hospital, ajudando a cuidar dos feridos menos graves. Muitos cuspiam nela ou se recusavam a ser tratados por alguém de sua espécie. Não fosse a intervenção pessoal da rainha, que ainda tinha alguma influência apaziguadora sobre seus súditos admiradores, o Império poderia ter explodido como um barril de pólvora.

— E o que, diga-me, posso fazer para servir aos propósitos do Príncipe Consorte? — perguntou Geneviève.

Lestrade mascou o bigode, os dentes cintilando, partículas de espuma nos lábios.

— Podemos precisar de você, Mademoiselle. A Prefeitura será invadida. Alguns não vão querer sair para as ruas com o assassino à solta. Outros estão espalhando pânico e revolta, acionando milícias.

— Eu não sou Florence Nightingale.

— Você tem influência...

— Tenho, não é?

— Eu gostaria... Peço humildemente... que use sua influência para acalmar a situação. Antes que o desastre ocorra. Antes que morra mais gente, sem necessidade.

Geneviève não podia negar que apreciava o gosto do poder. Tirou o penhoar, chocando o detetive. Morte e renascimento não o haviam libertado dos preconceitos de sua época. Lestrade encolheu-se atrás dos óculos escuros, enquanto ela rapidamente se vestia, fechando, com elegantes movimentos dos dedos pontudos, o que pareciam ser centenas de pequenos prendedores e botões da saia e da blusa verdes. Era como se a roupa de seus dias de quente, tão intrincada e incômoda quanto uma armadura, tivesse voltado a atormentá-la. Como renascida ela havia, com alívio, passado a usar túnicas simples e calças que se tornaram aceitáveis, e até moda, graças a Joana D’Arc, prometendo nunca mais se apertar em sufocantes vestidos formais.

O inspetor estava pálido demais para corar, mas pequenas manchas surgiram em suas bochechas e ele fez um ruído involuntário de indignação. Lestrade, como muitos outros renascidos, a tratava como se ela tivesse a idade que seu rosto aparentava. Ela tinha dezesseis anos quando Chandagnac deu-lhe o Beijo Negro. Era cerca de dez anos mais velha do que Vlad Tepes. Quando ele ainda era um príncipe cristão quente, pregando turbantes no crânio dos turcos e empalando seus compatriotas, ela já era uma renascida, aprendendo as habilidades que a tornaram a mais longeva de sua linhagem. Com quatro séculos e meio de experiência, era difícil não se irritar quando mortos recém-ressuscitados, que mal haviam esfriado, tratavam-na com condescendência.

— Temos que encontrar e deter o Faca de Prata — disse Lestrade — antes que ele mate de novo.

— Sem dúvida — concordou Geneviève. — Parece um caso para seu antigo parceiro, o detetive consultor.

Ela sentiu, com a percepção aguçada pelo cair da noite, um calafrio no coração do Inspetor.

— O Sr. Holmes não tem plena liberdade para investigar, Mademoiselle. Ele tem certas diferenças com o atual governo.

— Quer dizer, ele foi removido, como muitas de nossas melhores cabeças, para as áreas de confinamento de Sussex Downs. Como é que a *Pall Mall Gazette* chama esses lugares, campos de concentração?

— Lamento essa falta de visão...

— Onde ele está? Em Devil's Dyke?

Lestrade, quase envergonhado, confirmou com um movimento da cabeça. Muito do homem restava nele. Os renascidos agarravam-se às suas vidas quentes como se nada tivesse mudado. Quanto tempo levaria para que se tornassem como as fêmeas que o Príncipe Consorte trouxera da terra além das montanhas, apetites sobre pernas, caçando irracionalmente?

Geneviève terminou de fechar os punhos da blusa e virou-se para Lestrade, os braços ligeiramente estendidos. Era um hábito surgido de muitas vidas sem espelho, sempre buscando uma opinião sobre sua aparência. O detetive, a contragosto, deu sua aprovação. Colocando um manto encapuzado sobre os ombros, ela deixou o aposento, acompanhada de Lestrade.

No corredor, lamparinas já estavam acesas. Lá fora, além da fileira de janelas, um nevoeiro pairava, purificando-se dos últimos raios do sol poente. Uma das janelas estava aberta, deixando entrar o ar fresco. Geneviève sentiu o sabor de vida no ar. Ela teria de se alimentar logo, dentro de dois ou três dias. Era sempre assim após o descanso.

— O inquérito de Schön começa amanhã — disse Lestrade —, no Instituto dos Trabalhadores. Seria bom se você fosse.

— Muito bem, mas preciso conversar com o diretor primeiro. Alguém vai ter que assumir minhas obrigações enquanto isso.

Estavam na escada. O prédio ganhava vida. Não importa o quanto o Príncipe Consorte transformasse Londres, o Toynbee Hall — fundado pelo Reverendo Samuel Barnett, em homenagem ao falecido filantropo Arnold Toynbee — ainda era necessário. Os pobres precisavam de abrigo, alimento, atendimento médico, educação. Os renascidos, destituídos potencialmente imortais, não estavam em condições muito melhores que seus irmãos e irmãs quentes. Para muitos, os assentamentos do East End eram o último recurso. Geneviève sentia-se como Sísifo, eternamente rolando uma pedra montanha acima, retrocedendo uma jarda a cada passo à frente.

No andar térreo, uma garotinha de cabelo escuro estava sentada, uma boneca de pano no colo. Um dos braços da menina estava murcho, abaixo dele membranas de couro enfeixadas em dobras, o vestido pardo cortado para dar liberdade aos movimentos. Lily sorriu, os dentes afiados mas irregulares.

— Gené — disse Lily —, olhe...

Sorrindo, ela estendeu o braço longo e esguio. Estava mais comprido, mais musculoso; a peluda aba marrom-acinzentada esticou-se.

— Estou desenvolvendo minhas asas. Vou voar até a lua e voltar.

Geneviève desviou os olhos e viu que Lestrade, de modo semelhante, examinava o teto. Ela se voltou para Lily e ajoelhou-se, acariciando o braço da menina. Havia algo errado com a pele grossa, como se os músculos estivessem se contraindo. Nem o cotovelo nem o pulso se ajustavam adequadamente. Vlad Tepes era capaz de mudar de forma sem esforço, mas os renascidos de sua linhagem não conseguiam realizar o truque. O que não os impedia de tentar.

— Vou trazer um pedaço de queijo de presente para você — disse Lily.

Geneviève acariciou o cabelo de Lily e levantou-se. A porta do diretor estava aberta. Ela entrou, dando uma batida na madeira ao passar. O diretor estava sentado à mesa, revisando o horário de uma palestra com Morrison, seu secretário. O diretor era bastante jovem e ainda quente, mas seu rosto era enrugado, seu cabelo, grisalho. Muitos que haviam enfrentado as mudanças estavam como ele, mais velhos do que sua idade. Morrison, um jovem calmo, interessado em literatura e gravuras japonesas, estava em pé, no escuro.

— Jack — ela disse —, o inspetor Lestrade quer que eu vá a um inquérito amanhã.

— Houve outro assassinato — disse o diretor, afirmando, não perguntando.

— Uma renascida — disse Lestrade. — Na Chicksand Street.

— Lulu Schön — Geneviève acrescentou.

— Nós a conhecíamos?

— Provavelmente, mas com outro nome.

— Arthur pode consultar os arquivos — disse o diretor, olhando para Lestrade, mas indicando Morrison. — Vocês vão precisar dos detalhes.

— Foi outra prostituta? — perguntou Morrison.

— Sim, claro — disse Geneviève. O jovem baixou os olhos.

— Acho que ela esteve aqui — ele disse. — Uma das enjeitadas de Booth.

O rosto de Morrison contorceu-se quando ele mencionou o nome do general. O Exército da Salvação considerava os mortos-vivos irrecuperáveis, piores do que os bêbados. Embora fosse quente, Morrison não compartilhava o preconceito.

Os dedos do diretor tamborilavam sobre a mesa. Sua aparência, como sempre, era de alguém que acabava de receber, inesperadamente, o peso do mundo sobre os ombros.

— Você consegue alguém para me substituir? — perguntou Geneviève.

— Druitt pode assumir seus turnos, se ele voltar do jogo de críquete. E Arthur pode substituí-lo assim que organizarmos os horários das palestras. Bem, não esperávamos vê-la por uma noite ou duas, de qualquer modo.

— Obrigada.

— Tudo bem. Mantenha-me informado. Essa é uma tarefa terrível.

Geneviève concordou.

— Vou ver o que posso fazer para pacificar os nativos. Lestrade acha que vai haver uma revolta.

O policial pareceu evasivo e constrangido. Por um instante, Geneviève sentiu-se mesquinha por implicar com o renascido. Estava sendo injusta.

— Talvez haja uma coisa que eu realmente possa fazer. Conversar com algumas moças renascidas. Avisá-las para terem cuidado, ver se alguém sabe de alguma coisa.

— Muito bem, Geneviève. Boa sorte. Lestrade, boa noite.

— Dr. Seward — disse o detetive, colocando o chapéu —, boa noite.

APÓS O ANOITECER

Florence Stoker delicadamente tocou o pequeno sino, não para chamar a criada, mas para chamar a atenção do salão. O ornamento era de alumínio, *não* de prata. A conversa e o barulho das pessoas tomando chá cessaram. Os convidados viraram-se para ouvir a anfitriã.

— Há um anúncio iminente — declarou Florence, tão encantada que o sotaque de Clontarf, em geral rigorosamente suprimido, insinuou-se em seu tom de voz.

Subitamente, Beauregard era um prisioneiro em si mesmo. Com Penélope agarrada a seu braço, ele não poderia furtar-se ao desafio, mas, num instante, a situação mudara. Por alguns meses ele oscilara à beira de um abismo. Agora, gritando por dentro, mergulhava em direção às pedras, sem dúvida pontiagudas.

— Penélope, senhorita Churchward — começou Beauregard, pausando para pigarrear — concedeu-me a honra...

Todos no salão compreenderam de imediato, mas ele ainda tinha de pronunciar as palavras. Desejou tomar mais um gole do chá fraco que Florence serviu em requintadas xícaras de estilo chinês.

Penélope, impaciente, terminou por ele.

— Vamos nos casar. No ano que vem, na primavera.

Deslizou a mão delgada sobre a mão dele, que a segurava com firmeza. Quando ela era criança, sua expressão favorita era “mas eu quero *agora!*” O rosto dele certamente ruborizara. Um absurdo. Ele não era exatamente um jovem

deslumbrado. Já tinha sido casado... Antes de Penélope, Pamela. A outra senhorita Churchward, a mais velha. Isso iria provocar comentários.

— Charles — disse Arthur Holmwood, Lorde Godalming —, parabéns.

O vampiro, sorrindo com os dentes afiados, apenas levantou a mão. Beauregard supôs que Godalming sabia que o aperto de mão de um morto-vivo pode esmagar os ossos.

A noiva despreendeu-se de seu braço e foi cercada por damas. Kate Reed, por causa de seus óculos e de seu cabelo rebelde a confidente perfeita e favorita de Penélope, ajudou-a a sentar-se e abanou-a com o leque, em admiração. Repreendeu a amiga por não lhe ter contado o segredo. Penélope disse a Kate para não ser tão chata. Kate, uma dessas mulheres modernas, escrevia artigos sobre ciclismo para a revista *Titbits* e, no momento, estava empolgada com uma coisa chamada “pneumático”

As moças alvoroçaram-se em volta de Penélope como se ela tivesse anunciado uma doença, ou uma gravidez. Pamela, nunca longe da memória quando Penélope estava presente, morrera no parto, seus olhos grandes apertados, em dor. Em Jagadhri, há sete anos. A criança, um garoto, viveu menos de uma semana. Beauregard não gostava de lembrar que tiveram de dissuadi-lo de matar a tiros o idiota do médico.

Florence conversava com Bessie, a única criada que sobrara. A Sra. Stoker despachou a moça de olhos escuros numa missão particular.

Whistler, o pintor americano de sorriso largo, afastou Godalming com o cotovelo e, alegremente, bateu no braço de Beauregard.

— Você não tem jeito, Charlie — disse, apunhalando o ar em frente ao rosto de Beauregard com um charuto grosso. — Mais um homem caído nas garras do inimigo.

Beauregard conseguiu sustentar um sorriso. Ele não tinha a intenção de anunciar o noivado na reunião após o anoitecer da Sra. Stoker. Desde seu retorno a Londres, não era um convidado frequente nas festas. A posição de Florence como anfitriã dos chiques e famosos permanecia sólida, embora a questão do desaparecimento de seu marido sempre pairasse no ar. Ninguém tinha a coragem ou a crueldade de lhe perguntar sobre Bram, que, segundo os boatos, fora removido para Devil's Dyke após uma altercação com o Lorde Camareiro sobre um ponto da censura oficial. Somente a intervenção ilustre de Henry Irving, empregador de Stoker, evitou que a cabeça de Bram tivesse o mesmo destino da de seu amigo Van Helsing, no lado de fora do Palácio. Atraído por Penélope a esta festa muito reduzida, Beauregard percebeu outras ausências. Nenhum vampiro estava presente, além de Godalming. Muitos dos antigos convidados de Florence — particularmente Irving e sua atriz principal, a incomparável Ellen

Terry — tinham se transformado. Presumivelmente, outros não desejavam associar-se nem mesmo aos rumores de opiniões republicanas, embora a anfitriã, que incentivava os debates em suas reuniões após o anoitecer, quase sempre mencionasse seu desinteresse por política. Florence — cujo esforço incansável de cercar-se de homens muito mais inteligentes e mulheres um pouco menos bonitas do que ela — Beauregard achava vagamente irritante — não cogitava questionar o direito da rainha de governar, assim como não questionava o direito da Terra de girar em torno do Sol.

Bessie retornou com uma garrafa de champanhe empoeirada. Todos discretamente baixaram suas xícaras e pires. Florence entregou à criada uma pequena chave e a moça abriu um armário, revelando uma pequena floresta de taças.

— Temos que brindar — insistiu Florence — a Charles e Penélope.

Penélope estava ao seu lado novamente, segurando sua mão, exibindo-o.

Florence girou a garrafa nas mãos, olhando para ela como se não tivesse certeza de como abri-la. Normalmente, desenvolver garrafas era serviço de um mordomo. Por um momento, ela ficou perdida. Godalming interveio, movendo-se com a graça do mercúrio, associando velocidade a uma aparente languidez, e pegou a garrafa. Não era o primeiro vampiro que Beauregard via, mas era o que havia mudado mais perceptivelmente desde sua transformação. A maioria dos renascidos atrapalhava-se com suas limitações e habilidades, mas Sua Senhoria, com a postura de gerações versadas em boas maneiras, adaptara-se perfeitamente.

— Permita-me — disse ele, dobrando um guardanapo sobre o braço como um garçom.

— Obrigada, Art — Florence balbuciou. — Sou tão incompetente...

Ele lançou um sorriso com o canto da boca, expondo um longo dente canino, e fincou a unha na rolha, atirando-a para fora do gargalo como se jogasse uma moeda. O champanhe jorrou e Godalming encheu as taças que Florence segurava abaixo da garrafa. Sua Senhoria aceitou o comedido aplauso com um sorriso belo e largo. Para um homem morto, Godalming era praticamente uma explosão de vida. Todas as mulheres do recinto tinham os olhos fixos no vampiro. Inclusive Penélope, como Beauregard não pôde deixar de perceber.

Sua noiva não se parecia muito com a prima. Exceto às vezes, quando, inconscientemente, ela produzia alguma frase de Pamela, ou fazia algum gesto banal que reproduzia exatamente os movimentos de sua falecida esposa. É claro que havia também a boca e aqueles olhos dos Churchwards. Quando ele se casara pela primeira vez, onze anos antes, Penélope tinha nove anos. Ele se lembrava da criança um tanto malcriada, usando chapéu de marinheiro e avental

sobre o vestido, habilmente manipulando a família para que a vida doméstica girasse em torno de seu eixo. Ele se lembrava das vezes em que, sentado com Pamela na varanda, via a pequena Penny fazer o filho do jardineiro chorar. Sua então futura noiva tinha uma língua afiada, embainhada na boca de veludo.

As taças foram distribuídas. Penélope conseguiu aceitar a sua sem por um instante soltar a mão do noivo. Ela estava orgulhosa e não o deixaria passar despercebido.

O brinde recaiu, claro, sobre Godalming. Ele ergueu sua taça, a bebida borbulhante refletindo a luz, e disse:

— Para mim, este é um momento triste, pois sofro uma perda. Fui derrotado de novo, por meu bom amigo Charles Beauregard. Nunca vou me recuperar, mas reconheço que Charles é um homem melhor. Acredito que ele servirá minha querida Penny como deve servir um bom marido.

Beauregard, centro de todos os olhares, sentiu-se desconfortável. Ele não gostava de ser observado. Em sua profissão, era imprudente atrair qualquer tipo de atenção.

— À linda Penélope — brindou Godalming — e ao admirável Charles...

— Penélope e Charles — veio o eco.

Penélope dava risadinhas como um gato, à medida que as bolhas faziam cócegas em seu nariz, e Beauregard sorveu um gole inesperadamente forte. Todos beberam, exceto Godalming, que depositou a taça intocada na bandeja.

— Desculpe — disse Florence. — Estou tão distraída.

A anfitriã chamou Bessie novamente.

— Lorde Godalming não bebe champanhe — ela explicou à moça. Bessie entendeu e desabotoou o punho de sua blusa.

— Obrigado, Bessie — disse Godalming. Ele pegou a mão da criada como se fosse beijá-la, e então virou-a como se fosse ler sua palma.

Beauregard não pôde evitar um certo nojo, mas ninguém sequer mencionou o assunto. Ele imaginou quantos estariam assumindo uma pose de indiferença e quantos estavam genuinamente acostumados aos hábitos da coisa na qual Arthur Holmwood se transformara.

— Penélope, Charles — disse Godalming —, bebo em sua homenagem.

Escancarando a boca e a mandíbula como uma serpente, Godalming apertou o pulso de Bessie, perfurando levemente a pele com os dentes incisivos pontiagudos. Godalming lambeu um filete de sangue. Os convidados ficaram fascinados. Penélope contraiu-se, chegando mais perto de Beauregard. Apertou sua bochecha no ombro do noivo, mas não desviou o olhar de Godalming e da criada. Ou estava fingindo indiferença, ou a alimentação do vampiro não a incomodava. Enquanto Godalming absorvia o sangue, Bessie oscilava, com as

pernas trêmulas abaixo dos joelhos. Seus olhos reviravam num misto de dor e prazer. Por fim, a criada desmaiou em silêncio e Godalming, soltando seu pulso, amparou-a habilmente, como um dedicado Don Juan, segurando-a em pé.

— Tenho esse efeito sobre as mulheres — ele disse, os dentes manchados de sangue. — É muito inconveniente.

Encontrou um sofá e acomodou nele a moça inconsciente. O ferimento não sangrava. Godalming não parecia ter sorvido muito. Beauregard pensou que ela já devia ter sangrado antes, para agir com tanta calma. Florence, que com tanta facilidade oferecera a Godalming a hospitalidade de sua criada, sentou-se ao lado de Bessie e enrolou um lenço em torno de seu pulso. Executou a operação como se enfaixasse um cavalo, com delicadeza, mas sem nenhuma atenção especial.

Por um momento, Beauregard sentiu uma vertigem.

— O que foi, querido? — perguntou Penélope, o braço deslizando em volta do noivo.

— O champanhe — ele mentiu.

— Vamos sempre beber champanhe?

— Desde que seja o que você queira beber.

— Você é tão bom para mim, Charles.

— Talvez.

Florence, terminados os cuidados, aproximou-se deles novamente.

— Ora, ora — ela disse —, haverá tempo de sobra para isso depois do casamento. Até lá, vocês devem ser generosos e compartilhar sua presença com os outros.

— De fato — disse Godalming. — Para começar, devo invocar meu direito de cavaleiro vencido.

Beauregard ficou desconcertado. Godalming limpou o sangue dos lábios com um lenço, mas sua boca ainda brilhava, uma coloração rosada em seus dentes superiores.

— Um beijo — explicou Godalming, pegando na mão de Penélope. — Reivindico um beijo da noiva.

A mão de Beauregard, felizmente fora da vista de Godalming, cerrou-se em punho, como se apertasse o cabo de sua bengala-espada. Sentiu o perigo, tão certo quanto em Natal, quando uma mamba negra, o réptil mais mortífero da Terra, aproximou-se de sua perna desprotegida. Um cuidadoso corte com a lâmina separara a cabeça venenosa da serpente do restante de seu comprimento antes que ela o ferisse. Na ocasião, teve motivo para agradecer por sua coragem; agora, dizia a si mesmo que estava exagerando na reação.

Godalming puxou Penélope para perto de si e pôs a boca em sua bochecha. Por um longo segundo, pressionou os lábios no rosto dela. Então, soltou-a.

Os outros, homens e mulheres, rodearam-na, oferecendo beijos. Penélope quase afogou-se em adoração. Ela gostou. Ele nunca a tinha visto tão bonita, ou tão parecida com Pamela.

— Charles — disse Kate Reed, aproximando-se dele —, você sabe... hum... parabéns ... esse tipo de coisa. Excelente notícia.

A pobre moça estava corada, a testa completamente úmida.

— Obrigado, Katie.

Ele beijou sua bochecha, e ela disse “ó Deus”.

Esboçando um sorriso, ela apontou para Penélope.

— Eu tenho que ir, Charles. Penny quer...

Ela foi chamada para examinar o maravilhoso anel no dedo delicado de Penélope.

Beauregard e Godalming estavam junto à janela, afastados do grupo. Lá fora, a lua ia alta, um brilho pálido acima do nevoeiro. Beauregard conseguia ver a grade da casa dos Stoker, mas quase mais nada. Sua própria casa ficava mais adiante, na Cheyne Walk; o denso nevoeiro amarelo a encobria como se ela não existisse mais.

— Sinceramente, Charles — disse Godalming —, meus parabéns. Você e Penny devem ser felizes. É uma ordem.

— Obrigado, Art.

— Precisamos de mais gente como você — disse o vampiro. — Você deve se transformar logo. As coisas estão ficando emocionantes.

Já tinham conversado sobre isso. Beauregard hesitou.

— E Penny também — Godalming insistiu. — Ela é linda. Não podemos permitir que essa beleza acabe. Seria um crime.

— Vamos pensar no assunto.

— Não pensem muito. Os anos passam depressa.

Beauregard desejou ter bebido algo mais forte do que champanhe. Próximo a Godalming, quase podia sentir o hálito do renascido. Não era verdade que os vampiros exalavam uma nuvem malcheirosa. Mas havia algo no ar, ao mesmo tempo doce e ácido. E, no centro dos olhos de Godalming, apareciam às vezes pontos vermelhos, como pequenas gotas de sangue.

— Penélope quer uma família.

Beauregard sabia que vampiros não podiam procriar da maneira convencional.

— Filhos? — disse Godalming, fixando o olhar em Beauregard. — Se você pode viver para sempre, filhos são certamente requisitos desnecessários.

Beauregard agora sentia-se desconfortável. Na verdade, ele não tinha certeza se queria uma família. Sua profissão era incerta, e depois do que acontecera a Pamela...

Sua cabeça estava cansada, como se Godalming sugasse sua vitalidade. Alguns vampiros se alimentam sem beber sangue, absorvendo a energia dos outros por meio de osmose psíquica.

— Precisamos de homens como você, Charles. Temos a oportunidade de fortalecer nosso país. Vamos precisar de suas habilidades.

Beauregard pensou que, se Lorde Godalming fizesse ideia das habilidades que ele desenvolvera a serviço da Coroa, o vampiro ficaria surpreso. Depois da Índia, ele esteve em Xangai, no Assentamento Internacional, e no Egito, trabalhando para Lorde Cromer. O renascido pôs a mão em seu braço, agarrando-o quase com violência. Ele mal podia sentir os dedos.

— Nunca haverá escravos na Grã-Bretanha — continuou Godalming —, mas aqueles que permanecerem quentes naturalmente nos servirão, como a excelente Bessie acabou de me servir. Tome cuidado para não acabar se tornando o equivalente a algum maldito subalterno carregador de água.

— Na Índia, conheci um carregador de água que era um homem melhor do que muitos.

Florence veio resgatá-lo e os conduziu de volta à recepção. Whistler estava relatando o último episódio de sua interminável rixa com John Ruskin, satirizando o crítico de maneira feroz. Grato por ser eclipsado, Beauregard postou-se próximo a uma parede e observou o desempenho do pintor. Whistler, acostumado a ser a “estrela” das reuniões após o anoitecer de Florence, obviamente estava feliz com o fim da distração causada pelo anúncio de Beauregard. Penélope estava perdida em algum lugar na aglomeração.

Perguntou-se novamente se havia tomado a decisão certa, ou até se a decisão tinha sido realmente sua. Ele era a vítima de uma conspiração para capturá-lo nas teias femininas, orquestrada entre xícaras de chá e toalhinhas de renda. A Londres para a qual retornara em maio era imensamente diferente da cidade que havia deixado três anos antes. Um quadro patriótico estava pendurado acima da lareira: a Rainha Vitória, rechonchuda e jovem de novo, e seu consorte bigodudo e de olhos vermelhos. O pintor anônimo não representava ameaça à proeminência de Whistler. Charles Beauregard servia à rainha; ele supunha ter o dever de servir também a seu marido.

A campainha soou exatamente quando Whistler fazia alguma especulação divertida, talvez inadequada ao grupo predominantemente feminino, sobre a antiga anulação do casamento de seu odiado inimigo. Irritado com a interrupção,

o pintor retomou sua fluência enquanto Florence, ela própria irritada por Bessie não estar disponível para a tarefa servil, apressava-se para atender à porta.

Beauregard viu Penélope sentada perto da entrada, rindo, bela, fingindo entender as insinuações de Whistler. Godalming estava em pé atrás de sua cadeira, os pulsos cruzados sob o paletó na parte mais estreita das costas, as pontas afiadas dos dedos marcando o tecido. Arthur Holmwood não era mais o homem que Beauregard conhecera antes de partir da Inglaterra. Houve um escândalo pouco antes de sua transformação. Assim como Bram Stoker, Godalming ficara do lado errado quando o Príncipe Consorte chegou a Londres pela primeira vez. Agora ele tinha de provar sua lealdade ao novo regime.

— Charles — disse Florence, em voz baixa, para não interromper Whistler. — Há um homem à sua procura. Do seu clube.

Ela lhe entregou um cartão de visita. Não havia o nome de nenhum indivíduo, apenas as palavras CLUBE DIÓGENES.

— Estou sendo convocado — ele explicou. — Peça desculpas a Penélope por mim.

— Charles...?

Ele estava no corredor, Florence seguindo logo atrás. Ele próprio pegou sua capa, seu chapéu e sua bengala. Bessie ainda não se recuperara para cumprir suas obrigações. Ele esperava, pela dignidade de Florence, que a criada estivesse disponível para atender os convidados quando partissem.

— Tenho certeza de que Art acompanhará Penélope até em casa — ele disse, arrependendo-se imediatamente da sugestão. — Ou a senhorita Reed.

— É algo grave? Tenho certeza de que você não precisa ir tão cedo...

O mensageiro, um sujeito calado, esperava na rua, uma carruagem ao seu lado, no meio-fio.

— Meu tempo nem sempre me pertence, Florence. — Ele beijou sua mão — Agradeço a cortesia e a gentileza.

Saiu da residência dos Stoker, atravessou a calçada e entrou na carruagem. O mensageiro, que segurava a porta esquerda aberta, uniu-se a ele. O cocheiro já conhecia o destino e partiu de imediato. Beauregard viu Florence fechando a porta, contra o frio. O nevoeiro adensou-se e ele desviou os olhos da casa, ajustando-se ao movimento estável da carruagem. O mensageiro não disse nada. Embora uma convocação do Clube Diógenes pudesse significar más notícias, Beauregard ficou aliviado por estar fora do salão de Florence e longe dos convidados.

LONDRES CONTRA O CRIME

Na Delegacia de Polícia da Commercial Street, Lestrade apresentou-a a Frederick Abberline. Com o consentimento do comissário assistente, Dr. Robert Anderson, e do inspetor chefe, Donald Swanson, o inspetor Abberline tornara-se o responsável pela investigação em curso. Tendo cuidado dos casos de Polly Nichols e Annie Chapman com a costumeira tenacidade, mas sem resultados significativos, o detetive quente estava agora encarregado do caso Lulu Schön, ainda sem perspectiva de resultados.

— Se eu puder ajudar em alguma coisa — Geneviève ofereceu-se.

— Ouça o que ela tem a dizer, Fred — disse Lestrade —, ela sabe das coisas.

Abberline, obviamente nada impressionado, sabia que era prudente ser educado. Assim como Geneviève, ele não entendia por que Lestrade queria que ela investigasse o caso.

— Pense nela como uma perita — disse Lestrade. — Ela conhece vampiros. E este caso tem a ver com vampiros.

O inspetor recusou a oferta com um aceno, mas um dos sargentos na sala — William Thick, a quem chamavam de “Johnny Justo” — concordou com um movimento da cabeça. Ele entrevistara Geneviève após o primeiro assassinato e parecia fazer jus à reputação de homem justo e competente, embora seu gosto para ternos tendesse para um xadrez lamentável.

— Definitivamente, o Faca de Prata é um matador de vampiros — Thick interveio. — Não é um ladrão qualquer, que mata para esconder o roubo.

— Não sabemos — Abberline disparou —, e eu não quero ler isso na *Gazeta da Polícia*.

Thick permaneceu em silêncio, satisfeito por estar certo. Na entrevista, o sargento admitiu acreditar, pessoalmente, que o Faca de Prata imaginava ter sido prejudicado — ou, mais provável, realmente tinha sido prejudicado — pelas crias de Vlad Tepes. Geneviève, sabedora do que sua espécie era capaz, concordou, mas sabia que a descrição se encaixava a tantos em Londres que seria inútil elaborar uma lista de suspeitos com base nessa teoria.

— Acredito que o sargento Thick esteja certo — ela disse aos policiais.

Lestrade assentiu, mas Abberline virou-se para dar uma ordem ao seu próprio sargento favorito, George Godley. Geneviève sorriu para Thick e o viu estremecer. Como a maioria dos quentes, ele pouco sabia sobre linhagens, sobre as infinitas variedades e classificações de vampiros, além da profusão de renascidos do Príncipe Consorte. Thick olhava para ela e via uma vampira... exatamente como o sugador de sangue que tinha transformado sua filha, violentado sua mulher, tirado sua promoção e matado seu amigo. Ela não conhecia a história de Thick, mas supôs que sua teoria era baseada em experiência pessoal, que ele adivinhara as motivações do assassino porque as compreendia.

Abberline passara o dia interrogando os primeiros policiais a chegar à cena do crime, depois reconstituindo ele próprio o ocorrido. Não havia descoberto nada de relevante e estava até se refreando para não declarar que Schön era, de fato, mais uma vítima do Assassino de Whitechapel. Na curta caminhada entre o Toynbee Hall e a delegacia, eles tinham ouvido os jornaleiros gritando sobre o Faca de Prata; mas as evasivas oficiais diziam que apenas Chapman e Nichols tinham sido mortos, comprovadamente, pelo mesmo assassino. Diversos outros casos não solucionados — Schön somava-se a Tabram, Smith e vários outros — relacionados pela imprensa poderiam ser crimes totalmente desvinculados. Faca de Prata não detinha exclusividade sobre o homicídio, mesmo nas imediações daquela localidade.

Lestrade e Abberline afastaram-se para fazer uma pequena conferência. Abberline — sem se dar conta? — cuidadosamente começava a fazer outras coisas com as mãos sempre que surgia a possibilidade de tocar a carne de um vampiro. Ele acendeu um cachimbo e ouviu enquanto Lestrade enumerava alguma coisa na ponta dos dedos. Uma disputa jurisdicional era iminente entre Abberline, chefe da Divisão H do Departamento de Investigações Criminais, e Lestrade. Supunha-se que o intruso da Scotland Yard fosse um dos espões do Dr. Anderson, despachado por Swanson para monitorar os detetives de campo, pronto para reivindicar os louros da vitória, mas anônimo na ausência de

resultados. Anderson, Swanson e Lestrade eram o irlandês, o escocês e o inglês dos vaudevilles e haviam sido retratados assim por Weedon Grossmith, na revista *Punch*, flanando no local de um crime e destruindo provas, para o desgosto de um policial um tanto parecido com Fred Abberline. Geneviève perguntou-se se ela, dificilmente o exemplo típico de uma garota francesa das mesmas histórias, se ajustava ao esquema. Estaria Lestrade usando-a como trampolim?

Ela olhou para a área de recepção, já movimentada. As portas eram abertas constantemente, recebendo correntes de ar enevoadas, e fechadas com ímpeto. Do lado de fora, havia vários grupos de interesse. Uma agremiação do Exército da Salvação, ostentando a bandeira da Cruz de São Jorge, apoiava um pregador da Cruzada Cristã que clamava por justiça divina contra os vampiros, defendendo Faca de Prata como um verdadeiro instrumento da Vontade de Cristo. O orador Torquemada da esquina era interrompido por alguns rebeldes profissionais de cabelos compridos e calças rasgadas, socialistas ou republicanos de várias estirpes, e ridicularizado por um grupelho de vampiras maquiadas que ofereciam beijos caros e uma transformação rápida. Muitos renascidos pagaram para tornar-se crias de prostitutas de rua, adquirindo a imortalidade por apenas um xelim.

— Quem é o venerável cavalheiro? — Geneviève perguntou a Thick.

O sargento deu uma olhada na turba lá fora e suspirou.

— Um grande estorvo, senhorita. O nome dele é John Jago, segundo ele diz.

O Jago era um famigerado cortiço no fim da Brick Lane, um covil criminoso de pequenos pátios e cômodos lotados. Era, sem dúvida, o pior antro do East End.

— De qualquer forma, é de onde ele vem. Ele evoca o inferno, faz com que eles se sintam íntegros e justos diante da ideia de fincar uma estaca em alguma prostituta. Já foi preso várias vezes no último ano, por incitamento à revolta. E por bebedeira e desordem, fora algumas agressões comuns ocasionais.

Jago era um fanático de olhos esbugalhados, mas algumas pessoas na multidão o ouviam. Há alguns anos, ele pregava contra judeus, ou fenianos, ou pagãos chineses. Agora, pregava contra os vampiros.

— Fogo e estaca — gritava Jago. — As sanguessugas impuras, banidas do inferno, a imundície cheia de sangue. Todos devem perecer pelo fogo e pela estaca. Todos devem ser purificados.

Alguns homens pediam doações para o pregador. Sua aparência grosseira tornava indistinta a fronteira entre coleta e extorsão.

— Ele até consegue algum dinheiro — comentou Thick.

— O suficiente para mandar folhear de prata a faca de cortar pão?

Thick já pensara na hipótese.

— Cinco cruzados cristãos alegam que ele estava pregando a plenos pulmões no mesmo instante em que Polly Nichols era estripada. A mesma coisa com Annie Chapman. E é provável que ontem à noite, também.

— Horário estranho para um sermão?

— Entre duas e três da manhã, e entre cinco e seis, no segundo caso — concordou Thick. — Mas parece um pouquinho fácil e óbvio demais, não? Mesmo assim, agora teremos que virar pássaros noturnos.

— Você provavelmente fica acordado a noite toda regularmente. Vai querer ouvir o reverendo às cinco da manhã?

— Dizem que pouco antes da alvorada é o momento mais escuro. — Thick bufou, e acrescentou: — Além disso, eu não ouviria John Jago a hora nenhuma do dia ou da noite. Especialmente num domingo.

Thick saiu e misturou-se à multidão, para sentir o clima da situação. Geneviève, em dúvida, não sabia se deveria voltar a Toynbee Hall. O sargento de plantão verificou o relógio e ordenou a soltura dos presos da delegacia. Alguns homens e mulheres maltrapilhos saíram das celas, ligeiramente mais sóbrios do que quando entraram. Enfileiraram-se para serem liberados oficialmente. Geneviève reconheceu quase todos: muitos deles — quentes e vampiros — passavam a noite se arrastando entre celas, a Enfermaria do Asilo e o Toynbee Hall, na busca constante por cama e comida.

— Senhorita Dê — disse uma mulher —, senhorita Dê...

Muitas pessoas tinham dificuldade em pronunciar “Dieudonné”, então ela costumava usar apenas a inicial. Como muitos em Whitechapel, ela tinha mais nomes do que o normal.

— Cathy — disse, reconhecendo a renascida. — Está sendo bem tratada?

— Muito bem, senhoria, muito bem — ela disse, com um sorriso afetado para o sargento de plantão. — É como se eu estivesse em casa.

Cathy Eddowes não tinha melhor aparência como vampira do que quando quente. O gim e as noites ao ar livre haviam-na marcado; o brilho vermelho de seus olhos e de seu cabelo não bastava para superar a pele manchada sob o pesado pó de arroz. Como muitas prostitutas, Cathy ainda trocava o corpo por bebida. O sangue dos clientes provavelmente tinha tanto álcool quanto o gim que a arruinara quando quente. A renascida enfeitou o cabelo, amarrando uma fita vermelha para segurar os cachos que lhe caíam sobre o rosto largo. Havia uma ferida aberta no dorso da mão.

— Deixe-me ver isso, Cathy.

Geneviève já vira marcas como aquela. Renascidos precisavam ter cuidado. Eram mais fortes que os quentes, mas boa parte de sua dieta estava estragada. As

doenças ainda eram um perigo; o Beijo Negro do Príncipe Consorte, em qualquer grau, provocava alguma coisa estranha às doenças que uma pessoa por acaso carregasse da vida quente para o estado morto-vivo.

— Você tem muitas feridas assim?

Cathy balançou a cabeça, mas Geneviève sabia que ela queria dizer sim. Um fluido claro escorria da mancha vermelha no dorso da mão. Marcas de umidade em seu corpete apertado sugeriam que havia mais. Ela usava o xale de maneira pouco usual, cobrindo o pescoço e os seios. Geneviève afastou a lã, revelando várias feridas cintilantes que exalavam um forte cheiro acre. Havia algo errado, mas Cathy Eddowes temia, de modo supersticioso, descobrir o que era.

— Você precisa ir ao Toynbee Hall esta noite. Procure o Dr. Seward. Ele é melhor do que os médicos da Enfermaria. Ele vai ajudá-la. Eu prometo.

— Vou ficar bem, querida.

— Não sem tratamento, Cathy.

Cathy tentou rir e saiu cambaleando. Estava sem o salto de uma das botas, então mancava de modo cômico. De cabeça erguida, enrolando-se no xale como uma duquesa em sua estola de peles, rebolou de maneira provocativa ao passar pela Cruzada Cristã de Jago e desapareceu no nevoeiro.

— Em um ano estará morta — comentou o sargento de plantão, um renascido com uma protuberância semelhante a uma tromba no centro do rosto.

— Não se eu puder evitar — respondeu Geneviève.

O CLUBE DIÓGENES

Beauregard foi recebido no vestíbulo habitual junto a Pall Mall. Pelas portas desta instituição passavam os homens mais insociáveis e intratáveis da cidade. A maior coleção de excêntricos, misantropos, bizarros e lunáticos não internados, fora da Câmara dos Lordes, podia ser encontrada em suas listas de membros. Ele entregou luvas, chapéu, capa e bengala ao silencioso criado, que os acomodou num cabide de uma recâmara. Enquanto respeitosamente removia a capa de Beauregard, o criado verificou, de modo sutil, se ele portava algum revólver ou punhal escondido.

Aparentemente para a conveniência da espécie de indivíduo que deseja viver como uma ilha endinheirada, totalmente apartado de seus pares, esse estabelecimento despretensioso nas adjacências do Whitehall na verdade era muito mais. Silêncio absoluto era a regra; infratores que apenas murmurassem baixinho ao fazer as palavras cruzadas eram expulsos sem misericórdia, e sem direito a reembolso da anuidade. Um único rangido do couro ligeiramente inferior das botas era suficiente para suspender um sócio por cinco anos. Membros que se conheciam de vista há sessenta anos desconheciam totalmente a identidade um do outro. Obviamente, isso era absurdo e impraticável. Beauregard imaginou a situação se houvesse um incêndio no gabinete de leitura: os membros teimosamente sentados em meio à fumaça, nenhum deles ousando gritar o alarme, enquanto as labaredas cresciam à sua volta.

Conversas eram permitidas em duas áreas, a Sala dos Desconhecidos, onde os sócios ocasionalmente recebiam convidados indispensáveis, e, de um modo

muito menos excepcional, na suíte à prova de som no andar superior. A suíte era reservada para a cabala dirigente do clube, um grupo de pessoas ligadas, principalmente em posições oficiais secundárias, ao Governo de Sua Majestade. A cabala dirigente era formada por cinco notáveis que se revezavam como presidente. Nos catorze anos em que Beauregard estivera à disposição do Clube Diógenes, nove homens haviam servido à cabala. Quando um membro falecia e era discretamente substituído, isso sempre ocorria da noite para o dia.

Enquanto aguardava, Beauregard era observado com atenção por olhos invisíveis. Durante a Campanha Feniana da Dinamite, Ivan Dragomiloff havia se infiltrado no Clube com o intuito de exterminar a cabala dirigente por completo. Detido no vestibulo por um porteiro, o pretense assassino ético fora silenciosamente estrangulado, a fim de não ofender as suscetibilidades ou despertar a curiosidade dos membros ordinários. Após um ou dois minutos — nenhum relógio perturbava a paz — o criado, como se agisse por comando telepático, levantou a corda púrpura ao pé da escada discreta que conduzia ao andar superior e autorizou Beauregard com um movimento da cabeça.

Na escada, ele lembrou-se das várias vezes em que fora convocado pela cabala dirigente. Tal chamado inevitavelmente resultava numa viagem a algum canto distante do mundo e envolvia assuntos confidenciais que afetavam os interesses da Grã-Bretanha. Beauregard imaginava ser algo entre um diplomata e um emissário, embora às vezes exigissem que fosse explorador, ladrão, impostor ou funcionário público. Às vezes, os negócios do Clube Diógenes eram conhecidos no mundo exterior como o Grande Jogo. Os negócios invisíveis do governo — conduzidos não em parlamentos ou palácios, mas nos becos de Bombaim e nas jogatinas da Riviera — tinham-lhe proporcionado uma carreira diversificada e intrigante, mesmo sendo do tipo que dificilmente lhe permitiria enriquecer na aposentadoria publicando suas memórias.

Enquanto esteve fora, dedicando-se a esse Grande Jogo, Vlad Drácula havia tomado Londres. Príncipe da Valáquia e Rei dos Vampiros, ele havia cortejado e conquistado Vitória, convencendo-a a abandonar o luto de viúva. Então, remodelara o maior Império do mundo para ajustá-lo a seus gostos. Beauregard tinha jurado que a morte não interferiria em sua lealdade à rainha, mas imaginara que isso significasse sua própria morte.

A escada acarpetada não rangeu. As paredes grossas não admitiam nenhum ruído da cidade agitada lá fora. Aventurar-se no interior do Clube Diógenes era como experimentar a surdez.

O Príncipe Consorte, que adotara o título adicional de Lorde Protetor, governava a Grã-Bretanha agora, e suas crias executavam seus desejos e caprichos. Uma Guarda Carpatiana de elite patrulhava as dependências do

Palácio de Buckingham e promovia farras e bebedeiras por todo o West End. O exército, a marinha, o corpo diplomático, a polícia e a igreja estavam sob o domínio de Drácula, os renascidos sendo promovidos em detrimento dos quentes, em todas as oportunidades. Embora muita coisa continuasse como antes, houve mudanças: pessoas desapareciam da vida pública e privada, campos como o de Devil's Dyke surgiam em áreas remotas do país, e o aparato de um governo — polícia secreta, prisões repentinas, execuções casuais — que ele associava não à rainha, mas a czares e xás. Havia grupos de republicanos brincando de Robin Hood nas florestas da Escócia e da Irlanda, e párocos agitando cruces, sempre tentando estigmatizar com a marca de Caim os prefeitos renascidos das províncias.

No andar de cima, havia um homem com um bigode militar e um pescoço tão grosso quanto a cabeça; mesmo em roupas civis, a imagem absoluta de um primeiro sargento. Beauregard passou pela inspeção e o guarda abriu a conhecida porta verde, dando passagem para o sócio entrar. Ele estava na suíte, às vezes chamada de Câmara da Estrela, antes de se dar conta de algo: o sargento Dravot, o guarda, era um vampiro, o primeiro que ele via entre as paredes do Clube Diógenes. Por um terrível momento, imaginou que, quando seus olhos se acostumassem à penumbra da Câmara da Estrela, pousariam sobre cinco sanguessugas, criaturas horripilantes de unhas afiadas, o rosto rosado com sangue roubado. Se a cabala dirigente do Clube Diógenes tivesse caído, o longo reinado dos vivos estaria, de fato, no fim.

— Beauregard — disse uma voz em volume normal, mas, mesmo após apenas um minuto no silêncio do Clube, ressonante como uma trovoada divina. Seu momento de temor passou, substituído por uma certa perplexidade. Não havia vampiros no cômodo, mas as coisas estavam diferentes.

— Sr. Presidente — respondeu.

Era costume não se dirigir a nenhum dos membros da cabala por nome ou título na suíte, mas Beauregard sabia que estava olhando para Sir Mandeville Messervy, um almirante supostamente aposentado que havia ficado famoso na eliminação, vinte anos antes, do Tráfico de Escravos no Oceano Índico. Também estavam presentes Mycroft, um cavalheiro enormemente corpulento que era o presidente na última visita de Beauregard, e Waverly, uma figura afável que Beauregard sabia ter sido responsável pela queda do Coronel Ahmad Arabi e pela ocupação do Cairo em 1882. Havia dois assentos vagos à mesa redonda.

— Infelizmente, você nos pegou desfalcados. Como sabe, houve algumas mudanças. O Clube Diógenes não é mais o mesmo.

— Aceita um cigarro? — ofereceu Waverly, mostrando e oferecendo uma cigarreira de prata.

Beauregard recusou, mas Waverly jogou-lhe a cigareira mesmo assim. Ele conseguiu ser rápido o suficiente para apanhá-la e devolvê-la. Waverly sorriu ao colocá-la de volta no bolso interno do casaco.

— Prata fria — ele explicou.

— Não havia necessidade disso — disse Messervy. — Peço desculpas. Mas foi uma demonstração eficaz.

— Não sou vampiro — disse Beauregard, mostrando os dedos sem queimaduras. — Pelo menos isso deveria ser evidente.

— Eles são ardilosos, Beauregard — disse Waverly.

— Vocês têm um ali fora, não?

— Dravot é um caso especial.

Outrora, Beauregard considerava a cabala dirigente do Clube Diógenes inexpugnável, o incansável e corajoso coração da Grã-Bretanha. Agora, não pela primeira vez desde seu retorno de terras estrangeiras, era obrigado a reconhecer que seu país estava radicalmente alterado.

— Você fez um trabalho muito bom em Xangai, Beauregard — comentou o presidente. — Muito hábil. Como já nos acostumamos a esperar de você.

— Obrigado, Sr. Presidente.

— Creio que vamos ficar alguns anos sem ter notícias daqueles demônios amarelos do Sifan.

— Gostaria de ter a mesma certeza.

Com um movimento da cabeça, Messervy concordou prudentemente. Descobrir e destruir a rede criminosa *tong* era tão impossível quanto eliminar qualquer erva daninha.

Waverly tinha à sua frente uma pequena pilha de pastas.

— Você é um homem viajado — disse ele. — Afeganistão, México, o Transvaal.

Beauregard concordou, imaginando para onde iriam enviá-lo.

— Você prestou ótimos serviços à Coroa em muitas situações. Mas agora precisamos de você aqui perto. Bem perto.

Mycroft, que de tanto prestar atenção parecia dormir de olhos abertos, agora inclinava-se para a frente. O atual presidente estava tão obviamente acostumado a respeitar o colega que relaxou e o deixou assumir.

— Beauregard — disse Mycroft —, você ouviu falar dos assassinatos em White-chapel? Os chamados crimes do Faca de Prata?

CAIXA DE PANDORA

— O que pode ser feito? — gritou um renascido de gorro pontudo. — Como deter essa matança maligna de nossas mulheres?

O magistrado Wynne Baxter tentava, furiosamente, manter o controle do Inquérito. Político de meia-idade, empolado e cheio de rodeios, Geneviève sabia que ele não era popular. Ao contrário de um juiz da alta corte, ele não tinha martelo, então era obrigado a bater na mesa de madeira com a mão espalmada.

— Mais uma interrupção dessa natureza — disse Baxter, fuzilando a plateia com os olhos — e serei obrigado a expulsar o público daqui.

O brutamontes grosseiro, que devia parecer faminto mesmo quando era quente, voltou, com andar desleixado, a sentar-se em seu banco. Estava rodeado por um grupo semelhante. Ela conhecia o tipo: cachecol comprido, casaco esfarrapado, bolsos cheios de livros, botas pesadas e barba rala. Whitechapel tinha todo tipo de facções republicanas, anarquistas, socialistas e revolucionárias.

— Obrigado — disse ironicamente o magistrado, reorganizando suas anotações. O encenqueiro mostrou os caninos e resmungou. Renascidos não gostavam de situações em que um quente tivesse poder. Mas uma vida inteira encolhendo-se de medo diante do cenho franzido de uma autoridade deixava hábitos.

Era o segundo dia do inquérito. Ontem, Geneviève sentara-se nos fundos do auditório, enquanto várias testemunhas prestavam depoimentos sobre as origens e as atividades de Lulu Schön. Seu caso era excepcional entre as prostitutas do

East End. A Condessa Geschwitz, uma vampira de modos masculinos que afirmava ter vindo da Alemanha junto com a moça, revelou algumas coisas sobre a vida de Lulu: uma lista de nomes falsos, companhias duvidosas e maridos mortos. Se tivera um nome de batismo, ninguém sabia. Segundo mensagem telegráfica de Berlim, a polícia alemã ainda a procurava para prestar esclarecimentos sobre os tiros desferidos em um de seus últimos maridos. Todas as testemunhas — inclusive Geschwitz, que havia transformado Lulu — estavam claramente apaixonadas por ela, ou pelo menos a desejavam loucamente. Era claro que a renascida pode ter sido uma grande cortesã nas camas mais luxuosas da Europa, mas insensatez e má sorte reduziram-na a fazer sexo em pé por quatro centavos nas ruas mais indignas de Londres e, por fim, conduziram-na à clemência afiada do Faca de Prata.

Durante todos os depoimentos, Lestrade murmurava sobre a abertura da Caixa de Pandora. Era quase certo que a única ligação entre o Assassino de Whitechapel e suas vítimas dava-se no momento de suas mortes, mas a investigação policial não podia ignorar a possibilidade de que fossem crimes premeditados contra mulheres específicas. De volta à Commercial Street, Abberline, Thick e os outros reuniam e cruzavam as biografias de Nichols, Chapman e Schön, com detalhes mais exaustivos do que a vida de qualquer estadista. Se houvesse alguma ligação entre as mulheres, além do fato de serem prostitutas vampiras, isso poderia levar ao assassino.

À medida que o inquérito, iniciado no começo da tarde, prosseguia à noite, Baxter voltava sua atenção às atividades de Schön na noite de sua morte. Geschwitz, com o rosto rosado pela última alimentação, disse que Lulu saía de seu sótão entre três e quatro da manhã. O corpo fora encontrado pelo guarda George Neve, que fazia sua ronda pouco depois das seis. Após dar cabo de Lulu, presumivelmente em plena rua, o assassino a jogara na soleira da porta de um apartamento no subsolo. Uma família de judeus poloneses, da qual apenas a filha mais nova sabia falar algo que se aproximava do inglês, estava lá dentro. Todos afirmaram, conforme traduziu a garotinha após uma confusa discussão em iídiche, que não tinham ouvido nada até o comissário Neve acordá-los, praticamente arrombando a porta. Rebecca Kosminksi, a confiante porta-voz, era a única vampira da família. Geneviève já conhecia sua espécie; Melissa d'Acques, que havia transformado Chandagnac, era uma. Rebecca poderia um dia se transformar na matriarca toda-poderosa de seu clã, mas nunca cresceria.

Lestrade ficou inquieto durante todo o depoimento, descrevendo-o cruelmente como “alívio cômico”. Ele preferiria estar vasculhando a cena do crime a sentar-se num banco duro de madeira feito para os traseiros e as pernas de crianças de doze anos, mas não podia incomodar Fred Abberline com muita

frequência. Desalentado, disse a Geneviève que Baxter era conhecido por seus longos inquéritos. A abordagem do magistrado era caracterizada por uma insistência obsessiva, para não dizer tediosa, em arrastar-se por detalhes irrelevantes e pelo exagero de seus resumos improvisados. Em seus comentários sobre Anne Chapman, Baxter inventara a teoria, baseada na fofoca ouvida no Hospital Middlesex, de que um médico americano era ou o assassino, ou o empregador do assassino. Segundo os boatos, o médico desconhecido, pesquisando sobre a fisiognomia dos mortos-vivos, teria oferecido vinte guinéus por um coração fresco de vampiro. Houve um breve alvoroço quando Abberline tentou localizar o estrangeiro, mas ocorre que corações de vampiros, principalmente um tanto danificados, podiam ser adquiridos em necrotérios, de forma antiética, por apenas seis centavos.

Baxter havia suspenso o inquérito antes da meia-noite e recomeçado nesta manhã. Agora os resultados da autópsia estavam prontos, e as atividades de hoje relacionavam-se, principalmente, a uma sucessão de médicos que haviam se apinhado no necrotério de Whitechapel para examinar os restos mortais de Lulu Schön.

Primeiro veio Dr. George Bagster Phillips, o cirurgião da Divisão H da Polícia bem conhecido no Toynbee Hall — que fizera os exames preliminares do corpo na Chicksand Street e efetuara a autópsia mais detalhada. Tudo reduziu-se aos simples fatos de que Lulu Schön fora esfaqueada no coração, estripada e decapitada. Foram necessárias muitas pancadas na mesa para aquietar a indignação que se seguiu a essas revelações nada inesperadas.

Segundo a lei, inquéritos devem ocorrer em locais públicos e serem abertos à Imprensa. Depois de prestar vários depoimentos como testemunha da morte de indigentes nos leitos do Toynbee Hall, Geneviève sabia que a única plateia costumava ser composta por um jornalista entediado da Agência Central de Notícias e um eventual amigo ou parente do falecido. Mas o auditório estava ainda mais lotado hoje do que ontem, os bancos sobrecarregados, como se o boxeador Con Donovan estivesse no palco com Monk, em mais uma disputa pelo título de peso-pena. Além dos repórteres que monopolizavam a primeira fileira, Geneviève observou um punhado de mortas-vivas emaciadas usando vestidos coloridos, um ou outro homem bem vestido, alguns dos jovens subordinados de Lestrade uniformizados e, aqui e ali, pessoas em busca de emoção, alguns clérigos e reformistas sociais.

No centro do auditório, com todos os lugares ao seu redor vagos, apesar do excesso de gente, sentava-se um vampiro guerreiro de cabelo comprido. Não um renascido, vestia o uniforme, inclusive com peitoral de aço, da Guarda Carpatiana do Príncipe Consorte, ornamentado com um fez franjado. Seu rosto

era um pergaminho branco e seco, mas os olhos contorciam-se constantemente, bolas de gude vermelho-sangue na pele morta.

— Você sabe quem é ele? — perguntou Lestrade.

Geneviève sabia. — Kostaki, um dos parasitas de Vlad Tepes.

— Esse tipo me dá calafrios — comentou o detetive renascido. — Os anciãos.

Geneviève quase riu. Kostaki era mais novo que ela. Sua presença devia-se, quase com certeza, não à mera curiosidade. O Palácio estava começando a se interessar pelo Faca de Prata.

— Pessoas morrem todas as noites em Whitechapel, de formas que Vlad Tepes nem imagina, ou vivem uma vida pior que qualquer morte — disse Geneviève. — Porém, ano após ano, Londres finge que estamos tão longe quanto Bornéu. Mas é só acontecer um punhado de crimes sangrentos para aparecerem os turistas e os filantropos lascivos.

— Talvez isso traga algo de bom — comentou Lestrade.

Baxter agradeceu e dispensou o Dr. Bagster Phillips, e então chamou Henry Jekyll, doutor em medicina, membro da Sociedade Real etc. Um homem nobre, de rosto liso, cinquenta anos, que obviamente já tinha sido bonito, aproximou-se do atril e fez o juramento.

— Sempre que um vampiro é morto — explicou Lestrade —, Jekyll começa a rondar. Tem alguma coisa esquisita nele, se você me entende...

O pesquisador científico, que primeiro fez uma descrição anatomicamente precisa das atrocidades, era quente apenas no sentido de que não era vampiro. O autocontrole do Dr. Jekyll era tamanho que dava a impressão de uma perturbadora falta de empatia para com o ser humano objeto do inquérito, mas Geneviève ouvia com interesse — certamente maior do que o dos repórteres que bocejavam na primeira fila — os comentários que Baxter lhe solicitava.

— Ainda não sabemos muito sobre as mudanças exatas no metabolismo humano que acompanham a chamada “transformação” da vida normal para o estado morto-vivo. É difícil obter informações precisas, e a superstição paira como o nevoeiro londrino sobre o assunto. Meus estudos foram recebidos com indiferença e até hostilidade pelas autoridades. Todos poderiam se beneficiar com as pesquisas. Talvez as discórdias que levam a incidentes trágicos como a morte dessa moça pudessem, então, ser apagadas de nossa sociedade.

Os anarquistas começaram a resmungar novamente. Sem discórdias, sua causa não teria mais propósito.

— Boa parte do que sabemos sobre vampirismo é puro folclore — continuou Dr. Jekyll. — A estaca no coração, a foice de prata. A resistência do corpo do

vampiro é notável, mas qualquer ruptura dos órgãos vitais parece provocar a morte verdadeira, como neste caso.

Baxter hesitou e questionou o médico.

— Então o assassino, em sua opinião, não seguiu o que podemos considerar a prática supersticiosa padrão do matador de vampiros?

— Na verdade, não. Gostaria de registrar alguns fatos, pelo menos para apresentar um contraditório definitivo ao jornalismo irresponsável.

Alguns repórteres vaiaram baixinho. Um ilustrador, sentado bem à frente de Geneviève, desenhava Dr. Jekyll para reprodução na imprensa ilustrada. Traçou com o lápis algumas sombras escuras sob os olhos do médico, a fim de que ele parecesse menos confiável.

— Assim como Nichols e Chapman, Schön não foi trespassada com uma estaca de madeira. Sua boca não foi preenchida com dentes de alho, fragmentos de hóstia ou páginas de algum texto sagrado. Nenhum crucifixo ou objeto em forma de cruz foi encontrado no corpo ou perto dele. A umidade em suas saias e o resíduo de água em seu rosto eram quase com certeza a condensação do nevoeiro. É muito improvável que o corpo tenha sido aspergido com água benta.

O ilustrador, provavelmente da *Gazeta da Polícia*, desenhava sobrelanceiras espessas e tentou deixar desganhado o cabelo grosso, mas impecavelmente penteado do Dr. Jekyll. Foi longe demais na distorção do retratado e, desaprovando seu entusiasmo exagerado, arrancou a folha do bloco de papel, guardou-a dobrada no bolso e começou de novo.

Baxter tomou algumas notas e retomou o interrogatório.

— O senhor se arriscaria a dizer que o assassino conhecia o funcionamento do corpo humano, vampiro ou não?

— Sim, magistrado. A extensão dos ferimentos indica um certo entusiasmo desvairado, mas os ferimentos em si, poderíamos quase dizer incisões, foram feitos com alguma habilidade.

— O Faca de Prata é um maldito médico — gritou o chefe dos anarquistas.

A corte explodiu em tumulto de novo. Os anarquistas, quentes e vampiros quase em igual número, batiam os pés e gritavam, enquanto outros conversavam entre si em voz alta. Kostaki olhou em volta e silenciou dois clérigos com um olhar frio e penetrante. Baxter machucou a mão de tanto bater na mesa.

Geneviève notou um homem em pé no fundo da sala, observando a manifestação com interesse impassível. Bem vestido, com capa e cartola, poderia ser alguém em busca de emoção, exceto que aparentava ter um objetivo claro. Não era vampiro, mas, ao contrário do magistrado, ou mesmo do Dr. Henry Jekyll, não parecia incomodar-se por estar entre tantos mortos-vivos. Inclina-se sobre uma bengala preta.

— Quem é aquele? — ela perguntou a Lestrade.

— Charles Beauregard — respondeu o renascido, fazendo beijo. — Já ouviu falar do Clube Diógenes?

Ela balançou a cabeça.

— Quando dizem “altas rodas”, é a esse lugar que se referem. Pessoas importantes estão se interessando por este caso. E Beauregard é o pau-mandado deles.

— Um homem impressionante.

— Se você acha, mademoiselle.

O coronel conseguiu ordem novamente. Um auxiliar havia saído rapidamente da sala e voltado com mais seis policiais, todos renascidos. Enfileiraram-se junto às paredes como uma guarda de honra.

Os anarquistas ruminavam outra vez; seu objetivo, obviamente, causar problemas o suficiente para irritar, mas não o suficiente para ter seus nomes anotados.

— Se me permite responder à pergunta sugerida pelo cavalheiro — pediu Dr. Jekyll, obtendo o assentimento de Baxter —, o conhecimento da posição dos órgãos vitais não indica necessariamente uma formação médica. Se não há interesse na preservação da vida, um açougueiro pode extrair um par de rins com a mesma habilidade de um cirurgião. É preciso apenas ter uma mão firme e uma faca, e isso temos de sobra em Whitechapel.

— O senhor tem alguma opinião sobre o instrumento utilizado pelo assassino?

— Algum tipo de lâmina, obviamente. Revestida de prata.

A palavra provocou um suspiro coletivo.

— Aço ou ferro não teriam causado tantos danos — prosseguiu Dr. Jekyll. — A fisiologia dos vampiros é de tal ordem que ferimentos infligidos com armas comuns cicatrizam quase de imediato. O tecido e o osso se regeneram, do mesmo modo que um rabo novo cresce no lagarto. A prata tem um efeito neutralizante nesse processo. Somente a prata poderia causar ferimentos permanentes e fatais num vampiro. Neste caso, a imaginação popular, que apelidou o assassino de “Faca de Prata” quase com certeza compreendeu os fatos corretamente.

— O senhor tem conhecimento dos casos de Mary Ann Nichols e Eliza Anne Chapman? — perguntou Baxter.

Dr. Jekyll confirmou com um movimento da cabeça.

— Chegou a alguma conclusão, a partir da comparação desses incidentes?

— Certamente. As três mortes são, sem dúvida, o trabalho do mesmo indivíduo. Um homem canhoto, mais alto que a média, com mais força física que

o normal...

— O Sr. Sherlock Holmes teria descoberto o nome da mãe do assassino a partir das cinzas de um cigarro... — sussurrou Lestrade — ... eu acrescentaria que, considerando o caso do ponto de vista psiquiátrico, acredito que o assassino não seja ele próprio um vampiro.

O anarquista levantou-se, mas os policiais extras do magistrado cercaram-no antes mesmo de ele conseguir gritar. Sorrindo consigo mesmo diante da forma como havia subjugado a corte, Baxter fez uma anotação sobre o último ponto e agradeceu ao Dr. Jekyll.

Geneviève percebeu que o homem sobre o qual perguntara a Lestrade tinha ido embora. Imaginou se Beauregard a havia notado, como ela o notara. De seu lado, houvera uma conexão. Ou ela estava tendo um de seus “insights” ou já estava há muito tempo sem se alimentar. Não, ela tinha certeza. O homem do Clube Diógenes — o que quer que esse clube realmente fosse — estava materialmente envolvido nos assuntos do Assassino de Whitechapel, mas ela não conseguia adivinhar em que função.

O coronel iniciou seu elaborado resumo, proferindo o veredicto de “homicídio doloso por pessoa ou pessoas desconhecidas” acrescentando que o assassino de Lulu Schön era o mesmo homem que matara, em 31 de agosto, Mary Ann Nichols e, em 8 de setembro, Eliza Anne Chapman.

O PRIMEIRO-MINISTRO

— Você sabia — começou Lorde Ruthven — que há pessoas nesta ilha cuja única objeção ao casamento de nossa querida rainha, Victoria Regina, Imperatriz da Índia etc., com Vlad Drácula, conhecido como Tepes, o Empalador, antigo Príncipe da Valáquia, é que o feliz noivo por acaso foi, de um modo que não fingirei entender, católico romano?

O primeiro-ministro abanou uma carta selecionada, aparentemente de modo aleatório, das pilhas de correspondências ignoradas que abarrotavam as mesas da recepção da Downing Street. Godalming sabia que era melhor não interromper os acessos de loquacidade de Ruthven. Para um renascido ansioso por se iniciar nos segredos dos anciãos, a observação atenta de seus pares com centenas de anos de idade era um instrumento de aprendizado valioso, de fato indispensável. Quando Ruthven falava pelos cotovelos, deixava entrever verdades antigas que revelavam períodos de poder há muito esquecidos. Era difícil não ser cativado pela força de sua personalidade, não ser transportado nas asas daquele discurso retórico.

— Tenho aqui — continuou Ruthven — uma missiva de uma sociedade desprezível dedicada à apagada memória daquele constitucionalista chamado Walter Bagehot. Eles educadamente reclamam que o Príncipe não respeitou um intervalo de tempo decente entre abraçar a Igreja Anglicana e abraçar a rainha. Nosso correspondente vai mais longe e sugere que Vlad talvez não tenha sido sincero em sua abjuração do Papa de Roma e que, com o Cardeal Newman como seu confessor secreto, introduziu a mancha pérfida de Leão XIII na Família Real.

Meu amigo de cabelo cacheado, alguns imbecis acham mais fácil perdoar o gosto por sangue fresco do que beber o vinho da comunhão.

Ruthven picotou a carta. Os confetes juntaram-se aos de muitos outros documentos ridicularizados no tapete. Ele forçou um sorriso e respirou profundamente, mas não havia vestígios do aparente entusiasmo em seu rosto branco como leite. Godalming impressionou-se com a fúria forjada do primeiro-ministro, a impostura de um homem mais acostumado a simular do que a vivenciar a paixão. Caminhava a passos largos de um lado a outro da sala, abrindo e fechando os punhos nas costas, olhos cinza como bolas de gude com cílios.

— Nosso Príncipe já mudou sua fé antes, você sabe — observou Ruthven e pelo mesmo motivo. Em 1473, ele abandonou a Igreja Ortodoxa e se tornou católico para poder se casar com a irmã do Rei da Hungria. Com essa manobra, ganhou a liberdade após doze anos como refém da corte de Matias, e foi um tiro certo para reaver o trono da Valáquia, que ele havia perdido por sua maldita insensatez. Que ele tenha se mantido fiel a Roma por quatro séculos depois disso diz muito sobre a índole estúpida do homem. Se quiser examinar a verdadeira alma do tradicionalismo, não precisa procurar muito longe do Palácio de Buckingham.

A esta altura, o primeiro-ministro dirigia-se não a Godalming, mas a um retrato. O perfil de nariz adunco estava voltado para um quadro da rainha que ornamentava o mesmo corredor. Godalming encontrara Drácula apenas uma vez; o Príncipe Consorte e Lorde Protetor, então um mero Conde que atendia pelo nome de deVille, não se parecia muito com a criatura orgulhosa retratada na tela pelo Sr. G. F. Watts.

— Imagine o selvagem, Godalming. Recolhido por quatrocentos anos nas ruínas fétidas de seu castelo. Conspirando, maquinando, praguejando e rangendo os dentes. Envenenando-se com superstições medievais. Drenando o sangue de camponeses sujos e rudes. Rasgando, roendo, raptando e correndo com as feras da montanha. Tirando seu gozo grosseiro daqueles animais mortos-vivos que ele chama de esposas. Mudando de forma como um lobisomem charlatão...

Embora o Príncipe Consorte tivesse patrocinado pessoalmente a indicação do primeiro-ministro, as relações entre os vampiros anciãos, desenvolvidas ao longo de séculos, não eram das mais amigáveis. Em público, Ruthven demonstrava a lealdade esperada ao ancião que fora o Rei dos Vampiros muito antes de ser o governante da Inglaterra. Os mortos-vivos formaram um reino invisível por milhares de anos; o Príncipe Consorte, numa tacada, eliminara o passado e começara tudo de novo, tornando-se o soberano de quentes e vampiros. Ruthven, que passara os séculos em viagens e devassidão, fora arrancado das sombras

com outros anciãos. Pode-se dizer que um nobre cronicamente empobrecido — que uma vez observou que seu título e seus áridos acres de terra na Escócia poderiam comprar-lhe um pãozinho barato, se ele complementasse o valor com uma moeda — tinha se dado bem com as mudanças. Mas Sua Senhoria, um homem cujo título dificilmente poderia ser comparado ao de Godalming, só reclamava.

— Agora Drácula conhece *Bradshaw* de cor e se considera “moderno”. Ele consegue dizer todos os horários dos trens de St. Pancras a Norwich nos feriados. Mas não consegue acreditar que o mundo girou desde que ele foi morto. Sabe como ele morreu? Ele se disfarçou de turco para espionar o inimigo, e aí seus próprios homens quebraram-lhe o pescoço quando ele tentou voltar ao acampamento. A semente já estava nele, colocada lá por algum *nosferatu* idiota, e ele se desenterrou. Não é cria de ninguém. Como adora a terra natal, dorme nessa terra sempre que pode. Existe um bolor de cova em sua linhagem, Godalming. Essa é a doença que ele espalha. Considere-se com sorte por ser da minha linhagem. Ela é pura. Podemos não nos transformar em morcegos e lobos, meu filho-das-trevas, mas nossos ossos não apodrecem, nem perdemos o controle em frenesis homicidas.

Godalming acreditava que Ruthven o procurara e o transformara em vampiro apenas por seu envolvimento no que agora era considerada uma conspiração secreta contra a Pessoa Real. Quando quente, Godalming destruíra pessoalmente a primeira cria britânica de Drácula. Isso fez dele um provável candidato para a estaca, entre Van Helsing e aquele advogado, Harker. Estremeceu ao lembrar-se dos golpes que fincaram a estaca em sua então amada Lucy, e sentiu um ódio maligno pelo holandês que o persuadira a esse ato extremo. Ele fora de uma ingenuidade criminosa e agora estava ávido para compensá-la. Sua transformação e sua adoção por Ruthven como protegido salvavam seu coração por enquanto, mas ele conhecia muito bem a impulsividade e a capacidade de vingança do Príncipe Consorte. E, claro, seu pai-das-trevas tampouco era conhecido pela constância ou pelo temperamento sereno. Se quisesse encontrar um lugar seguro num mundo transformado, teria de ser cauteloso.

— As ideias dele se formaram durante a vida — Ruthven continuou —, quando era possível governar um país com a lança e a espada. Ele perdeu a Renascença, o Século das Luzes, a Revolução Francesa, o surgimento das Américas, a queda do Império Otomano. Ele quer vingar a morte de nosso galante General Gordon despachando uma força de vampiros idiotas e ferozes para devastar o Sudão e empalar todos os aliados do Islã. Eu deveria deixá-lo fazer isso. Podemos muito bem passar sem os camaradas carpatianos esvaziando os cofres públicos. Se muçulmanos astutos matassem uns cem desses palermas e

os deixassem apodrecendo ao sol, todas as garçonetes de Picadilly e de Soho iriam tremular a bandeira islâmica em agradecimento.

Ruthven varreu com a mão mais uma pilha de cartas e jogou-as para cima, numa revoada que caiu como flocos de neve à sua volta. O primeiro-ministro parecia mal ter saído da adolescência, com olhos frios e cinzentos, o rosto pálido e branco. Não ruborizava nem mesmo quando acabava de se alimentar. Conhecedor de jovens delicadas, ele todavia escolhia como crias homens jovens, talentosos e de posição. Distribuía seus filhos-das-trevas renascidos pelos gabinetes oficiais e até incentivava a competição entre eles. Godalming, inadequado para tarefas subalternas por conta de seu título e, contudo, dificilmente qualificado para um posto de primeiro escalão, era no momento a cria favorita de Ruthven, servindo, extraoficialmente, como mensageiro e secretário particular. Ele sempre possuía um traço de praticidade, um talento para resolver os detalhes de planos complicados. Até Van Helsing confiara nele para cuidar dos preparativos de sua campanha.

— E você ouviu falar do último decreto dele? — Ruthven pegou um rolo de pergaminho oficial, amarrado com uma fita vermelha. Quando o pergaminho se desenrolou, Godalming viu a caligrafia de um secretário do palácio. — Ele quer descer o chicote no que chama de “vício antinatural” e decretou que a punição por sodomia será, doravante, a execução sumária. O método, claro, será o velho e fiel empalamento.

Godalming deu uma olhada no papel.

— Sodomia? Por que isso ofenderia tanto o Príncipe Consorte?

— Você esquece, Godalming, que Drácula não é tolerante como os ingleses. Ele passou alguns anos da juventude como refém dos turcos, e devemos presumir que seus captores usavam-no de vez em quando. De fato, o irmão dele, Radu, significativamente conhecido como “o Belo”, desenvolveu o gosto pela atenção masculina. Desde que Radu o traiu, numa das incontáveis intrigas de família, o Príncipe Consorte decidiu assumir uma posição radical no que se refere a questões de homossexualismo.

— Esse assunto não me parece importante.

Ruthven dilatou as narinas.

— Sua percepção é limitada, Godalming. Pense bem: quase todos os membros do parlamento já praticaram sodomia, uma vez ou outra, com o garoto do telégrafo. Quando dezembro chegar, Drácula vai empalar alguns dos efeminados mais proeminentes nas árvores de Natal que eles estão montando.

— Uma imagem curiosa, senhor.

O primeiro-ministro desprezou o comentário com um aceno, as unhas em forma de diamante refletindo a luz.

— Ora, Godalming! É claro que, naquela mente engenhosa, nosso Príncipe da Valáquia pode ter vários objetivos numa só ação.

— E isso quer dizer...?

— Quer dizer que há nesta cidade um certo poeta renascido, um irlandês, tão conhecido por suas preferências amorosas quanto por sua relação com um compatriota cuja memória anda bem impopular. E, ousei dizer, mais conhecido por esses atributos do que por seus poemas.

— O senhor está falando de Oscar Wilde?

— Claro que estou falando de Wilde.

— Ele não tem ido à casa da Sra. Stoker, ultimamente.

— E você também não deveria ir, se preza seu coração. Meu manto de proteção não chega tão longe.

Godalming solenemente anuiu com um movimento da cabeça. Ele tinha seus motivos para continuar frequentando as reuniões após o anoitecer de Florence Stoker.

— Tenho um relatório sobre as atividades do Sr. Wilde em algum lugar — disse Ruthven, apontando para uma outra pilha de documentos. — Comissionado em meu efetivo particular como um homem de letras, interessado na manutenção da saúde de nossas melhores mentes criativas. Wilde adotou o estado de vampiro com entusiasmo, você ficará satisfeito em saber. Atualmente, experimentar o sangue de homens jovens é sua ocupação preferida, de certa forma eclipsando seu fervor estético e suprimindo completamente o flerte com o socialismo fabiano que, lamentavelmente, o preocupou no início do ano.

— O senhor obviamente se interessou pelo sujeito. Quanto a mim, sempre o acho cansativo, rindo com a mão na frente da boca para esconder os dentes ruins.

Ruthven jogou-se numa cadeira e passou a mão em seu cabelo um tanto longo. O primeiro-ministro tinha algo de dândi, dado a punhos e gravatas extravagantes. A revista satírica *Punch* o chama de “a quintessência dos Murgatroyds”

— Existe a terrível possibilidade de que Alfred Lord Tennyson mantenha o posto de poeta laureado por longos e medonhos séculos. Oh, céus, já imaginou um poema chamado *Locksley Hall Seiscentos Anos Depois*? Prefiro beber vinagre a viver numa Inglaterra que permitisse um horror desses, então estou ansiosamente procurando uma alternativa misericordiosa. Se as coisas tivessem sido diferentes, Godalming, eu teria escolhido ser poeta, mas o destino cruel, com a inestimável ajuda do Príncipe Consorte, me acorrentou na rocha da burocracia, com a águia da política bicando meu fígado.

Ruthven levantou-se e percorreu as estantes de livros, contemplando seus amados volumes. O primeiro-ministro sabia de cor longas passagens de Shelley,

Byron, Keats e Coleridge, e conseguia recitar trechos de Goethe e Schiller no original. Seus entusiasmos atuais eram franceses, e decadentes. Beaudelaire, de Nerval, Rimbaud, Rachilde, Verlaine, Mallarmé; a maioria dos quais, se não todos, o Príncipe Consorte empalaria alegremente. Godalming já ouvira Ruthven declarar que um romance supostamente escandaloso, *Às Avestas*, de J. K. Huysmans, deveria ser lido por todos os alunos na escola e que deveríamos, numa utopia, transformar apenas poetas e pintores em vampiros. Diziam, entretanto, que um dos sintomas do estado morto-vivo é o enfraquecimento da capacidade criativa. Como um filisteu orgulhoso, que preferia cenas de caçada nas paredes aos papéis de parede de William Morris, Godalming nunca tivera nada que pudesse ser considerado inclinação artística e, portanto, não poderia atestar o fenômeno.

— Mas — disse o primeiro-ministro, virando-se —, entre nós, anciãos, quem mais tem a inteligência para ser o mediador entre o Príncipe Drácula e seus súditos, para manter unido este novo império de mortos e vivos? Francis Varney, aquele lunático que despachamos para a Índia? Não creio. Nenhum dos notáveis carpatianos serve, tampouco: nem Iorga, nem Krolock, nem Meinster, nem Tesla, nem Brastov, nem Mitterhouse, nem Vulkan. E o bajulador Saint-Germain, o bisbilhoteiro Villanueva, o arrivista Collins, o misterioso Weyland, o bufão Barlow, o melífluo Duval? “Tenho minhas dúvidas” como dizem os escoceses, “tenho minhas dúvidas” realmente! Quem sobra, então? O pálido e desinteressante Karnstein, que ainda chora a morte de sua garota espetada? Diante disso, o que dizer das mulheres? Meu Deus, as vampiras! Que bando de gatas raivosas! Lady Ducayne e a Condessa Sarah Kenyon pelo menos são inglesas, mesmo não tendo, juntas, uma onça de cérebro. Mas, e a Condessa Zaleska, da Romênia, Ethelind Fionguala, da Irlanda, Condessa Dolingen, de Graz, a Princesa Asa Vajda, da Moldávia, Elizabeth Bathory, da Hungria? Acho que nenhuma dessas piranhas com título seria aceitável, nem para o Príncipe Consorte, nem para o povo da Grã-Bretanha. Seria melhor dar o emprego para aquelas coisas burras que Drácula reservou para se casarem com o rechonchudo Vicky. Não. Dos anciãos, só eu. Aqui estou: Lorde Ruthven, viajado e inteligente. Um inglês pobre, sem propriedades, há muito ausente de sua terra natal, chamado de volta para servir seu país. Quem imaginaria que eu um dia iria ocupar o posto de Pitt e Palmerston, de Gladstone e Disraeli? E quem poderia me suceder? *Aprés moi, le deluge*, Godalming. Depois de mim, o dilúvio.

O MISTÉRIO DO CABRIOLÉ

Beauregard passeava no nevoeiro, tentando digerir todas as informações que colhera no inquérito. Teria de fazer um relatório completo à cabala; tinha de apresentar os fatos, fossem quais fossem, em ordem.

Não perambulava a esmo: do Instituto dos Trabalhadores, caminhou pela Whitechapel Road, virou à direita na Great Garden Street e à esquerda na Chicksand Street. Permitiu-se ser atraído para o local do recente assassinato. Mesmo com o nevoeiro turbulento e o pânico do Faca de Prata, as ruas estavam cheias. À medida que a meia-noite se aproximava, os mortos-vivos surgiam. Os *pubs* e casas de espetáculos estavam iluminados, apinhados de gente rindo e gritando. Vendedores ambulantes apregoavam partituras, frascos de sangue “humano”, tesouras, suvenires da realeza. Castanhas assadas num barril na Old Montague Street eram vendidas igualmente a quentes e renascidos. Vampiros não tinham necessidade de alimento sólido, mas era difícil abandonar o hábito de comer. Garotos vendiam jornais ricamente ilustrados com novos detalhes repulsivos do inquérito de Lulu Schön. Havia bem mais policiais uniformizados fazendo a ronda do que de costume, a maioria renascidos. Beauregard supôs que qualquer pessoa suspeita vadiando por Whitechapel e Spitalfields teria de ser revistada, o que era um problema espinhoso para a polícia, já que o bairro estava repleto de tipos suspeitos.

Um realejo tocava “Dois Olhos Vermelhos”, do musical *Os Vampiros de Veneza*, de Gilbert e Sullivan; ou: “Uma Criada, uma Assombrada e uma Facada”. Parecia apropriado. A criada — por assim dizer — e a facada estavam

obviamente presentes no caso. O que assombrava era o assassino, oculto pelo nevoeiro e pelo sangue.

Apesar do depoimento do Dr. Jekyll e do veredicto de Baxter, ele considerou a hipótese de que os crimes fossem o trabalho de mãos diferentes, matanças rituais, como os estrangulamentos dos gângsteres indianos ou as execuções da Camorra. A extensão das mutilações era desnecessária, se o objetivo do assassino fosse apenas matar. A *Pall Mall Gazette* especulou que o excesso selvagem dos crimes lembrava rituais astecas. Beauregard lembrou-se de alguns incidentes semelhantes na China, no Egito e na Sicília, relacionados a sociedades secretas. O objetivo dessas atrocidades era não apenas eliminar um inimigo, mas também enviar uma mensagem aos aliados da vítima, ou a qualquer um que decidisse defendê-la. A metrópole fervilhava com sociedades secretas e seus agentes; não era improvável que já houvesse maçons jurando dar continuidade à cruzada de Abraham Van Helsing contra o Príncipe Consorte e suas crias. Em certo aspecto, como agente do Clube Diógenes, Beauregard era na verdade um membro dessa facção; a cabala dirigente estava dividida entre a lealdade à rainha e a desconfiança do Lorde Protetor.

Olhos aguçados percebiam suas roupas finas, mas os donos de tais olhos apenas mantinham-se fora de seu caminho. Beauregard estava atento a seu relógio preso à cintura e à carteira no bolso interno do paletó. Havia dedos ágeis por toda parte, e longas garras. Sangue não era a única coisa que os renascidos queriam. Ele balançava sua bengala intencionalmente, repelindo o mal.

Um vampiro grandalhão, de pescoço grosso, estava postado diante do local onde Lulu tinha sido morta, tentando friamente não parecer um investigador de polícia, confiando na possibilidade remota de que fosse verdade o velho ditado sobre o assassino que volta à cena do crime. A área ao redor da entrada do apartamento dos Kosminskis tinha sido limpa pela polícia e pelos caçadores de suvenires. Ele tentou imaginar os últimos momentos da vampira. O detetive, tendo a monotonia de sua tarefa quebrada pela presença de um homem com uma capa e interesses mórbidos, moveu-se pesadamente. Beauregard prontamente mostrou-lhe seu cartão. O renascido viu as palavras “Clube Diógenes” e fez uma pequena e curiosa dança com as mãos e o rosto, meio uma saudação, meio um rosnado. Então, como o comparsa de um arrombador, posicionou-se em frente à porta, dando cobertura a Beauregard para que ninguém o visse.

Beauregard estava no local onde a moça havia morrido e não sentia nada, a não ser o frio. Médiuns psíquicos eram supostamente capazes de localizar um homem com base em resíduos ectoplasmáticos invisíveis, como um cão de caça seguindo um rastro. Ninguém que oferecera auxílio à Polícia Metropolitana alcançara resultados dignos de nota. A concavidade onde o Faca de Prata havia

feito o serviço era minúscula. Lulu Schön, uma mulher pequena, tivera de ser retorcida e pisada para caber naquele buraco. Manchas de limpeza raspadas nos tijolos, tão chocantes na parede negra de fuligem quanto um pedaço de osso branco exposto, mostravam de maneira inequívoca onde haviam estado as marcas de sangue. Não havia mais nada a obter, pensou Beauregard, com essa visita macabra.

Desejou boa noite ao detetive e retirou-se à procura de um cabriolé. Uma prostituta vampira na Flower & Dean Street ofereceu-lhe imortalidade em troca de uma ou duas onças de sangue. Ele jogou-lhe uma moeda de cobre e continuou caminhando. Por quanto tempo teria forças para resistir? Aos trinta e cinco anos, sabia que já estava desacelerando. No frio, sentia seus ferimentos. Será que aos cinquenta, sessenta anos, sua determinação de permanecer quente até o túmulo pareceria ridícula, perversa? Pecaminosa, até? Recusar o vampirismo era o equivalente moral do suicídio? Seu pai morrera aos cinquenta e oito anos.

Os vampiros precisavam dos quentes para alimentá-los e socorrê-los, para manter a cidade funcionando durante o dia. Já havia mortos-vivos — aqui no East End, se não nos salões de Mayfair — passando fome, como os pobres sempre passaram. Quanto tempo levaria para que as “medidas extremas” que Sir Danvers Carew defendera no parlamento fossem levadas a sério? Carew propusera o confinamento de mais quentes, não apenas criminosos, mas simples espécimes saudáveis para servirem como gado para os vampiros de alta linhagem, tão essenciais à governança do país. Histórias horripilantes que chegavam de Devil’s Dyke congelavam o coração de Beauregard. A definição de criminalidade já se ampliava para incluir pessoas honestas, homens e mulheres, que apenas eram incapazes de se adaptar ao novo regime.

Por fim, ele encontrou um cabriolé e ofereceu ao condutor dois florins para levá-lo de volta à Cheyne Walk. O cocheiro tocou o chicote na aba de sua cartola. Beauregard acomodou-se atrás das portas duplas. Com o interior estofado em vermelho, como os caixões elegantes exibidos nas lojas da Oxford Street, o cabriolé era um transporte luxuoso demais para o bairro. Imaginou que talvez tivesse trazido um visitante ilustre em busca de aventuras amorosas. As casas da vizinhança satisfaziam a todos os gostos. Mulheres e garotos, quentes e vampiros estavam à disposição por alguns xelins. Era possível desfrutar de prostitutas de rua como Polly Nichols e Lulu Schön com apenas algumas moedas de cobre ou uma esguichada de sangue. Talvez o assassino não fosse daquela área, talvez fosse apenas mais um figurão atrás de prazeres peculiares. Era possível conseguir qualquer coisa em Whitechapel, fosse pagando ou tomando à força.

Seus deveres já o tinham levado a lugares piores. Passara semanas como um pedinte caolho no Afeganistão, observando os movimentos de um enviado russo suspeito de incitar as tribos das colinas. Durante a Guerra dos Bôeres, negociara um tratado com o povo Amahagger, cuja ideia de entretenimento noturno era cozinhar as cabeças dos prisioneiros em caldeirões. Entretanto, tinha sido um tanto surpreendente retornar, após um período fora do país a serviço discreto de Sua Majestade, e encontrar a própria Londres transformada numa cidade mais estranha, perigosa e bizarra do que qualquer lugar em que tivesse estado durante suas aventuras. Não mais o coração do Império, Londres era uma esponja absorvendo o sangue do reino até explodir.

As rodas do cabriolé chacoalhavam na estrada, embalando-o como o suave bater das ondas sob um navio. Beauregard pensou novamente em sua possível sociedade secreta: a Ordem Hermética da Estaca, talvez, ou os Amigos de Van Helsing. Em um aspecto, os crimes diferiam de assassinatos rituais: nestes casos, era importante haver uma marca inconfundível, como as cinco sementes de laranja enviadas pela Ku Klux Klan a um traidor, ou o peixe frio deixado ao lado do siciliano que desafiasse a máfia. Aqui, a única marca era um tipo de frenesi direcionado. Era o ato de um louco, não de um rebelde. Isso não evitava que vociferadores de esquina, como os que tinham interrompido o inquérito, alegassem que essas estripações patéticas eram uma vitória dos quentes. Não estaria além da capacidade de muitas sociedades secretas aproveitarem-se de algum lunático infeliz, sistematicamente induzindo um homem à loucura de um modo direcionado, como se ele fosse uma arma apontada, e então disparando-o nas ruas para realizar seu serviço sangrento.

Beauregard poderia ter caído no sono e sido acordado pelo cocheiro quando chegassem à sua casa, mas algo o irritava. Ele se acostumara a confiar em seus sentimentos de irritação ocasionais. Por várias vezes, eles salvaram sua vida.

O cabriolé estava na Commercial Street, rumando para leste, não oeste. Em direção a Limehouse. Beauregard sentiu o cheiro das docas. Decidiu averiguar. Era um fato intrigante. Tinha esperança de que o cocheiro não pretendesse apenas matá-lo e roubá-lo.

Abriu a lingueta no cabo de sua bengala e deslizou algumas polegadas de aço brilhante para fora do corpo do bastão. A espada seria sacada facilmente, se precisasse dela. Todavia, era apenas aço.

UM QUARTETO CARPATIANO

Antes de retornar ao Hall, Geneviève passou pelo *pub* em frente ao Mercado Spitalfields. Ela era conhecida ali, e em todos os outros estabelecimentos desordeiros do chamado Bairro Terrível. Como Angela Burdett-Coutts havia demonstrado, não bastava sentar-se cercado por uma vizinhança melhorzinha e sabão, no átrio confortável de uma igreja, esperando que os pecadores chegassem para ser purificados. Um reformista tinha de conhecer os piores antros de bebida e depravação. Naturalmente, o Ten Bells, num dia de semana à noite, em 1888, era como um daqueles salões de chá da padaria Aereated Bread Company instalado ao lado de um bordel de Marselha em 1786, um palácio de São Petersburgo, no tempo de Catarina, a Grande, ou o castelo de Gilles de Rais, em 1437. Se os infelizes tivessem visto sua senhorita Dê em tempos passados, quando as vicissitudes de uma vida longa a levaram a circunstâncias degradantes, teriam ficado chocados. Em certas épocas, ela teria olhado para Polly Nichols ou Lulu Schön como uma criada olharia para uma duquesa.

A atmosfera do Ten Bells era quente e abafada; cheia de tabaco, cerveja e respingos de sangue. Quando ela entrou, seus dentes caninos deslizaram para fora das bainhas na gengiva. Fechou a boca, respirando pelas narinas. Animais amarrados atrás do balcão guinchavam e lutavam contra as tiras de couro. Woodbridge, o atendente barrigudo, pegou uma leitoa pela orelha e sacudiu-lhe a cabeça: o bico da torneira enfiada no pescoço do bicho estava entupido. Ele limpou o sangue coagulado e abriu o fluxo, fazendo jorrar o líquido viscoso numa caneca de vidro. Empurrando a caneca no balcão, brincou, num forte

dialeto de Devon, com um carregador renascido do mercado. Geneviève conhecia bem o gosto ruim do sangue de porco. Poderia aplacar a sede vermelha, mas nunca saciá-la. Ela engoliu a saliva. Nas últimas noites, não tivera a oportunidade de formar laços afetivos. O trabalho lhe ocupava tanto tempo que raramente se alimentava, e não muito bem. Embora fosse forte, com a força de séculos, não podia ultrapassar certos limites. Precisava de um parceiro voluntário e do travo de sangue em sua boca.

Ela conhecia quase todos os frequentadores, pelo menos de vista. Rose Mylett, uma prostituta quente que Geneviève acreditava ser a mãe de Lily, estava cortando o dedo com um canivete e sangrando em copinhos de gim, que vendia por um centavo. O filho de Woodbridge, Georgie, um jovem de avental, rosto suave e lábio levemente leporino, corria de lá para cá entre as mesas, recolhendo os copos vazios e limpando as marcas circulares. Johnny Thain, um policial que passara a fazer hora extra desde que vira o que o Faca de Prata fizera a Polly Nichols, estava a uma mesa num canto com dois detetives, um casaco de *tweed* sobre o uniforme. A clientela casual dividia-se em grupos óbvios: trabalhadores itinerantes esperando encontrar serviço no mercado, soldados e marinheiros procurando uma ou duas garotas, renascidos sedentos por algo mais do que porco líquido.

Ao lado do balcão, Cathy Eddowes sorria com afetação para um homem grande, acariciando seu cabelo emaranhado, apertando a bochecha num ombro maciço. Ela desviou o olhar de seu cliente potencial e acenou para Geneviève. Sua mão estava enrolada com um pano, os dedos rígidos saindo para fora da atadura. Se houvesse mais tempo, ela teria ficado preocupada. Mick Ripper, um afiador de facas com fama de ser o melhor batedor de carteiras de três dedos de Londres, aproximou-se do namorado de Cathy. Chegou perto o bastante para ver o rosto do homem e recuou, enfiando as mãos no bolso.

— Boa noite, senhorita Dê — disse Georgie — Hoje está movimentado.

— Estou vendo — ela disse. — Espero vê-lo no Hall para a nova série de palestras.

Georgie pareceu indeciso, mas sorriu.

— Se meu pai me dispensar uma noite. E se for seguro sair à noite.

— O Sr. Druitt vai dar aulas de manhã no ano que vem, Georgie — ela disse.

— De matemática. Você é um de nossos jovens promissores. Nunca esqueça seu potencial.

O rapaz tinha dom para números; conseguia guardar na cabeça, de uma só vez, os detalhes e totais de três rodadas diferentes de várias bebidas. Este talento, estimulado pelas aulas de Druitt, talvez o conduzisse a uma boa posição. Georgie talvez fosse além de seu pai, tornando-se patrão, em vez de empregado.

Ela sentou-se a uma mesinha e não pediu bebida. Tinha parado ali apenas para adiar seu retorno ao Hall. Teria de fazer um relatório sobre o inquérito a Jack Seward e, naquele momento, não queria pensar muito nos últimos momentos da vida de Lulu Schön. Quando um sanfoneiro arriscou tocar “O Passarinho Amarelo”, alguns bêbados chorosos tentaram, com pouco sucesso, lembrar-se da letra da música na ordem correta.

• • •

— *Adeus, passarinho amarelo* — Geneviève murmurou para si mesma
prefiro de frio tremer
numa árvore sem louros
a um prisioneiro ser
numa gaiola de ouro.

Um grupo barulhento de recém-chegados irrompeu pela porta, trazendo consigo uma lufada do frio da noite. O barulho do *pub* diminuiu por um instante, e então duplicou.

O possível namorado de Cathy afastou-se do bar, empurrando a renascida de maneira rude. Ela arrumou o xale sobre os ombros cheios de feridas e saiu, com a dignidade do salto quebrado. O homem era Kostaki, o carpatiano que estivera no inquérito. Os três que acabavam de chegar eram seus companheiros, exemplos sinistros dos tipos bárbaros que Vlad Tepes importara de sua montanhosa terra natal e soltara em Londres. Ela reconheceu Ezzelin von Klatka, um austríaco de rosto cinza, cabeça quase raspada e espessa barba preta. Tinha fama como domador de animais.

Kostaki e von Klatka abraçaram-se, os peitorais de metal rilhando enquanto rosnavam saudações em alemão, a língua de preferência dos vira-latas da Europa central que constituíam a Guarda Carpatiana. Kostaki fez as apresentações, e Geneviève deduziu que os outros eram Martin Cuda, um renascido relativamente novo que ainda não tinha terminado seu primeiro século, e Conde Vardalek, um húngaro efeminado e aspecto de serpente, que detinha a patente mais alta do grupo.

Woodbridge ofereceu aos guardas um gole da porca, e von Klatka o encarou em silêncio. Os carpatianos do Príncipe Consorte não gostavam de sangue animal. O grupo tinha o jeito de andar que Geneviève associava aos prussianos ou mongóis, a atitude universal de oficiais de um exército de ocupação. Os carpatianos marchavam na nuvem da própria arrogância, tratando com ar de superioridade tanto os renascidos quanto os quentes.

Von Klatka escolheu uma mesa no centro do salão e encarou dois marinheiros que a ocupavam até eles decidirem ir para o balcão, deixando suas prostitutas para trás. O cavaleiro dispensou duas das moças, uma renascida e uma quente desdentada, mas deixou a última ficar, uma cigana senhora de si que exibia, orgulhosa, as cicatrizes no pescoço.

Os carpatianos sentaram-se e reclinaram-se nas cadeiras, claramente à vontade. Eram filhos ilegítimos de Bismarck e Jerônimo: todos usavam botas lustradas e carregavam espadas pesadas, mas os uniformes eram ornamentados com peças e retalhos recolhidos ao longo dos anos. Von Klatka trazia em volta do pescoço uma correia com pedaços de carne ressecada pendurados, que Geneviève presumiu serem orelhas humanas. O elmo de Cuda era adornado com pele de lobo: a cabeça por cima, os dentes envolvendo o visor, as órbitas dos olhos fechadas, costuradas com linha vermelha; a pele com pelo espesso pendurada até o centro das costas, o rabo balançando quase até o chão.

Vardalek era a figura mais extraordinária, seu casaco uma coisa empolada, com pregas e babados, coberto com desenhos caleidoscópicos cheios de brilho e lantejoulas. O rosto estava coberto com pó, para esconder a pele supurada. Círculos de ruge como os de um mímico cobriam as bochechas, e o lábio superior estava pintado de vermelho, o tempo todo distendido pelos caninos de duas polegadas. O cabelo era duro e dourado, elaboradamente arrumado com laços e cachos, duas tranças iguais pendendo da nuca como rabos de rato. Este era o grupo do Conde Vardalek, que o escoltava nos giros pelos bordéis. Vardalek era um daqueles vampiros que faziam espalhafato de sua proximidade com o Príncipe Consorte, alegando possuir com ele uma ligação dinástica, bem como os óbvios laços da linhagem do sangue. Num minuto de conversa, e com os pretextos mais banais, ele mencionou a Pessoa Real nada menos que três vezes, sempre com introitos falsamente casuais, como “eu sempre digo a Drácula...” ou “como nosso querido Príncipe mencionou outro dia...”

O húngaro examinava o salão e explodia em risadinhas agudas, escondendo a boca atrás da mão magra de unhas verdes que se projetava de uma explosão de rendas em seus punhos. Ele sussurrou algo para von Klatka, que deu um sorriso afetado malicioso e fez um sinal para Woodbridge.

— Aquele rapaz — von Klatka disse em inglês quase correto, apontando uma garra para Georgie. — Quanto por aquele rapaz?

O atendente murmurou que Georgie não estava à venda.

— Seu imbecil, não está entendendo — insistiu Klatka. — Quanto?

— Ele é meu filho — protestou Woodbridge.

— Então você deveria estar honrado — Vardalek retrucou, com voz estridente. — Por seu filhote gorducho ter despertado o interesse de cavalheiros

tão finos.

— Este é o Conde Vardalek — explicou Cuda, que Geneviève percebera ser o bajulador hipócrita do grupo. — Ele é muito próximo do Príncipe Consorte.

Kostaki mantinha-se quieto, olhos sempre atentos.

A esta altura, todos tinham se calado e observavam. Geneviève lamentava o fato de Thain e os detetives já terem ido embora, mas esses valentões dificilmente reconheceriam a autoridade de meros policiais.

— Um rapaz tão bonito — disse Vardalek, tentando forçar o jovem a sentar-se em seu colo. Georgie estava paralisado de terror, e o ancião tinha um pulso forte. Uma língua longa e vermelha lançou-se para fora dos lábios do vampiro e roçou a bochecha de Georgie.

Von Klatka sacou uma carteira tão recheada quanto uma torta de carne. Jogou uma nuvem de notas bancárias na cara de Woodbridge. O atendente de bochechas vermelhas empalideceu, os olhos marejados.

— Vocês não vão querer incomodar o rapaz — disse Cathy Eddowes, espremendo-se entre Klatka e Cuda, deslizando os braços pelas cinturas dos dois. — Os cavalheiros vão querer uma mulher de verdade, com o *equipamento*.

Von Klatka afastou Cathy, empurrando-a para o piso de lajota. Cuda bateu no ombro do companheiro. Von Klatka olhou irritado para Cuda, e o jovem vampiro recuou, o rosto, um triângulo branco abatido.

Vardalek ainda afagava Georgie, murmurando elogios em húngaro que o rapaz de Devonshire dificilmente seria capaz de apreciar. Cathy arrastou-se até o balcão e levantou-se. Pústulas haviam estourado em seu rosto e um líquido claro escorria de um dos olhos.

— Excelências, por favor... — começou Woodbridge.

Cuda levantou-se e pôs as mãos no atendente. O carpatiano era bem mais baixo que o robusto homem quente, mas o fogo vermelho em seus olhos deixava claro que ele poderia parti-lo em pedaços e engoli-los gulosamente.

— Como se chama, meu querido garoto? — perguntou Vardalek.

— G-G-Georgie...

— Ha ha, qual o seu apelido, Georgie Peixe, Pudim e Torta?

Ela tinha de intervir. Suspirando, Geneviève levantou-se.

— Vou chamá-lo de Pudim e Torta — murmurou Vardalek, os dentes raspando no pescoço rechonchudo de Georgie.

— Cavalheiros — ela começou —, por favor, deixem essas pessoas continuarem seu trabalho em paz.

Os carpatianos silenciaram-se, chocados. A boca de Vardalek abriu-se, embasbacada, e Geneviève viu que todos os dentes, exceto os caninos, eram ruínas verdes.

— Saia daqui, renascida — Cuda desdenhou. — Se sabe o que é melhor para você.

— Ela não é nenhuma renascida — resmungou Kostaki.

— Quem é essa pessoinha impertinente? — perguntou Vardalek. Estava lambendo as lágrimas do rosto de Georgie. — E por que ela ainda é uma morta-viva segundos depois de me insultar?

Cuda largou Woodbridge e voou para cima dela. Rápida como um zoétopo girando, ela inclinou-se de repente para o lado e deu-lhe uma cotovelada nas costelas quando ele passou, atirando-o para o outro lado da sala. O elmo de lobo saiu quando ele caiu, e alguém, não tão acidentalmente, derramou um pote de lavagem dentro dele.

— Sou Geneviève Sandrine de l'Isle Dieudonné — ela declarou —, da linhagem pura de Chandagnac.

Kostaki, pelo menos, ficou impressionado. Endireitou-se na cadeira, como em posição de sentido, os olhos vermelhos arregalados. Von Klatka percebeu a mudança de atitude do companheiro e, sem sair do lugar, também retirou-se do confronto. Ela vira atitude semelhante alguns anos antes, num salão de pôquer do Arizona, quando um dentista acusado de trapacear mencionou por acaso, aos três vaqueiros troncudos, atrapalhados com as tiras dos coldres, que seu nome era Holliday. Dois daqueles tratadores de gado mostraram exatamente a mesma expressão estampada agora no rosto de Klatka e Kostaki. Ela não ficou em Tombstone para o funeral do terceiro.

Conde Vardalek foi deixado sozinho na briga.

— Deixe o garoto em paz, *renascido*! — ela disse.

Os olhos do húngaro faiscaram em fúria enquanto ele afastava Georgie e se levantava. Era mais alto do que ela, e quase da mesma idade. Seus braços eram terrivelmente fortes. As unhas se expandiram, tornando-se pontas de punhais, o esmalte sobre elas murchando como manteiga na frigideira. Ele cobriu a distância entre eles num piscar de olho de cobra. Era rápido, mas da linhagem doente de Vlad Tepes. Ela estendeu as mãos e agarrou os pulsos do vampiro, detendo os dedos-facas a uma polegada de seus próprios olhos.

Vardalek rangeu os dentes, a espuma borrando o pó de seu queixo, pingando nos adereços em volta do pescoço. O hálito era proverbialmente fétido, intenso, com o peso da sepultura. Seus músculos, rijos como pedras, retorciam-se feito serpentes no aperto das mãos de Geneviève, mas ela ainda o imobilizava. Devagar, conseguiu afastar as mãos do vampiro de seu rosto, levantando os braços dele como se acertasse os ponteiros de um relógio para dez para as duas.

Usando palavras sórdidas em húngaro, Vardalek afirmou que Geneviève tinha relações carnavais regulares com ovelhas. Que o leite de seus seios

envenenaria as gatas que costumavam mamar nela. Que sete gerações de besouros-do-estercó reuniam-se nos pelos de sua inútil virgindade. Ela beijou o ar e apertou, ouvindo os ossos do vampiro estalarem, esmagados, permitindo que as pontas afiadas dos polegares cortassem as veias finas dos pulsos dele. O pânico aumentou nos olhos lacrimosos de Vardalek.

Suavemente, para que só ele ouvisse, ela falou em húngaro, informando-lhe que era da opinião de que os ancestrais dele só conheciam o amor das cabras das montanhas e insistiu na probabilidade de seu órgão reprodutor ser tão flácido quanto uma língua da peste negra recém-lancetada. Ela perguntou o que o diabo estaria utilizando no lugar da bunda, já que Vardalak estava usando essa parte macia da anatomia diabólica como rosto.

— Solte-o — disse von Klatka, sem autoridade.

— Arranque o coração dele — disse alguém, sofrendo de um ataque de coragem agora que outra pessoa enfrentava o húngaro.

Os joelhos de Vardalak cederam quando ela o empurrou para trás e para baixo. Ele perdeu as forças e se dobrou, mas ela ainda o segurava. Ela o forçou a ajoelhar-se e ele choramingou, olhando para ela de modo quase patético. Ela sentiu ar seco no dente canino e sabia que os músculos de seu rosto estavam estirados numa máscara animalesca.

A cabeça de Vardalek curvou-se para trás, as bordas de seus olhos cheias de sangue. O elmo dourado de cabelos escorregou, revelando o couro cabeludo vermelho e inflamado que a peruca escondia. Geneviève soltou o ancião e ele caiu. Kostaki e von Klatka o ajudaram, Kostaki arrumando a peruca do Conde quase com ternura. Cuda também estava em pé, com a espada em punho. A lâmina refletiu a luz, prata misturada com ferro. Enojado, Kostaki ordenou-lhe que guardasse a arma.

Woodbridge abriu a porta, pronto a acompanhá-los para fora. Georgie correu para algum lugar, para limpar a saliva de Vardalek de seu rosto. Geneviève sentiu seu rosto retomar o aspecto normal, plácido e bonito, e ficou calmamente de prontidão. A conversa de fundo retornou e o sanfoneiro, proficiente apenas dentro de um estreito espectro temático, iniciou “Ela Era Apenas um Pássaro numa Gaiola Dourada”.

Von Klatka saiu para a rua com Vardalek e Cuda os acompanhou, arrastando o rabo imundo. Kostaki permaneceu, examinando os destroços. Olhou para onde von Klatka jogara as notas e deu um semissorriso de deboche. O dinheiro havia sido apanhado tão rápido quanto uma esponja absorve cerveja derramada. A cigana estava ostensivamente longe de onde as notas haviam estado. O rosto branco do carpatiano se fendia em linhas quando mudava de expressão, mas os vincos cicatrizavam no mesmo instante.

— Senhora Anciã — disse Kostaki, cumprimentando Geneviève antes de sair —, meus respeitos.

ARANHAS EM SUAS TEIAS

Ele estava em Limehouse, em algum lugar perto da Bacia. Por experiência, Beauregard sabia que a má reputação do bairro era merecida. Numa noite típica, havia mais cadáveres anônimos na praia lamacenta, trazidos pelas ondas, do que o Faca de Prata poderia produzir em três meses. Com muito rangido, estrépito e tropel, o cabriolé manobrou por uma arcada e parou. O cocheiro deve ter tido de dobrar-se ao meio para passar sob o arco.

Ele segurou firme no punho da bengala-espada. Abriram-lhe as portas, e olhos vermelhos cintilaram no escuro.

— Desculpe o transtorno, Beauregard — murmurou uma voz sedosa, masculina, mas não máscula —, mas acredito que entenderá. É uma situação delicada...

Ele desceu do cabriolé e viu-se num pátio, ao lado de várias ruelas perto das docas. O nevoeiro ali era ralo, uma névoa amarela pairando como frondes submarinas. Havia gente por toda parte. O homem que tinha falado era inglês, um vampiro com um bom casaco e chapéu macio, rosto no escuro. Sua postura, de uma languidez estudada, sugeria um atleta em repouso; Beauregard não gostaria de lutar quatro *rounds* com ele. Os outros eram chineses, com rabos de cavalo, curvados, mãos sob as mangas. A maioria era quente, mas um sujeito forte ao lado da porta do cabriolé era renascido, nu da cintura para cima, para exhibir as tatuagens de dragão e a indiferença de um morto-vivo pelo frio do outono.

Quando o inglês deu um passo à frente, o luar iluminou seu rosto jovem. Tinha cílios bonitos como os de uma mulher, e Beauregard o reconheceu.

— Eu o vi pegar seis de seis bolas em 85 — disse Beauregard. — Em Madras. Cavalheiros *versus* Jogadores.

O esportista deu de ombros, com modéstia.

— Você rebate aquilo que lhe atiram, é o que sempre digo.

Ele ouvira o nome do renascido na Câmara da Estrela, por ter supostamente participado de ousados, mas de certo modo divertidos, roubos de joias. Deduziu que o envolvimento do esportista nesse evidente sequestro confirmava que ele era de fato o autor daquelas façanhas criminosas. Beauregard acreditava que até um cavalheiro deveria ter uma profissão, e sempre torcia para os Jogadores contra os Cavalheiros.

— Por aqui — disse o arrombador diletante, indicando uma faixa molhada no muro de pedra. O chinês renascido apertou um tijolo e uma parte do muro inclinou-se para cima, formando uma porta semelhante a um alçapão. — Abaixese, ou vai bater a cachola. Esses chins são muito pequenos.

Ele seguiu o renascido, que enxergava no escuro melhor do que ele, e, por sua vez, era seguido pelo restante do grupo. Quando o vampiro curvou-se para a frente, os dragões em seus ombros urraram e bateram as asas, em silêncio. Desceram por uma rampa, e ele percebeu que estavam abaixo do nível da rua. As superfícies eram úmidas e brilhantes, o ar, frio e desagradável: essas galerias deviam situar-se perto do rio. Quando passaram por um conduto de escoamento, de onde se ouvia o barulho vago de água, Beauregard lembrou-se dos cadáveres anônimos, presumindo ser este lugar a origem de vários deles. A passagem alargou-se, e ele deduziu que essa parte do labirinto datava de séculos. Havia objetos de arte nas intersecções mais significativas, a maioria de antiguidade incontestável e aparência oriental. Após muitas portas e descidas, os sequestradores tinham certeza de que, desacompanhado, ele nunca acharia o caminho de volta à superfície. Ficou satisfeito por ser subestimado.

Alguma coisa chiou atrás de uma parede e ele encolheu-se. Não pôde identificar o som do animal. O renascido virou-se para o barulho e tirou a cabeça de uma lagarta de jade. Uma porta se abriu e Beauregard foi conduzido a uma sala pouco iluminada e ricamente mobiliada. Não havia janelas, apenas cortinas de estilo chinês. A peça de centro era uma escrivaninha grande, atrás da qual sentava-se um velho chinês. Unhas longas e duras batiam como pontas de facas no mata-borrão. Havia outros, em poltronas confortáveis distribuídas num semicírculo em volta da escrivaninha. A coisa invisível que chiava calou-se.

Um dos homens virou a cabeça, a ponta vermelha do charuto transformando seu rosto numa máscara demoníaca. Ele era vampiro, mas o chinês, não.

— Sr. Charles Beauregard — começou o celeste —, gentileza sua unir-se a pessoas tão desprezíveis e indignas como nós.

— Gentileza sua me convidar.

O chinês bateu palmas e acenou com a cabeça para um criado de rosto frio, um birmanês.

— Guarde o chapéu, a capa e a *bengala* de nosso convidado.

Beauregard aliviou-se do fardo. Quando o birmanês aproximou-se, observou o brinco singular e a tatuagem ritual em volta do pescoço.

— Um *dacoit*? — perguntou.

— O senhor é muito observador — afirmou o chinês.

— Conheço um pouco do mundo das sociedades secretas.

— Conhece, de fato, Sr. Beauregard. Nossos caminhos se cruzaram três vezes: no Egito, em Caxemira e em Xangai. O senhor me causou alguns pequenos transtornos.

Beauregard percebeu com quem estava falando e tentou sorrir. Presumiu que seria morto.

— Minhas desculpas, Doutor.

O chinês curvou-se para a frente, o rosto emergindo para a luz, as pontas das unhas tamborilando. Tinha a testa de um Shakespeare e um sorriso que trouxe a Beauregard a imagem de um Satã presunçoso.

— Não pense mais nisso — ele dispensou as desculpas. — Eram assuntos banais, sem maior importância. Não vou acionar nenhum serviço pessoal nesse caso.

Beauregard tentou não demonstrar o alívio. Apesar de ser quem era, o mandarim criminoso era conhecido como homem de palavra. Esse era o sujeito a quem chamavam de “Doutor Demônio” ou o “Senhor das Mortes Estranhas”. Era membro do Conselho dos Sete, o corpo dirigente do Sifan, uma sociedade secreta cuja influência se estendia pelos quatro cantos da Terra. Mycroft considerava o celeste um dos três homens mais perigosos do mundo.

— Entretanto — acrescentou o chinês —, se esta reunião ocorresse mais longe, no Oriente, acredito que a pauta não seria tão agradável ao senhor e, confesso, nem a mim. Entende?

Beauregard entendeu, e muito bem. Estavam se encontrando sob uma bandeira branca, que seria arriada assim que o Clube Diógenes o mandasse trabalhar novamente contra o Sifan.

— Essas questões não nos interessam no momento.

O arrombador diletante aumentou o gás das lamparinas e os rostos tornaram-se mais nítidos. A coisa que chiava deu um grito e foi reprimida apenas com um leve olhar do Doutor Demônio. Num canto havia uma gaiola dourada grande,

como se tivesse sido construída para um papagaio de dois metros de envergadura, contendo um macaco de rabo comprido. O animal tinha dentes amarelos em gengivas vermelhas brilhantes, que tomavam quase dois terços da cara. O chinês era famoso pelo gosto estranho em bichos de estimação, conforme Beauregard se lembrava toda vez que usava seu limpa-botas com alças revestidas de pele de cobra.

— Aos negócios — bufou um vampiro de aparência militar. — Tempo é dinheiro, lembre-se...

— Mil perdões, coronel Moran. No Oriente, as coisas são diferentes. Aqui, devemos nos adaptar aos costumes ocidentais, pressa e alvoroço, ligeireza e diligência.

O fumante de charuto levantou-se, desencurvando uma figura magricela vestida com uma túnica marcada com giz ao redor dos bolsos. O coronel o acatou e voltou a se sentar, os olhos baixos. A cabeça do fumante oscilava de um lado a outro, como a de um lagarto, os dentes caninos sobre o lábio inferior.

— Meu sócio é um homem de negócios — ele explicou, entre uma baforada e outra. — Nosso amigo do críquete é diletante, Griffin ali é cientista, o capitão Macheath, que, por sinal, pede desculpas, é soldado, Sikes está continuando o negócio da família, eu sou matemático, mas você, meu caro doutor, é um artista.

— O Professor me deixa lisonjeado.

Beauregard ouvira falar no Professor também. O irmão de Mycroft, o detetive consultor, tinha uma espécie de obsessão por ele. Provavelmente era o pior inglês não enforcado.

— Com dois dos homens mais perigosos do mundo nesta sala — observou —, tenho que me perguntar, onde estaria o terceiro?

— Vejo que nossos nomes e posições não lhe são desconhecidos, Sr. Beauregard — disse o chinês. — O Dr. Nikola não está disponível para nosso pequeno encontro. Acredito que possa ser encontrado investigando alguns navios naufragados na costa da Tasmânia. Não fazemos mais transações com ele. Ele tem seus próprios interesses.

Beauregard olhou para os outros da reunião, os que ainda não tinham se manifestado. Griffin, que o Professor mencionara, era um albino que parecia desaparecer no ambiente de fundo. Sikes era um homem com cara de porco, quente, baixo, corpulento e brutal. Com um vistoso paletó listrado e óleo barato no cabelo, parecia deslocado em companhia tão distinta. No grupo, apenas ele era a própria imagem de um criminoso.

— Professor, se puder explicar a nosso ilustre convidado...

— Obrigado, Doutor — respondeu o homem às vezes chamado de “Napoleão do Crime”. — Sr. Beauregard, como sabe, nenhum de nós, e isto

inclui o senhor, tem o que poderíamos chamar de causa comum. Cada um segue o próprio caminho. Se eles por acaso se cruzam... bem, isso é geralmente uma infelicidade. Ultimamente houve mudanças, mas, quaisquer que sejam as metamorfoses pessoais que aceitamos, nossos objetivos permaneceram basicamente os mesmos. Somos, como sempre fomos, uma comunidade das sombras. Até certo ponto, conseguimos entrar num acordo. Nós nos enfrentamos, mas, quando o sol se levanta, estabelecemos um limite. É com grande pesar que digo isto, mas parece que esse limite está sendo ultrapassado...

— Teve batida policial por todo o East End — interrompeu Sikes. — O idiota do Charlie Warren mandou mais uma carga da maldita cavalaria. Anos de maldito trabalho arruinados numa única noite. Casas destruídas. Jogo, ópio, garotas: não se respeita nada. Compramos e pagamos pelo negócio, e os porcos prejudicaram a gente quando deixaram de cumprir o acordo.

— Não tenho ligação com a polícia — disse Beauregard.

— Não pense que somos ingênuos — disse o Professor. — Como todo agente do Clube Diógenes, você não tem nenhum cargo oficial. Mas o que é oficial e o que é efetivo são coisas diferentes.

— Essa perseguição aos nossos interesses vai continuar — disse o Doutor — enquanto o cavaleiro conhecido como Faca de Prata estiver em liberdade.

Beauregard concordou com um movimento da cabeça. — Suponho que sim. Há sempre a chance do assassino ser pego numa das batidas.

— Ele não é um de nós — bufou o coronel Moran.

— Ele é um louco desvairado, é isso que ele é — protestou Sikes. — Escuta, nenhum de nós é exatamente delicado, tá entendendo? Mas esse sujeito tá indo longe demais. Se uma puta começa a ficar briguenta demais, você passa a lâmina na cara dela, não na maldita garganta.

— Nunca foi sugerido, até onde eu saiba, que algum de vocês estaria envolvido nos assassinatos.

— A questão não é essa, Sr. Beauregard — o Professor continuou. — Nosso império das sombras é como uma teia de aranha. Ela se estende pelo mundo todo, mas se concentra aqui, nesta cidade. É uma teia vasta, complicada e surpreendentemente delicada. Se arrancarem muitos fios, ela vai cair. E estão arrancando fios a torto e a direito. Todos nós estamos sofrendo desde que Mary Ann Nichols foi morta, e o transtorno vai dobrar a cada nova atrocidade. Cada vez que esse assassino ataca o público, ele nos esfaqueia também.

— Minhas putas não querem mais ir pra rua com ele por aí. Tá afetando meu bolso. Tô ficando seriamente sem grana.

— Tenho certeza de que a polícia vai pegar o homem. Há uma recompensa de cinquenta libras por alguma informação.

— E nós estamos oferecendo uma recompensa de mil guinéus, mas até agora, nada.

— Esqueça o que falam por aí, da gente se unindo no aperto, como judeus. Se a gente topasse com o tal Faca de Prata, dedava ele pros tiras mais rápido que um batedor de carteira irlandês roubando um bêbado.

— Perdão, não entendi.

— Sr. Beauregard — disse o Doutor. — O que nosso companheiro está ousando sugerir é que nós gostaríamos de acrescentar nossos humildes esforços aos de sua tão estimada polícia. Garantimos que qualquer informação que chegar até nós, como costumam chegar as informações sobre os mais diversos assuntos, será repassada diretamente ao senhor. Em troca, pedimos que o empenho pessoal nessa questão, que sabemos que o Clube Diógenes solicitou do senhor, seja mobilizado com o mais extremo vigor.

Ele tentou não demonstrar, mas ficou profundamente chocado ao constatar que os movimentos mais secretos da cabala dirigente tinham, de alguma forma, chegado ao conhecimento do Senhor das Mortes Estranhas. E, contudo, o chinês evidentemente conhecia detalhes das instruções que ele havia recebido numa reunião ocorrida há menos de dois dias. A reunião durante a qual se presumira que o Sifan desapareceria por anos.

— Esse salafrário está humilhando o East Side — disse o arrombador diletante —, e seria melhor se ele saísse fora da jogada.

— Oferecemos mil guinéus por uma informação — disse o coronel — e dois mil pela cabeça podre dele.

— Ao contrário da polícia, não temos o problema de indivíduos mentirosos vindo até nós com informações falsas, na esperança de nos enganar por uma recompensa. Esses indivíduos não sobrevivem muito tempo em nossa teia de aranha. Estamos de acordo, Sr. Beauregard?

— Sim, Professor.

O renascido deu um leve sorriso. Um assassino significava muito pouco para esses homens, mas um canhão desgovernado do crime era um transtorno que não iriam tolerar.

— E quando o Assassino de Whitechapel for pego?

— Aí, nossos negócios voltam ao normal — disse Moran.

O Doutor assentiu com a cabeça, sabiamente, e Sikes falou: — Tá certo, meu chapa.

— Quando nosso acordo terminar — avisou o chinês — vamos reverter a nossas antigas posições. E devo avisá-lo para sossegar com sua senhorita Churchward e deixar os assuntos dos meus compatriotas em outras mãos. Você não teve muita sorte com esposas e merece alguns anos de alegria.

Beauregard conteve a raiva. A ameaça a Penélope ultrapassava os limites.

— Por mim — disse o Professor, os olhos cintilando — espero me desligar e entregar a administração cotidiana da minha organização ao coronel Moran. Agora tenho a oportunidade de viver por séculos, o que me dará o tempo necessário para aperfeiçoar meu modelo do universo. Pretendo empreender uma viagem à matemática pura, uma viagem que me levará além das tediosas geometrias do espaço.

O Doutor sorriu, enrugando os olhos e levantando os finos bigodes. Apenas ele parecia apreciar os planos grandiosos do Professor. Todos os demais aparentavam ter comido ovo estragado enquanto os olhos do Professor reluziam com a ideia de uma infinidade de teoremas multiplicando-se para preencher todo o espaço.

— Imaginem — disse o Professor — um teorema abrangendo *tudo*.

— Um cabriolé o levará à Cheyne Walk — explicou o celeste. — A reunião está encerrada. Se o senhor servir a nosso propósito, será recompensado. Se falhar, as consequências serão... não tão agradáveis.

Com um aceno, Beauregard foi dispensado.

— Mande lembranças à senhorita Churchward — disse Moran, com olhar malicioso e perverso. Beauregard imaginou detectar uma careta de desgosto no rosto notoriamente inescrutável do chinês.

Enquanto o esportista o levava de volta pelas passagens, Beauregard se perguntava a quantos Demônios ele teria de se aliar para cumprir sua missão. Resistiu ao desejo de demonstrar ousadia, avançando na frente de seu guia até a entrada. Ele poderia ter tido sucesso na façanha, mas seria melhor continuar sendo subestimado pelo grupo.

Quando chegaram à superfície, estava perto de amanhecer. Os primeiros raios azuis acinzentados arrastavam-se a partir do Oriente, e as gaivotas trazidas pelo Tâmis gritavam pelo café da manhã.

O cabriolé ainda estava no pátio, o condutor empoleirado na cabine, envolto em cobertores pretos. O chapéu, a capa e a bengala de Beauregard o aguardavam no interior da carruagem.

— Até logo — disse o jogador de críquete, os olhos vermelhos brilhando. — Vejo você no Clube de Críquete.

ASSUNTOS SEM IMPORTÂNCIA

— Por que está tão quieta, Penny?

— O quê? — ela falou num impulso, arrancada de seus devaneios tempestuosos. O barulho da recepção foi avassalador por um instante, parecendo dissolver-se numa conversa de fundo.

Com ultraje simulado, Art a repreendeu.

— Penélope, acho que você estava sonhando. Estou gastando minha escassa inteligência com você há vários minutos, e você não disse uma palavra. Quando tento ser divertido, você murmura “ah, é verdade”, com um suspiro palpável, e quando tento acrescentar uma nota triste, numa tentativa de assegurar sua solidariedade, você educadamente ri atrás de seu leque.

O passeio havia sido um desperdício. Era para ter sido sua primeira aparição pública com Charles, sua primeira exibição como uma mulher comprometida. Ela se preparara por semanas, escolhendo exatamente o vestido certo, o corpete certo, o evento apropriado, o grupo adequado. Graças aos patrões misteriosos de Charles, fora um fracasso. Ela ficara aborrecida a noite toda, tentando não voltar ao velho hábito de enrugar a testa. Sua governanta, Madame de la Rougierre, muitas vezes a advertira de que, se passasse um vento, seu rosto ficaria daquele jeito para sempre; agora, ao examinar-se no espelho, se encontrava um traço sequer de ruga, sabia que a velha empregada não estava errada.

— Tem razão, Art — ela admitiu, sufocando a fúria interior que sempre a dominava quando as coisas não davam certo. — Eu estava longe.

— Isso não é nada lisonjeiro para meu poder de fascinação de vampiro.

Quando ele tentava parecer comicamente ofendido, as pontas dos dentes se destacavam como grãos de arroz presos ao lábio inferior.

Do outro lado do restaurante do hotel, Florence estava envolvida em uma conversa com um cavalheiro meio embriagado que Penélope acreditava ser o crítico do *Telegraph*. Florence deveria ser a líder dessa pequena expedição em território hostil — naturalmente, eles tinham mais afinidade com o Lyceum, e agora estavam no Criterion —, mas ela abandonara seus correligionários à própria sorte. Isso era típico de Florence. Ela era frívola e, mesmo com a avançada idade de trinta anos, uma coquete. Não é de admirar que o marido tivesse desaparecido. Assim como Charles desaparecera esta noite.

— Você estava pensando em Charles?

Ela confirmou com a cabeça, imaginando se eram verdadeiras as histórias sobre as habilidades dos vampiros em ler mentes. Ela admitia que sua mente, naquele momento, certamente era como um livro aberto. Deveria concentrar-se em manter a testa lisa ou acabaria como a pobre e tola Kate, com apenas vinte e dois anos e o rosto já com as marcas do riso e do choro.

— Até quando tenho você só para mim a noite toda, Charles está entre nós. Ao diabo com ele!

Charles, aguardado para acompanhar o grupo da primeira noite, enviara seu criado com uma mensagem, desculpando-se pela ausência e confiando Penélope aos cuidados de Florence. Estava em uma missão oficial com que ela não precisaria se preocupar. Foi muito inoportuno. Depois do casamento, a menos que ela subestimasse o próprio poder de persuasão, a vida doméstica de Beauregard mudaria bastante. Seu espartilho estava tão apertado que ela mal conseguia respirar, e seu decote, tão profundo que toda a extensão de pele entre o queixo e o busto estava insensibilizada pelo frio. E não havia nada a fazer com o leque a não ser abaná-lo, pois não podia arriscar-se a colocá-lo numa cadeira e algum bêbado idiota sentar em cima dele.

O plano original era Art acompanhar Florence, mas ele havia sido tão abandonado por ela quanto Penélope tinha sido por seu noivo, e evidentemente ele se sentiu na obrigação de permanecer a seu lado, como um namorado apaixonado. Eles haviam sido abordados duas vezes por conhecidos que a parabenizaram, apontando para Art com um constrangedor “e esse é o cavalheiro sortudo?” Lorde Godalming encarava a situação com notável bom humor.

— Não tive a intenção de ofender Charles, Penélope. Desculpe-me.

Desde o anúncio do noivado, Art andava muito solícito. Ele próprio ficara noivo uma vez, de uma moça de quem Penélope se lembrava muito bem, mas algo terrível aconteceu. Era fácil entender Art, especialmente se comparado a Charles. Seu noivo sempre fazia uma pausa antes de dirigir-se a ela pelo nome.

Ele nunca a chamara de Pamela, mas ambos esperavam, apreensivos, por esse momento medonho e inevitável. A vida inteira ela seguira os brilhantes passos da prima, sentindo um calafrio sempre que alguém, em silêncio, a comparava com Pamela, sabendo que seria eternamente considerada a senhorita Churchward inferior. Mas ela estava viva e Pam, não. Ela era mais velha agora do que Pamela quando faleceu.

— Você pode ter certeza de que, qualquer que seja o assunto que tenha detido Charles, deve ser muito importante. O nome dele nunca pode aparecer, mas ele é conhecido no governo, pelo menos pelos melhores, e é tido em alta conta.

— Claro, Art, que você também é importante.

Art deu de ombros, os cachos balançando.

— Sou apenas um garoto de recados com um título e boas maneiras.

— Mas o primeiro-ministro...

— Sou o bichinho de estimação de Ruthven este mês, mas isso não significa muita coisa.

Florence retornou, trazendo um veredicto oficial da peça. Era algo chamado “O Debut de Clarimonde” do famoso autor de “O Rei da Prata” e “Santos e Pecadores” Henry A. Jones.

— O Sr. Sala diz que a peça é uma “brecha nas nuvens, um pedaço de azul nos céus do teatro, e é como se tudo que é desagradável estivesse chegando ao fim”.

A peça tinha sido um exemplar das “farsas barulhentas” que faziam a fama do Teatro Criterion. A renascida atriz principal tinha um passado duvidoso e seu suposto pai, na verdade marido, um cínico Conselheiro da Rainha, era dado a dirigir sarcasmos diretamente ao mezanino, proporcionando ao ator-diretor Charles Wyndham oportunidades de demonstrar sua aptidão para aforismos. Trocas frequentes de figurino e de pano de fundo levaram os personagens de Londres a um castelo mal-assombrado no interior da Itália, e depois os trouxeram de volta. Na cena final, amantes reconciliaram-se, cafajestes arruinaram-se, fortunas foram devidamente herdadas e segredos expostos sem causar dano. Uma hora depois do último ato, Penélope conseguia descrever os menores detalhes de cada vestido da heroína, mas não se lembrava do nome da atriz que fizera o papel.

— Penny, querida — disse uma voz diminuta e dissonante. — Florence e Lorde Godalming. Saudações. Estou feliz em vê-los.

Era Kate Reed, num vestidinho sem graça, puxando um renascido papudo que Penélope sabia ser seu tio Diarmid. Funcionário antigo da Agência Central de Notícias, era o patrocinador da suposta carreira jornalística da pobre moça.

Tinha a reputação de ser o mais boêmio dos boêmios da Grub Street. Todos, exceto Penélope, achavam-no divertido, então ele era, na maioria das vezes, tolerado.

Art perdeu seu tempo beijando a mão nodosa de Kate, e ela ficou vermelha como uma beterraba. Diarmid Reed cumprimentou Florence com um soluço cheirando a cerveja e perguntou sobre sua saúde, uma tática pouco sensata no caso da Sra. Stoker, que era capaz de descrever um vasto leque de enfermidades. Caridosamente, ela desviou do assunto e perguntou por que o Sr. Reed não estava mais frequentando suas reuniões após o anoitecer.

— Sentimos muito sua falta na Cheyne Walk, Sr. Reed. O senhor sempre tem tantas histórias sobre os altos e baixos da vida.

— Lamento dizer que estou colhendo apenas os baixos ultimamente, Sra. Stoker. Os assassinatos do Faca de Prata em Whitechapel.

— Negócio hediondo — balbuciou Art.

— De fato. Mas bom para a circulação. O *Star*, a *Gazette* e todos os outros só falam nisso. A Agência não consegue dar conta. Eles publicam qualquer coisa.

Penélope não ligava para assassinato e vilania. Não lia os jornais, de fato não lia nada a não ser livros edificantes.

— Senhorita Churchward — o Sr. Reed dirigiu-se a ela —, pelo que sei, a ordem do dia são os parabéns.

Ela sorriu de modo a não enrugar o rosto.

— Onde está Charles? — perguntou Kate, desajeitada como sempre. Deveriam bater regularmente em algumas moças, pensou Penélope, como batem tapetes.

— Charles nos desapontou — disse Art. — De forma insensata, na minha opinião.

Penélope ardeu por dentro, mas esperou que isso não transparecesse em seu rosto.

— Charles Beauregard, hein? — disse o Sr. Reed. — Um homem bom em caso de emergência, pelo que sei. Sabe, posso jurar que o vi em Whitechapel outro dia. Com alguns dos detetives do caso Faca de Prata.

— Altamente improvável — disse Penélope. Ela nunca estivera em Whitechapel, bairro onde pessoas são frequentemente assassinadas. — Não consigo imaginar o que levaria Charles a esse lugar.

— Não sei — disse Art. — O Clube Diógenes tem interesses esquisitos, em todos os tipos de lugares esquisitos.

Penélope preferia que Art não tivesse mencionado essa instituição. Os ouvidos do Sr. Reed ficaram atentos, e ele estava prestes a fazer mais perguntas a

Art quando todos foram salvos do constrangimento por mais uma chegada.

— Olhem! — Florence soltou um gritinho estridente, com deleite. — Vejam quem veio de novo nos atormentar com seu jeito incorrigível. É Oscar.

Um renascido grande, com uma vasta cabeleira ondulada e um jeito bem alimentado flanou até eles, um cravo verde na lapela, mãos nos bolsos para dar volume à frente das calças listradas.

— Boa noite, Wilde — disse Art.

O poeta rosnou um seco “Godalming” para Art e então cortejou Florence de modo extravagante, jogando tanto charme sobre ela que partes dele respingaram em Penélope e até em Kate. O Sr. Oscar Wilde, aparentemente, uma vez pedira Florence em casamento, quando ela era a senhorita Balcombe, de Dublin, mas fora vencido por Bram, que agora nunca era mencionado. Penélope achou fácil acreditar que Wilde deve ter pedido várias pessoas em casamento apenas para que as recusas lhe dessem mais coisas sobre as quais pudesse ser espirituosamente não convencional.

Florence perguntou-lhe sua opinião sobre “O Debut de Clarimonde”, ao que Wilde observou que era grato pela existência da peça, pois ela poderia ajudar um crítico sagaz, obviamente como ele próprio se julgava, a erigir uma verdadeira obra de gênio sobre suas ruínas.

— Ora, Sr. Wilde — disse Kate —, parece que o senhor considera o crítico mais importante que o autor.

— De fato. A crítica em si é uma arte. E, exatamente como a criação artística implica a exploração da habilidade da crítica, sem a qual de fato a arte não existiria, a crítica também é realmente criativa, no mais elevado sentido da palavra. A crítica é, na verdade, tanto criativa quanto independente.

— Independente? — perguntou Kate, certamente ciente de que estava pedindo uma aula.

— Sim, independente. Assim como Flaubert foi capaz de criar um clássico, uma obra-prima de estilo a partir dos amores sórdidos e sentimentais da esposa tola de um médico do interior, na esqualida vila de Ynville-l’Abbaye, perto de Rouen, ou assim como o Sr. Lewis Morris escreveu poemas sobre assuntos de pouca ou nenhuma importância, como os quadros da Academia Real deste ano, ou de qualquer outro ano, por sinal, ou como as peças do Sr. Henry Arthur Jones, o verdadeiro crítico pode, se for de seu agrado direcionar ou desperdiçar a aptidão da contemplação, produzir obras impecáveis de beleza e instinto. A estupidez é sempre uma tentação irresistível à inteligência, e a burrice é a permanente Besta Triunfante que vai chamar a sabedoria em sua caverna.

— Mas o que achou da peça, Wilde? — perguntou o Sr. Reed.

Wilde abanou a mão e fez uma careta, comunicando, com a combinação de gesto e expressão, consideravelmente mais do que seu pequeno discurso, que até Penélope achou fora do assunto, ainda que elegante. A relevância, explicou Wilde certa vez, era um hábito imprudente de que se não deveria abusar.

— Lorde Ruthven manda lembranças — disse Art.

O poeta ficou quase lisonjeado por ser tão notado. Quando começou a falar alguma coisa maravilhosamente divertida, mas desnecessária, Art inclinou-se até ele e, em voz tão baixa que apenas Penélope pôde ouvir, além de Wilde, disse:

— E ele gostaria que você tomasse mais cuidado ao visitar uma certa casa da Cleveland Street.

Wilde olhou para Art com olhos subitamente argutos e recusou-se a alongar-se no assunto. Afastou-se, acompanhando Florence, para conversar com Frank Harris, do *Fortnightly Review*. Desde sua transformação, o Sr. Harris ostentava chifres de bode que Penélope achava assustadores. Kate saltitou atrás dos passos do poeta, presumivelmente na esperança de bajular o editor o suficiente para que publicasse um artigo dela sobre o sufrágio feminino ou alguma tolice do gênero. Até um libertino devoto com a reputação do Sr. Harris iria, presumivelmente, achar Kate um peixe subnutrido demais para sua rede, e a jogaria de volta ao mar.

— O que foi que você disse para chatear Wilde assim? — perguntou o Sr. Reed, farejando uma matéria. Suas narinas sempre se contraíam quando ele pensava estar na trilha de alguma migalha que pudesse ser classificada como notícia.

— Só uma bobagem de Ruthven — explicou Art.

O colhedor de notícias olhou para Art, os olhos penetrantes. Muitos vampiros tinham olhares perfurantes. Em reuniões sociais, muitas vezes era possível vê-los numa competição de olhares, como uma luta de dois alces de chifre. O Sr. Reed perdeu a contenda e afastou-se, procurando a sobrinha excêntrica.

— Moça esperta — disse Art, indicando Kate.

— Ora — Penélope abanou a mão. — Carreiras são para moças que não conseguem arrumar um marido.

— Uau.

— Às vezes acho que não sei absolutamente nada do que está acontecendo — ela reclamou.

— Nada para preocupar sua cabecinha linda — ele disse, virando-se de frente para ela.

Art fez cócegas sob o queixo da moça, inclinou sua cabeça para cima e olhou-a nos olhos. Ela pensou que ele talvez fosse beijá-la — ali, em público,

num teatro cheio de Londres —, mas não a beijou. Ele riu e soltou-a após um instante.

— É melhor Charles perceber logo que não é seguro deixar você sozinha por aí. Ou alguém irá raptá-la e transformá-la num sacrifício virgem para a moderna Babilônia.

Ela deu uma risadinha, como lhe ensinaram fazer quando alguém dissesse algo que ela não entendesse totalmente. Nos olhos escuros de Godalming, algo brilhou. Penélope sentiu um calorzinho no peito, e imaginou até onde isso poderia levá-la.

ALVORADA DOS MORTOS

A alvorada encheu o nevoeiro de sangue. Enquanto o sol se levantava, renascidos corriam para cantos e caixões. Sozinha, Geneviève caminhava lentamente de volta ao Toynbee Hall, sem medo do escuro minguate. Como Vlad Tepes, ela era velha o bastante para não murchar ao sol, como murchavam os renascidos mais sensíveis, mas o vigor que viera com o sangue da garota quente decaía à medida que a luz se infiltrava. Ela passou por um policial quente na Commercial Street e o cumprimentou com um movimento da cabeça. Ele virou o rosto para o outro lado e continuou a ronda. A sensação que tivera antes, de que alguém longe da vista a seguia, voltou; ela deduziu que se tratava de uma ilusão mais ou menos permanente no bairro.

Nas últimas quatro noites, passara mais tempo no caso Faca de Prata do que em seu trabalho. Druitt e Morrison empreendiam jornada dupla, fazendo malabarismos com o número limitado de lugares no Hall para cuidar primeiro dos mais necessitados. Originalmente um instituto educacional, o Hall parecia agora um hospital de campanha. Destacada para uma Comissão de Segurança, ela estivera em tantas reuniões barulhentas que até agora as palavras persistiam em seus ouvidos, como a música reverbera nos ouvidos de quem se senta muito perto da orquestra.

Parou de andar e ficou em pé, escutando. Novamente, sentia-se seguida. Sua sensibilidade vampiresca fazia-lhe cócegas, e ela teve a impressão de algo em seda amarela aproximando-se em estranhos saltos silenciosos, longos braços estendidos como um sonâmbulo. Perscrutou o nevoeiro, mas nada emergiu.

Talvez tivesse absorvido uma das memórias ou fantasias da garota quente e ficaria com ela até o sangue sair de seu sistema. Isso já acontecera antes.

George Bernard Shaw e Beatrice Potter faziam discursos por toda a cidade, usando os assassinatos para chamar a atenção para as condições do East End. Nenhum socialista era *nosferatu*, e Shaw, ao menos, estivera ligado, pelo que Geneviève sabia, a uma facção republicana. Na *Pall Mall Gazette*, W. T. Stead fazia uma campanha do Faca de Prata comparável às suas cruzadas anteriores contra a escravidão branca e o vampirismo infantil. Na ausência de um acusado real, a conclusão parecia ser a de que a sociedade como um todo era culpada. Toynbee Hall, no momento, recebia doações tão generosas que Druitt propôs que seria uma boa ideia patrocinar as atividades do assassino como meio de levantar fundos. A sugestão não divertiu o sério Jack Seward.

Um pôster na parede de uma estrebaria prometia a mais recente recompensa por informações que levassem à captura do Faca de Prata. Milícias rivais de quentes e renascidos perambulavam com cassetetes e lâminas, brigando entre si e agredindo transeuntes inocentes. As prostitutas de rua agora reclamavam menos do assassino e mais da falta de clientes, detectada desde que as milícias começaram a molestar qualquer um que viesse a Whitechapel procurando por uma mulher. As prostitutas de Soho e de Covent Garden estavam fazendo ótimos negócios. E tripudiando a respeito.

Ela ouviu um gemido vindo de um beco. Seus caninos saltaram para fora como facas escondidas, assustando-a. Entrou no recanto escuro e viu um homem pressionando uma mulher de cabelo ruivo contra uma parede. Geneviève aproximou-se, pronta para prender o assassino, quando viu que o homem era um soldado vestindo um longo casaco. Com as calças caídas em volta dos tornozelos, ele apunhalava a mulher com seus quadris, não com uma faca. Ele se movia com uma velocidade desesperada, mas sem sair do lugar. A mulher, com as saias levantadas em volta da cintura como um cinto salva-vidas, estava apoiada num canto, segurando-o em pé pela cabeça, apertando seu rosto em seu ombro emplumado.

A prostituta era uma renascida bonita a quem chamavam de “Nell Ruiva”. Durante sua transformação, ela fora até o Hall, e Geneviève a ajudara, segurando-a enquanto ela esfriava e depois esquentava e novos dentes nasciam nas mandíbulas. Geneviève achava que seu nome verdadeiro era Frances Cole ou Coleman. Seu cabelo crescera muito mais grosso, fazendo um bico de viúva, quase até a altura do nariz. Pelos ruivos e rígidos de raposa cresciam nos braços nus e no dorso da mão.

Nell Ruiva lambia arranhões superficiais no pescoço de seu cliente. Ela viu Geneviève, mas pareceu não reconhecê-la, mostrando os caninos para a intrusa,

os olhos vermelhos lacrimejando sangue. Em silêncio, Geneviève virou as costas e saiu do beco. A renascida induzia o soldado com insultos, tentando fazê-lo gastar sua moeda de quatro centavos. — Vamos, seu canalha — ela dizia — termine, termine... — A mão do cliente subiu e agarrou os cabelos dela, e ele a empurrou cada vez mais forte, ofegante.

De volta à rua, Geneviève ficou parada enquanto seu canino se retraía. Ela estivera pronta para lutar. O assassino a estava deixando tão nervosa quanto as milícias.

Geneviève ouviu que o Faca de Prata era um sapateiro que usava um avental de couro, um judeu polonês realizando matanças rituais, um marinheiro malásio, um degenerado do West End, um vaqueiro português, o fantasma de Van Helsing ou Charley Peace. Era um médico, um praticante de magia negra, uma parteira, um padre. A cada boato, mais inocentes eram atirados à turba. O sargento Thick prendeu um sapateiro quente chamado Pizer para sua própria proteção, quando alguém teve a ideia de escrever “Faca de Prata” na frente de sua loja. Depois que Jago, o cruzado cristão, afirmou que o assassino podia andar à vontade pelo local do crime porque era policial, um policial vampiro, Jonas Mizen, foi arrastado até um pátio ao lado da Coke Street e empalado num pedaço de lenha. O próprio Jago fora preso, mas Lestrade disse que teriam de soltá-lo logo, já que ele tinha um álibi conveniente para o horário da morte de Mizen. O Reverendo John Jago, ao que parece, tinha álibis de sobra.

Ela passou pela porta onde Lily dormia. A criança renascida estava encolhida em retalhos de cobertor que recebera no Hall. Ela se enrolara para se proteger do sol, transformando sua pequena forma numa múmia egípcia. O braço semitransformado da garota estava pior, a asa inútil brotando do quadril até a axila. Havia um gato aninhado no rosto de Lily, com o pescoço na boca da menina. O animal estava quase morto.

Abberline e Lestrade haviam interrogado dezenas de pessoas, mas não fizeram nenhuma prisão útil. Havia sempre manifestantes rivais do lado de fora das delegacias. Médiuns, como Lee e Carnacki, tinham sido chamados. Vários detetives consultores — Martin Hewitt, Max Carados, August Van Dusen — tinham espreitado Whitechapel na esperança de descobrir alguma coisa. Até mesmo o venerável Hawkshaw voltara da aposentadoria. Mas, com o conhecido diretor em Devil’s Dyke, o entusiasmo da comunidade de detetives diminuiu bastante, e não havia nenhuma solução à vista. Um lunático chamado Cotford foi preso, espreitando por aí com o rosto pintado de preto e alegando ser um detetive “disfarçado”. Ele fora removido para o hospício Colney Hatch para ser examinado. A insanidade, disse Jack Seward, poderia ser uma doença epidêmica.

Geneviève pegou um xelim na bolsa e colocou no cobertor de Lily. A renascida murmurou em sua sonolência, mas não acordou. Quando um cabriolé passou com ruído surdo e prolongado, ela vislumbrou o perfil de um homem cochilando em seu interior, o chapéu balançando com os movimentos do veículo. Alguém voltando de uma noitada, ela pensou. Então, reconheceu o passageiro. Era Beauregard, o homem que ela notara no inquérito de Lulu Schön, o homem do Clube Diógenes. Segundo Lestrade, a presença de Beauregard indicava o interesse das altas rodas. A rainha, jovem de novo, demonstrara em público sua preocupação a respeito “desses assassinatos horripilantes”, mas nenhuma palavra fora ouvida do Príncipe Drácula, para quem, Geneviève supunha, as vidas de algumas prostitutas, vampiras ou não, valiam tanto quanto as de besouros.

O cabriolé rodou para dentro do nevoeiro. Novamente, ela sentiu que havia algo lá, observando-a, aguardando o momento de agir. A sensação passou.

Aos poucos, à medida que percebeu como era impotente para afetar o comportamento desse maníaco desconhecido, ela também sentiu o quão importante o caso se tornara. Todos começavam as discussões declarando que aquilo era mais do que a carnificina de três prostitutas. Tratava-se das “duas nações” de Disraeli, tratava-se da lamentável difusão do vampirismo entre as classes mais baixas, tratava-se do declínio da ordem pública, tratava-se do frágil equilíbrio do reino transformado. Os assassinatos eram meras faíscas, mas a Grã-Bretanha era um barril de pólvora.

Ela estava passando bastante tempo com prostitutas — como ela própria tinha sido pária por muitos anos, sentia certa afinidade por elas — e partilhava de seus medos. Esta noite, pouco antes de amanhecer, encontrara uma moça na casa da Sra. Warren, em Raven Row, e a havia sangrado, por necessidade, não prazer. Annie Quente abraçou-a com carinho e deixou que se alimentasse de sua garganta como se fosse uma ama-de-leite. Depois, Geneviève deu-lhe meia coroa. Era muito dinheiro, mas ela tinha de fazer o gesto. A única decoração do quarto de Annie Quente era uma reprodução barata de um quadro de Vlad Tepes cavalgando para a batalha. As únicas peças de mobília eram um lavatório e uma cama grande, os lençóis, de tanto serem lavados, finos como papel, o colchão com manchas marrons irregulares. Bordéis não tinham mais espelhos decorativos.

Após tantos anos, Geneviève deveria estar acostumada à vida de predadora, mas o Príncipe Consorte tinha virado tudo de pernas para o ar, e ela estava envergonhada de novo, não do que precisava fazer para prolongar sua existência, mas das coisas que os vampiros, os da linhagem de Vlad Tepes, faziam. Annie Quente tinha sido mordida várias vezes. Com o tempo, iria se transformar. Cria de ninguém, teria de encontrar o próprio caminho, e sem dúvida acabaria cheia

de pústulas como Cathy Eddowes, tão morta quanto Polly Nichols, tão animalesca quanto Nell Ruiva. A cabeça de Geneviève estava confusa por causa do gim que sua moça quente havia tomado. Por isso estava tendo alucinações. A cidade toda parecia doente.

ESTRANHOS ACESSOS DE PAIXÃO

26 de setembro.

No Hall, as manhãs são silenciosas. Whitechapel descansa entre o nascer do sol e o que costumávamos chamar de hora do almoço. Os renascidos correm para suas caixas de terra. Os quentes do local nunca foram pessoas diurnas. Deixo instruções com Morrison para que eu não seja perturbado e me isolo neste escritório, com meu suposto trabalho. Registros, digo-lhe. Não estou mentindo. Registrar é um hábito. Sempre foi, para todos nós. Jonathan Harker, Mina Harker, Van Helsing. Até Lucy, com sua letra linda e péssima ortografia, escrevia longas cartas. O Professor era rígido com documentos. A História é escrita pelos vitoriosos; Van Helsing, por meio de seu amigo Stoker, sempre teve a intenção de publicar suas descobertas. Assim como seu inimigo, ele era um construtor de impérios; um registro do tratamento bem-sucedido, cientificamente comprovado, de um caso de vampirismo no século XIX teria dado brilho à sua reputação. Desta forma, o Príncipe Consorte cuidou de apagar nossa história: meu diário foi destruído no incêndio de Purfleet, e Van Helsing é lembrado como um segundo Judas.

Na ocasião, ele não era o Príncipe Consorte, era apenas o Conde Drácula. Dignou-se a notar nossa pequena família, a nos atacar repetidas vezes até estarmos esmagados e dispersos. Tenho algumas anotações rudimentares, recortes e mementos, guardados aqui a sete chaves. Acredito que seja necessário, para minha eventual reabilitação, recriar os registros originais. Esta é a tarefa que me impus para os momentos de tranquilidade.

Quem sabe quando começou? Com a morte de Drácula? Com sua ressurreição? Com o início de seus planos colossais contra a Grã-Bretanha? As experiências terríveis de Harker, no Castelo Drácula? O naufrágio do *Demeter*, encontrado na costa com um homem morto amarrado ao leme? Ou, talvez, a primeira vez que o Conde viu Lucy? Senhorita Lucy Westenra. Um nome singular: significa luz do Ocidente. Sim, Lucy. Para mim, foi quando começou. Com Lucy Westenra. Lucy. 24 de maio de 1885. Mal posso acreditar que o Jack Seward daquela manhã, aos 29 anos e recém-indicado como supervisor do Hospício de Purfleet, já existiu de verdade. A época anterior é uma névoa dourada, fragmentos de lembranças de aventuras juvenis e livros médicos. Eu tinha, estou certo disto, uma carreira brilhante: estudei e observei; viajei; tive amigos ilustres. Então, as coisas mudaram completamente.

Acredito que só ameí Lucy *após* a recusa. Eu atingira o momento na vida em que um homem deve pensar em encontrar uma esposa; ela era apenas a mais adequada das minhas conhecidas. Fomos apresentados por Art. Arthur Holmwood, então, não ainda Lorde Godalming. No início, achei-a frívola. Tola, até. Depois de algum tempo convivendo com os loucos furiosos, a tolice pura tornou-se atraente. As convulsões de mentes complexas — ainda acredito ser um erro grosseiro afirmar que os loucos têm mentes *simples* — levaram-me a considerar ideal a perspectiva de uma moça tão franca e óbvia quanto Lucy. Naquele dia, pedi sua mão em casamento. Tinha um bisturi no bolso, por alguma razão, e acredito ter mexido nele nervosamente durante os preâmbulos. Antes que meu discurso preparado — sobre como a estimava, embora a conhecesse tão pouco — acabasse, eu já sabia que não tinha esperança. Ela começou a dar uns risinhos, então disfarçou o divertimento constrangido com lágrimas forçadas. Extraí dela a confissão de que seu coração pertencia a outro. Na hora, soube que eu havia sido preterido por Art. Ela não mencionou o nome dele, mas não havia dúvida. Mais tarde, com Quincey Morris — incrivelmente, mais uma das conquistas ingênuas de Lucy — suportei Art uma noite tagarelando sobre sua futura felicidade. O texano foi de uma decência franca e gentil, batendo nas costas de Art por ele ser o melhor e tudo isso. Com um sorriso tolo grudado no rosto, virei um copo atrás do outro do uísque de Quincey, permanecendo sóbrio enquanto os companheiros iam ficando alegremente embriagados. Lucy, por sua vez, com a intenção de tripudiar sobre Mina, fazia as malas para ir a Whitby. Lucy havia fispado o futuro Lorde Godalming, enquanto o melhor que sua amiga professorinha conseguiu foi um advogado mal preparado de Exeter.

Mergulhei no trabalho, a cura padrão para um coração magoado. Esperava que o pobre Renfield pudesse fazer meu nome. Ser o descobridor da mania zoófaga poderia distinguir-me como bom partido. É claro que, ao considerar os

méritos de futuros noivos, moças bem-nascidas ainda preferem, inexplicavelmente, um título herdado e riqueza feita sem esforço ao isolamento dos distúrbios mentais desconhecidos. Naquele verão, segui a estranha lógica da mania de Renfield à medida que ele colecionava pequenas vidas. No início, imitava a canção de ninar: alimentava aranhas com moscas, pássaros com aranhas, gatos com pássaros. Pretendia consumir a energia vital acumulada comendo o gato. Quando viu que isso seria impraticável, começou a comer qualquer coisa viva que passasse por ele. Quase morreu engasgado ao vomitar penas. Minha monografia tomava forma quando observei outra obsessão mesclada com a zoofagia, uma fixação pela deteriorada propriedade vizinha às dependências do hospício. Como sabem os turistas que agora fazem fila para visitas de um centavo, Carfax foi a primeira residência do Conde na Inglaterra. Várias vezes, Renfield escapou e correu para a Abadia, balbuciando a Vinda do Mestre, a Salvação e a Distribuição de Coisas Boas. Presumi, com alguma decepção, que ele estava desenvolvendo uma mania religiosa absolutamente corriqueira, atribuindo novamente à casa o propósito sagrado há muito abandonado. Eu estava, pela fatal primeira vez no caso, completamente equivocado. O Conde estabelecera domínio sobre o louco, que viria a ser seu instrumento. Se não fosse por Renfield, pela maldita dentada que ele deu em minha mão, as coisas poderiam ter sido diferentes. Como diz Benjamin Franklin, “um pequeno detalhe pode mudar o curso da História...”

Em Whitby, Lucy ficou doente. Não sabíamos, mas Art, por sua vez, havia sido preterido. Neste mundo de títulos, um Príncipe da Valáquia supera um lorde inglês. O Conde, trazido à terra firme pelo navio *Demeter*, fixou os olhos em Lucy e começou a transformá-la em vampira. Sem dúvida, a moça volúvel recebeu com prazer as investidas do Conde. Durante um exame, quando ela foi trazida a Londres e Art me chamou, verifiquei que seu hímen havia sido rompido. Achei Art um tremendo porco por antecipar-se aos votos do casamento. Como já tinha perambulado pelo mundo com o futuro Lorde Godalming, não tinha ilusões sobre seu respeito pela virtude da castidade. Agora consigo sentir pena do Art daquela época, tão aflito por sua moça desprezível, tão iludido quanto eu pela Luz do Ocidente, que à noite se submetia à Fera do Oriente.

É possível que Lucy realmente acreditasse amar Art. Entretanto, deve ter sido um amor muito superficial, mesmo antes da chegada do Conde. Dentre as cartas que Van Helsing compilou, havia o efusivo relato de Lucy a Mina — que fez o favor de corrigir a ortografia com tinta verde — do dia em que ela supostamente recebeu três pedidos de casamento. O terceiro foi de Quincey que, acredito, ficou passando o tabaco de mascar de um lado para outro na boca, na

sala de Westenra, constrangido pela ausência de uma escarradeira, dando a impressão de um ruminante idiota. Lucy gasta muitas palavras gabando-se com Mina e, comprimindo os fatos de uma semana em um único dia, exagera de modo considerável os acontecimentos de sua vida ociosa. Na verdade, ela está tão concentrada em celebrar o feito dos três pedidos que mal deixa espaço para mencionar, num *post scriptum* apressado, qual dos pretendentes ela se deu ao trabalho de aceitar.

Os sintomas de Lucy, agora tão conhecidos, eram espantosos. A anemia perniciosa e as mudanças físicas presentes durante a transformação sugeriam uma dúzia de doenças diferentes. As feridas na garganta foram atribuídas a tudo, desde o alfinete de um broche até a picada de uma abelha. Mandeí chamar meu antigo professor, Van Helsing, de Amsterdã; ele prontamente veio à Inglaterra e fez um diagnóstico, que passou a sonegar. Nisto, fez muito mal, embora eu admita que, há apenas três anos, dificilmente teríamos dado crédito a bobagens sobre vampiros. Seu erro grave, agora reconheço, foi a fé antiquada, quase alquímica, no folclore, espalhando réstias de alho, hóstias, crucifixos e água benta. Se eu soubesse então que o vampirismo era basicamente um estado físico, não uma condição espiritual, Lucy talvez ainda estivesse morta-viva. O próprio Conde compartilhava, e provavelmente ainda compartilha, de muitas das concepções equivocadas do Professor.

Apesar de Van Helsing, apesar das transfusões de sangue, apesar dos obstáculos religiosos, Lucy morreu. Todo mundo começou a morrer. O dissoluto pai de Art por fim sucumbiu, fazendo de seu filho um Lorde, deixando intacta uma porção surpreendente de sua fortuna. A mãe de Lucy, chocada ao deparar com um lobo no quarto, foi vitimada, o rosto roxo, por um infarto. Ela também, alterando o testamento em atitude precipitada, deixara sua propriedade para Art; o que poderia ter sido muito embaraçoso se, ofendido pelo intercuro de Lucy com o Conde, ele tivesse cancelado o noivado.

Sem dúvida Lucy esteve — por algum tempo, pelo menos — morta de verdade. Van Helsing e eu confirmamos o óbito. Agora, por mais que me doa, devo aceitar a possibilidade de que sua morte, que parece ter danificado sua mente mais do que a transformação, deveu-se não ao Conde, mas às transfusões de Van Helsing. O procedimento era notoriamente perigoso. A *Lancet* publicou uma série de artigos no ano passado sobre sangue, um assunto agora de profundo interesse à profissão médica. Um jovem especialista sugere que existem três subcategorias de sangue, sendo a transfusão possível apenas entre tipos similares. É possível que meu próprio sangue tenha sido o veneno a matá-la. Naturalmente, existem entre nós muitos que podem fazer transfusões sem preocupação com a subcategoria.

Seja qual for o motivo — e as repetidas atenções do Conde não devem ter contribuído para seu bem-estar —, Lucy morreu e foi enterrada no mausoléu dos Westenra no Cemitério de Kingstead, perto de Hampstead Heath. Lá, ela acordou em seu caixão e levantou-se como renascida, emergindo na noite como um fantasma do Teatro Drury Lane, em busca de crianças para saciar seus apetites recém-descobertos. Aprendi com Geneviève que é possível passar do estado quente ao morto-vivo sem o período intermediário da morte verdadeira. No caso dela, aparentemente, a transformação foi gradual. Vlad Tepes foi morto, enterrado e, dizem, *decapitado*, mas transformado após a morte. Os de sua linhagem tendem a morrer antes da mudança, embora isso não aconteça em todos os casos. Art, por exemplo, que eu sabia, nunca morreu. É possível que o fato da morte seja vital na definição do *tipo* de vampiro que cada um se torna. Todos mudam, mas alguns mudam mais que outros. A Lucy que voltou era muito diferente da Lucy que se foi.

Uma semana após a morte de Lucy, visitamos o túmulo durante o dia e a examinamos. Ela parecia adormecida; confesso que a achei mais linda do que nunca. A banalidade já não existia; substituída por uma aparência de crueldade, o efeito era perturbador e sensual. Mais tarde, no dia em que ela teria se casado, espiamos a renascida retornar à catacumba. Ela fez investidas sobre Art e pode tê-lo mordido de leve. Lembro-me do vermelho de sua boca, do branco de seus dentes e da força de seu corpo delgado, na mortalha delicada. Lembro-me da Lucy vampira, em vez da moça quente. Ela foi a primeira criatura do tipo que vi. Características que agora são corriqueiras — a justaposição do aparente langor com explosões de velocidade traiçoeira, o súbito alongamento dos dentes e unhas, o sibilo da sede vermelha — foram, observadas todas ao mesmo tempo, impressionantes. Às vezes vejo Lucy em Geneviève, com seu sorriso rápido e caninos afiados.

Na manhã do dia 29, nós a capturamos e a destruímos. Nós a encontramos no transe semelhante à morte que acomete os renascidos à luz do dia, a boca e o queixo ainda manchados. Art executou a ação, fincando-lhe uma estaca. Removi sua cabeça cirurgicamente. Van Helsing encheu-lhe a boca de alho. Após serrar a parte da estaca que estava para fora do corpo, fechamos com solda o caixão interno de chumbo e parafusamos rapidamente o tampo de madeira. O Príncipe Consorte exumou os restos mortais de Lucy e a enterrou novamente na Abadia de Westminster. Uma placa sobre o túmulo amaldiçoa Van Helsing como assassino e, presumivelmente graças a Art, aponta Quincey e Harker, ambos na segurança da morte, como cúmplices. Van Helsing disse-nos, “meus amigos, o primeiro passo de nosso trabalho está dado, o mais angustiante para nós. Mas

ainda resta uma missão mais importante: encontrar o autor de todo esse nosso pesar e esmagá-lo”.

PENNY BATE O PÉ

Ele acordou no início da tarde e desceu para o café da manhã — *kedgeree e café* — e para os telegramas do dia que Bairstow, seu criado, colocara sobre a mesa da sala de visitas. O único item de interesse era um telegrama anônimo com duas palavras, “IGNORE PIZER”. Ele presumiu que isso significava que o Círculo de Limehouse tinha bons motivos para acreditar que o sapateiro, preso recentemente, não tinha ligação com o Faca de Prata. Cópias de relatórios policiais e depoimentos pessoais também haviam sido entregues, por intermédio do Clube Diógenes. Beauregard deu uma olhada em tudo e não encontrou nada de novo.

O *Gazette* relatava “o assassinato e a mutilação de uma vampira perto de Gateshead, ontem”, prevendo que a nova atrocidade “reviveria, nas províncias, o horror que começava a desaparecer de Londres”. O resto era sensacionalismo — lendo nas entrelinhas, Beauregard suspeitou que a renascida fora destruída pelo marido, que resistiu à tentativa de transformar os filhos em vampiros embora o jornal tenha deixado claro que, em vez de acreditar que “o maníaco assassino de Whitechapel” tivesse ido para o Norte, era mais provável que “o assassinato de Bitley não fosse uma repetição, mas um reflexo dos crimes de Whitechapel”. Um dos resultados inevitáveis da publicidade é a disseminação da epidemia. Assim como a notícia de um suicídio costuma levar a outro, a publicação de detalhes de um assassinato costuma levar à sua repetição em outro assassinato. Ler como fazer o mal faz com que o mal seja feito. Um dos efeitos do pânico do Faca de Prata era a refutação definitiva da crença popular de que vampiros não

podiam ser mortos. Talvez fosse difícil conseguir prata, mas qualquer um poderia afiar o pé da mesa ou uma bengala e enfiar no coração de um renascido. A mulher de Bitley foi destruída com o cabo quebrado de uma vassoura.

Em outras partes do jornal havia diversos editoriais de apoio ao decreto recém-publicado pelo Príncipe Consorte contra o “vício abominável”. Enquanto o resto do mundo avançava para o século XX, a Grã-Bretanha retrocedia para um sistema de leis medieval. Quando quente, Vlad Tepes perseguia ladrões comuns com tanto rigor que, segundo dizem, era possível deixar taças de ouro ao lado dos poços públicos. Sua outra paixão atual era a de que os trens deveriam cumprir os horários; havia uma nota no *Times* sobre a nomeação de um renascido americano chamado Jones para supervisionar o amplo aperfeiçoamento do serviço. O Príncipe Consorte tinha a própria locomotiva particular, o Carpatiano Voador, e muitas vezes era retratado pela *Punch* na válvula reguladora, com um quepe grande demais na cabeça, tocando o apito e aquecendo a caldeira.

Havia rumores sobre levantes antivampiro na Índia, e sobre os métodos cruéis que Sir Francis Varney estava empregando contra os revoltosos. Enquanto o Príncipe Consorte ainda preferia o empalamento, o método de execução preferido de Varney era lançar os infratores, tanto quentes quanto mortos-vivos, em poços de fogo. Vampiros nativos entre os amotinados eram amarrados nas bocas das peças de artilharia e tinham o peito estourado por cascalhos revestidos de prata. Ao pensar na Índia, ele desviou os olhos do jornal e pousou-os na fotografia de Pamela num porta-retratos preto sobre a lareira. Ela sorria ao sol da Índia, em seu vestido branco de musselina, grávida, um instante capturado da passagem do tempo.

— A senhorita Penélope — anunciou Bairstow.

Beauregard levantou-se e cumprimentou a noiva. Penélope entrou impetuosamente na sala, separando o chapéu de seus cachos, cuidadosamente limpando uma mancha invisível no passarinho empalhado empoleirado na aba. Ela vestia algo com mangas bufantes e uma cintura apertada.

— Charles, você ainda está de roupão, e são praticamente três da tarde.

Ela beijou a bochecha dele, desaprovando o fato de seu rosto não ter sentido uma navalha nas últimas horas. Ele pediu mais café. Penélope sentou-se à mesa, ao seu lado, e colocou o chapéu sobre os jornais, distraidamente arrumando-os em uma pilha organizada. O passarinho empalhado parecia assustado ao ver-se amarrado naquela posição.

— Nem tenho certeza se é adequado você me receber nesse estado — ela disse. — Não somos casados ainda.

— Minha querida, você me deu pouco tempo para pensar em adequação.

Ela fez um ruído no fundo da garganta, mas não tentou mover o rosto. Às vezes, ela afetava inexpressividade.

— Como foi no Criterion?

— Muito agradável — disse ela, com óbvia falta de sinceridade. Os cantos da boca de Churchward inclinaram-se para baixo, o sorriso tornando-se ameaça num instante.

— Está brava comigo?

— Acho que tenho o direito de estar, querido — ela disse, com um muxoxo de razoabilidade. — A noite de ontem tinha sido programada há semanas. Você sabia que era importante.

— Minhas obrigações...

— Eu queria ter exibido você para nossos amigos, para a sociedade. Em vez disso, fui humilhada.

— Não acredito que Florence ou Art permitiriam isso.

Bairstow retornou e deixou as coisas do café — um bule de cerâmica, em vez de prata — sobre a mesa. Penélope serviu-se de uma xícara, depois colocou leite e açúcar sem fazer uma pausa nas críticas ao comportamento de Beauregard.

— Lorde Godalming foi encantador, como sempre. Não, a humilhação a que me refiro foi imposta pelo tio horrível de Kate.

— Diarmid Reed? O jornalista?

Penélope confirmou com a cabeça. — Esse vilão, exatamente. Ele teve a coragem, em público, imagine, de sugerir que você foi visto na companhia de policiais numa região sórdida, horrenda e baixa da cidade.

— Whitechapel?

Ela engoliu café quente. — É esse lugar mesmo. Que absurdo, que cruel, que...

— Receio que seja verdade. Pensei ter visto Reed. Preciso perguntar-lhe o que pensa.

— Charles!

Um pequeno músculo da garganta de Penélope pulsou. Descansou a xícara, mas deixou o dedinho dobrado.

— Não há nenhuma acusação, Penélope. Estive em Whitechapel a serviço do Clube Diógenes.

— Ah, *eles*.

— Sim, e o que interessa a eles também diz respeito, como você sabe, à rainha e seus ministros.

— Duvido que a segurança do reino e o bem-estar da rainha tenham avançado um tantinho que seja com você perambulando com gente inferior,

farejando os locais de atrocidades medonhas.

— Não posso discutir sobre minhas ordens, nem com você. Você sabe disso.

— É verdade — ela suspirou. — Charles, desculpe. É que... bem, tenho orgulho de você e pensei que merecia a oportunidade de mostrar você um pouco, deixar as invejosas olharem meu anel, para que tirassem as próprias conclusões.

Sua raiva evaporou-se, e ela se tornou, de novo, a moça afetuosa que ele cortejara. Pamela também se zangava. Ele se lembrava de Pam chicoteando um cabo do exército salafrário que fora descoberto importunando a irmã do carregador de água. No entanto, o caráter de sua raiva era diferente; estimulada por ofensas reais praticadas contra outrem, não por desatenções imaginárias dirigidas a si mesma.

— Tenho conversado com Art.

Beauregard percebeu que Penélope estava planejando algo. Ele conhecia os sintomas. Um deles era uma náusea na boca do estômago.

— É a Florence — ela disse. — A Sra. Stoker. Temos que abandoná-la.

Beauregard espantou-se.

— Como? Ela é meio chata às vezes, mas tem boas intenções. Nós a conhecemos há anos.

Ele achava que Florence era a aliada mais próxima de Penélope. De fato, a Sra. Stoker fora muito prestativa ao tramar ocasiões para que o casal ficasse sozinho e a proposta de casamento pudesse ser extraída. Quando a mãe de Penélope ficou doente em decorrência de uma febre, Florence insistiu em cuidar dela.

— É muito importante que nos distanciemos dela, abertamente. Art diz...

— Isso foi ideia de Godalming?

— Não, foi minha — ela disse, deliberadamente. — Consigo ter minhas próprias ideias, sabe? Art me contou algumas coisas sobre a Sra. Stoker...

— Pobre Bram.

— Pobre Bram! O homem é um traidor da rainha que você alega servir. Ele foi levado à força para um campo de trabalho para seu próprio bem, e pode ser executado a qualquer momento.

Beauregard já presumia isso. — Art sabe onde Bram está preso? Qual a situação dele?

Penélope abanou a mão, descartando a pergunta como irrelevante. — Mais cedo ou mais tarde, Florence deve cair também. Nem que seja só por associação.

— Dificilmente conseguiria imaginar Florence Stoker como revolucionária. O que ela poderia fazer? Organizar chás para bandos de ferozes matadores de vampiros? Distrair políticos com sorrisos afetados enquanto assassinos saem rastejando de trás de arbustos?

Penélope tentou parecer paciente — Não devemos ser vistos com as pessoas erradas, Charles. Se quisermos ter um futuro. Sou só uma mulher, mas até eu consigo entender isso.

— Penélope, o que a fez pensar em tudo isso?

— Você acha que sou incapaz de pensar em coisas sérias?

— Não...

— Você nunca considerou Pamela uma cabeça oca.

— Ah...

Ela pegou a mão de Charles e apertou. — Desculpe. Não quis dizer isso. Vamos deixar Pam fora disso.

Ele olhou para sua noiva e se perguntou se realmente a conhecia. Ela, há muito, já não usava chapéu de marinheiro e avental sobre o vestido.

— Charles, há outra possibilidade que devemos considerar. Depois do nosso casamento, devemos nos transformar.

— Transformar?

— Art fará isso por nós, se pedirmos. A linhagem é importante, e ele é um dos melhores. Ele é cria de Ruthven, não do Príncipe Consorte. Isso poderá ser de nosso interesse. Art diz que a linhagem do Príncipe Consorte está horivelmente poluída, enquanto que a de Ruthven é genuinamente pura.

No rosto de Penélope, Beauregard pôde ver a vampira que ela poderia se tornar. Suas feições pareciam acentuar-se, à medida que ela se inclinava até ele. Ela beijou-o nos lábios, calorosamente.

— Você não é mais totalmente jovem. E farei vinte anos em breve. Temos a chance de parar o relógio.

— Penélope, esta não é uma decisão a ser tomada levemente.

— Só os vampiros conseguem alguma coisa, Charles. E, entre os vampiros, os renascidos são menos favorecidos. Se não nos transformarmos agora, haverá um excesso de vampiros na nossa frente, mortos-vivos experientes encarando-nos com desprezo, como aqueles carpatianos os encaram, como os renascidos encaram os quentes.

— Não é tão simples.

— Bobagem. Art me contou como tudo é consumado. Parece um processo incrivelmente fácil. Uma troca de fluidos. Não precisa haver contato direto. O sangue pode ser decantado em copos. Pense nisso como um brinde de casamento.

— Não, existem outras considerações.

— Por exemplo...?

— Ninguém sabe tudo sobre a transformação, Penélope. Você percebeu quantos renascidos ficam deformados? Alguma coisa animalesca se apossa deles

e os molda.

Penélope riu, com escárnio. — Esses são vampiros comuns. Nós não seremos comuns.

— Penélope, talvez não tenhamos escolha.

Ela retraiu-se e levantou-se. Lágrimas brotaram em seus olhos.

— Charles, isso significa muito para mim.

Ele não tinha nada a dizer. Ela sorriu e olhou para ele de lado, fazendo bico.

— Charles?

— Sim.

Ela o abraçou, pressionando a cabeça em seu peito.

— Charles, por favor. Por favor, por favor, por favor...

A CASA DA CLEVELAND STREET

— É como nos tempos de quente, não? — disse von Klatka, seus lobos estirando as correias. — Quando lutamos contra os turcos?

Kostaki lembrou-se de suas guerras. Quando o Príncipe Drácula, um gênio em estratégia, recuou pelo Danúbio para reagrupar e repetir um ataque, deixou muitos — inclusive Kostaki — para trás, para serem retalhados pelas cimitarras curvas do sultão. Durante a última escaramuça, algo morto-vivo arrancara sua garganta e bebera seu sangue, sangrando os próprios ferimentos para dentro de sua boca. Ele acordou renascido, sob uma pilha de valáquios mortos. Tendo aprendido pouco em várias vidas, Kostaki novamente seguia o estandarte do Empalador.

— Foi uma boa luta, meu amigo — continuou von Klatka, os olhos animados.

Eles tinham vindo à Osnaburgh Street com uma carroça cheia de estacas, cada uma de dez pés de altura. Havia madeira suficiente para construir uma arca. Mackenzie, da Scotland Yard, os aguardava com seus policiais uniformizados. O policial quente batia os pés contra um frio que Kostaki não sentia há séculos. Um vapor impaciente saía de seu nariz e de sua boca.

— Saudações, inglês — disse Kostaki, batendo continência contra seu fez.

— Escocês, por favor — disse o inspetor.

— Perdoe-me. — Como sobrevivente moldávio do caos do Império Otomano que, agora, era Austro-Húngaro, Kostaki compreendia a importância de distinções entre pequenos países.

Capitão da Guarda Carpatiana, Kostaki era algo entre oficial de ligação e supervisor. Quando o Palácio ordenava, envolvia-se nos assuntos da polícia. A rainha e seu Príncipe Consorte estavam muito preocupados com lei e ordem. Na semana passada, Kostaki marchara pesadamente por Whitechapel, procurando pistas do vilão cruel a quem chamavam Faca de Prata. Agora, auxiliava uma batida num endereço infame.

Eles se enfileiraram nos dois lados da carroça: os homens de Mackenzie, a maioria renascidos, e um destacamento da Guarda Carpatiana. Esta noite demonstrariam que os decretos baixados pelo Príncipe Drácula não eram apenas perda de tempo e caprichos no pergaminho.

Quando Mackenzie apertou sua mão, Kostaki conteve-se para não empregar a força de ferro do *nosferatu*.

— Temos homens em roupas civis bloqueando as rotas de fuga — explicou o inspetor —, então a casa está completamente cercada. Entramos pela porta da frente e vasculhamos de cima a baixo, reunindo os prisioneiros na rua. Tenho os mandados comigo.

Kostaki assentiu com a cabeça.

— É um bom plano, escocês.

Mackenzie, como muitos nesta terra sombria, não tinha humor. Sem sorrir, continuou.

— Duvido que encontremos muita resistência. Esses sujeitos invertidos não têm estômago nem para um arranhão. Seu menino inglês efeminado não é conhecido pela firmeza.

Von Klatka cuspiu sangue na sarjeta e bufou: — Degenerados imundos. — Os lobos, Beserker e Albert, estavam ávidos para prender a mandíbula em volta de carne.

— De fato — concordou o policial. — Vamos acabar logo com isso.

Avançaram a pé, a carroça seguindo. O que havia de tráfego abria caminho para eles. Enquanto passavam, as pessoas tentavam liberar a rua. Kostaki ficou orgulhoso com tal reação. A reputação da Guarda Carpatiana os precedia.

Há apenas alguns anos, ele não era mais do que um cigano morto-vivo, perambulando pela Europa em ciclos de cem anos, alimentando-se de presas onde conseguia encontrá-las, retornando a cada geração ao seu castelo cada vez mais abandonado, sempre se passando por um descendente cada vez mais remoto. Agora, podia andar sossegado por uma rua de Londres sem ter de esconder o que era. Graças ao Príncipe Drácula, sua sede vermelha era saciada regularmente.

Marchavam pela Cleveland Street e Mackenzie verificava os números das casas. Procuravam o número 19. Não era muito diferente de suas vizinhas,

respeitáveis residências urbanas e escritórios de antigas firmas de advogados. Era um bairro bem iluminado, limpo, não como o East End. Kostaki cismou brevemente a respeito das geringonças de arame retorcido instaladas às chaminés, no limite de seu campo de visão, mas descartou rapidamente o assunto.

Com um ruído estridente, von Klatka desembainhou a espada. O companheiro de Kostaki era um guerreiro incansável, sempre ávido por uma batalha. Era espantoso que tivesse durado tantos séculos, desde que tinha sido quente. Mackenzie deu passagem para Kostaki subir até a porta da frente. O vampiro levantou uma das mãos protegidas por manoplas e segurou a aldrava, que se soltou com sua força. Aquele cabo idiota, Gorcha, riu discretamente sob o bigode, e Kostaki jogou a tralha frágil na sarjeta. Mackenzie prendeu a respiração, o vapor ao seu redor dissipando-se. Kostaki olhou para ele, aguardando aprovação: o policial conhecia aquelas pessoas, aquela cidade, e portanto merecia ser tratado com respeito. Ao ver o movimento da cabeça do inspetor, em assentimento, Kostaki cerrou fortemente o punho, a força do sangue aumentando. Sua mão estirou as costuras de sua luva reforçada.

Desferiu um soco no ponto sem pintura onde a aldrava estivera, arrebatando a porta. Empurrou os fragmentos lascados que sobraram, forçando com os ombros a entrada no vestíbulo. Olhou de relance em volta e imediatamente tomou pé da situação. O nanico e jovem lacaios de libré não era ameaça, mas o renascido de cabeça raspada, em mangas de camisa, iria lutar. Policiais e guardas investiram contra ele, empurrando-o para a frente, em direção à escada.

O renascido tentou reagir, mas von Klatka soltou Berserker e Albert em cima dele. Os lobos abocanharam suas pernas e, enquanto ele gritava, von Klatka o golpeou com a espada. A cabeça do vampiro soltou-se, piscando furiosamente, e aterrisou de ponta-cabeça aos pés do lacaios. Mackenzie abriu a boca para repreender von Klatka, que havia agarrado o corpo cambaleante sem cabeça e enfiado o rosto no sangue que jorrava, como se estivesse num bebedouro público. Kostaki gesticulou para o policial. Agora não era hora para desavenças.

— Santo Deus — disse um policial quente, com nojo.

Von Klatka uivou triunfo e lançou fora o cadáver gotejante. Limpou o sangue dos olhos. Seus lobos uniram-se ao barulho.

— O sangue dos renascidos é rançoso — ele disse.

Kostaki pousou a mão pesada no ombro do lacaios. Sua espinha era curvada e tinha o rosto pequeno de um garoto.

— Você — disse Kostaki — qual o seu nome?

— Or-Orlando — disse a criatura, que, Kostaki constatou, agora que estava próximo, usava pó e *rouge*.

— Orlando, guie-nos bem.

— Sim, imponente senhor — o lacaio balbuciou.

— Garoto inteligente.

Mackenzie apresentou um documento. — Tenho um mandado que nos permite revistar estas dependências, diante da suspeita de que atos indecentes e abomináveis estão sendo permitidos, por dinheiro, pelo proprietário, chamado... hum ele consultou o documento — Charles Hammond.

— O Sr. Hammond está na França, vossa excelência — disse Orlando. Esfregava as mãos e ensaiava sorrisos de insinuação. Kostaki sentiu o gosto do medo que evaporava dele.

Gorcha, urrando como um urso, irrompeu na cozinha, espalhando tudo com a espada. Houve um som de louça quebrando e uma lamúria.

— O que está acontecendo aí? — disse alguém do andar superior.

Kostaki olhou para cima e viu um renascido magro e elegante, com cabelo engomado e traje a rigor imaculado. Com ele, um rapaz de camisa de dormir manchado.

— Milorde — disse Orlando —, estes cavalheiros...

O renascido ignorou o lacaio e anunciou:

— Sou cavalição de Sua Alteza, Príncipe Albert Victor Christian Edward, herdeiro presuntivo do trono. Se esta invasão injustificável não se retirar, as consequências para os senhores serão muito desagradáveis.

— Diga-lhe que temos um mandado — disse von Klatka.

— Senhor, sou Kostaki, da Guarda Carpatiana, o regimento particular de Sua Alteza, Vlad Drácula, conhecido como Tepes, o Empalador, Príncipe Consorte da Rainha Vitória destas ilhas.

O Lorde arregalou os olhos para Kostaki, claramente horrorizado. Esses ingleses sempre ficam muito chocados quando se veem sem recurso. Pensavam que sua posição os protegeria. Kostaki chamou Gorcha de volta, separando-o das criadas da cozinha, e mandou que subisse e arrastasse o cavalição e seu garoto de aluguel.

— Revistem o local — ordenou Mackenzie. Os policiais moveram-se estrepitosamente, subindo a escada correndo, invadindo todos os quartos. A esta altura a casa era um alvoroço de gritos e protestos. Os dois lobos estavam em alguma parte, fazendo estripulias.

Dois rapazes nus, com os rostos pintados de dourado, saíram correndo de um quarto nos fundos, coroas de louros voando de suas testas. Von Klatka abriu amplamente os braços e os agarrou, pegando os dois ao mesmo tempo. Eles lutaram como peixes, e von Klatka riu diante do absurdo.

— Belos gêmeos — ele disse. — Tenho dois gêmeos.

Kostaki deixou o vestíbulo para avaliar o trabalho na rua. Tinham arrancado as pedras da pavimentação e rapidamente cavavam buracos onde as estacas seriam fincadas. Muitas varas já estavam eretas, prontas para receber os infratores. Uma pequena multidão formara-se no outro lado da rua, fofocando inutilmente entre si. Ele rosnou, rapidamente dispersando o grupo.

— Esse trabalho dá sede — disse um dos trabalhadores renascidos, fixando uma estaca dentro de um buraco.

Os capturados já estavam sendo reunidos do lado de fora da casa. Von Klatka era o encarregado, batendo nas nádegas expostas com a parte chata de sua lâmina, zombando dos invertidos. Uma janela do andar superior abriu-se e um homem gordo tentou se jogar para fora, rolos nus de carne se espremendo. Foi puxado de volta para dentro.

— Você — gritou o cavaliço, apontando para von Klatka. — Você vai pagar por esse ultraje.

Com a espada, von Klatka golpeou as pernas do cavaliço por trás, logo acima dos joelhos. A lâmina revestida de prata cortou fundo, quebrando ossos. O renascido dobrou-se de joelhos, como se rezasse; quando a dor aumentou, ele tentou mudar de forma. O rosto estirou-se num focinho sem pelos; as orelhas deslizaram para trás, abrindo-se ferozmente. A frente da camisa expandiu-se, os botões estourando, enquanto as costelas se redesenhavam. Os braços transformaram-se em patas dianteiras com unhas afiadas, mas os joelhos feridos impediram que a transformação ocorresse abaixo da cintura. Na cabeça canina, o cabelo liso esticou, revelando o couro cabeludo cor-de-rosa. O cavaliço abriu a garganta e uivou, os dentes espaçados soltos.

— Von Klatka, empale-o.

Von Klatka e Gorcha pegaram, cada um, numa pata dianteira e suspenderam o cavaliço até a altura dos ombros, as pernas penduradas, as calças ensopadas de sangue. Ele revertia à forma original. Os carpatianos depositaram Sua Senhoria na primeira estaca, pela barriga, e ele afundou nela. Suas roupas rasgaram quando foi penetrado, e uma golfada de sangue quente e merda escorreu pela vara de madeira, enquanto seu próprio peso o furava com a lança. A estaca, mal enterrada, inclinou-se e quase caiu. Gorcha e von Klatka endireitaram-na, e um trabalhador empilhou algumas pedras no buraco, até que pudesse sustentar-se sozinho.

Eles mostraram misericórdia. Se a ponta da estaca fosse arredondada em vez de afiada, a morte poderia levar até uma semana, com os órgãos da vítima deslocados, em vez de perfurados. O cavaliço morreria assim que a ponta rompesse o coração.

Kostaki olhou em volta. Mackenzie apoiava-se numa parede, regurgitando a última refeição. Ele havia feito a mesma coisa, há muito tempo, quando vira pela primeira vez o Príncipe Drácula lidar com seus inimigos do modo que lhe garantira a alcunha.

Os invertidos reunidos viram o que estava acontecendo com o cavaliário e entraram em pânico. Tiveram de ser encurralados com espadas. Vários rapazes escaparam, correndo sob as armas dos carpatianos. Kostaki não se importou com a fuga de alguns deles. O objetivo da incursão era apanhar os patrões do número 19 da Cleveland Street, não os infelizes que ali prestavam serviço. Um homem usando resquícios de vestimentas canônicas estava de joelhos, rezando alto, um mártir cristão. Um jovem de rosto pintado e ar esnobe estava em pé, braços cruzados, a nudez dourada como um manto imperial, encarando seus perseguidores.

— Que vergonha! — disse um transeunte bem vestido para sua mulher renascida aquele homem é membro do meu clube.

Mackenzie estava histérico agora, esbofeteando os invertidos, xingando-os em escocês. Um homem barbudo, numa túnica vermelha de oficial de alta patente, colocou uma pistola na mão de Mackenzie e implorou para ser morto de modo decente, com um tiro, como lhe era de direito. O policial esvaziou a arma com um tiro para o alto e jogou-a fora, cuspidando nela.

Três jovens renascidos abraçavam-se, encolhidos, tremendo em camisolas de mulher, sibilando através dos caninos delicados. Seus rostos eram lisos, seus corpos, femininos. Kostaki lembrou-se das concubinas do Príncipe Drácula.

Mackenzie controlou-se e começou a supervisionar seus homens de forma adequada. Apresentou aos cativos as sentenças de morte; já preenchidas, com apenas o espaço para os nomes em branco. Tudo tinha de ser feito legalmente.

— Imponente senhor — disse uma voz adúladora. Era Orlando. — Senhor, se posso me atrever a mencionar, há um que escapou de sua justiça. Uma pessoa importante poderá ser encontrada numa câmara interna secreta, obtendo seu prazer grosseiro com dois pobres rapazes tirados da rua.

Kostaki encarou com desprezo o laçao encurvado. Sob o pó, sua pele estava bexiguenta de doença.

— Se for conveniente, senhor, posso encontrar um jeito de ajudá-lo, senhor, na execução de seu, eu diria, dever sagrado para com Sua Alteza, o venerável Príncipe Consorte, que Deus o abençoe e guarde no palácio, senhor.

A garganta do homem quente inchou-se de sangue. Kostaki não havia satisfeito as próprias necessidades aquela noite. Agarrou Orlando pelo pescoço e exerceu pressão com o polegar.

— Fale, verme!

Ele teve de aliviar a força para permitir que o homenzinho falasse.

— Atrás da escada, imponente senhor, há uma porta secreta. E eu sou o único que sabe o segredo.

Kostaki o soltou e o empurrou para o outro lado da rua.

— Senhor, esse de quem falo é um indivíduo poderoso, imponente senhor, e duvido que até o senhor possa dominá-lo sozinho.

Kostaki destacou Gorcha e um renascido musculoso, sargento da polícia, do grupo de empalamento. Os invertidos seguintes estavam sendo erguidos em suas estacas. Os gritos de morte certamente eram ouvidos por toda a cidade. No Palácio de Buckingham, o Príncipe Drácula estaria erguendo uma taça de vinho de virgem à aplicação de seu decreto.

Orlando correu como um rato na frente e procurou a porta secreta. Kostaki conhecia o tipo: havia sempre, entre os quentes, aqueles ansiosos para servir aos mortos-vivos, exatamente como houvera valáquios servindo aos turcos.

— Lembre-se, senhor, revelei este segredo voluntariamente.

Orlando tocou uma lingueta e uma parte do painel da parede soltou-se para fora. O cheiro acobreado de sangue bafejou de dentro, junto com perfume e incenso. Kostaki foi o primeiro a atravessar a porta. O quarto onde entrou estava decorado como uma casa de veraneio; havia árvores pintadas nas paredes, folhagens de crepe penduradas no teto, folhas secas espalhadas por todo o lugar. Os restos de uma cesta de frutas estavam esmagados no piso de bambu. Havia um jovem morto, encolhido ao lado da porta, feridas escabrosas por todo o corpo nu, o rosto azulado. Ele poderia se transformar, mas Kostaki achou-o muito acabado para ser útil como vampiro.

— Aqui, imponente senhor, veja o animal no cio, saciando seus prazeres nojentos!

No centro do quarto, cercado por almofadas orientais, movia-se uma forma réptil composta de dois corpos. Debaixo de um vampiro se contorcendo havia um jovem guinchando, sangue escorrendo pelas costas. A pessoa importante usava o rapaz como um homem usa uma mulher, simultaneamente tragando grandes goles do fluxo das veias abertas. Era o Conde Vardalek, suas costas com o dobro do comprimento normal. Dentes de serpente brotavam na metade inferior de seu rosto. O queixo e os lábios estavam travados, as presas varando a carne. Os olhos verde-amarelados flutuavam, as pupilas contraídas como pontas de alfinete.

O conde olhou para cima e cuspiu veneno.

— Está vendo, senhor? — disse Orlando, com um riso forçado. — De fato uma pessoa importante, imponente senhor.

— Kostaki — disse Vardelek —, o que significa essa maldita interrupção?

Ele ainda fazia movimentos sinuosos, seu corpo acossando o corpo do rapaz como as curvas de uma serpente. Suas laterais estavam ligeiramente escamadas, e as escamas refletiam a luz, reproduzindo as cores do arco-íris.

— Capitão Kostaki — disse Gorcha, aguardando com seu pesado mosquete —, o que faremos?

— Saiam, idiotas! — gritou Vardalek.

Kostaki tomou uma decisão.

— Não pode haver exceções.

Vardalek arfou e bocejou. Saiu de cima do rapaz exausto e vestiu um roupão acolchoado, a espinha ajustando-se à medida que ele diminuía para a altura normal. Seu rosto rapidamente retomou a aparência humana. Com um toque delicado, recolocou a peruca dourada no crânio liso de suor.

— Kostaki, nós dois somos...

Kostaki deu as costas ao companheiro, ordenando:

— Levem-no para fora, com os outros.

Na rua, os olhos de von Klatka arregalaram-se ao ver o conde sendo levado à estaca.

Kostaki olhou para o céu. Em sua montanhosa terra natal, estava acostumado aos pontos brilhantes das estrelas. Ali, a luz de gás, o nevoeiro e as nuvens compactas roubavam-lhe os milhares de olhos da noite.

Gorcha e o sargento tiveram de segurar Vardalek com firmeza. Kostaki e von Klatka estavam perto do prisioneiro. Ele sorria, mas seus olhos estavam amedrontados. Não era estúpido. Sua longa vida havia terminado. Não haveria mais rapazes com aparência de gazela para o Conde Vardalek.

— Temos que fazer isso — Kostaki explicou. — Vardalek, você conhece o Príncipe Drácula. Se você fosse poupado, nós seríamos empalados.

— Camaradas, isso é absurdo.

Von Klatka oscilava de um pé a outro, como um quente idiota. Ele queria intervir, mas sabia que Kostaki estava certo. O Príncipe tinha orgulho de sua fama de cruel, mas justo. Seu próprio regimento deve ser mais rígido na obediência às suas regras do que qualquer outro.

— O que são alguns rapazes a mais, ou a menos? — disse Vardalek.

— Imponente senhor...

Kostaki levantou a mão. Um guarda segurou Orlando e o silenciou.

— Lamento profundamente — explicou.

Vardalek deu de ombros, tentando manter a dignidade. Kostaki conhecia o vampiro desde os anos 1600. Ele nunca gostara muito do húngaro arrogante, mas respeitava sua coragem e determinação. A preferência de Vardalek por rapazes

não lhe parecia assunto com que se preocupar, mas o Príncipe Drácula tinha estranhos preconceitos.

— Você precisa saber de uma coisa — disse o conde. — Aquela cadela anciã da outra noite, a criatura Dieudonné. Minha pendência com ela ainda não foi resolvida. Tomei providências para acertar as contas com ela.

— Era de se esperar.

— Encomendei a destruição dela.

Kostaki assentiu com a cabeça. A honra assim o exigia.

— Imponente senhor — lamuriou Orlando —, agora que ajudei a justiça do Príncipe Consorte, posso...

— Sua estaca será afiada, Vardalek — prometeu Kostaki. — E seu coração será colocado na ponta. O fim será rápido.

— Agradeço, capitão Kostaki.

— Numa estaca mais baixa, para que você possa olhá-lo com desprezo, mandarei empalar o verme que o traiu.

— Imponente senhor! — guinchou Orlando, a boca livrando-se da mão do guarda — Por favor, eu, senhor, eu...

Kostaki virou-se para o humano e olhou para ele com ódio. O rosto de Orlando estava contorcido e suado de pavor.

— E a estaca que cuspir as entranhas dele não será afiada.

UM MOMENTO DECISIVO

27 de setembro.

Depois de minha Lucy, Mina. Descartada a primeira cria, o Conde voltou sua atenção para a esposa de seu advogado. Acredito que ele escolheu a Sra. Harker mesmo enquanto dava atenção a Lucy. As duas mulheres estavam juntas em Whitby quando ele desembarcou em terra firme. Ele as viu como um glutão vê dois doces. Tentei recriar o registro perdido no incêndio de Purfleet e, agora, devo enfim iniciar a entrada no diário que fui impedido de fazer. Nas noites de 2 e 3 de outubro de 1885, uma grande pedra foi jogada no lago; vivemos agora com as marolas, transformadas em ondas gigantescas, daquela pancada na água.

Enquanto Van Helsing ensinava ao nosso pequeno círculo os hábitos dos vampiros comuns, o Conde seduzia Mina Harker. Assim como Lucy, ela serviria a dois objetivos: saciar sua sede e tornar-se sua cria. Desde o início, sua missão na Inglaterra foi evangelizadora; estava empenhado em transformar o maior número possível de pessoas, recrutando soldados para seu exército. Fizemos do hospício nossa fortaleza e nos reuníamos atrás de suas paredes grossas e barras de ferro, como se pudessem manter o vampiro do lado de fora. Além dos destruidores de Lucy, levamos para lá Mina e seu marido. Van Helsing decerto sabia que o Conde perseguiria a mulher e desencavou todo o aparato sagrado que fora de tão pouca utilidade no caso anterior.

O primeiro aviso da invasão do Conde veio quando um criado irrompeu para me dizer que Renfield sofrera um acidente. Fui até o quarto do lunático e o encontrei deitado sobre seu lado esquerdo, numa poça de sangue brilhante.

Quando fui movê-lo, constatei imediatamente que sofrera ferimentos terríveis; não havia nada da coesão mínima entre as partes do corpo que marca até mesmo a sanidade letárgica. Van Helsing, de camisolão e chinelos, tentou salvar a vida do paciente, mas foi em vão. Traído por seu mestre, ele delirava e espumava. Quincey e Art chegaram para atrapalhar. Enquanto o Professor preparava uma trepanação, eu tentava aplicar uma injeção de morfina. Renfield mordeu minha mão, fundo. Meses de prática arrancando cabeças de pássaros com os dentes tinham fortalecido sua mandíbula. Se eu tivesse me tratado na mesma hora, minha mão não teria ficado pior que inútil. Mas foi uma noite agitada, e quando o sol surgiu, eu já tinha fugido de Purfleet, temo que não menos louco do que o pobre morto.

Renfield, balbuciando, contou-nos sobre sua tentativa de desafiar o mestre. Ele desenvolvera uma atração pela Sra. Harker, e a raiva pelo modo como o Conde a tratava destruiu sua lealdade para com o vampiro. Sinto que havia um pouco de ciúme em sua posição, como se invejasse Drácula por tirar lentamente a vida de Mina. Ele alternava momentos de fúria maníaca e cortesia surpreendente. Quando lhe apresentei Quincey e Art, ele se recordou de ter indicado o pai de Godalming como sócio para o Clube Windham e ficou um bom tempo fazendo uma preleção a Quincey sobre a grandeza do estado do Texas, mas era sempre indiferente com Harker, com ciúme do advogado, também. Antes de qualquer um de nós, inclusive do suposto *expert* Van Helsing, Renfield diagnosticou a condição de Mina. “Ela não era a mesma” ele disse, “era como um chá agüado. Não gosto de pessoas pálidas; gosto delas com bastante sangue, e o dela parece ter acabado... Ele está tirando a vida dela”.

Mais cedo naquela noite, o Conde viera até Renfield, aparentemente numa forma incorpórea, semelhante a uma névoa. O escravo tentou sufocar o mestre, mas foi displicentemente esmagado contra a parede. “Sabemos o pior agora”, disse Van Helsing. “Ele está aqui e sabemos qual é seu objetivo. Talvez não seja tarde demais”. Com uma vida mais importante do que a de Renfield para salvar — sendo esta opinião reforçada pelo próprio paciente —, Van Helsing abandonou os planos de operá-lo. Ele nos mandou reunir as armas que usáramos contra Lucy. Nosso grupo caminhou lentamente pelo corredor em direção ao quarto de Harker, exatamente como os simpatizantes de um marido ultrajado numa farsa francesa. “Ah, a querida Madame Mina deve estar sofrendo” lamentou Van Helsing, passando seu crucifixo de uma mão a outra, como um amuleto pagão. Ele sabia que confrontar um ancião à noite, quando seus poderes estão no ápice, seria bem diferente do que emboscar uma renascida apalermada durante o dia.

Pausou diante da porta de Harker. Quincey disse, “devemos perturbá-la?” O Quincey Morris que lembro de nossa expedição à Coreia não teria demonstrado receio em entrar no meio da noite no quarto de uma jovem, embora tivesse hesitado se, como agora, soubesse que o marido estava com ela. A porta estava trancada, mas todos nós lançamos os ombros contra ela. Com um estrondo, abriu-se, e quase caímos de cabeça no quarto. O Professor de fato caiu, e eu o vi do outro lado, sobre as mãos e os joelhos, recompondo-se. Fiquei horrorizado com o que vi. Senti meu cabelo da nuca eriçar-se como os pelos de um animal.

O luar era tão forte que, atravessando a grossa cortina amarela, iluminava o quarto o bastante para que pudéssemos enxergar. Jonathan Harker estava deitado na cama ao lado da janela, o rosto ruborizado, respirando profundamente. Ajoelhada na beirada da cama estava sua mulher. Ao lado de Mina havia um homem em pé, alto, magro, vestido de preto. Seu rosto não estava de frente para nós, mas no mesmo instante reconhecemos o Conde. Com a mão esquerda segurava as duas mãos da Sra. Harker, mantendo-as afastadas do corpo, com os braços estendidos ao máximo; com a mão direita, agarrava-a pela nuca, forçando o rosto dela contra seu peito. A camisola branca da mulher estava manchada de sangue, e um fino fio escorria pelo peito desnudo do homem, que a camisa aberta mostrava. A atitude dos dois tinha a terrível semelhança com uma criança forçando o focinho de um gatinho num pires de leite, obrigando-o a beber.

Quando adentramos o quarto, o Conde virou o rosto com um olhar diabólico. Com um movimento brusco, que jogou a vítima de volta na cama como se ela tivesse sido atirada do alto, virou-se e saltou sobre nós. A esta altura o Professor já estava de pé e se atrapalhava com uma de suas hóstias. O Conde parou de repente, exatamente como Lucy fizera fora de sua tumba. Encolheu-se de medo e foi recuando cada vez mais, enquanto nós, empunhando as cruzes, avançávamos. Um virtuoso exército cristão, teríamos deixado John Jago orgulhoso. Acuamos o vampiro e poderíamos tê-lo destruído ou afugentado, mas houve uma falha em nossa performance. Diante de mim, havia evidências de que Drácula partilhava a crença de Van Helsing no poder dos símbolos sagrados para lhe causar danos, mas minha própria fé vacilou. Preferia ter uma pistola na mão, ou o facão de caça de Quincey, ou um dos meus bisturis, agora folheados de prata. Enfrentar o Conde com um ornamento de um centavo e um biscoito quebrado pareceu-me então, como me parece agora, uma completa insensatez. Quando minha dúvida aumentou, deixei cair a cruz. E quando uma grande nuvem negra passou sobre a lua, ouvi um riso terrível no escuro. Quincey pôs um fósforo no gás e a luz se acendeu. Expulsa a escuridão, o Conde surgiu em pé diante de nós, sangue pingando do corte superficial em seu peito. Eu esperava encontrar Drácula bebendo o sangue da Sra. Harker, não o contrário.

— Ora, ora — disse o Conde, calmamente abotoando a camisa e arrumando a gravata. — Dr. Seward, creio. E Lorde Godalming. Sr. Morris, do Texas. E Van Helsing. Claro, Van Helsing. É Professor ou Doutor? Parece que ninguém tem certeza.

Fiquei surpreso por ele nos conhecer, mas naturalmente obtive informações de várias fontes: Harker, Renfield, Lucy, Mina. Esperava que sua voz tivesse o sotaque áspero de um Átila, ignorante do inglês. Mas ele falou de maneira culta, quase correta. De fato, seu domínio de nossa língua certamente excedia em muito o de Abraham Van Helsing ou Quincey P. Morris, para citar apenas dois.

— Vocês pensam em malograr meus planos, vocês, com suas caras pálidas enfileiradas, como ovelhas no abatedouro. Não se arrepender, cada um de vocês. As garotas que vocês amam já são minhas; e por meio delas vocês, e outros, serão meus. Minhas criaturas, para cumprirem minhas ordens e serem meus chacais quando eu quiser me alimentar.

Van Helsing, com um urro de fúria, avançou sobre o Conde com a hóstia, mas Drácula moveu-se com incrível rapidez para o lado, fazendo o Professor cair novamente. Ele riu mais uma vez, uma risada vinda da garganta. Fiquei paralisado, minha mão pulsando como se coberta de escorpiões. Art tampouco se moveu. Aquela mútua ausência de ação explica o fato de estarmos vivos, por assim dizer, três anos depois.

Quincey, sempre agindo antes de pensar, precipitou-se sobre Drácula e o apunhalou no coração. Ouvi o facão de caça perfurar-lhe como se penetrasse em cortiça. Quando o Conde cambaleou para trás, contra a parede, Quincey deu um grito de vitória. Mas a lâmina era apenas aço, não madeira, que teria trespassado o coração, nem prata, que o teria envenenado. O vampiro tirou a faca do peito como se a tirasse da bainha. O talho permaneceu em sua camisa, mas fechou-se em sua carne. Quincey disse, “bem, vá para o inferno”, quando Drácula se aproximou. O Conde devolveu o facão a Quincey, enfiando-o na concavidade da garganta e sugando brevemente o ferimento produzido.

Nosso amigo valente estava morto.

Em seguida, o Conde pegou o inconsciente Harker com a mesma facilidade com que pegaria um bebê. Mina estava a seu lado, os olhos vidrados como se estivesse drogada, sangue no queixo e no peito. Drácula beijou a testa do advogado, deixando uma marca de sangue.

— Ele era meu hóspede — explicou o vampiro —, mas abusou da hospitalidade.

Olhou para Mina, como se lhe falasse em pensamento. Ela sibilou para ele, surpreendentemente como a renascida Lucy, dando profana aprovação às intenções de Drácula. Ela se transformava rapidamente. Com um breve estalo,

ele quebrou o pescoço de Harker em suas mãos imensas. Inseriu a unha do polegar na veia pulsante do pescoço de Harker e ofereceu-o à esposa. Mina, jogando o cabelo para o lado com as duas mãos, inclinou-se e começou a engolir avidamente o sangue.

Ajudei o Professor a levantar-se. Ele tremia de raiva, seu rosto vermelho de sangue, espuma em volta da boca. Parecia um dos loucos da outra ala da casa.

— Agora — disse o Conde —, deixem-me e sejam meus.

Art já se retirara do quarto. Eu o segui, arrastando Van Helsing comigo. Ele resmungava baixinho. A Sra. Harker largou o corpo inerte do marido no tapete e ele rolou de encontro à cama, os olhos abertos, fixos. Do corredor, vimos Drácula puxar Mina para si e apertar o rosto contra a garganta dela, as mãos com unhas grossas rasgando a camisola e puxando o longo emaranhado de seus cabelos.

— Não — disse Van Helsing —, não!

Foi preciso toda a minha força, e a de Art também, para conter o cientista. Desviamos o olhar da alimentação de Drácula, mas Van Helsing estava horrorizado. O que via no quarto de Harker era uma afronta pessoal.

Um homem de pijama listrado sujo de lama irrompeu do vão da escada para o corredor, arrastando uma mulher magra pelo cabelo, agitando uma navalha aberta. Era Louis Bauer, o Estrangulador da Praça Pimlico. Seguiu-se uma multidão de outros, bamboleando. Alguém cantava um hino religioso com voz áspera, mas pura, acompanhado de ganidos animais. Uma figura arqueada abriu caminho até a frente da multidão. Era Renfield, deformado onde estava quebrado, seu rosto e testa uma massa sangrenta.

— Mestre — ele guinchou —, eu me penitencio...

A onda de corpos arrastava Renfield. Ele deveria estar morto, mas a insanidade pode manter em pé pessoas com os ferimentos mais terríveis, nem que seja pelo período de um único surto. Ele libertara os internados. Renfield caiu de joelhos e foi pisoteado por seus companheiros loucos. Bauer chutou sua espinha já quebrada, acabando com ele, definitivamente. Havia um incêndio em algum lugar do prédio. E gritos terríveis, tanto de pacientes enlouquecidos quanto de funcionários que enfrentavam o impacto de sua fúria.

Virei-me para procurar por Art, e ele tinha desaparecido. Não o vi mais, desde então. Com meu braço bom em volta de Van Helsing, afastei-me da multidão. O Conde, terminado o assunto com Mina, surgiu do quarto de Harker e silenciou os internados com um olhar, da mesma forma que, supostamente, conseguia domar lobos e outras criaturas selvagens.

Esforcei-me para puxar Van Helsing, conduzindo-o à escada dos fundos, por onde Art deve ter saído. Ele resistia, ainda murmurando sobre hóstias sagradas e

sanguessugas mortas-vivas. Outro homem poderia tê-lo deixado lá, mas eu era impulsionado por uma força que chegara tarde demais. Por minha causa, Lucy fora destruída duas vezes, Quincey e Harker estavam mortos e Mina era escrava do Conde. Até Renfield estava em minha consciência: ele fora confiado aos meus cuidados, e eu o usara numa experiência, assim como ele usara suas aranhas e insetos. Agarrava-me a Van Helsing como se ele pudesse ser minha salvação, como se resgatá-lo fosse compensar pelos outros.

Mina estava ao lado do Conde agora, já em plenos espasmos da transformação. O processo, pelo que sei, é variável em seu período de incubação. Com a Sra. Harker, foi rápido. Foi difícil reconhecer naquela renascida lasciva, sua roupa de dormir retalhada sobre o voluptuoso corpo branco, a professorinha empertigada e eficaz das classes médias baixas que eu conhecera há pouco mais de um dia.

Com um súbito choque de força, dominei o Professor. Ele se acalmou, e cheguei à escada com ele. Eu corria como se estivéssemos sendo perseguidos, mas ninguém nos seguia. Art deve ter pego um dos cavalos do estábulo e certamente deixara de passar o ferrolho na porta, pois havia vários animais perambulando livres no gramado. O incêndio já explodia as janelas do pavimento inferior do Hospício de Purfleet. Sentia o gosto de fumaça no ar. Como loucos fugitivos, corremos para a floresta, evitando o vulto negro decrépito da Abadia de Carfax. Tínhamos sido completamente derrotados. O país inteiro prostrava-se diante de Conde Drácula, pronto para ser sangrado.

Ficamos na floresta por dias e noites. A mente e o coração de Van Helsing estavam esgotados, e minha mão era uma clava inchada de dor. Encontramos um buraco de certa forma protegido contra as intempéries e ficamos lá, assustando-nos com qualquer barulho. Até durante o dia tínhamos medo de nos movimentar. A fome tornou-se um problema. A certa altura, Van Helsing tentou comer terra. Se eu dormia, era perseguido por sonhos com Lucy.

Fomos encontrados menos de uma semana depois. Mina Harker os conduzia, vestindo calças e uma velha jaqueta minha de *tweed*, o cabelo preso sob um boné. O pequeno grupo de renascidos era formado por pacientes e um servente transformados. Tinham se organizado em grupos de busca, cumprindo as ordens do Conde, enquanto ele mudava seu quartel-general de Purfleet para Picadilly. Agarraram Van Helsing e o amarraram, atirando-o sobre um cavalo para ser transportado de volta à Abadia. O que foi feito dele é conhecido demais para relatar, e doloroso demais para se pensar.

Deixaram-me com Mina. Sua transformação não a afetara da mesma forma que afetara sua amiga. Enquanto Lucy tornara-se mais sensual, mais voluntariosa, Mina estava mais severa, mais resoluta. Ela aceitou sua condição

de uma das rejeitadas de Drácula e considerou seu novo estado uma libertação. Em vida, havia sido mais forte que o marido, mais forte que a maioria dos homens. Como morta-viva, era ainda mais forte.

— Lorde Godalming está conosco — ela me disse.

Achei que pretendia me matar sumariamente, como fizera com o marido. Ou então me transformar no que era. Levantei-me, a mão inchada e suja no bolso, esperando enfrentar com dignidade o que sucedesse. Busquei em minha mente as últimas palavras apropriadas. Ela aproximou-se de mim, sorriso interpondo-se entre as bochechas, dentes afiados brancos e duros ao luar. Quase tranquilizado, puxei meu colarinho, deixando o ar da noite bater em minha garganta.

— Não, doutor — ela disse, e foi embora caminhando na escuridão, deixando-me sozinho na floresta. Puxei violentamente minhas roupas, com ímpeto de rasgá-las, e chorei.

PRATA

Do lado de fora de um *pub* na esquina da Wardour Street, duas prostitutas renascidas ofereciam-se discretamente. Beauregard reconheceu o protetor delas, o *dacoit* de Limehouse, as tatuagens cobertas por um longo casaco de veludo. Onde quer que fosse na cidade, no mundo, jamais conseguia escapar das teias do povo das sombras. O *dacoit* não demonstrou tê-lo reconhecido quando ele passou, mas, de alguma forma, as moças sabiam que não deviam importuná-lo.

O endereço era na D'Arblay Street, uma loja discreta entre um marceneiro e um joalheiro. O marceneiro tinha uma coleção de caixões, desde caixas simples de tábuas até itens com esplêndido acabamento, dignos de um sarcófago de faraó. Um casal de renascidos deslumbrava-se com um caixão particularmente requintado, grande o bastante para uma família e vistoso o bastante para intimidar e calar de inveja a esposa provinciana de um conselheiro municipal. A outra loja exibia um conjunto de joias e anéis em forma de morcegos, crânios, olhos, escaravelhos, punhais, cabeças de lobos ou aranhas; bugigangas preferidas pelos renascidos de estilo gótico. Alguns os chamavam de *murgatroyds*, uma referência à família de *Ruddigore*, a ópera do Savoy do ano passado que, com muito êxito, satirizou o tipo.

Os moradores de Soho eram mais excêntricos do que seus primos desesperados de Whitechapel. Os *murgatroyds* preocupavam-se principalmente com enfeites. Muitas mulheres que surgiam quando o sol se punha eram estrangeiras; francesas ou espanholas, até mesmo chinesas. Gostavam de vestidos semelhantes a mortalhas, véus grossos de renda, unhas e lábios

vermelhos, cabelos até a cintura, cacheados, negros e brilhantes. Os homens seguiam a moda ditada por Lorde Ruthven: calças em tecido xadrez, cintura alta, atrevidamente apertadas; punhos georgianos frouxos; camisas franzidas na frente, vermelhas ou pretas; penteados cheios de fitas, com mechas brancas artificiais. Muitos vampiros, especialmente os anciãos, encaravam os renascidos que se esgueiravam pelas sombras dos cemitérios em capas de morcego e mitenes pretas da mesma forma que um cavalheiro de Edimburgo talvez olhasse um americano com um único avô escocês que vestisse *kilt* e cinto xadrez, iniciasse cada frase com citações de Burns ou Scott e fingisse gostar de gaita de foles e *haggis*.

— *Basingstoke* — murmurou Beauregard, evocando a palavra mágica que, na ópera, supostamente tinha o poder de transformar o murgatroyd mais sombrio e melancólico num suburbano humilde e medíocre.

Ele caminhou até o estabelecimento de Fox Malleson e entrou. A loja estava vazia, todos os balcões e estantes desmontados, o vidro da janela, coberto de tinta verde. Um vampiro robusto estava sentado, eternamente vigilante, à porta que conduzia às oficinas. Ele apresentou seu cartão ao renascido, que se levantou por um instante e abriu a porta, autorizando, com um movimento da cabeça, a entrada de Beauregard. O cômodo atrás da porta estava cheio de caixas de chá, dentro das quais, em meio a muita palha, havia um sortimento de pacotes com prataria: bules de chá e café, aparelhos de jantar, taças de críquete, jarras de creme; amontoados numa bandeja, os remanescentes de anéis e colares, joias prezadas e destruídas. Um anel pesado chamou-lhe a atenção, o centro oco cinzelado como uma órbita de olho vazia. Imaginou se Fox Malleson estaria em sociedade com o joalheiro vizinho.

— Sr. B, seja bem-vindo — disse o homem baixo e velho que surgiu por detrás de uma cortina. Gregory Fox Malleson tinha tantos queixos que parecia não haver nada entre a boca e o colarinho além de rolos de gelatina. Tinha uma aparência gentil e amável e usava um avental sujo, protetores de seda preta sobre as mangas e óculos protetores de lentes verdes erguidos na testa.

— É sempre um prazer receber um dos cavalheiros do Clube Diógenes.

Ele era quente. Como prateiro, não poderia ser diferente. Os renascidos do lado de fora não se atreviam a entrar nas oficinas de Fox Malleson. As partículas de prata no ar poderiam penetrar-lhes os pulmões e condená-los a uma morte lenta.

— Acho que ficará satisfeito com o que fizemos para o senhor. Venha, por aqui...

Afastou uma cortina para o lado e levou Beauregard às salas de trabalho. Uma camada de carvão quente queimava continuamente numa forja, com

cadinhos de prata líquida por cima. Um aprendiz desajeitado derretia uma corrente, introduzindo-a elo a elo num dos cadinhos.

— Está difícil conseguir matéria-prima hoje em dia, com todas as novas regras e regulamentos. Mas nós conseguimos de qualquer jeito, Sr. B, ah, conseguimos. Do nosso jeito.

Balas de prata esfriavam sobre uma bancada, como bolinhos na bandeja de um padeiro.

— Uma encomenda do Palácio — disse Fox Malleson, com orgulho. Pegou uma bala entre o indicador e o polegar. Todas as almofadas de seus dedos tinham calos duros de queimadura. — Para a Guarda Carpatiana do Príncipe Consorte.

Beauregard imaginou como os soldados *nosferatus* carregavam as armas. Ou tinham assistentes quentes, ou usavam luvas grossas de couro.

— Na verdade, a prata não é muito adequada para balas. É muito macia. O efeito é melhor com o núcleo de chumbo. Eles chamam de jaquetas de prata. Explodem no ferimento. Isso aniquila qualquer um, morto-vivo ou não. Muito desagradável.

— Uma arma cara, com certeza? — perguntou.

— De fato, é muito cara, Sr. Beauregard. O design é de Reid. Cavalheiro americano, Reid diz que balas têm que ser caras. Para lembrar que a vida é uma moeda que não se deve gastar à toa.

— Um pensamento admirável. Surpreendente que venha de um americano.

Fox Malleson era considerado o melhor prateiro de Londres. Por um período, sua profissão tinha sido declarada completamente ilegal, e ele fora preso em Pentonville. Mas a conveniência prevaleceu. O poder é baseado, no fundo, na capacidade de matar; portanto, os meios para matar devem estar disponíveis, mesmo que para um grupo restrito.

— Veja o acabamento — disse Fox Malleson, erguendo um crucifixo. Mesmo sem as pedrarias, a arte do entalhe era evidente na figura de Cristo. — Pode-se ver o sofrimento nas linhas dos membros.

Beauregard examinou a peça. Alguns realmente temiam a cruz — inclusive o Príncipe Consorte, aparentemente —, mas a maioria dos vampiros era indiferente a artefatos religiosos. Alguns murgatroyds faziam questão de exibir sua imunidade usando crucifixos de marfim como brincos.

— Tolice católica, é claro — disse Fox Malleson, com uma ponta de tristeza. Passou o crucifixo ao aprendiz, para o cadinho. — Mesmo assim, sinto falta do trabalho artístico, às vezes. Balas e lâminas são muito boas, mas têm apenas função. Não se fala na forma.

Beauregard ficou indeciso. As séries de balas, como fileiras de soldados com capacetes pontudos, eram objetos brilhantes e agradáveis.

— É por isso que uma encomenda como a sua é um grande prazer, Sr. Beauregard. Um grande prazer.

Fox Malleson pegou um pacote fino de uma prateleira. Estava embrulhado num pano grosso e amarrado com um barbante. O prateiro manuseou a espada como se ela fosse Excalibur, e ele, o cavaleiro encarregado de protegê-la até o retorno do Rei Artur.

— Gostaria de examiná-la?

Beauregard soltou o barbante e deslizou o pano. Sua bengala-espada fora polida e o acabamento, perfeito. A madeira brilhava, preta, com matiz vermelho.

— É ótimo ver um trabalho assim, Sr. Beauregard. O fabricante original era um artista.

Beauregard apertou a lingueta e retirou a espada. Deitou a bainha de madeira e ergueu a lâmina, girando o pulso para que ela refletisse a luz vermelha das brasas. A espada cintilou, brilhou e oscilou.

O peso estava inalterado, o equilíbrio, perfeito. Era leve como um taco de críquete, mas um movimento rápido do pulso seria traduzido num talho poderoso. Beauregard cortou o ar, sorrindo ao sibilo.

— Linda — comentou.

— Ah, sim, Sr. B, linda. Como uma bela dama, linda e afiada.

Beauregard colocou o polegar na parte chata e fria da lâmina e sentiu a suavidade.

— Peço-lhe um favor — disse o prateiro. — Não a use para cortar língua.

Beauregard riu.

— Tem minha palavra, Fox Malleson.

Pegou a bengala e, com um clique, colocou a espada folheada a prata no estojo de madeira. Sentir-se-ia mais seguro em Whitechapel, sabendo que poderia se defender de qualquer um.

— Agora, Sr. B, o senhor tem que assinar o Livro dos Venenos.

SR. VAMPIRO

— Venha rápido, senhorita Dê — disse Rebecca Kosminski. — É a Lily. Está adoentada.

Rebecca, a vampirinha confiante, conduziu Geneviève pelas ruas, para longe do Hall. Estava cumprindo sua missão com meticulosa diligência. Enquanto caminhavam, Geneviève perguntou-lhe sobre ela e sua família. A menina relutava em dar respostas que inspirassem pena. A pequena renascida já tinha espírito independente. Vestia-se como uma adulta em miniatura e não respondia quando lhe perguntavam sobre suas bonecas favoritas. Ela se desenvolvera além da infância de seu corpo. A pergunta mais cruel que se poderia fazer a Rebecca era “o que você gostaria de ser se pudesse crescer?”

No Minories, Geneviève percebeu novamente que era seguida a distância. Nas últimas noites, quase sempre estivera semiconsciente de algo um pouco além do alcance da mente. Algo em amarelo que saltava.

— Você é muito velha, senhorita Dê? — perguntou Rebecca.

— Sim. Dezesseis anos quente, e quatrocentos e cinquenta e seis nas trevas.

— Você é anciã?

— Suponho que sim. Meu primeiro baile foi em 1429.

— Eu vou ser anciã?

Era improvável. Poucos vampiros vivem tanto quanto viveriam se não se transformassem. Se Rebecca durasse até seu primeiro século, muito provavelmente viveria vários outros. Muito provavelmente.

— Se eu me tornar anciã, espero ser assim como você.

— Cuidado com o que deseja, Rebecca.

Chegaram à ponte da linha férrea, e Geneviève viu um grupo de mulheres e homens sob os arcos. A coisa fora de alcance parou também, ela pensou. Tinha a impressão de algo verdadeiramente velho, mas não verdadeiramente morto.

— Aqui, senhorita Dê.

Rebecca pegou a mão de Geneviève e conduziu-a até o grupo. O centro das atenções era Cathy Eddowes, sentada no chão de pedra com a cabeça de Lily no colo. Nenhuma das renascidas parecia bem. Cathy estava mais magra do que algumas noites atrás. A erupção cutânea já lhe tomara as bochechas e a testa. A echarpe em volta da cabeça não escondia a extensão das manchas. Os curiosos deram passagem a Geneviève, e Cathy sorriu para ela. Lily estava numa espécie de convulsão, apenas o branco dos olhos aparecendo.

— Ela quase engoliu a língua, coitadinha — disse Cathy. — Tive que enfiar o dedão lá dentro.

— O que a Lily tem? — perguntou Rebecca.

Geneviève pôs a mão em Lily e sentiu-a tremendo. Os ossos moviam-se sob a pele, como se o esqueleto tentasse assumir uma nova forma, deformando a carne.

— Não sei — admitiu Geneviève. — Ela está tentando mudar de forma e não é muito boa nisso.

— Eu gostaria de mudar minha forma, senhorita Dê. Eu poderia ser um pássaro ou um grande felino...

Geneviève olhou para Rebecca e deixou a renascida olhar para Lily. Rebecca entendeu.

— Acho que devo esperar até ficar mais velha.

— Não se esqueça disso, Rebecca.

Um murgatroyd do West End transformara Lily, por diversão. Geneviève decidiu encontrar esse renascido e conscientizá-lo da responsabilidade por sua filha-das-trevas. Se não lhe desse atenção, ela poderia feri-lo o bastante para convencê-lo a nunca mais ser perdulário com o Beijo Negro. Então disse a si mesma, “Cuidado” Estava começando a soar como o Velho Testamento.

O braço de Lily ainda estava gravemente afetado. Era uma asa de morcego completa agora, atrofiada e morta, a membrana esticada entre espinhas ossudas. Uma mãozinha inútil brotava num nódulo das costelas.

— Ela nunca vai voar — disse Geneviève.

— O que vamos fazer? — perguntou Cathy.

— Vou levá-la ao Hall. Talvez o Dr. Seward tenha algum tratamento.

— Não há esperança, né?

— Sempre há esperança, Cathy. Não importa o quanto você sofra. Você deve ir ao médico também. Já lhe falei.

Cathy encolheu-se de medo. Tinha mais medo de médico e de hospital do que da polícia e da cadeia.

— Caramba! — alguém exclamou. — Por Deus, o que é aquilo?

Geneviève virou-se para olhar. Quase toda a multidão sumira no nevoeiro. Ela estava sozinha com Cathy, Lily e Rebecca. Algo se aproximava, emergindo da escuridão.

Ela confrontaria, enfim, a coisa que a vinha perseguindo. Em pé, olhou em volta. O arco da linha férrea tinha aproximadamente vinte pés de altura, um vagão totalmente carregado conseguiria passar. A coisa vinha pelo mesmo caminho por onde ela viera, de Aldgate. Geneviève primeiro ouviu algo como a batida lenta de um tambor. A coisa oscilava como uma bola de borracha, mas com uma vagarosidade anormal, como se o nevoeiro fosse denso como água. A silhueta tornou-se visível. Era alta e usava um chapéu franjado. O traje amarelo era uma túnica comprida, mangas enormes pendendo de braços estendidos. Ele fora um chinês, muito tempo atrás. Ainda usava sapatilhas nos pés pequenos.

Rebecca fitou a coisa vampiresca.

— Aquilo é um ancião — disse Geneviève.

A coisa continuava a lançar-se para a frente, como se tivesse molas nos calcanhares. Geneviève conseguiu ver um rosto de múmia egípcia, com o acréscimo de caninos semelhantes a presas de elefante e bigodes compridos. A figura sentou-se a algumas jardas de distância e deixou penderem os braços, as mãos com garras-facas soltas. O chinês, o vampiro mais velho que Geneviève já tinha visto, certamente ganhara as rugas ao longo de incontáveis séculos.

— O que quer comigo? — ela perguntou, primeiro em mandarim, depois em cantonês.

Ela passara doze anos viajando pela China, mas isso tinha sido há cento e cinquenta anos. Esquecera quase todas as línguas.

— Cathy — disse ela —, leve Rebecca e Lily ao Hall. Entendeu?

— Sim, senhora — disse a renascida. Ela estava aterrorizada.

— Agora, por favor.

Cathy levantou-se, carregando Lily no ombro, e segurou a mão de Rebecca. As três sumiram a passos rápidos pelo arco, contornando rapidamente a Estação da Fenchurch Street, em direção a Aldgate e Spitalfields.

Geneviève olhou para o velho vampiro. Voltou para o inglês. Os anciãos, a certa altura, superavam a necessidade de falar, lendo o que queriam diretamente na mente alheia.

— Bem... estamos a sós agora.

A coisa saltou e aterrissou imediatamente na frente dela, encarando-a, mãos em seus ombros. Músculos ziguezagueavam como minhocas sob o couro fino de seu rosto. Os olhos estavam fechados, mas a criatura enxergava.

Geneviève cerrou um punho e esmurrou o coração do vampiro. O soco deveria ter atravessado as costelas; em vez disso, ela sentiu como se sua mão tivesse golpeado uma gárgula de granito. Havia linhagens estranhas na China. Ignorando a dor, ela livrou-se parcialmente do quase abraço do vampiro e levantou a perna, pressionando e empurrando o calcanhar no estômago do chinês, usando sua solidez para lançar-se para longe. Suas mãos abriram-se como molas quando ela aterrissou no chão de pedras, do outro lado da ponte. Agachou-se no círculo de luz de um poste, como se ele oferecesse proteção. Agora, o tornozelo lhe doía também. Levantou-se num salto e olhou para trás. O vampiro chinês desaparecera. Ou ele não tencionava feri-la realmente, ou gostava de brincar com sua presa. Ela sabia qual a alternativa mais provável.

POSANDO

Lorde Ruthven estava em pé num tablado, uma das mãos firmemente em punho no peito cheio de babados extravagantes, a outra descansando sobre uma imponente pilha de livros. Godalming notou que o Carlyle do primeiro-ministro ainda não tivera as páginas cortadas. Ruthven vestia um manto preto com alamares no colarinho e nos bolsos. Uma cartola de abas onduladas assentava-se em sua cabeça; no rosto, um vazio pensativo. O retrato se chamaria O Grande Homem, ou algum outro título imponente. Lorde Ruthven, o Vampiro Estadista.

Godalming posara várias vezes para pintores; fora tomado de urgentes necessidades de se coçar, piscar ou se mexer. Ruthven tinha a capacidade singular de ficar imóvel a tarde toda, com a paciência de um lagarto numa pedra, esperando uma migalha arrastar-se ao alcance da língua ligeira.

— É uma pena não podermos usufruir os milagres da fotografia — declarou, aparentemente sem mover os lábios. Godalming já tinha visto tentativas de fotografar vampiros. A revelação saía borrada, as pessoas aparecendo, quando apareciam, em silhuetas indistintas, com feições cadavéricas. As leis que afetavam espelhos de algum modo prejudicavam o processo fotográfico.

— Mas somente um pintor pode captar o homem interior — disse Ruthven. — O gênio humano será sempre superior a truques mecânicos e químicos.

O artista à mão era Basil Hallward, o retratista da sociedade. Com destreza, esboçou uma série de estudos, uma preliminar da pintura em tamanho natural. Embora mais badalado do que talentoso, Hallward tinha seus momentos. Até Whistler concedera algumas palavras amáveis sobre seus primeiros trabalhos.

— Godalming, o que você sabe sobre a história do Faca de Prata? — Ruthven perguntou, de repente.

— Os assassinatos em Whitechapel? Três até agora, eu creio.

— Ótimo, você está acompanhando o caso. Excelente.

— Apenas dou uma olhada nos jornais.

Hallward liberou o primeiro-ministro e Ruthven saiu correndo de seu lugar, ansioso para ver os esboços, que o pintor apertou contra o coração.

— Ora, só uma espiada, por favor — sorriu Ruthven, exercendo um charme considerável. Às vezes, era um sujeito bem brincalhão.

Hallward mostrou-lhe o bloco de desenhos e Ruthven virou as páginas com o polegar, manifestando aprovação.

— Muito bons, Hallward — comentou. — Creio, realmente, que você me captou. Godalming, olhe aqui, veja esta expressão. Não sou eu?

Godalming concordou com Ruthven. O primeiro-ministro estava encantado.

— Você é renascido há muito pouco tempo para ter esquecido o próprio rosto, Godalming — disse Ruthven, os dedos na própria bochecha. — Quando eu mal esfriara, como você, jurei que isso nunca aconteceria. Ah, as resoluções da juventude. Perdidas, perdidas, perdidas!

Da filosofia, Ruthven mudou para as ciências naturais.

— Na verdade, não é que os vampiros não tenham reflexo. Apenas o reflexo não reflete, invariavelmente, por assim dizer, o que existe aqui no mundo.

Godalming, como todo renascido, olhara fixamente para o espelho de barbear por algumas horas, intrigado. Alguns desapareciam completamente, enquanto outros viam roupas aparentemente vazias. A imagem de Godalming era um contorno preto, como as fotografias que Ruthven mencionara. Todos consideravam a questão dos espelhos o mistério mais impenetrável dos mortos-vivos.

— De qualquer modo, Godalming... o Faca de Prata? Assassino brutal. Ele ataca somente nossa espécie, não? Corta gargantas e apunhala corações?

— É o que dizem.

— Um destemido matador de vampiros, como seu velho aliado Van Helsing? O rosto de Godalming ardeu; se ainda conseguia corar, estava corando.

— Desculpe — disse o primeiro-ministro, com evidente sinceridade. — Não tive a intenção de levantar o assunto. Deve ser doloroso para você.

— As coisas mudaram, senhor.

Ruthven abanou a mão. — Você perdeu sua noiva para esse Van Helsing. Como sofreu nas mãos dele até mais do que o Príncipe Drácula, foi perdoado e absolvido por sua ignorância.

Godalming lembrou-se das marteladas que dera na estaca, e de Lucy morrendo, sibilando e cuspiendo sangue. Uma morte que não precisaria ter ocorrido. Lucy teria sido uma das principais damas da corte; como Wilhelmina Harker, ou as amantes carpatianas do Príncipe Consorte. Ele a teria perdido, de qualquer modo.

— Você tem motivos para amaldiçoar a memória do holandês. Por essa razão, quero que represente meus interesses na questão do Faca de Prata.

— Não entendo o que quer dizer.

Ruthven estava de volta ao tablado, exatamente na posição anterior. Os dedos rápidos de Hallward preenchem os detalhes de um grande esboço.

— O Palácio se interessou pelo caso. Nossa querida rainha está muito aflita. Recebi uma mensagem pessoal de Vicky. “Esse assassino certamente não é inglês”, ela deduz, “e, se for, certamente não é um cavalheiro”. Muito astuta.

— Whitechapel é um notório ninho de estrangeiros, senhor. A rainha pode estar certa.

Ruthven sorriu, com ironia. — Bobagem, Godalming. Todos nós gostaríamos de acreditar que um inglês é incapaz de condutas monstruosas, mas não é este o caso. Sir Francis Varney, afinal de contas, é inglês. A questão é que nosso assassino é muito meticoloso em suas experiências cirúrgicas noturnas.

— O senhor acha que ele é médico?

— Essa hipótese não é nova. Mas isso não é importante. O que importa é que ele é um matador de vampiros. Um lunático homicida, quase com certeza, mas também um matador de vampiros. Como a situação é delicada, ele caminha no fio da navalha com o público. Não importa o quanto o desaprovem e o chamem de “monstro”, existe outra opinião, uma opinião que considera Faca da Prata um herói fora da lei, um Robin Hood da sarjeta.

— É óbvio que nenhum inglês poderia acreditar nisso!

— Já se esqueceu de como era ser quente, Godalming? De como se sentia quando acompanhava Van Helsing ao Cemitério de Kingstead com estacas e martelos?

Godalming compreendeu.

— A melhor coisa seria, e não desejo isto de modo algum, se nosso louco usasse sua faca de prata em alguma prostituta quente, demonstrando uma insanidade mais generalizada. Qualquer simpatia que porventura exista por ele haveria de se evaporar com um passo assim.

— De fato, senhor.

— Mas nem este louvado gabinete me dá poderes sobre a mente de assassinos loucos. Uma pena.

— O que quer que eu faça?

— Uma investigação casual, Godalming. Estamos muito atrasados. Muitas partes interessadas já estão atrás de nosso homem. Os carpatianos estão frequentando inquéritos e perambulando em lugares repulsivos. E um amigo seu, Charles Beauregard, está agindo em nome de nossos outros serviços secretos.

— Beauregard? Ele é um burocrata...

— Ele é membro do Clube Diógenes, e o Clube Diógenes é reconhecido.

Encontrando uma pequena dobra do lábio presa entre os dentes, Godalming mordeu-a, engolindo o breve amargor do próprio sangue. Aquilo estava se tornando um hábito.

— Beauregard tem corrido para lá e para cá, misteriosamente. Tenho visto a noiva dele de vez em quando. Ela está irritada com sua negligência.

Ruthven riu. — Você continua o devasso de sempre, Godalming?

— Não, absolutamente — mentiu Godalming.

— De qualquer forma, observe Beauregard. Não sei nada sobre ele além das informações básicas; o que sugere que é uma pequena ferramenta reluzente que o almirante Messervy e sua tripulação querem guardar só para eles.

Godalming não conseguia imaginar que Beauregard sequer soubesse onde ficava Whitechapel. Mas ele estivera na Índia. Godalming ouvira sugestões estranhas de Penélope, sugestões que agora formavam um quadro instável de um homem muito diferente da companhia tediosa das reuniões após o anoitecer de Florence Stoker.

— De qualquer forma, estamos aguardando Sir Charles Warren dentro de meia hora. Vou ter uma conversa séria com ele e convencê-lo da importância de uma rápida e feliz conclusão desse assunto. Depois, pretendo deixar o comissário por sua conta.

Godalming ficou silenciosamente orgulhoso. Um renascido inteligente poderia promover-se ao prestar tal serviço ao primeiro-ministro.

— Godalming, esta é uma oportunidade para você apagar para sempre o ponto de interrogação ao lado de seu nome. Traga-nos o Faca de Prata e será como se nunca tivesse conhecido Abraham Van Helsing. Poucos têm a chance de mudar o passado.

— Obrigado, primeiro-ministro.

— E lembre-se, nossos interesses são singulares. Se o assassino for preso, isso será bom e justo. Mas o aspecto mais importante do caso está muito longe do destino de um punhado de prostitutas evisceradas. Quando tudo terminar, o assassino deve ser vilipendiado, não reverenciado.

— Acho que não estou entendendo.

— Deixe-me ilustrar. No Novo México, dez anos atrás, um renascido se descontrolou e começou a matar indiscriminadamente. Um homem quente,

Patrick Garrett, carregou uma escopeta com dezesseis dólares de prata e salpicou o coração dele com fragmentos afiados como navalhas. O renascido era Henry Antrim, ou William Bonney, um sanguessuga cretino que mereceu o destino que teve. Logo depois, começaram a circular histórias. Romances baratos exploraram sua juventude e seu apelo romântico. Agora ele é chamado de Billy the Kid. Billy Sangue. Os assassinatos sórdidos e os crimes patéticos foram esquecidos e o oeste americano tem um semideus vampiro vagando pelas montanhas. Você pode ler na imprensa barata como ele resgatou belas donzelas e foi recompensado por elas com favores concedidos voluntariamente, como defendeu agricultores contra reis do gado, como se tornou assassino para se vingar da morte de seu pai-das-trevas. É tudo um disparate, Godalming, tudo mentira, para vender jornais. Billy Bonney era tão vil que bebia o sangue do próprio cavalo, mas agora é um herói. Isso não vai acontecer neste caso. Quando o Faca de Prata for fincado na estaca, quero um louco morto, não uma lenda imortal.

Godalming compreendeu.

— Warren e os outros querem apenas acabar com o Faca de Prata no ano de 1888. Eu quero que você garanta que ele vai ser destruído para sempre.

NOVA GRUB STREET

Setembro estava quase no fim. Era a manhã do dia 28. Faca de Prata não havia matado desde Lulu Schön, no dia 17. É claro que Whitechapel estava tão cheia de policiais e repórteres que o assassino certamente tinha sido tomado pela timidez. A menos que ele fosse policial ou repórter, conforme alguns haviam especulado.

Com a chegada do sol, as ruas estavam quase vazias. O nevoeiro dissipara-se, oferecendo-lhe uma visão fria e nítida do local que se tornara seu segundo lar. Beauregard teve de admitir que não gostava muito do lugar, de dia ou à noite. Após mais um turno infrutífero com detetives ressentidos, estava exausto. A impressão dos profissionais era de que as pistas estavam esfriando rápido. O louco talvez tivesse sucumbido à própria loucura e se matado com a própria faca. Ou talvez tivesse apenas tomado um vapor para a América, ou para a Austrália. Em breve, haveria vampiros no mundo inteiro.

— Talvez tenha apenas parado — sugeriu o sargento Thick. — Às vezes eles fazem isso. Ele pode passar o resto da vida segurando o riso toda vez que se aproximar de um tira. Talvez o prazer dele não esteja na faca, talvez queira ter um segredo só dele.

A hipótese não pareceu plausível a Beauregard. Pelas autópsias, ele acreditava que o prazer do Faca de Prata era retalhar vampiras. Embora as vítimas não fossem violentadas da forma convencional, era óbvio que os crimes tinham conotação sexual. Reservadamente, o Dr. Phillips, cirurgião da Divisão H da Polícia, especulava que o assassino talvez praticasse o pecado do onanismo

no local dos crimes. Quase tudo ligado a este caso era completamente repulsivo para pessoas decentes.

— Sr. Beauregard — uma voz feminina interrompeu seus pensamentos. — Charles?

Uma pessoa jovem, de gorro preto e óculos escuros, atravessou a rua para conversar com ele. Embora não estivesse chovendo, ela carregava um guarda-chuva preto, sombreando o rosto. Com o vento, o guarda-chuva inclinou-se para trás, balançando a sombra.

— Ora, é a senhorita Reed — exclamou Beauregard, surpreso. — Kate?

A garota sorriu por ter sido reconhecida.

— O que a traz a este lugar repulsivo?

— Jornalismo, Charles. Lembre-se, eu escrevo.

— Claro. Sua matéria no *Our Comer* sobre as consequências da greve das garotas da fábrica de fósforos foi exemplar. Radical, claro, mas extremamente bela.

— Esta é provavelmente a primeira e última vez que a expressão “extremamente bela” será usada em relação a mim, mas agradeço o elogio.

— Você se subestima, senhorita Reed.

— Talvez — ela ponderou, antes de prosseguir com seu trabalho. — Estou procurando tio Diarmid. Você o viu?

Beauregard sabia que o tio de Kate era um dos chefes da Agência Central de Notícias. A polícia o tinha em alta conta, considerando-o um dos poucos jornalistas escrupulosos no circuito do crime.

— Não recentemente. Ele está aqui? Preparando uma reportagem?

— A reportagem. Faca de Prata.

Kate estava inquieta, segurando firme uma pasta masculina de documentos que parecia ter valor sagrado. O guarda-chuva era muito grande, e ela não conseguia manuseá-lo com facilidade.

— Há algo diferente em você, senhorita Reed. Talvez tenha mudado o penteado?

— Não, Sr. Beauregard.

— Estranho. Eu juraria...

— Talvez não tenha me visto desde que me transformei.

Ele percebeu de imediato que ela era *nosferatu*.

— Perdão.

Ela deu de ombros.

— Tudo bem. Muitas garotas estão se transformando. Meu... como eles chamam?... pai-das-trevas tem muitas crias. É o Sr. Frank Harris, o editor.

— Já ouvi falar nele. É amigo de Florence Stoker, não?

— Era, eu acho.

O patrão de Kate, famoso por promover pessoas e depois romper com elas, era um devasso notório. Kate era uma jovem direta; Beauregard entendia por que ela poderia ter atraído Frank Harris, o editor.

Ela certamente tinha alguma missão importante para se aventurar a sair de dia, mesmo com toda a proteção contra o sol, tão pouco tempo após a transformação.

— Há uma cafeteria aqui perto onde os repórteres se reúnem. Não é um local apropriado para uma jovem desacompanhada, mas...

— Então, Sr. Beauregard, você precisa me acompanhar, pois tenho algo que tio Diarmid precisa ver imediatamente. Espero que não me ache ousada, ou insolente. Eu não pediria se não fosse importante.

Kate Reed sempre fora pálida e magra. A transformação, na verdade, fazia sua pele parecer mais saudável. Beauregard sentiu a determinação da moça, e não estava inclinado a resistir.

— Muito bem, senhorita Reed. Por aqui...

— Me chame de Kate, Charles.

— Claro. Kate.

— Como vai Penny? Não a vejo faz tempo...

— Receio que eu também não. Acredito que ela esteja meio de mau humor.

— Não é a primeira vez.

Beauregard franziu o cenho.

— Oh, desculpe, Charles. Não quis dizer isso. Às vezes consigo ser uma terrível pateta.

Ela o fez sorrir.

— Aqui — ele disse.

O Café de Paris ficava na Commercial Street, próximo à delegacia de polícia. Estabelecimento que servia tortas, peixes e bules de chá, antigamente atendendo aos carregadores do mercado e policiais, estava agora cheio de homens de bigodes encaracolados e ternos xadrez, discutindo sobre manchetes e rodapés. A razão do sucesso do lugar com a imprensa era que o proprietário instalara um dos novos aparelhos telefônicos. Por um centavo, os repórteres podiam fazer ligações para o escritório central e até ditar matérias pelo fio.

— Bem-vinda ao futuro — ele disse, abrindo a porta para Kate.

Ela entendeu o que ele quis dizer.

— Oh, que maravilha!

Um americano baixinho e inflamado, num amarrotado terno branco e chapéu de palha da década passada, segurava o bocal e o receptor do aparelho, vociferando com um editor invisível.

— Estou lhe dizendo — gritava ele, alto o suficiente para tornar desnecessário o milagre da ciência moderna —, tenho uma dúzia de testemunhas que juram que o Faca de Prata é um lobisomem.

O homem do outro lado da linha gritou, dando ao exasperado repórter uma chance para respirar.

— Anthony — ele disse —, isto é notícia. Trabalhamos para um jornal, somos pagos para publicar notícias!

O repórter brigou com o aparelho, desligando a chamada, e passou-o ao próximo da fila, um renascido assustado.

— Agora é você, LeQueux — disse o americano. — Espero que sua teoria sobre o autômato a vapor fora de controle seja mais convincente.

LeQueux, que Beauregard já lera no *Globe*, sacudiu o telefone e começou a sussurrar com a telefonista.

Um pequeno grupo de moleques brincava com bolinhas de gude num canto, enquanto Diarmid Reed era cortejado por seus admiradores, ao lado de uma lareira aberta. Tragava um charuto enquanto fazia uma preleção a um círculo de trabalhadores da Grub Street.

— Uma matéria é como uma mulher, rapazes — disse ele. — Você pode ir atrás dela e pegá-la, mas não pode forçá-la a ficar mais tempo do que ela quer. Às vezes, tudo o que você quer é um lanchinho rápido e, quando vê, ela subiu a aposta.

Beauregard tossiu para chamar a atenção de Reed, para que ele não se constrangesse diante da sobrinha. Reed olhou para eles e deu um sorriso largo.

— Katie — ele disse, sem um pinga de arrependimento pela metáfora indecente. — Venha tomar chá. E, Beauregard, certo? Onde encontrou minha sobrinha das trevas? Em nenhuma das casas dessas redondezas, espero. Sua pobre mãe sempre dizia que ela seria a ruína da família.

— Tio, é importante.

Ele pareceu bondosamente cético. — Assim como a matéria sobre o sufrágio feminino era importante?

— Tio, concorde o senhor ou não com meus pontos de vista nessa questão, deve admitir que uma multidão de mulheres em passeata, incluindo algumas das mais notáveis e inteligentes do país, é notícia. Especialmente quando o primeiro-ministro responde com o envio de carpatianos.

— É isso aí, garota! — disse o homem de chapéu de palha.

Kate entregou o guarda-chuva a Beauregard e desafivelou a pasta de documentos. Pôs um papel sobre a mesa, entre canecas de chá e cinzeiros.

— Isto chegou ontem. Lembre que, como castigo, o senhor me mandou abrir cartas.

Reed examinava o documento com atenção. A caligrafia em vermelho era comprida e fina.

— Você trouxe isto direto para mim?

— Procurei o senhor a noite inteira.

— Eis uma boa vampirinha — disse um jornalista renascido de camisa listrada e bigode pontudo.

— Cale a boca, D’Onston — disse Reed. — Minha sobrinha bebe tinta de tipógrafo, não sangue. Ela tem notícia nas veias, onde você tem água morna.

— O que é isso? — perguntou LeQueux, interrompendo sua conexão telefônica para acompanhar os acontecimentos.

Reed ignorou a pergunta. Encontrou um centavo no bolso do paletó e chamou um dos moleques.

— Ned, vá até a delegacia e encontre alguém acima do posto de sargento. Você sabe o que isso significa.

A expressão no rosto do menino perspicaz sugeriu que ele sabia tudo sobre as variedades e os hábitos dos policiais.

— Diga-lhes que a Agência Central de Notícias recebeu uma carta de alguém alegando ser o Faca de Prata. Diga apenas estas palavras, exatamente.

— “Alargando” ser?

— Alegando ser.

O Mercúrio descalço agarrou no ar a moeda arremessada e saiu, apressado.

— Digo a vocês — começou ele —, as crianças como Ned herdarão a Terra. O século XX será além da nossa imaginação.

Ninguém queria ouvir teorias sociais. Todos queriam ver a carta.

— Cuidado — disse Beauregard. — Acredito que isso seja uma prova.

— Bem lembrado. Para trás, rapazes. Abram espaço.

Reed segurou a carta com cuidado, relendo-a.

— Uma coisa é certa — disse ele, quando terminou. — É o fim do apelido Faca de Prata.

— O quê? — perguntou LeQueux.

— “Perdoem-me pelo nome comercial”, diz o *post scriptum*.

— Nome comercial? — perguntou D’Onstan.

— “Jack, o Estripador”. Ele assina “Atenciosamente, Jack, o Estripador”.

D’Onstan sussurrou o nome, girando-o na boca. Outros juntaram-se ao coro. O Estripador. Jack, o Estripador. Jack. O Estripador. Beauregard sentiu um calafrio.

Kate estava satisfeita e olhou para baixo, com modéstia.

— Beauregard, por favor?

Reed entregou-lhe a carta, suscitando resmungos de inveja dos jornalistas rivais.

— Leia em voz alta — sugeriu o americano. Sentindo uma ponta de timidez, Beauregard tentou recitar.

— “Caro Chefe” — começava a carta. — A letra é apressada e pontiaguda, mas sugere educação, um homem acostumado a escrever.

— Corte o editorial — disse LeQueux leia a carta diretamente para nós.

— “Ouço o tempo todo dizerem que a polícia vai me pegar, mas não vai. Não vão me prender ainda. Eu dou risada quando eles se acham inteligentes e dizem estar na pista certa..”.

— Rapaz inteligente — disse D’Onstan. — Pegou Lestrade e Abberline no pulo.

Todos lhe pediram silêncio.

— “Esse lance de Faca de Prata de fato me entusiasma. Estou indo pra cima das sanguessugas e só vou parar de estripá-las quando eu realmente enjoar. Magnífico, o último serviço. Não dei nem tempo para a moça guinchar. Como podem me pegar agora? Adoro meu trabalho e quero começar de novo. Em breve terão notícias minhas com meus joguinhos engraçados”.

— Que perversão sórdida — balbuciou D’Onstan. Beauregard teve de concordar.

— “Guardei um pouco do sangue numa garrafa de cerveja, depois do último serviço, para usar como tinteiro para escrever, mas ele ficou espesso como cola e não consigo usar. Espero que tinta vermelha sirva. Ha ha. No próximo serviço, vou cortar as orelhas da moça e mandar para a polícia, só por diversão. Vocês não fariam o mesmo?”

— Vocês não fariam o mesmo? Que é isso, uma piada?

— O homem é um comediante — disse LeQueux. — Um novo Grimaldi.

— “Guardem esta carta até eu trabalhar um pouquinho mais, depois divulguem tudo”.

— Parece meu editor — disse o americano.

— “Minha faca de prata está tão boa e afiada que quero voltar ao trabalho imediatamente, se tiver oportunidade. Boa sorte”. E, como disse Reed, “Atenciosamente, Jack, o Estripador. Perdoem-me pelo nome comercial”. Há outro *post scriptum*. “Não foi bom postar esta carta antes de tirar toda a tinta vermelha das minhas mãos, maldição. Ainda não consegui limpar. Agora dizem que sou médico, ha ha”.

— Ha ha — disse um velho zangado, do jornal *Star*. — Maldito ha ha. Eu ia dar um ha ha nele, se estivesse aqui.

— Como vamos saber se ele não é médico? — disse D’Onstan, girando os olhos e esfregando o bigode como um vilão de melodrama.

Ned voltou, com Lestrade e mais dois policiais bufando como se o próprio assassino, e não meramente uma mensagem dele, estivesse no Café de Paris.

Beauregard entregou a carta ao inspetor. Enquanto lia, os lábios formando as palavras, os jornalistas discutiam.

— Isso não passa de um embuste — alguém disse. — Algum palhaço nos dando trabalho.

— Eu acho que é verdadeira — opinou Kate. — Há algo de horripilante que me parece autêntico. Todos esses gracejos falsos. A perversidade respinga para fora da página. Quando abri a carta pela primeira vez, mesmo antes de ler, tive uma sensação profunda de maldade, de solidão, de determinação.

— Seja o que for — disse o americano —, é notícia. Não podem nos impedir de publicar isso.

Lestrade levantou a mão, como se tivesse uma objeção, mas baixou-a sem dizer nada.

— Jack, o Estripador, hein — disse Reed. — Nós mesmos não teríamos feito escolha melhor. O velho apelido Faca de Prata estava se desgastando. Agora, temos um nome adequado para o patife.

IN MEMORIAM

29 de setembro.

Hoje fui ao Cemitério de Kingstead para depositar minha coroa de flores anual. Lírios, claro. Faz três anos que Lucy foi destruída. O túmulo traz a data de sua primeira morte, e apenas eu — ou assim pensava — me lembro da data da expedição de Van Helsing. É pouco provável, afinal, que o Príncipe Consorte faça deste dia um feriado nacional.

Quando saí da floresta, há pouco menos de três anos, encontrei o país se transformando. Durante meses, enquanto o Conde ascendia à sua atual posição, esperei sempre ser destruído. Com certeza, o invasor que se deleitava tanto com a ruína pública de Van Helsing iria, cedo ou tarde, mostrar as garras e me estraçalhar. Por fim, à medida que o medo diminuía, dando lugar a uma palpitação sombria, deduzi que me perdera no meio das multidões fervilhantes que tanto atraíam nosso novo mestre. Ou talvez, por sua famosa crueldade diabólica, ele tenha decidido que me deixar viver seria uma vingança mais apropriada. Afinal, não represento uma ameaça ao Príncipe Consorte. Desde então, a vida tem sido como um sonho, uma sombra noturna do que deveria ter sido...

Ainda sonho com Lucy, demais. Seus lábios, sua tez pálida, seu cabelo, seus olhos. Muitas vezes, os sonhos com Lucy foram os responsáveis por minhas poluções noturnas. Beijos molhados e sonhos molhados...

Optei por trabalhar em Whitechapel por ser a região mais feia da cidade. As superficialidades que, segundo alguns, tornam o governo de Drácula tolerável

estão se dissipando. Com prostitutas vampiras uivando por sangue em cada esquina e homens embriagados ou mortos encardindo as ruas estreitas, pode-se ver a face verdadeira e carcomida do que foi feito. É difícil manter o controle entre tantas sanguessugas, mas minha vocação é forte. Um dia fui médico, especialista em doenças mentais. Agora, sou um matador de vampiros. Meu dever é arrancar o coração corrompido da cidade.

Estou sentindo o efeito da morfina. Minha dor regride e a visão torna-se mais aguçada. Esta noite, enxergarei além das trevas. Retalharei a cortina e encararei a verdade.

O nevoeiro que cobre Londres no outono está mais denso. Tomei conhecimento de que todos os tipos de pragas urbanas — ratos, cães selvagens, gatos — proliferam. Em alguns bairros da cidade, houve até o ressurgimento de doenças medievais. É como se o Príncipe Consorte fosse um cano de esgoto borbulhante, vomitando sujeira de onde se encontra, rindo com o riso do lobo enquanto a doença se espalha por todo o seu domínio. O nevoeiro significa que há menos distinção entre dia e noite. Em Whitechapel, em muitos dias o sol realmente não brilha. Já vimos muitos renascidos quase enlouquecerem durante o dia, a luz turva queimando seus cérebros.

Hoje o dia estava excepcionalmente claro. Passei a manhã cuidando de queimaduras severas com aplicações abundantes de unguentos. Geneviève faz preleções para os casos mais graves, explicando que eles levarão anos para criar resistência à luz direta do sol. É difícil lembrar o que Geneviève é; mas, em alguns momentos, quando a raiva faísca em seus olhos, ou quando, inconscientemente, seus lábios se retraem por conta dos dentes afiados, a ilusão de humanidade se desfaz.

O resto da cidade está mais tranquilo, mas não muito melhor. Parei no Spaniards para comer uma torta de porco e tomar uma caneca de cerveja. Lá do alto, olhando Londres como um anfiteatro enevoadado, a superfície perfurada aqui e ali por um prédio mais alto, eu esperava ser possível imaginar as coisas como eram. Sentei-me do lado de fora, com cachecol e luvas contra o frio, e beberiquei a cerveja, pensando em várias coisas. Na penumbra da tarde, renascidos da elite desfilavam em Hampstead Heath, rostos pálidos, olhos vermelhos brilhantes. É muito chique seguir as modas lançadas pela rainha, e o vampirismo — apesar da resistência de vários anos — agora tornou-se aceitável. Garotas de boina, bonitas e arrumadas, os dentes como punhais de marfim engenhosamente escondidos atrás de leques japoneses, andam em bandos em Heath, nas tardes sem sol, segurando alto as pesadas sombrinhas pretas. Lucy teria se tornado uma delas, se não tivéssemos acabado com ela. Eu as vi conversando como ratos bem vestidos,

beijando crianças e mal disfarçando sua sede. Não há muita diferença entre elas e as meretrizes sugadoras de sangue de Whitechapel.

Deixei minha caneca inacabada e fui caminhando até o Cemitério de Kingstead, cabisbaixo, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. Os portões estavam abertos, sem ninguém. Como morrer saiu de moda, os cemitérios caíram em desuso. As igrejas estão abandonadas, também, embora a corte tenha arcebispos obedientes, desesperadamente conciliando anglicanismo e vampirismo. Quando vivo, o Príncipe Consorte matava em nome da fé. Ele ainda se considera cristão. O casamento real do ano passado foi de uma ostentação eclesiástica que teria encantado Pusey ou Keble.

Entrando no cemitério, não consegui evitar o retorno da lembrança, tão aguda e dolorosa como se tivesse ocorrido na semana passada. Disse a mim mesmo que tínhamos destruído uma coisa, não a garota que eu amava. Ao cortar seu pescoço, descobri minha vocação. Minha mão dói demais. Tenho tentado controlar o uso da morfina. Sei que deveria procurar um tratamento adequado, mas acho que preciso da dor. Ela me traz determinação.

Durante as transformações, os renascidos começaram a abrir os túmulos de parentes mortos, na esperança de que retornassem à vida como vampiros. Tive de andar com cuidado para desviar dos buracos fundos deixados no chão por essas tentativas frustradas. O nevoeiro era ralo ali em cima, um véu de musselina.

Fiquei um tanto chocado ao ver uma figura ao lado do túmulo dos Westenra. Uma jovem esbelta, num casaco com gola de pelo de macaco, chapéu de palha com uma faixa vermelha sobre o cabelo preso. Ao ouvir minha aproximação, virou-se. Vi o brilho vermelho dos olhos. Com a luz atrás dela, poderia ter sido Lucy de volta. Meu coração bateu mais forte.

— Senhor? — disse ela, assustada com minha interrupção. — Quem é?

A voz era irlandesa, inculta, leve. Não era Lucy. Não tirei o chapéu, mas a cumprimentei com um movimento da cabeça. Havia algo familiar na renascida.

— Ora — ela disse —, é o Dr. Seward, do Toynbee.

Um raio tardio de sol atravessou a névoa como uma lança, e a vampira encolheu-se. Vi seu rosto.

— Kelly, não é?

— Marie Jeanette, senhor — disse ela, recompondo-se, lembrando-se de sorrir com afetação, de insinuar-se. — Veio prestar uma homenagem?

Confirmei com um movimento da cabeça e deposei a coroa de flores. Ela já colocara a sua à porta do túmulo, um ramalhete de um centavo, agora ofuscado pelo meu tributo de doze.

— O senhor conhecia a jovem senhorita?

— Conhecia.

— Ela era uma beleza — Kelly disse. — Linda.

Não pude conceber nenhuma relação, em vida, entre Lucy e aquela meretriz de ossos largos. Ela é mais viçosa que a maioria, mas apenas mais uma prostituta. Como Nichols, Chapman e Schön...

— Ela me transformou — explicou Kelly. — Me encontrou em Heath uma noite, quando eu voltava a pé da casa de um cavalheiro, e me deu uma nova vida.

Olhei para Kelly com mais atenção. Se era cria de Lucy, confirmava a teoria que eu ouvira, de que a prole dos vampiros passa a se parecer com os pais-das-trevas. Definitivamente, havia algo da delicadeza de Lucy em sua boquinha vermelha e seus dentinhos brancos.

— Sou cria dela, assim como ela era cria do Príncipe Consorte. Isso me torna quase parte da realeza. A rainha é minha tia-das-trevas.

Deu uma risadinha. Minha mão no bolso estava em chamas, um punho cerrado no centro de uma esfera de dor. Kelly chegou tão perto que pude sentir o sopro de seu hálito podre sob o perfume, e passou a mão na gola de meu casaco.

— Esse material é bom, senhor.

Ela beijou meu pescoço, rápida como uma serpente, e meu coração se contraiu. Mesmo agora, não consigo explicar ou desculpar os sentimentos que se apoderaram de mim.

— Posso transformá-lo, senhor quente, torná-lo parte da realeza...

Meu corpo enrijeceu-se quando ela se moveu na minha direção, avançando com os lábios, as mãos deslizando pelos meus ombros, minhas costas.

Balancei a cabeça.

— Como queira, senhor.

Ela se afastou. Sangue pulsava em minhas têmporas, meu coração batia rápido como um campeão de corrida. A presença daquela coisa me repugnava. Se estivesse com meu bisturi no bolso, teria arrancado seu coração. Mas havia outras emoções. Ela se parecia muito com a Lucy dos meus sonhos. Tentei falar, mas apenas resmunguei. Kelly entendeu. Devia ter experiência. A sanguessuga virou-se e sorriu, aproximando-se de mim novamente.

— Quer outra coisa, senhor.

Assenti com a cabeça e, devagar, ela começou a afrouxar minhas roupas. Tirou minha mão do bolso e deu uns beijinhos na ferida. Delicadamente, esfregou a língua até retirar a casca, lambendo com arrepios de prazer. Tremendo, olhei em volta.

— Não seremos incomodados aqui, doutor...

— Jack — balbuciei.

— Jack — ela disse, satisfeita com o som. — Bonito nome.

Levantou as saias acima das meias finas e prendeu-as em volta da cintura, acomodando-se no chão, posicionando-se para me receber. Seu rosto era exatamente igual ao de Lucy. Exatamente. Olhei para ela por um longo instante, ouvindo o convite de Lucy. Fiquei dolorosamente intumescido. Finalmente, foi demais para mim e, muito excitado, lancei-me sobre a vagabunda, abrindo minhas roupas, e penetrando-a de forma limpa. À sombra do túmulo de Lucy, estive no cio com a criatura, lágrimas em meus olhos, um terrível ardor por dentro. Sua carne era fria e branca. Ela me incentivou com palavras lisonjeiras até eu terminar, ajudando-me quase como uma mãe ajuda o filho que está amamentando. Depois, pegou-me com a boca molhada e — com um cuidado delicado e torturante — sangrou-me levemente. Foi mais estranho que morfina, um gosto de morte multicolorida. Concluído em segundos, o ato de comunhão vampiresca pareceu estender-se por horas. Quase desejei que minha vida se exaurisse junto com meu sêmen.

Enquanto me abotoava, ela desviou o olhar, quase com modéstia. Senti o poder que agora exercia sobre mim, o poder do fascínio que um vampiro exerce sobre sua vítima. Ofereci dinheiro, mas meu sangue fora o suficiente. Ela me olhou com ternura, quase pena, antes de partir. Se ao menos tivesse meu bisturi.

Antes desta anotação em meu diário, conversei com Geneviève e Druitt. Eles vão assumir o turno da noite. Tornamo-nos um hospital extraoficial e quero que Geneviève — que, embora sem qualificação formal, é uma excelente clínica geral — fique aqui enquanto estou fora. Ela está particularmente preocupada com a filha dos Mylett, Lily. Temo que Lily não passe deste final de semana.

A viagem de volta de Kingstead é um borrão. Lembro-me de estar sentado num ônibus, relaxando com o movimento do veículo, minha visão focando e desfocando. Na Coreia, Quincey me fizera, a título de experiência, fumar um cachimbo de ópio. Era uma sensação parecida, mas muito mais sensual. Toda mulher que eu via, de crianças loiras saltitantes a enfermeiras idosas, eu desejava, de uma forma vaga e inespecífica. Acho que estava muito esgotado para agir de acordo com meus desejos, mas mesmo assim eles me atormentavam, como formiguinhas vorazes rastejando em minha pele.

Agora estou tenso, nervoso. A morfina me ajudou, mas não muito. Muito tempo se passou desde minha última libertação. Whitechapel tornou-se perigoso. Há pessoas bisbilhotando por lá o tempo todo, vendo o Faca de Prata em cada esquina. O bisturi está sobre a mesa, a prata brilhando. Afiado como um sussurro. Dizem que sou louco. Não entendem meu objetivo.

Ao retornar de Kingstead, em meio à minha névoa mental, admiti algo a mim mesmo. Quando sonho com Lucy, não é com a mulher quente que eu amava.

Sonho com Lucy como vampira.
É quase meia-noite. Preciso sair.

ADEUS, PASSARINHO AMARELO

O diretor a encarregara do turno da noite, o que deixou Montague Druitt de mau humor. Quando Geneviève quis ficar junto a Lily, Druitt fez um comentário sobre a inconveniência, indicando, de modo nada sutil, que ela deveria delegar a autoridade geral, se quisesse se dedicar àquele caso específico. No pequeno cômodo do andar térreo onde ficava a maca da menina, Geneviève distribuía instruções. Druitt mantinha-se em pé, tranquilo, e fingia não perceber o chiado nos pulmões de Lily. Um som áspero acompanhava cada exalação. Amworth, a enfermeira recém-contratada, agitava-se em torno da paciente, arrumando os cobertores.

— Quero você ou Morrison na sala de espera o tempo todo — ela disse a Druitt. — Nas últimas noites, houve uma avalanche de gente entrando. Não quero que ninguém entre se não tiver direito.

Druitt enrugou a testa. — Você me deixa perplexo. Com certeza este lugar é para todos...

— Claro, Sr. Druitt. Entretanto, há alguns que querem nos explorar. Temos remédios, outro item de valor. Ouvimos falar em furtos. Além disso, se um cavalheiro chinês alto aparecer, ficaria agradecida se o senhor pudesse impedir sua entrada.

Ele não entendeu; ela esperava que não fosse forçado a entender. Não acreditava realmente que o homem pudesse manter a criatura saltitante do lado de fora, quando a coisa retomasse a perseguição. O ancião era mais um dos problemas que se espremiavam à sua volta, acotovelando-se por soluções.

— Muito bem — disse Druitt, e saiu. Ela percebeu que o único casaco bom do homem estava soltando fios na barra e quase esfarrapado nos cotovelos. Para essas pessoas, roupas boas eram armaduras. Elas separavam as pessoas de alguma educação do abismo. Montague John Druitt, ela pensou, era mais do que um simples conhecido das profundezas. Ele era cortês com Geneviève, mas algo por trás de sua discrição a preocupava. Tinha sido professor e, depois, embarcara, sem muito entusiasmo, na carreira jurídica, antes de vir para o Toynbee Hall. Não alcançara distinção alguma em nenhuma dessas profissões. Seu projeto especial era levantar contribuições para custear um Clube de Críquete de Whitechapel. Percorria o bairro, recrutando possíveis jogadores nas ruas, incutindo-lhes os valores e habilidades do jogo que ele, assim como outros compatriotas, considerava quase uma religião.

Lily começou a tossir uma substância preta avermelhada. A nova enfermeira — uma vampira com alguma experiência — limpou a boca da criança e apertou-lhe o peito, tentando desobstruí-lo.

— Sra. Amworth? O que é?

A enfermeira balançou a cabeça.

— A linhagem, madame — respondeu. — Não há muito a fazer.

Lily estava morrendo. Uma das enfermeiras quentes tinha dado um pouco de sangue à garota, mas não adiantou. O animal em que ela tentara se transformar estava assumindo, e esse animal estava morto. Cada pedaço de tecido vivo estava se transformando em carne morta, rígida como couro.

— É um truque da mente — disse Amworth. — Mudar de forma. Para transformar-se em outra coisa, é preciso conseguir *imaginar* essa outra coisa nos mínimos detalhes. É como fazer um desenho, é preciso acertar cada pequeno movimento. A capacidade bruta está na linhagem, mas a destreza não vem fácil.

Geneviève agradeceu o fato de os vampiros da linhagem de Chandagnac não serem capazes de mudar de forma. Amworth alisou a asa de Lily como se fosse um cobertor. Geneviève viu o crescimento desproporcional como um desenho infantil a lápis de cor, pendendo para o lado errado, desajustado. Lily gritou, uma dor lancinante por dentro. A asa morta estava sugando substância dos ossos das pernas, que se desintegravam e estalavam sob a capa de músculos. Amworth pusera talas, mas era apenas uma ação protelatória.

— Seria um ato de misericórdia — disse Amworth — aliviar a partida dela.

Suspirando, Geneviève concordou. — Deveríamos ter nossa própria Faca de Prata.

— Faca de Prata?

— Como o assassino, Sra. Amworth.

— Hoje à noite, um repórter me contou que ele enviou uma carta aos jornais. Ele quer ser chamado de Jack, o Estripador.

— Jack, o Estripador?

— Sim.

— Que nome bobo. Ninguém vai se lembrar. Ele era e sempre será Faca de Prata.

Amworth levantou-se e limpou os joelhos de seu longo avental. O chão da sala não fora varrido. Era uma luta constante manter a sujeira fora do Hall. O prédio não fora construído para ser um hospital.

— Não há mais nada a fazer, madame. Preciso cuidar dos outros. Acho que podemos salvar o olho do filho dos Chelvedale.

— Pode ir. Eu fico com ela. Alguém tem que ficar.

— Sim, madame.

A enfermeira saiu e Geneviève tomou seu lugar, ajoelhando-se ao lado da maca. Apertou firme a mão humana de Lily. Havia ainda a força dos mortos-vivos nos dedos da criança, e ela respondeu. Geneviève falou com a menina suavemente, regredindo a línguas que Lily não poderia jamais compreender. Aninhada num canto de seu cérebro, havia uma mente medieval francesa que irrompia às vezes.

Acompanhando seu pai verdadeiro, ela aprendera, mesmo num curto período de vida, a cuidar de moribundos. O pai, médico, tentava salvar homens que seus comandantes prefeririam ver enterrados ainda meio vivos, para que desobstruíssem o caminho. O mau cheiro do campo de batalha estava na sala agora, carne apodrecida. Ela se lembrava da monótona reza em latim dos padres, e imaginou se Lily teria alguma religião. Não pensara em chamar um pastor ao leito de morte.

O clérigo mais próximo devia ser John Jago, e a Cruzada Cristã não consentia o atendimento a qualquer espécie de vampiro. Havia o Reverendo Samuel Barnett, pároco da São Judas, patrocinador e fundador do Toynbee Hall, um incansável membro de comitês e reformista social, empenhando-se na limpeza dos antros de depravação do “bairro pecaminoso”. Ela se lembrava dele gaguejando, o rosto vermelho de fúria, quando pregava contra a prática das mulheres de se despirem até a cintura para lutar entre si. Barnett, mesmo sem o preconceito cego de Jago, desaprovava Geneviève e desconfiava abertamente de suas intenções ao entrar para o Movimento de Assentamentos do East End. Ela não culpava os Guerreiros de Deus por não confiarem nela. Séculos antes de Huxley cunhar o termo, ela era agnóstica. Quando o Dr. Seward a entrevistara para o cargo, perguntara: “Você não é Temperança, você não é Igreja. O que você é?” “Culpada”, ela pensara.

Cantou as canções de sua infância de tanto tempo atrás. Não sabia se Lily estava ouvindo. A secreção de cera vermelha que escorria dos ouvidos sugeria que poderia estar surda, e também cega. Mesmo assim, o som — talvez a vibração no ar, ou o cheiro de seu hálito — acalmou a paciente, silenciando a garota.

— *Toujours gai* — Geneviève cantou, a voz falhando, lágrimas quentes de sangue brotando — *toujours gai...*

A garganta de Lily inchou como a de um sapo, e golfadas de sangue repulsivo, estrias marrons no vermelho, saíram de sua boca. Geneviève comprimiu o inchaço, prendendo a respiração nas narinas para afastar o gosto e o cheiro da morte. Comprimiu com insistência, canção, lembrança e prece murmuraram juntas em sua mente, escapando pela boca. Sabendo que iria perder, lutou. Ela desafiara a morte durante séculos; agora, a grande treva se vingava. Quantas Lilys morreram precocemente para compensar a longa vida de Geneviève Dieudonné?

— Lily, meu amor — ela recitou —, minha criança, minha querida, minha Lily, minha Lily...

Os olhos agitados da menina arregalaram-se. As pupilas opacas diminuíram um pouco, em reação à luz. Em meio à dor, surgiu algo próximo a um sorriso.

— Ma-mãe — ela disse, primeira e última palavra. — M-ma...

Rose Mylett, ou quem quer que fosse a mãe humana da menina, não estava ali. O marinheiro ou o carregador do mercado que gastara quatro centavos para se tornar seu pai nem sabia que ela existia. E o murgatroyd do West End — que Geneviève iria encontrar e *machucar* — prosseguira em outros prazeres. Apenas Geneviève estava ali.

Lily teve uma convulsão. Gotas de sangue suado escorriam por todo seu rosto.

— M-ma...

— É a mamãe, minha filha — disse Geneviève.

Ela não tinha filhos, ou crias. Virgem quando transformada, nunca passara adiante o Beijo Negro. Mas ela era mais mãe daquela criança do que a quente Rosie, mais sua mãe-das-trevas do que o murgatroyd...

— É a mamãe, Lily. A mamãe te ama. Você está segura e protegida....

Ela ergueu Lily da maca e a abraçou forte. Ossos moveram-se dentro do peito da menina magra. Geneviève segurou a cabeça frágil e pequena de Lily contra o peito.

— Tome...

Rasgando a camisa, Geneviève provocou com a unha do dedo um pequeno corte em seu seio, retraindo-se de dor enquanto seu sangue gotejava.

— Beba, minha filha, beba...

O sangue de Geneviève, da linhagem pura de Chandagnac, talvez pudesse salvar Lily, talvez limpasse a mácula do bolor da cova de Drácula, talvez a tornasse sã novamente...

Talvez, talvez, talvez.

Segurou a cabeça de Lily contra seu peito, guiando a boca da garota para o ferimento. Doía como se seu coração estivesse sendo perfurado por uma agulha de prata. Amar era magoar-se. Seu sangue, vermelho vivo, estava nos lábios de Lily.

— *Eu te amo, passarinho amarelo...* — cantou Geneviève.

No fundo da garganta, Lily produziu um som sufocado.

— *Adeus, passarinho amarelo, prefiro de frio tremer...*

A cabeça de Lily pendeu, afastando-se do seio de Geneviève. O rosto da menina estava manchado de sangue.

— *...numa árvore sem louros...*

A asa da garota bateu uma vez, um solavanco convulsivo que desequilibrou Geneviève.

— *...a um prisioneiro ser...*

Ela viu a luz de gás brilhando como uma lua azulada através da fina membrana da asa, delineando um bordado de veias desconexas.

— *...numa gaiola... de... ouro.*

Lily estava morta. Com um espasmo de melancolia, Geneviève soltou o corpo amontoado na maca e uivou. Sua testa estava encharcada com o próprio sangue inútil. O cabelo úmido estava grudado no rosto, os olhos colados com lágrimas de sangue coaguladas. Ela desejou acreditar em Deus, para poder amaldiçoá-Lo.

Sentindo um frio súbito, levantou-se. Esfregou a obstrução dos olhos e ajeitou o cabelo para trás. Havia uma bacia com água sobre um toucador. Lavou o rosto, olhando para a moldura de madeira que outrora contivera um espelho. Virando-se, percebeu que havia pessoas na sala. Ela devia ter provocado muita comoção para despertar tamanho alarde.

Arthur Morrison estava em pé à porta aberta, com Amworth atrás de si. Havia outros do lado de fora, no corredor. Pessoas de fora, das ruas, tanto *nosferatus* quanto quentes. Morrison estava mudo de espanto. Ela sabia que devia estar horrível. A fúria transformava seu rosto.

— Achemos que você deveria saber, Geneviève — disse Morrison. — Houve outro assassinato. Mais uma renascida.

— Em Dutfield's Yard — disse alguém, com a notícia fresca —, ao lado da Berner Street.

— Lizzie Stride. Ela tinha acabado de se transformar, semana passada. Os dentes nem tinham crescido. Moça alta, briguenta.

— Cortô a garganta dela, né?

— Liz Comprida.

— Stride. Gustafsdotter. Elizabeth.

— De orelha a orelha. Zaz!

— Mas ela lutou. Deu uma sova nele.

— O Estripador foi interrompido antes de terminar o serviço.

— Um cara num cavalo.

— Estripador?

— Louis Diemschütz, um daqueles socialistas...

— Jack, o Estripador.

— Louis estava passando. Deve ter sido na hora em que Jack estava cortando a garganta de Lizzie. Ele deve ter visto a cara nojenta do sujeito. Deve ter visto.

— Agora ele chama a si mesmo de Jack, o Estripador. Faca de Prata já era.

— Onde está Druitt?

— Malditos intrometidos, esses socialistas. Sempre se metendo nos assuntos dos outros.

— Não vi Druitt a noite inteira, senhorita.

— Falando mal da rainha. E são todos judeus, sabe. Não dá pra confiar em judeu.

— Aposto que o estripador tem nariz de judeu. Aposto.

— Ele ainda está solto nas ruas. Os tiras estão caçando ele. Quando o sol nascer, já vão ter a carcaça dele.

— Se ele for humano.

GALINHAS SEM CABEÇA

Era como se a cidade estivesse em chamas!

Beauregard estava no Café de Paris quando deram o alarme. Com Kate Reed e vários outros repórteres, correu à delegacia de polícia. A rua estava cheia de gente correndo e gritando. Um homem desengonçado e encapuzado, com doze crucifixos diferentes pendurados no pescoço, embriagadamente estilhaçava janelas, gritando que o Juízo Final era iminente, que vampiros eram demônios do inferno.

O Sargento Thick era o encarregado. Um desapontamento para o detetive, mas uma missão de responsabilidade. Aparentemente, Lestrade estava no local do crime e Abberline, de folga. Kate saiu em disparada para encontrar Dutfield's Yard, mas Beauregard decidiu ficar.

— Não podemos fazer nada ainda, senhor — disse o sargento. — Mandei doze homens para a rua, mas eles estão só andando para lá e para cá no nevoeiro.

— Decerto o assassino deve estar coberto de sangue, não?

Thick deu de ombros.

— Não se ele for cuidadoso. Ou se estiver usando um casaco reversível.

— Como assim?

Thick abriu seu casaco de tweed cinza e mostrou o lado interno xadrez.

— Ele vira do avesso. Você pode usar dos dois lados.

— Inteligente.

— É um maldito serviço sujo, Sr. Beauregard.

Dois policiais uniformizados arrastaram o destruidor de janelas para dentro. Thick arrancou o capuz feito de saco de farinha da cabeça do renitente e reconheceu um dos destemidos cavaleiros da cristandade de John Jago. O sargento afastou-se do bafo de uísque do cruzado.

— As sanguessugas ímpias serão...

O sargento enrolou o capuz e o enfiou na boca do vândalo.

— Tranquem-no e deixem que passe a noite lá — ordenou aos policiais. — Vamos falar sobre as acusações quando os donos das lojas levantarem amanhã e virem o estrago.

Pela primeira vez, Thick estava por perto enquanto o assassino se ocupava de seus negócios, mas bem que poderia estar na segurança de sua cama, em Chelsea, pelo pouco que podia fazer.

— Somos galinhas sem cabeça, senhor — ele disse. — Correndo em malditos círculos.

Beauregard levantou sua bengala-espada e desejou que o Estripador aparecesse para lutar.

— Aceita uma caneca de chá, senhor? — Thick perguntou.

Antes que Beauregard pudesse agradecer ao sargento, um policial quente e ofegante entrou empurrando as portas. Tirou o capacete, esbaforido.

— Que foi, agora, Collins? Mais uma calamidade?

— Foi ele de novo, sargento — Collins falou, de modo abrupto. — Duas pelo preço de uma. Duas na mesma noite!

— O quê?!

— Liz Stride, ao lado da Barner Street, e agora uma vagabunda chamada Eddowes, na Mitre Square.

— Mitre Square. Está fora de nossa área. Essa é dos rapazes da Cidade.

O limite entre as jurisdições das Polícias Metropolitana e da Cidade cortava o distrito. O assassino, entre um crime e outro, cruzara a divisa.

— É quase como se ele quisesse nos fazer parecer uns completos idiotas. Da próxima vez, vai estripar fora do alcance da Scotland Yard e deixar um bilhete em tinta vermelha para o comissário.

Beauregard balançou a cabeça. Mais uma vida perdida. Isso não era mais apenas uma missão do Clube Diógenes. Pessoas inocentes estavam sendo mortas. Sentiu uma necessidade urgente de fazer alguma coisa.

— Quem me deu a notícia foi P. C. Holland, um dos rapazes da Cidade. Ele disse que essa Eddowes...

— Acho que é o nome de Catherine. Um rosto conhecido por aqui. Passava mais tempo curando ressaca em nossas celas do que no lugar onde se alojava, onde quer que seja.

— Sim, achei que fosse Cathy — disse Collins, pausando para parecer perturbado. — De qualquer maneira, Holland diz que o canalha terminou o serviço desta vez. Não como com Liz Stride, só um corte na garganta e uma fuga no escuro. Ele voltou ao ritual e arrancou todas as entranhas dela.

Thick praguejou.

— Coitada da Cathy — disse Collins. — Era uma piranha velha e horrível, mas nunca fez mal a ninguém. Mal de verdade.

— Coitados somos nós — disse Thick. — Depois disso, a não ser que o peguemos rápido, não vai ser fácil ser tira neste distrito.

Beauregard sabia que Thick estava certo. Ruthven iria exonerar alguém importante, talvez Warren; e provavelmente teriam de conter o Príncipe Consorte para ele não empalar alguns policiais de baixa patente, a fim de dar exemplo para os outros.

Mais um mensageiro apareceu. Era Ned, o garoto ligeiro do Café de Paris. Beauregard dera-lhe um xelim antes, recrutando-o para o Clube Diógenes.

Thick fechou a carranca como um ogro, e o menino parou derrapando, bem longe dele. Estava tão ansioso para entregar uma mensagem a Beauregard que se atrevera a entrar na delegacia de polícia. Agora, o nervosismo se reafirmava; seus passos eram cautelosos como os de um rato num gatil.

— A senhorita Reed disse para o senhor ir até o Toynbee Hall, senhor. Urgente.

UMA AUTÓPSIA PREMATURA

Com os olhos enxutos, ela embrulhou Lily num lençol. O corpo já apodrecia, a pele do rosto enrugando-se e encolhendo como uma laranja deixada muito tempo no cesto. A garota teria de ser removida para uma cova de indigentes com cal viva, antes que o cheiro se tornasse insuportável. Terminado o serviço de enrolar o cadáver, Geneviève teria de preencher uma certidão de óbito para Jack Seward assinar e redigir um relatório para os arquivos do Hall. Sempre que alguém morria perto dela, uma partícula de gelo a mais aderiria ao seu coração. Seria fácil tornar-se um monstro de frieza. Mais alguns séculos e ela seria páreo para Vlad Tepes, não se importando com nada, exceto poder e sangue na garganta.

Uma hora antes da alvorada, chegou a notícia. Trouxeram um dos cafetões, o braço talhado pela lâmina de alguém; a multidão que o acompanhava tinha cinco versões diferentes da história. Jack, o Estripador havia sido pego e estava preso na delegacia com a identidade oculta, pois fazia parte da Família Real. Jack estripara uma dúzia à vista de todos e escapara dos perseguidores pulando um muro de vinte pés, com molas nas botas. O rosto de Jack era um crânio de prata, seus braços, foices ensanguentadas, seu hálito, fogo purificador. Um policial contou a ela os simples fatos. Jack matara. De novo. Primeiro, Elizabeth Stride. E agora, Catherine Eddowes. Cathy! Isto a chocou. A outra mulher, ela disse que achava que não conhecia.

— Ela veio aqui no mês passado — disse Morrison. — Liz Stride. Ela estava se transformando e queria sangue para prosseguir. Você se lembraria dela, se a

tivesse conhecido. Era alta, meio estrangeira. Sueca. Tinha sido uma mulher bonita.

— Está abatendo duas de cada vez — disse o policial —, a gente quase tem que admirar o demônio.

Todos se foram novamente, pela segunda ou terceira vez, a multidão desaparecendo do Hall. Geneviève estava sozinha, no silêncio da alvorada. Após algum tempo, cada nova atrocidade apenas se somava a uma terrível monotonia. Lily a sangrara até secar. Não tinha mais nada para sentir. Não sobrara nenhum sofrimento por Liz Stride ou Cathy Eddowes.

Quando o sol nasceu, ela cochilou em sua cadeira. Estava cansada de tomar conta de tudo ao mesmo tempo. Sabia o que iria acontecer depois. Estava piorando a cada assassinato. Uma trupe de prostitutas iria chamar, em lágrimas histéricas, suplicando por dinheiro para escapar da armadilha mortal de Whitechapel. Na verdade, o bairro já era uma armadilha mortal muito antes de o Estripador pratear suas facas.

Em seu semissonho, ela era quente outra vez, o coração incendiado com fúria e dor, olhos ardendo em lágrimas de justiça. Um ano antes do Beijo Negro, ela chorara copiosamente diante da notícia de Rouen. Os ingleses haviam queimado Joana d’Arc, caluniando-a como bruxa. Aos catorze anos, Geneviève jurara dedicar-se à causa do príncipe herdeiro. Era uma guerra de crianças, levada a extremos por seus guardiões. Joana não chegara aos dezenove anos, o príncipe-herdeiro Carlos era adolescente; até Henrique da Inglaterra era uma criança. Suas disputas deveriam ter sido resolvidas com piões, não com exércitos e cercos. Não só os reis-meninos estavam mortos agora, como também suas casas. A França de hoje, um país que lhe era tão estranho quanto a Mongólia, nem sequer tinha um monarca. Se um pouco do sangue inglês de Henrique IV ainda corria nas veias alemãs da rainha Vitória, então era também possível que tivesse se filtrado para a maior parte do mundo, para Lily Mylett, Cathy Eddowes, John Jago e Arthur Morrison.

Houve um tumulto — *mais um* tumulto — nas salas de espera. Geneviève esperava mais feridos durante o dia. Depois dos assassinatos, haveria brigas de rua, vítimas das milícias, talvez até um linchamento em estilo americano...

Quatro policiais de farda estavam no saguão, algo pesado pendurado numa lona entre eles. Lestrade mascava o bigode. Os tiras tiveram de abrir caminho à força em meio à multidão hostil. — É como se ele estivesse rindo de nós — disse um deles —, incitando todos contra nós.

Junto com os policiais havia uma garota renascida de óculos escuros e roupa sem adornos, seguindo-os de perto, parecendo faminta. Geneviève achou que poderia ser repórter.

— Mademoiselle Dieudonné, libere um quarto particular.

— Inspetor...

— Não discuta. Uma delas ainda está viva.

Ela entendeu na hora e verificou os mapas. Percebeu de imediato que havia um quarto vago.

Eles a seguiram, carregando o fardo desajeitado, e ela os levou ao quarto de Lily. Removeu o pequeno corpo embrulhado e os policiais depositaram sua bagagem no lugar, retirando a lona. Pernas finas caíram pesadamente sobre a maca, a barra da saia roçando as meias desalinhadas.

— Mademoiselle Dieudonné, esta é Liz Comprida Stride.

A renascida era alta e magra, ruge borrado nas bochechas, o cabelo preto desarrumado. Sob um casaco aberto, usava um vestido folgado de algodão, tingido com respingos de vermelho desde a linha do pescoço até a cintura. Sua garganta estava aberta até o osso, cortada de uma orelha a outra como o sorriso de um palhaço. Estava gorgolejando, a traqueia cortada tentando juntar-se.

— O tal do Jack não teve tempo suficiente com ela — Lestrade explicou. — Guardou tudo para Cathy Eddowes. Canalha quente.

Liz Stride tentava gritar, mas não conseguia trazer o ar dos pulmões até a garganta. Um sopro sussurrava através da ferida. Todos os dentes tinham caído, com exceção dos incisivos. Seus membros agitavam-se convulsivamente. Dois tiras tiveram de segurá-la.

— Segure-a, Watkins — disse Lestrade. — Segure firme a cabeça.

Um dos policiais tentou segurar a cabeça de Liz Stride, mas ela a balançou violentamente, rasgando a ferida que tentava cicatrizar-se.

— Ela não vai durar muito — disse Geneviève. — Está em péssimas condições.

Um vampiro mais velho ou mais forte talvez sobrevivesse — a própria Geneviève sobrevivera a coisas piores —, mas Liz Stride era uma renascida, e fora transformada muito tarde na vida. Estava morrendo há anos, envenenando-se com gim barato.

— Ela não precisa durar, ela só tem que dar um depoimento.

— Inspetor, não sei se ela consegue falar. Acho que as cordas vocais foram cortadas.

Os olhos de rato de Lestrade brilharam. Liz Stride era sua primeira chance de encontrar o Estripador, e ele não queria deixá-la escapar.

— Acho que a mente dela também se foi, coitada — disse Geneviève. Não havia nada nos olhos vermelhos que sugerisse inteligência. O lado humano da renascida havia sido destruído.

A porta foi empurrada e pessoas passaram por ela. Lestrade virou-se para gritar “fora!”, mas engoliu a ordem.

— Sr. Beauregard — ele disse.

O homem bem vestido que Geneviève vira no inquérito de Lulu Schön entrou no quarto, com o Dr. Seward logo atrás. Havia mais pessoas — enfermeiras, atendentes — no corredor. Amworth entrou discretamente e encostou-se na parede. Geneviève iria querer que ela cuidasse da renascida.

— Inspetor — disse o homem Beauregard. — Posso...

— É sempre um prazer ajudar o Clube Diógenes — disse Lestrade, o tom sugerindo que haveria mais prazer em despejar soda cáustica nos próprios olhos.

O homem cumprimentou a renascida com um movimento da cabeça, chamando-a pelo nome, “Kate”. Ela se mantinha longe dele, os olhos baixos. Se ela não estivesse apaixonada por Beauregard, Geneviève ficaria muito surpresa. Ele deslizou entre os policiais com um movimento elegante, educado, mas vigoroso. Esvoaçou a capa sobre os ombros, para dar aos braços liberdade de movimento.

— Deus do céu — ele disse. — Não se pode fazer nada por esta pobre infeliz?

Geneviève ficou estranhamente impressionada. Beauregard era a primeira pessoa a dizer algo sugerindo que Liz Stride era alguém por quem valia a pena fazer alguma coisa, em vez de um problema a ser resolvido.

— Tarde demais — explicou Geneviève. — Ela está tentando se renovar, mas os ferimentos são muito profundos, suas reservas de força, muito escassas...

A carne rasgada em volta da garganta aberta de Liz Stride deslocava-se, mas não conseguia unir-se. As convulsões eram mais regulares, agora.

— Dr. Seward? — disse Beauregard, pedindo uma segunda opinião.

O diretor aproximou-se da mulher que estrebuchava. Geneviève não havia notado seu retorno, mas presumiu que a notícia deve tê-lo arrastado de volta ao Hall. Ela percebeu de novo que ele tinha uma aversão — quase sempre mantida sob estrito controle — por vampiros.

— Receio que Geneviève esteja certa. Pobre criatura. Tenho saís de prata lá em cima. Poderíamos aliviar sua morte. Seria o procedimento mais humano.

— Só depois que ela nos der algumas respostas — Lestrade interrompeu.

— Pelo amor de Deus, homem — Beauregard reagiu. — Ela é um ser humano, não uma pista.

— A próxima será um ser humano também, senhor. Talvez possamos salvar a próxima. As próximas.

Seward tocou a testa de Liz Stride e olhou em seus olhos, bolas de gude vermelhas. Ela balançou a cabeça. Num instante, a renascida ferida foi possuída

por uma explosão de força. Jogou o policial Watkins para trás e avançou sobre o diretor, a mandíbula escancarada. Geneviève empurrou Seward, para protegê-lo do ataque, e abaixou-se para desviar das garras afiadas de Liz Stride.

— Ela está se transformando! — Kate gritou.

Liz Stride suspendeu as costas, a coluna se curvando, os membros se retraindo. Um focinho de lobo cresceu em seu rosto, e os tufo de cabelo esticaram-se sobre a pele exposta.

Como um caranguejo, Seward arrastou-se para trás, em direção à parede. Lestrade ordenou que seus homens se afastassem do perigo. Beauregard bateu sob a capa, à procura de algo. Kate pôs o nó de um dedo na boca.

Liz Stride tentava transformar-se num lobo ou num cão. Como a Sra. Amworth havia dito, era um truque difícil. Era preciso enorme concentração e um forte senso de si mesmo. Recursos não disponíveis a uma mente encharcada de gim, ou a uma renascida nos estertores.

— Fogo do inferno! — disse Watkins.

A mandíbula inferior de Liz Stride projetou-se para fora como a de um jacaré, grande demais para encaixar-se de maneira adequada ao crânio. A perna e o braço direitos encolheram, enquanto o lado esquerdo inchou, placas de músculo formando-se em volta do osso. As roupas ensanguentadas rasgaram-se. O ferimento na garganta curou-se e remendou-se, novos dentes amarelos brilhando nas bordas do corte. Um pé com garras atacou Watkins, rasgando-lhe a farda na altura do peito. A semicriatura uivava através do buraco do pescoço. Ela saltou, empurrando policiais, e aterrissou com um baque, arrastando-se pelo chão, a mão com lâminas poderosas tentando alcançar Seward.

— Afastem-se — ordenou Beauregard.

O homem do Clube Diógenes segurava um revólver. Engatilhou-o com o polegar e mirou com cuidado. Liz Stride virou-se e olhou para o cano da arma.

— Isso é inútil — protestou Amworth.

Liz Stride lançou-se no ar. Beauregard puxou o gatilho. O tiro acertou o coração da criatura, fazendo-a bater violentamente contra a parede. Ela caiu, sem vida, sobre Seward, o corpo gradualmente revertendo ao que era.

Geneviève olhou para Beauregard com ar de interrogação.

— Bala de prata — ele explicou, sem orgulho.

— Charles — Kate sussurrou, admirada. Geneviève achou que a garota fosse desmaiar, mas isso não aconteceu.

Seward levantou-se, limpando o sangue do rosto. Os lábios apertaram-se numa linha branca, ele tremia, mal disfarçando o nojo.

— Bem, você terminou o serviço do Estripador, isso é fato — Lestrade resmungou.

— Não estou reclamando — disse Watkins, com o peito arranhado.

Geneviève debruçou-se sobre o cadáver e confirmou a morte de Liz Stride. Com uma última convulsão, um braço — ainda de lobo, em parte — destacou-se, e garras apertaram a barra da calça de Seward.

UM PASSEIO POR WHITECHAPEL

— Acho que no último momento ela estava lúcida — ele disse. — Ela estava tentando nos dizer alguma coisa.

— O que você sugere? — retrucou Geneviève. — Que o nome do assassino é... Calças Sydney?

Beauregard riu. Poucos mortos-vivos perdiam tempo com humor.

— Improvável — ele respondeu. — Sr. Bota, talvez.

— Ou um sapateiro.

— Tenho bons motivos para acreditar que John Pizer está fora de cogitação.

O cadáver fora removido num carrinho de mão até o necrotério, onde os abutres da medicina e da imprensa aguardavam, famintos. Kate Reed estava no Café de Paris, narrando sua história pelo telefone, sob rígidas instruções de não mencionar o nome de Beauregard. Voltar as atenções para o Clube Diógenes já seria ruim, mas sua maior preocupação era Penélope. Ele podia até imaginar os comentários da noiva, se seu papel nos últimos minutos de Liz Stride viesse a público. Esta era uma parte diferente da floresta, uma parte diferente da cidade, uma parte diferente de sua vida. Penélope não vivia ali; e iria preferir não saber de sua existência.

Ele caminhou da Berner Street até a Mitre Square. A vampira do Toynbee Hall o acompanhava, menos preocupada com o sol pálido do que Kate estivera, ontem. À luz do dia, Geneviève Dieudonné era bem atraente. Vestia-se como uma Nova Mulher, casaquinho justo sobre um vestido simples, botas funcionais, sem saltos, boina e uma pelerine na altura da cintura. Se a Grã-Bretanha tivesse

um parlamento eleito dentro de um ano, ela iria querer votar; e suspeitava que o voto não iria para Lorde Ruthven.

Chegaram ao local do assassinato de Eddowes. Mitre Square era uma área confinada pela Grande Sinagoga, acessível apenas por meio de passagens estreitas. As entradas estavam bloqueadas por cordas, a mancha de sangue vigiada por um policial quente. Alguns observadores permaneciam ali, com a intenção de preencher as fichas de suspeitos. Um judeu ortodoxo, os cachos balançando diante das orelhas, barba até a barriga, tentava evitar que alguns desses sujeitos indesejáveis ficassem parados em frente às portas da sinagoga.

Beauregard levantou a corda e deixou Geneviève passar. Mostrou seu cartão ao policial, que bateu continência. Geneviève olhou em volta da praça sombria.

— O Estripador deve ser velocista — ela disse.

Beauregard verificou o relógio de bolso.

— Superamos o tempo dele em cinco minutos, mas sabíamos aonde estávamos indo. Ele não deve ter pego a rota mais curta, especialmente se sua intenção era evitar as ruas principais. Tudo indica que estava apenas procurando uma garota.

— E privacidade.

— Não há tanta privacidade aqui.

Havia rostos atrás das janelas do pátio, olhando para baixo.

— Em Whitechapel, as pessoas são peritas em não ver as coisas.

Geneviève espreitava o pequeno pátio cercado, como se tentasse captar a atmosfera do local.

— É perfeito, público mas privado. Ideal para a prática da prostituição ao ar livre.

— Você é diferente dos outros vampiros — ele observou.

— Sim — ela concordou. — Espero ser.

— Você é o que chamam de anciã?

Ela bateu de leve no próprio coração. — Doces dezesseis anos aqui, mas nasci em 1416.

Beauregard ficou perplexo. — Então você não é...

— Não sou da linhagem do Príncipe Consorte? Isso mesmo. Meu pai-das-trevas era Chandagnac, e a mãe-das-trevas dele era Lady Melissa d'Acques, e...

— Então, tudo isso — ele abanou a mão — não tem nada a ver com você?

— Tudo tem a ver com todo mundo, Sr. Beauregard. Vlad Tepes é um monstro doentio e as crias dele espalham essa doença. A pobre mulher desta madrugada é o que se pode esperar da linhagem dele...

— Você trabalha como médica?

Ela encolheu os ombros. — Exerci várias profissões ao longo dos anos. Já fui prostituta, soldado, cantora, geógrafa, criminosa. O que me parecia melhor. Agora, o que me parece melhor é a medicina. Meu pai, meu pai verdadeiro, era médico, e eu era aprendiz dele. Elizabeth Garrett Anderson e Sophia Jex-Blake não são as primeiras mulheres a praticar medicina...

— As coisas mudaram bastante na medicina desde o século XV.

— Eu sei. Li algo a respeito na *Lancet*. Eu não usaria sanguessugas, exceto em casos especiais.

Beauregard gostou daquela garota antiga. Geneviève era diferente de todas as outras mulheres, quentes ou mortas-vivas, que ele conhecia. Fosse por opção ou necessidade, as mulheres pareciam estar sempre à margem, observando, fazendo comentários, jamais agindo. Pensou em Florence Stoker, fingindo entender as pessoas inteligentes que recebia nas festas, tornando-se petulante sempre que qualquer coisa não era feita para ela. E Penélope elevava a atitude de não envolvimento a uma causa consagrada, insistindo para que sua pobre cabeça fosse poupada dos detalhes confusos. Até Kate Reed, nova e renascida, contentava-se em rascunhar notas sobre a vida, em vez de vivê-la. Geneviève Dieudonné não era uma espectadora. Ela lhe lembrava um pouco Pamela. Pamela sempre queria, *exigia*, envolver-se.

— Este caso é político?

Beauregard pensou com cuidado antes de responder. Ele não sabia quanto deveria contar a ela.

— Fiz uma investigação sobre o Clube Diógenes — ela explicou. — Vocês são uma espécie de repartição pública, não?

— Eu sirvo à Coroa.

— Por que o interesse neste caso?

Geneviève pisava sobre a mancha onde Catherine Eddowes morrera. O policial olhou para o outro lado. Um vampiro estivera com ele, a julgar pelas marcas vermelhas que iam do colarinho quase até a orelha.

— A própria rainha expressou preocupação. Se ela determina que tentemos pegar um assassino, então...

— O Estripador deve ser algum tipo de anarquista — ela ponderou. — Ou um obstinado inimigo de vampiros.

— Isso é certeza.

— Por que todo mundo tem tanta certeza de que ele é quente? — perguntou Geneviève.

— Todas as vítimas eram vampiras.

— Como muitas pessoas. Todas as vítimas eram também mulheres, prostitutas, quase miseráveis. Poderia haver vários fatores de ligação. O

Estripador sempre ataca a garganta; esse é um truque *nosferatu*.

O policial estava ficando inquieto. Geneviève o perturbava. Beauregard suspeitava que não eram poucas as pessoas sobre quem ela exercia tal efeito.

Ele rebateu a teoria. — Pelo que vimos nas autópsias, as mulheres mortas não foram mordidas nem sangradas. Além disso, sendo vampiras, o sangue delas não interessaria a outro vampiro.

— Isso não é totalmente verdadeiro, Sr. Beauregard. Nós nos tornamos o que somos ao beber o sangue de outro vampiro. É incomum, mas nós sugamos uns aos outros. Às vezes é um modo de estabelecer dominação dentro de um grupo, um pequeno tirano exigindo um dízimo de seus seguidores. Às vezes, o sangue de um vampiro pode ser um remédio para os que pertencem a linhagens corrompidas. E às vezes, claro, sangramento mútuo pode ser simplesmente um ato sexual, como qualquer outro...

Beauregard corou diante da franqueza. O policial estava com o rosto vermelho, esfregando suas feridas inflamadas.

— A linhagem de Vlad Tepes está contaminada — ela prosseguiu. — Só alguém confuso ou doente para beber de uma fonte assim. Mas Londres está cheia de vampiros doentes. O Estripador pode facilmente ser um deles, assim como pode ser um quente ressentido.

— Ele pode também estar atrás do sangue das mulheres porque ele próprio deseja tornar-se um morto-vivo. Vocês têm a fonte da juventude correndo nas veias. Se nosso Estripador é quente mas doente, deve estar desesperado o bastante para adotar essas medidas.

— Há modos mais fáceis de se tornar um vampiro. É claro que as pessoas desconfiam de modos fáceis. Sua sugestão é válida. Mas por que tantas vítimas? Apenas uma mãe-das-trevas bastaria. E por que matar? Qualquer uma dessas mulheres o teria transformado por um xelim.

Saíram da praça e começaram a perambular de volta à Commercial Street. A rua estava no centro do caso. Annie Chapman e Lulu Schön haviam sido mortas em ruas transversais. A delegacia que conduzia a investigação ficava ali, assim como o Café de Paris e o Toynbee Hall. Em algum momento da noite anterior, o Estripador deve ter atravessado a Commercial Street, talvez tenha até passeado, com a faca ensanguentada sob o casaco, ao longo de sua extensão até a High Street, ao sul de Whitechapel, e a Commercial Road, seguindo a própria rota até Limehouse e as docas. Havia um rumor persistente de que o assassino era marujo.

— Talvez ele seja apenas louco — ele disse. — E não tenha mais lógica que um orangotango com uma navalha.

— O Dr. Seward afirma que loucos não são tão simples. Suas ações podem parecer aleatórias e sem sentido, mas há sempre um padrão. Analise esse padrão sob vários ângulos e, no final, você começa a entender, a ver o mundo como o louco o entende e vê.

— E aí podemos pegá-lo?

— O Dr. Seward diria “curá-lo”.

Passaram por um pôster com uma lista de nomes dos últimos criminosos empalados em público. Tyburn era uma floresta de ladrões, janotas e sediciosos agonizantes.

Beauregard considerou: — Receio que só haverá uma cura para esse louco.

Na esquina da Wentworth Street, viram um grupo de policiais e funcionários na Goulston Street. Lestrade e Abberline estavam entre eles, em torno de um homem magro com um bigode triste e chapéu de seda. Era Sir Charles Warren, o Comissário da Polícia Metropolitana, arrastado a um bairro desprezado de seu distrito. O grupo estava parado à porta de um dos blocos do recém-construído Conjunto Residencial.

Beauregard caminhou calmamente até eles, a vampira ao seu lado. Presumiu que alguma coisa importante estivesse em discussão. Lestrade afastou-se para deixá-lo entrar no grupo. Beauregard ficou surpreso ao ver Lorde Godalming com os dignitários civis. O renascido usava um chapéu grande para sombrear o rosto e fumava um charuto.

— Quem é esse homem? — Sir Charles perguntou irritado, indicando Beauregard e ignorando Geneviève, como se não fosse digna de sua atenção. — Você, rapaz, vá embora. Isto é assunto oficial. Anda, chispa!

Tendo feito fama na Guerra do Kaffir, Sir Charles estava acostumado a tratar todo mundo sem patente oficial como se fosse um nativo africano.

Godalming explicou: — O Sr. Beauregard representa o Clube Diógenes.

O comissário, os olhos marejados no sol da manhã, engoliu a irritação. Beauregard entendia por que a polícia se ressentia de sua presença, mas não conseguiu evitar um pequeno prazer com o desconforto de Sir Charles.

— Muito bem — disse Sir Charles. — Tenho certeza de que podemos confiar em sua descrição.

Por trás do comissário, Lestrade expressou repugnância no rosto. Sir Charles estava perdendo o apoio de seus próprios homens.

— Halse — disse Lestrade —, mostre o que descobriu.

Um quadrado de papelão repousava contra a fachada principal. Halse, policial detetive, levantou a proteção improvisada. Um rato empanturrado, do tamanho de uma bola de rúgbi, saiu correndo e passou pelo meio dos sapatos polidos do comissário, guinchando como pregos enferrujados raspando na

ardósia. O policial revelou as palavras cinzentas, rabiscadas com giz branco nos tijolos negros:

**OS VAMPIROS
NÃO VÃO LEVAREM A CULPA
POR NADA**

— Então, obviamente, os vampiros vão levar a culpa por alguma coisa — deduziu o astuto comissário.

Halse segurou um pedaço de pano esfarrapado que já fora branco, manchado de sangue. — Isto estava na entrada, senhor. É o pedaço de um avental.

— A mulher Eddowes está usando o resto dele — disse Abberline.

— Tem certeza? — perguntou Sir Charles.

— Não verificamos. Mas acabei de voltar do Necrotério Golden Lane e vi a outra parte. As mesmas manchas, o mesmo tipo de rasgo. Eles se encaixarão como peças de um quebra-cabeça.

Sir Charles resmungou sem palavras.

— O Estripador poderia ser um de nós? — perguntou Godalming, fazendo eco às ponderações anteriores de Geneviève.

— Um de vocês — murmurou Beauregard.

— É óbvio que o estripador está tentando nos confundir — intercedeu Abberline. — É um homem culto, tentando nos fazer pensar que é ignorante. Só um erro de grafia e uma conjugação verbal que nem o vendedor ambulante mais estúpido de fato usaria.

— Como a carta de Jack, o Estripador? — perguntou Geneviève.

Abberline pensou.

— Pessoalmente, acho que essa carta foi uma jogada esperta do *Whitechapel Star* para aumentar as vendas. Essa letra é diferente, e esse é o Estripador. Está muito próximo para ser coincidência.

— A pichação não estava aqui ontem? — perguntou Beauregard.

— O guarda da ronda jura que não.

O policial Halse concordou com o inspetor.

— Apague tudo — disse Sir Charles.

Ninguém fez nada.

— Haverá uma multidão rebelada, uma revolta em massa, tumulto nas ruas. Ainda somos poucos, e os quentes são muitos.

O comissário pegou o próprio lenço e esfregou o giz, apagando-o. Ninguém protestou diante da destruição de uma prova, mas Beauregard viu uma troca de olhares entre os detetives.

— Pronto, acabou — disse Sir Charles. — Às vezes acho que eu mesmo tenho que fazer as coisas.

Beauregard viu uma impulsividade tacanha, que poderia ter passado por intrépido heroísmo em Rorke's Drift ou Lucknow, e entendeu exatamente como Sir Charles pôde tomar uma decisão que levaria ao Domingo Sangrento.

Os dignitários dispersaram-se, voltando aos seus cabriolés, clubes e conforto.

— Verei você e Penny na casa dos Stokers? — perguntou Godalming.

— Quando este caso for concluído.

— Mande lembranças a Penny.

— Certamente.

Godalming acompanhou Sir Charles. Alguns policiais permaneceram no East End para limpar a sujeira.

— A pichação deveria ter sido fotografada — disse Halse. — Era uma pista. Droga, uma pista!

— Calma, rapaz — disse Abberline.

— Certo — disse Lestrade. — Quero as celas cheias ao pôr do sol. Arrastem para lá cada prostituta, cada arruaceiro, cada batedor de carteiras. Alguém sabe de alguma coisa e, mais cedo ou mais tarde, alguém vai falar.

Isso não iria agradar nada ao Círculo de Limehouse. Além disso, Lestrade estava errado. Beauregard conhecia a comunidade criminosa bem o suficiente para acreditar que, se qualquer bandido de Londres tivesse a menor pista da identidade do Estripador, ela seria passada diretamente a ele. Recebera vários telegramas indicando quais cursos de investigação se mostrariam infrutíferos. O império das sombras descartara várias linhas de investigação que a polícia ainda seguia. Era inquietante pensar que o grupo de Limehouse tinha uma porcentagem maior de mentes brilhantes do que o grupo que acabara de se reunir na Goulston Street.

Com Geneviève, ele caminhou de volta à Commercial Street. Já era final de tarde, e ele não dormia há mais de um dia e meio. Vendedores de jornal apregoavam edições especiais. Com uma carta assinada pelo assassino e dois novos crimes, a histeria por notícias estava no auge.

— O que você acha de Warren? — perguntou Geneviève.

Beauregard achou melhor não confidenciar sua opinião, mas, num instante, ela a entendeu exatamente. Ela era vampira, e ele teria de ser cuidadoso com os pensamentos em sua presença.

— Eu também — ela disse. — O homem errado para o cargo. Ruthven deveria saber disso. Mesmo assim, melhor ele do que um maníaco carpatiano.

Perplexo, insinuou:

— Ao ouvi-la, tem-se a impressão de que você tem preconceito contra vampiros.

— Sr. Beauregard, estou cercada de crias do Príncipe Consorte. É tarde demais para reclamar, mas Vlad Tepes não é, de modo algum, o melhor representante de minha espécie. Ninguém detesta mais um judeu ou um italiano degenerado do que um judeu ou um italiano.

Beauregard estava a sós com Geneviève ao pôr do sol. Ela tirou o chapéu.

— Pronto — ela disse, balançando o cabelo cor de mel —, assim está melhor.

Geneviève pareceu esticar-se como um gato ao sol. Ele pôde sentir sua força aumentando. Seus olhos brilharam um pouco, e seu sorriso tornou-se quase malicioso.

— A propósito, quem é Penny?

Beauregard perguntou-se o que Penélope estaria fazendo naquele exato momento. Ele não a via desde a discussão de alguns dias atrás.

— Senhorita Penélope Churchward, minha noiva.

Ele não conseguiu interpretar a expressão de Geneviève, mas imaginou ter visto uma sombra em seus olhos. Tentou não pensar em nada.

— Noiva? Não vai durar.

Ficou chocado com a afronta.

— Desculpe, Sr. Beauregard. Mas, acredite, eu sei. Nada dura.

MEDITAÇÕES E MUTILAÇÕES

2 de outubro.

Sinto o hálito quente deles no meu pescoço. Se Beauregard não tivesse atirado em Stride, ela teria me identificado. Outras pessoas devem ter me visto durante meu trabalho noturno: entre Stride e Eddowes, corri pelas ruas em pânico, ensanguentado, empunhando o bisturi. Quase fui pego. Tinha acabado de começar meu trabalho com Stride quando uma carruagem passou, num estrondo. O cavalo resfolegou, parecia o Inferno limpando a garganta. Saí correndo, certo de que os guardas carpatianos me perseguiriam. Por algum milagre, o condutor não me viu. De acordo com o *Times*, meu “visitante indesejado” era Louis Diemschütz, um dos judeus socialistas que se encontram no Clube Educacional dos Trabalhadores. Com Eddowes, tive mais sorte. Já me acalmara o bastante para conduzir o negócio com ela. Ela me conhecia e confiava em mim. Isso ajudou muito. Com ela, a libertação foi bem-sucedida.

De fato, considero a libertação de Eddowes minha maior realização até agora. Ao concluí-la, estava calmo. Para despistar meus perseguidores, deixei a mensagem no muro. Caminhei de volta ao Hall, troquei de roupa sem pressa e estava pronto para encontrar a polícia quando ela chegou. Considerando todos os fatos, saí-me bem do incidente desagradável com Stride. O olho firme e a bala de prata de Beauregard terminaram meu serviço. Sinto-me melhor do que há alguns meses. A dor na mão diminuiu. Será que não é um efeito do sangramento? Desde que Kelly me sugou, a dor vem sumindo. Procurei por Kelly em nossos arquivos,

e consta um endereço na Dorset Street. Devo procurá-la novamente e solicitar seus serviços.

Há tantas fabulações sobre o Estripador, insufladas pelas notas estúpidas enviadas à imprensa, que posso me esconder entre elas sem ser notado, mesmo que algum rumor ocasional passe perto. Afinal, meu nome é Jack.

Hoje um paciente, um imigrante inculto chamado David Cohen, confessou-me que ele era Jack, o Estripador. Eu o entreguei à polícia e ele foi removido em camisa de força ao hospício Colney Hatch. Lestrade mostrou-me o arquivo com confissões semelhantes. Uma fila de excêntricos aguarda para reivindicar o crédito pelas libertações. E o autor das cartas está em algum lugar gargalhando sobre sua estúpida tinta vermelha e suas piadas espertas.

“Atenciosamente, Jack, o Estripador?” O autor das cartas é alguém que conheço? Ele sabe alguma coisa sobre mim? Não, ele não entende minha missão. Não sou um lunático pregando peças. Sou um cirurgião, cortando fora tecido infectado. Não existe “diversão” alguma.

Preocupo-me com Geneviève. Outros vampiros têm um tipo de nevoeiro vermelho no cérebro, mas ela é diferente. Li um artigo de Frederick Treves na *Lancet* especulando sobre a questão da linhagem, delicadamente sugerindo que poderia haver algo impuro na descendência real importada pelo Príncipe Consorte. Muitas crias de Drácula são criaturas distorcidas, autodestrutivas, dilaceradas por corpos mutantes e desejos incontroláveis. Sangue real, claro, é reconhecidamente fraco. Geneviève é afiada como um bisturi. Às vezes ela sabe o que as pessoas estão pensando. Com ela, tento manter a mente nos pacientes, em compromissos e horários. Há armadilhas em qualquer sequência de pensamentos: pensar nos ferimentos que trato numa renascida atropelada por uma carruagem me lembra dos ferimentos que infligi em outras renascidas. Não, não ferimentos. Cortes. Cortes cirúrgicos. Não há maldade nem ódio no que faço.

Com Lucy, havia amor. Agora, só há a frieza do procedimento médico. Van Helsing compreenderia. Penso em Kelly, em nossos momentos bestiais juntos. Ela é tão parecida com Lucy. Quando me lembro das sensações na pele, minha boca seca. Fico excitado. As mordidas de Kelly coçam. A coceira causa, ao mesmo tempo, dor e prazer. Com a coceira vem uma necessidade, uma necessidade complicada. É diferente da simples ânsia por morfina que experimentei quando a dor se tornou insuportável. É uma necessidade pelos beijos de Kelly. Mas tanta coisa vem junto com essa necessidade, tantos apetites.

Sei que o que faço está certo. Estava certo quando salvei Lucy, cortando-lhe a cabeça, e estava certo ao libertar as outras. Nichols, Chapman, Schön, Stride, Eddowes. Estou certo. Mas vou parar. Sou alienista, e Kelly me fez olhar para

mim mesmo. Será que meu comportamento é muito diferente do de Renfield, acumulando pequenas mortes, como um avaro acumula moedas? O Conde fez dele uma aberração e de mim, um monstro. E sou um monstro, Jack, o Estripador. Jack, o Insolente, Jack, o Vermelho, Jack, o Sangrento. Vou me juntar ao diabólico barbeiro Sweeney Todd, a Sawney Beane, à Sra. Manning, ao Vulto na Janela, a Jonathan Wild: todos explorados de maneira interminável na edição *Crimes Famosos: Passado e Presente*. Já começaram a aparecer romances baratos sobre o assunto; em breve, haverá danças, melodramas sensacionalistas, uma figura de cera na Câmara de Horrores de Madame Tussaud. Minha intenção era destruir um monstro, não me tornar um.

DR. JECKYLL E DR. MOREAU

“Cara mademoiselle Dieudonné”, dizia a nota, entregue pelo estimado Ned, “tenho de fazer uma visita relacionada às nossas investigações e gostaria de ter um vampiro comigo. Você estaria disponível esta noite? Um cabriolé irá apanhá-la em Whitechapel. Depois dou mais detalhes. Beauregard”.

Sucedeu que o próprio Beauregard estava no cabriolé, barbeado e arrumado, o chapéu no colo, bengala ao lado. Ela percebeu que ele estava se acostumando ao horário dos vampiros, dormindo de dia e florescendo à noite. Entregou ao condutor um endereço no outro lado do rio, na cidade. A carruagem movimentava-se agradavelmente sobre as molas enquanto saía do East End.

— Nada é tão reconfortante quanto o interior de uma carruagem — declarou Charles. — É uma pequena fortaleza sobre rodas, uma proteção no escuro.

Considerando a evidente inclinação de seu companheiro para pensamentos poéticos, Geneviève agradeceu por ter tido cuidado com seu traje. Ela não passaria no Palácio, mas seu figurino pelo menos não era planejado para irradiar hostilidade ao sexo masculino. Ela se dera ao trabalho de usar uma pelerine de veludo e uma gargantilha combinando. Passara mais tempo escovando os cabelos, e agora usava-os soltos sobre os ombros. Jack Seward disse-lhe que o arranjo estava agradável e, como os prazeres vaidosos de um espelho eram-lhe negados, ela tinha de acreditar em sua palavra.

— Você parece diferente esta noite — Charles percebeu.

Ela sorriu, tentando ocultar os dentes. — É o vestido, eu acho. Mal posso respirar.

— Pensei que não precisasse respirar.

— É uma falácia comum. De alguma forma, os que não sabem nada são capazes de manter crenças totalmente incompatíveis. Por um lado, vampiros podem ser detectados porque não respiram. Por outro lado, vampiros têm o hálito mais malcheiroso que se possa imaginar.

— Você está certa, claro. Isso nunca me ocorrera.

— Somos seres naturais, como qualquer outro — ela explicou. — Não existe mágica.

— E a história do espelho?

Eles sempre acabavam nesse assunto, o assunto do espelho. Ninguém tinha uma explicação para isso.

— Talvez um pouquinho de mágica — ela disse, mostrando o polegar e o indicativo quase juntos. — Só um toque.

Charles sorriu, algo que raramente fazia. O sorriso melhorava seu semblante. Havia algo fechado no fundo da mente de Charles Beauregard. Na verdade, ela não conseguia ler pensamentos, mas era sensível. Charles tinha a intenção de manter a mente reservada. Não é um truque que se pratica naturalmente; a vida a serviço do Clube Diógenes deve tê-lo ensinado. A impressão era de que esse cavalheiro cortês era um veterano em guardar segredos.

— Você viu os jornais? — ele perguntou. — Houve outra comunicação de Jack, o Estripador. Um cartão-postal.

— “Evento duplo desta vez” — ela citou.

— Exatamente. “Não tive tempo de tirar as orelhas para a polícia”.

— Ele não tentou cortar a orelha de Cathy?

Beauregard, obviamente, havia memorizado o relatório do Dr. Gordon Brown. — Havia um ferimento assim, mas provavelmente foi acidental. O rosto dela estava extremamente mutilado. Mesmo que o autor das cartas não seja o assassino, ele deve ter uma fonte de informações.

— Quem, por exemplo? Um jornalista?

— É possível. O fato das cartas terem sido enviadas à Agência Central de Notícias e, portanto, estarem disponíveis a todos os jornais, é incomum. Poucos, fora da imprensa, sequer sabem o que é uma agência de notícias. Se as cartas tivessem sido enviadas a um periódico específico, apenas uns poucos jornalistas se beneficiariam com o “furo”.

— E também se tornariam suspeitos?

— Precisamente.

Estavam na cidade, agora. Ruas largas, bem iluminadas, casas separadas o bastante umas das outras para permitir árvores e espaços gramados. Tudo era tão mais limpo ali, embora Geneviève tenha notado três corpos espetados em

estacas, numa praça. Crianças brincavam de esconde-esconde nos arbustos em volta dos empalados, vampirinhos de olhos vermelhos procurando seus amiguinhos rechonchudos e dando-lhes mordidas afetuosas com seus dentinhos afiados.

— Quem vamos ver? — ela perguntou.

— Alguém que você irá aprovar. Dr. Henry Jekyll.

— O cientista? Ele foi ao inquérito de Lulu Schön.

— Ele mesmo. Seus únicos deuses são Darwin e Huxley. Ele não permite que magia alguma cruze a soleira da porta. E, por falar na soleira da porta do Dr. Jekyll, espero que seja essa.

O cabriolé parou. Charles saiu e ajudou-a a descer. Ela se lembrou de segurar o vestido e apurar-se ao se desembaraçar da carruagem. Ele pediu ao condutor para esperar.

Estavam numa praça de casas antigas e bonitas, agora quase todas abandonadas pela alta sociedade e transformadas em pensões e divididas em apartamentos para homens de todos os tipos e condições: iluminadores de mapas, arquitetos, carpatianos, advogados suspeitos e agentes de negócios escusos. Uma delas, entretanto, a segunda depois da esquina, era ainda ocupada por inteiro; e foi nessa residência que emanava um ar de grande riqueza e conforto, embora estivesse agora no escuro, exceto pela luz que passava pela bandeira da porta, que Charles bateu. Um criado idoso abriu a porta. Charles apresentou seu cartão, que Geneviève concluiu ser um passe livre para todas as residências e instituições do país.

— E esta é a senhorita Dieudonné — explicou Charles —, a anciã.

O criado anotou e conduziu os visitantes a um saguão grande e confortável, de teto baixo, piso de ladrilhos, aquecido como uma casa de campo, por uma lareira aberta, brilhante, e mobiliado com suntuosos aparadores de carvalho.

— O Dr. Jekyll está no laboratório com o outro cavalheiro, senhor — disse o criado. — Vou anunciá-lo.

O criado desapareceu em outra parte da casa, deixando Geneviève e Charles no saguão. No escuro, ela enxergava com mais nitidez. Havia estranhas formas no bruxulear do fogo da lareira, refletido na madeira polida e no início desajeitado da sombra no teto.

— O Dr. Jekyll obviamente não acredita na lâmpada incandescente — ela comentou.

— É uma casa antiga.

— Esperava que um cientista vivesse entre os aparelhos luminosos do futuro, e não se escondesse nas trevas do passado.

Charles encolheu os ombros e inclinou-se sobre a bengala. O criado retornou e os conduziu aos fundos da casa. Passaram por um pátio coberto e chegaram a uma construção bem iluminada, contígua à casa. Uma cortina de lã vermelha estava aberta e vozes vinham lá de dentro.

Charles afastou-se de lado, deixando Geneviève entrar primeiro. O laboratório era um espaço com pé direito alto, como um teatro cirúrgico, as paredes cobertas de estantes de livros e mapas, mesas e bancadas por toda parte, em intrincados arranjos de destiladores, tubos e maçaricos. O lugar exalava um cheiro forte de sabão, mas outros aromas não haviam sido completamente removidos pela limpeza regular.

— Obrigado, Poole — disse Jekyll, dispensando o criado, que se retirou para a casa principal com o que Geneviève interpretou como alívio. O patrão estava conversando com um homem de ombros largos e prematuros cabelos brancos.

— Sr. Beauregard, bem-vindo — disse Jekyll. — E senhorita Dieudonné.

Ele curvou-se ligeiramente e enxugou as mãos no avental branco, deixando manchas de alguma substância.

— Este é meu colega, Dr. Moreau.

O homem de cabelos brancos ergueu a mão em cumprimento. A impressão de Geneviève foi de que não iria gostar do Dr. Moreau.

— Estávamos conversando sobre sangue.

— Um assunto de grande interesse — Charles especulou.

— De fato. Do maior interesse. Moreau tem ideias radicais sobre a classificação do sangue.

Os dois cientistas estavam em pé ao lado de uma bancada, sobre a qual havia um pedaço de lona desenrolada. Na lona, havia fragmentos de pó e osso espalhados, grosseiramente no formato de um homem: um pedaço curvo que poderia ter sido uma testa, alguns dentes amarelos, algumas aduelas que sugeriam costelas e uma grande quantidade de material esfarelado vermelho-cinza, que ela lamentava ter motivos para reconhecer.

— Ele era vampiro — ela disse. — Um ancião?

Um renascido não iria se decompor tão completamente. Chandagnac se transformara em cinzas como aquelas. Ele tinha mais de quatrocentos anos na época de sua destruição.

— Tivemos sorte — Jekyll explicou. — Conde Vardelek cometeu uma ofensa contra o Príncipe Consorte e foi executado. Assim que soube do caso, solicitei os restos mortais. A oportunidade mostrou-se inestimável.

— Vardelek?

Jekyll fez um gesto vago com a mão, indicando que o nome não era importante.

— Um carpatiano, creio.

— Eu o conhecia.

Jekyll, por um instante, arrefeceu seu entusiasmo científico. — Sinto muito. Perdoe-me pela falta de tato...

— Tudo bem — ela disse, imaginando o rosto pintado do húngaro esticado sobre os restos do crânio. — Não éramos íntimos.

— Temos que estudar a fisiologia dos vampiros — disse Moreau. — Há vários pontos de interesse.

Charles observava o laboratório, espiando casualmente as experiências em curso. Lodo pingava numa proveta diante de seu rosto e efervescia em espuma púrpura.

— Está vendo? — Jekyll disse a Moreau. — A substância reage normalmente.

O cientista de cabelo branco não respondeu. Evidentemente, ele perdia um ponto para o Dr. Jekyll.

— Nossa preocupação — começou Charles — tem mais a ver com crime do que com ciência. Estamos acompanhando os assassinatos em Whitechapel. A questão de Jack, o Estripador.

Jekyll não deixou transparecer nada.

— O senhor se interessou pelo caso? Esteve em inquéritos, e assim por diante?

Jekyll admitiu que sim, mas não fez nenhuma outra observação.

— O senhor chegou a alguma conclusão?

— Sobre o assassino? Cheguei a poucas conclusões. Minha opinião é a de que todos nós, se livres das restrições do comportamento civilizado, somos capazes de qualquer ato extremo.

— A natureza do homem é bruta — disse Moreau. — É sua força secreta.

Moreau fechou os punhos peludos. Ocorreu a Geneviève que o cientista era fisicamente muito forte. Havia algo quase simiesco em seu porte. Para ele, não seria nada cortar uma garganta ou executar uma rápida dissecação, arrastando uma lâmina de prata sobre carne resistente, serrando ossos.

— Minha preocupação — continuou Jekyll — é com as vítimas. Os renascidos. A maioria deles está morrendo, como devem saber.

Geneviève sabia.

— Vampiros são potencialmente imortais. Mas são imortais frágeis. Algo dentro deles os leva à autodestruição.

— São os mutantes — disse Moreau. — Eles são a evolução ao contrário, um atavismo. A humanidade está no topo da parábola da vida na Terra; o

vampiro representa o passo além da proa, o primeiro passo no caminho da regressão à selvageria.

— Dr. Moreau — ela disse se estou entendendo bem, devo ficar ofendida.

Jekyll interveio.

— Ah, mas não deve, senhorita Dieudonné. Você é o caso mais interessante imaginável. Por sua existência contínua, você demonstra que os vampiros não precisam ser degraus retrógrados na escada evolucionária. Gostaria de examiná-la adequadamente. É concebível que você possa ser a humanidade aperfeiçoada.

— Não me sinto como o ideal de ninguém.

— Nem sentirá, até que tenha um mundo perfeito à sua volta. Se pudéssemos determinar os fatores que diferenciam um ancião de um renascido, poderíamos eliminar muito desperdício de vida.

— Renascidos são como tartarugas jovens — disse Moreau. — Centenas saem dos ovos, mas apenas algumas rastejam da areia até o mar sem ser capturadas por aves marinhas.

Charles ouvia com atenção, permitindo que ela questionasse os cientistas. Ela queria saber o que ele pretendia descobrir com os dois médicos.

— Sem querer contrariar a agradável sugestão de que posso ser a culminação de um esquema divino, com certeza a opinião científica geral é a de que os vampiros não constituem uma espécie separada da humanidade, mas uma excrescência parasita em nossa árvore genealógica, que só existe em virtude do sustento roubado de nossos primos quentes.

Jekyll parecia quase zangado sob sua gentileza.

— Fico desapontado por você levar em consideração ideias tão ultrapassadas.

— Eu apenas as levo em consideração, doutor. Não as adoto como minhas.

— Ela só está prolongando a discussão com você, Harry — explicou Moreau.

— Claro, perdoe-me. Uma resposta simples: vampiros não são mais parasitas por se alimentarem de sangue humano do que os humanos são parasitas por se alimentarem da carne de gado.

A sede vermelha de Geneviève fez cócegas no fundo da garganta. Ela dormira nos últimos dias e tinha de se alimentar logo, ou enfraqueceria. — Alguns vampiros se referem a vocês como “gado”. Este cavalheiro aqui, que virou pó, era conhecido por empregar o termo.

— É compreensível.

— Vardelek era um carpatiano arrogante, doutor. Eu lhe asseguro que não tenho esse desprezo pelos quentes.

— Fico feliz em ouvir isso — observou Charles.

— Nenhum de vocês procurou o Beijo Negro? — ela perguntou. — Certamente, em nome da pesquisa, seria um passo lógico.

Jekyll balançou a cabeça. — Queremos estudar o fenômeno mais a fundo. A condição de vampiro pode ser uma cura para a morte, mas, em noventa por cento dos casos, pode ser também um veneno fatal.

— Considerando a importância vital da pesquisa de campo, é chocante que isso tenha sido tão negligenciado — disse Moreau. — Dom Augustin Calmet ainda é citado como a referência padrão...

Calmet era autor de *Um Tratado sobre os Vampiros da Hungria e Regiões Vizinhas*, cuja primeira edição era de 1746, uma coleção de incidentes não confirmados e contos folclóricos mal-acabados.

— Até o falecido Professor Van Helsing de triste memória era, no fundo, um seguidor de Calmet — disse Jekyll.

— E os senhores, cavalheiros, desejam ser o Galileu e o Newton dos estudos sobre vampirismo?

— Reputação não importa — disse Moreau. — Qualquer palhaço pode comprá-la. Veja a Sociedade Real, quentes ou mortos-vivos; são um bando de babuínos carecas. Em ciência, a prova é vital. E logo teremos a prova.

— Prova de quê?

— Do potencial humano para a perfeição, senhorita Dieudonné — disse Jekyll. — Seu nome está certo. Você pode de fato ser um presente de Deus. Se todos nós pudéssemos ser como você...

— Se todos fôssemos vampiros, como os vampiros iriam se alimentar?

— Ora, importaríamos africanos, ou nativos das ilhas do sul — disse Moreau, como se mostrasse a um imbecil que o céu é azul. — Ou criaríamos feras com forma humana. Se os vampiros podem mudar de forma, outras criaturas também podem.

— Existem vampiros africanos, Dr. Moreau. O príncipe Mamuwalde é muito respeitado. Tenho parentes até nas ilhas do sul...

Geneviève viu uma luz doentia por trás dos olhos de Jekyll. Algo similar podia ser observado no olhar ansioso de Moreau: a ânsia de Prometeu, o desejo da chama intensa do conhecimento.

— Que perfeição fria, escura e silenciosa seria! — disse Geneviève. — Imagino que um aperfeiçoamento universal supremo seria algo muito semelhante à morte.

PAMELA

— Parece que, de repente, desenvolvi um sentimento caloroso, quase afetivo por Dom Augustin Calmet — disse Geneviève. Beauregard achou divertido.

No cabriolé, no caminho de volta a Whitechapel, ela sentou-se ao seu lado. Clayton, contratado por aquela noite, sabia aonde ir. Após sua viagem inesperada a Limehouse, Beauregard estava feliz em ser conduzido em Londres por alguém que ele sabia estar a serviço do Clube Diógenes.

— Muitos homens brilhantes parecem loucos a seus contemporâneos.

— Eu não tenho nenhum contemporâneo — ela disse. — Exceto Vlad Tepes, e eu nunca o encontrei.

— Mas entende meu raciocínio?

Os olhos de Geneviève brilharam. — Claro, Charles...

Ela tinha o hábito de usar seu primeiro nome. Em outra mulher, isso poderia ser inconveniente, mas era absurdo insistir em regras arbitrárias de tratamento com uma mulher com idade suficiente para ser sua bisavó dez vezes.

— É possível que os assassinatos sejam experiências — ela continuou. — Dr. Knox precisava de cadáveres e não tinha escrúpulos quanto à sua procedência; Dr. Jekyll e Dr. Moreau precisam de corpos de mortos-vivos e poderiam muito bem tê-los colhido nas ruas de Whitechapel.

— Moreau envolveu-se num escândalo de vivissecção alguns anos atrás. Algo particularmente revoltante, com um cachorro esfolado vivo.

— Acredito. Dentro do jaleco branco, ele é um homem das cavernas.

— E ele é um homem forte. Dizem que é um expert no relho. Viajou bastante pelo mundo.

— Mas você não acredita que ele seja nosso assassino.

Beauregard ficou ligeiramente surpreso com tamanha antecipação. — Não acredito. Em primeiro lugar, porque ele é reconhecido como um excelente cirurgião.

— E Jack, o Estripador conhece o interior de um corpo, mas arranca as entranhas com a finesse de um açougueiro bêbado.

— Exatamente.

Ele estava acostumado a ter de explicar seu raciocínio. Era reconfortante, embora um tanto alarmante, estar com alguém que conseguia acompanhá-lo.

— Ele poderia, deliberadamente, estragar o serviço para afastar a suspeita? — ela perguntou, e respondeu a própria pergunta. — Não, se Moreau fosse louco o suficiente para assassinar por uma experiência, não iria pôr em risco suas descobertas com descuido intencional. Se fosse o nosso estripador, sequestraria as vítimas e as levaria a algum local isolado para operá-las à vontade.

— Todas as moças foram mortas no local onde foram encontradas.

Beauregard assentiu.

— E foram mortas rápido, em frenesi. Sem “método científico”.

A vampira mordeu o lábio e, por um instante, foi a imagem de uma garota séria de dezesseis anos num vestido feito para uma irmã mais velha e mais frívola. Então, a mente antiga voltou.

— Então, seu suspeito é o Dr. Jekyll?

— Ele é químico biológico, não anatomista. Esta não é absolutamente minha área, mas tenho lido seus artigos. Ele tem algumas ideias estranhas. Seu último texto foi “Sobre a Composição do Tecido dos Vampiros”.

Geneviève considerou as possibilidades.

— Mas é difícil de imaginar. Perto de Moreau, ele parece tão... tão inofensivo. Ele me lembra um clérigo. E ele é velho. Não consigo imaginá-lo correndo pelas ruas à noite, muito menos tendo a força que o Estripador deve ter.

— Mas há alguma coisa ali.

Ela pensou por um momento. — Sim, você está certo. Há algo ali. Não acho que Henry Jekyll seja Jack, o Estripador. Mas há alguma coisa peculiar e indefinível nele.

Beauregard estava assustadoramente satisfeito por ter suas suspeitas confirmadas.

— Ele precisa ser observado.

— Charles, você está me usando como cão farejador?

— Suponho que sim. Você se importa?

— Au, au — ela disse, soltando uma risadinha. Quando ela ria, o lábio superior se retraía ferozmente por causa dos dentes afiados. — Lembre-se de não confiar em mim. Eu sempre dizia que a guerra terminaria no inverno.

— Que guerra?

— A Guerra dos Cem Anos.

— Bom palpite. — Ele riu.

— Num dos anos, finalmente acertei. Naquela altura, já não me importava mais. Acho que estava na Espanha.

— Você era francesa, originalmente. Por que não vive lá?

— A França era inglesa naquele tempo. Diziam que a guerra era por causa disso.

— Então, você estava do nosso lado?

— Definitivamente, não. Mas isso foi há muito tempo, num outro país, e aquela garota já não existe mais.

— Whitechapel é um lugar estranho para encontrar você.

— Não sou a única francesa em Whitechapel. Quase todas as moças que trabalham nas ruas se chamam “Fifi LaTour”.

Ele riu.

— Sua família deve ter sido francesa também, *Monsieur Beauregard*, e você mora na Cheyne Walk.

— Era bom o bastante para Carlyle.

— Encontrei Carlyle uma vez. E muitos outros. Os grandes e os bons, os loucos e os maus. Tinha medo de alguém me localizar relacionando todas as referências a mim em memórias, ao longo dos séculos. Me localizar e me destruir. Isso era o pior que poderia acontecer. Minha amiga Carmilla foi localizada e destruída. Era uma garota sentimental, terrivelmente dependente de suas amantes quentes, mas não merecia ser trespassada por uma lança e decapitada, e depois deixada boiando num caixão cheio do próprio sangue. Acho que não preciso mais me preocupar com esse destino terrível.

— O que você tem feito todos esses anos?

Ela encolheu os ombros.

— Não sei. Fugindo? Esperando? Tentando fazer a coisa certa? Você acha que sou uma boa pessoa? Ou uma pessoa má?

Ela não esperava uma resposta. O misto de melancolia e amargura em sua voz soou divertido. Ele presumiu que ser divertida era seu modo de lidar com aquilo. Ela devia estar sobrecarregada com o peso dos séculos, assim como Jacob Marley, com o peso das correntes.

— Anime-se, velha menina — ele disse. — Henry Jekyll acha você perfeita.

— Velha menina?

— É apenas uma expressão.

Geneviève resmungou, com tristeza.

— Mas é exatamente o que eu sou, não é? Uma velha menina.

O que ela o fazia sentir? Ele ficava nervoso perto dela, mas estimulado. Era como estar em perigo, e ele era treinado para permanecer calmo no tiroteio. Quando estava com Geneviève, era como compartilhar um segredo. O que Pamela teria achado dessa vampira? Pamela era perspicaz: mesmo em agonia, sabia quando estava diante de uma mentira. Até o fim, ele lhe disse que ela ficaria bem, que voltaria para casa. Pamela rechaçou suas promessas e exigiu que ele a ouvisse. Para Pamela, morrer era difícil: ela estava com raiva, não do médico idiota, mas de si mesma, com raiva de seu corpo, por ter falhado com ela, falhado com o bebê. A fúria ardia como febre. Apertando sua mão, ele podia sentir a raiva. Ela morreu com algo não dito; desde então, ele cutucava essa ferida, imaginando se havia alguma coisa que deveria entender, imaginando que pensamento urgente era aquele, o pensamento que Pamela não teve forças para expressar em palavras nos últimos instantes.

— Eu te amo.

— O quê?

As bochechas de Geneviève estavam molhadas de lágrimas. Pela primeira vez ela parecia mais jovem que seu rosto.

— Era o que ela estava dizendo, Charles. “Eu te amo”. Só isso.

Irritado, ele apertou o cabo da bengala e ativou a lingueta com o polegar. Uma polegada de prata brilhou. Geneviève engoliu em seco.

— Desculpe, desculpe — ela disse, apoiando-se nele. — Eu não sou assim, juro. Não me intrometo. É que...

Ela chorava com sinceridade, lágrimas manchando a gola de veludo.

— Estava tão nítido, Charles — ela insistiu, balançando a cabeça e sorrindo ao mesmo tempo. — Saiu respingando de sua mente. Geralmente as impressões são vagas. Pela primeira vez, vi uma imagem perfeita. Eu soube. O que você sentiu... Oh, meu Deus, Charles, sinto muito, eu não sabia o que estava fazendo, por favor, me perdoe... e o que ela sentiu. Era uma voz, cortando como faca. Como era o nome dela?

— Pen... — ele engoliu. — Pamela. Minha esposa, Pamela.

— Pamela. Sim, Pamela. Eu ouvi a voz dela.

As mãos frias de Geneviève seguraram as suas, forçando-o a fechar a bengala. Seu rosto estava próximo. Pontos vermelhos boiavam nos cantos dos olhos.

— Você é médium?

— Não, não, não. Você carrega aquele momento o tempo todo, sustentando a dor. Está em você, aí, para ser lido.

Ele sabia que ela estava certa. Ele deveria saber o que Pamela queria dizer, mas não se permitiu ouvir. Beauregard levava Pamela à Índia. Ele sabia dos riscos. Deveria tê-la mandado de volta quando souberam que ela esperava um bebê. Mas houve uma crise e ela insistiu em ficar. Ela insistiu, mas ele a deixou insistir; não a obrigou a voltar à Inglaterra. Foi fraco ao deixá-la ficar. Não merecia entendê-la em seus últimos instantes. Não merecia ser amado.

Geneviève sorria entre lágrimas. — Não havia culpa, Charles. Ela estava com raiva. Mas não de você.

— Eu nunca pensei...

— Charles...

— Bem, eu nunca pensei, conscientemente...

Ela levantou um dedo e o colocou sobre o rosto de Charles. Tirou o dedo e o segurou diante dele. Havia uma lágrima. Ele pegou um lenço e enxugou os olhos.

— Eu sei do que ela tinha raiva, Charles. Da morte. Eu, mais do que ninguém, compreendo. Acho que eu teria gostado muito de sua esposa.

Geneviève tocou o dedo na língua, com um leve estremecimento. Vampiros bebiam lágrimas.

O que Pamela teria achado de Geneviève não importava. O que importava, ele percebeu com um aperto no estômago, era o que Penélope acharia...

— Eu realmente não fiz isso de propósito — ela disse. — Você deve me achar uma sentimental.

Ela pegou o lenço dele e, com toques leves, secou os próprios olhos. Olhou para o tecido úmido.

— Ora, ora — ela disse. — Água salgada.

Ele ficou intrigado.

— Geralmente eu choro sangue. Não é muito atraente. Cheia de dentes e rabos de rato, como um *nosferatu* deve ser.

Agora ele pegou sua mão. A dor da lembrança estava passando; de alguma forma, ele estava mais forte.

— Geneviève, você se subestima o tempo todo. Lembre-se, eu sei que você não conhece sua própria aparência.

— Eu me lembro de uma garota com pés de pato e lábios que não se encaixavam. Mas os olhos eram bonitos. Não tenho certeza, mas espero que tenha sido minha irmã. O nome dela era Cirielle; casou-se com o irmão de um oficial francês e morreu avó.

Ela estava aguçada de novo, retomara o autocontrole. Apenas um leve rubor no pescoço traía qualquer emoção, e já desaparecia como gelo ao sol.

— A esta altura, minha família se dispersou pelo globo, como a cristandade. Acho que todos os que estão vivos são parentes meus, de alguma forma.

Ele tentou rir, mas ela ficou séria novamente.

— Não gosto de mim quando me emociono, Charles. Desculpe-me por tê-lo constrangido.

Beauregard balançou a cabeça. Algo havia surgido entre eles, mas ele não tinha certeza se era um vínculo ou uma barreira.

SR. VAMPIRO II

A lágrima de Charles ainda latejava em sua boca. Ela não tivera a intenção de experimentar seu sofrimento, mas não conseguira evitar. Em sua idade avançada, estava ficando excêntrica e difícil de entender. A maioria dos anciãos enlouquecia. Como Vlad Tepes. De Charles, ela tinha uma bolha de memórias. O aperto de uma mão fina, o cheiro de sangue agonizante, o calor e a poeira de um país distante, a luta feroz de uma mulher para viver, para trazer vida ao mundo. Sentimentos estranhos, dores estranhas. Geneviève não podia engravidar, não podia dar à luz. Isso significaria que não estava realmente viva? Que não era realmente uma mulher? Diziam que vampiros não têm sexo, que o sexo de seus corpos tinha a mesma função dos desenhos nas penas de um pavão. Ela sentia prazer em fazer amor, de certo modo; mas não se comparava a alimentar-se de sangue.

Tudo isso por causa de uma lágrima. Ela engoliu e lambeu o céu da boca até o gosto mental desaparecer.

— Estamos quase no Toynbee Hall — Charles disse.

Estavam ao lado do Mercado Spitalfields, na Lamb Street, logo depois da esquina com a Commercial Street. O mercado, aberto até o amanhecer, estava bem iluminado, e lotado. O barulho e o cheiro eram familiares.

Com um tranco, pararam. Geneviève foi jogada para a frente, contra a proteção de madeira na dianteira da carruagem. Charles agarrou-a e ajudou-a a levantar-se, mas ela acabou de joelhos no pequeno espaço do piso. Não

conseguia ver o que se passava fora do cabriolé. A égua relinchava histericamente, o cocheiro tentando acalmá-la com a voz e com um puxão forte.

Geneviève sabia que havia algo errado.

Com um puxão violento, o relinchar cessou abruptamente. O cocheiro praguejou e os espectadores uivaram em terror. O rosto de Charles estava pálido de emoção. Era como o soldado, momentos diante de um ataque. Por séculos, ela vira aquela expressão no rosto de homens prestes a morrer. Seus dentes caninos estenderam-se, e ela salivou, pronta para ataque ou defesa.

Houve um baque pesado no topo do cabriolé. Ela olhou para cima. Cinco dedos amarelos, unhas feito facas curvas, atravessaram a madeira. Contorceram-se como vermes vertebrados, e um punho arrancou um pedaço do teto da carruagem. Através da fenda estilhaçada, ela vislumbrou a ondulação de seda amarela. Seu perseguidor saltitante estava de volta. Um rosto enrugado apareceu grudado no buraco, a boca aberta mostrando fileiras de dentes de lampreia. A boca crescia cada vez mais, rasgando as bochechas, expondo gengivas brilhantes e musculosas. O ancião emitia sons inarticulados, os lábios reduzindo-se a nada, bigodes esparsos brotando da carne grossa e úmida.

Mãos agarraram cada um dos lados do buraco e arrancaram mais madeira. Camadas de madeira envernizada da carruagem despedaçaram-se, cantando como cordas de violino quebradas.

Charles havia sacado a espada e procurava um ponto de investida. Ela tinha de assumir a luta com o inimigo antes que Charles tentasse ser seu protetor e acabasse massacrado.

Do chão do cabriolé, ela arremessou-se, impulsionando-se com força, agarrando as bordas do rasgo e puxando-se para cima. Precipitou-se através da abertura, as bordas irregulares rasgando seu vestido e cortando sua pele. O cabriolé balançava com o peso do chinês, que se equilibrava na cabine do cocheiro. Ela viu o condutor estirado na rua a doze jardas de distância, tentando sentar-se em meio a uma multidão boquiaberta. Um vento frio soprou o cabelo solto para o rosto de Geneviève e açoitou o vestido em volta dos joelhos. O cabriolé cambaleava sob o peso cambiante dos dois vampiros, ancorado apenas por um cavalo morto.

— Senhor — ela dirigiu-se ao ancião —, qual é o seu problema comigo?

O chinês se transformou. O pescoço alongou-se, dividindo-se em segmentos de corpo de inseto, cobertos de espinhos. Os braços que se estenderam das mangas em forma de sino tinham múltiplos cotovelos, e terminavam em mãos humanas do tamanho de remos. A cabeça balançava sobre o pescoço-serpente, uma jarda de rabicho enrolado fustigando-lhe os ombros. Esse rabo de cavalo terminava numa bola cheia de pontas, entrelaçada em seus cabelos.

Algo ao mesmo tempo delicado e espinhoso roçou no rosto de Geneviève. Era um cordão fino como teia de aranha, nascido do rosto do vampiro. Enquanto ela observava as mãos, ele a alcançara com as sobrelanceiras unidas. Pelos semelhantes à relva dos pampas arranharam seu rosto. Ela cerrou o punho e jogou o antebraço contra a sobrelanceira-serpente, enrolando-a no pulso várias vezes. Puxou com força: cordões finos cortaram a manga do vestido e amarraram-se em seu pulso, mas o vampiro perdeu o equilíbrio.

Ela foi arrancada de sua posição quando o chinês caiu da cabine. Ele deslizou no ar como um peixe na água e aterrissou perfeitamente nas sandálias. A sobrelanceira-serpente soltou seu braço. Ela bateu com os pés num muro e depois caiu na rua de pedra. Com os tornozelos ainda abalados pelo impacto contra o muro, tentou levantar-se. A mão afundou num repolho podre e ela escorregou, estatelando-se de novo. Sentiu o gosto de sujeira no rosto. Deliberadamente, ergueu-se apoiada nos cotovelos, e depois nos pés. O ancião conseguira feri-la, o que não deveria ser fácil. A força do vampiro fazia dela uma criança.

Ela apoiou-se no muro atrás de si e reuniu forças. Seu rosto ardia à medida que a pele esticava. Os dentes e as unhas cresciam, rompendo a carne dos dedos e da gengiva. Sentiu o gosto do próprio sangue.

Estavam no mercado, num lugar sujo entre as bancas. Carcaças bovinas penduradas enfileiravam-se no espaço entre os dois vampiros, balançando em ganchos de ferro. O mau cheiro de sangue de animal morto estava em toda parte. A multidão reunira-se num círculo, abrindo espaço para a luta dos anciãos, mas também impedindo qualquer recuo.

Ganhando impulso a partir do muro, ela voou sobre o ancião. Ele ficou firme em pé, os braços abertos. As mãos dela esbarraram na túnica do chinês quando, menos de um segundo antes de alcançá-lo, ele se desviou para o lado. Quando ela passou, ele a golpeou no flanco com os dedos pontiagudos. Seu vestido ficou esfarrapado e sua pele, perfurada. Ela bateu na lateral fria de uma carcaça e cambaleou, colidindo com os espectadores. Eles a levantaram e, vibrando, empurraram-na de volta. Era como uma luta livre, a multidão continuamente empurrando os pugilistas de volta à arena. Até que um dos dois desistisse de levantar outra vez.

Geneviève teria apostado contra si mesma. Segundo a superstição, ela poderia deter o ataque do vampiro chinês desenhando uma prece ao Buda numa folha de papel amarelo e colando-lhe o sortilégio na testa. Ou espalhar arroz pegajoso em seu caminho para grudá-lo no chão e, segurando a respiração para tornar-se invisível ao morto-vivo, despedaçá-lo com pedaços de barbante

benzido e tingido de sangue. Nenhuma das alternativas parecia ter utilidade prática.

Braços longos abriram-se como as asas estabilizadas de uma garça, e o ancião chutou-a sob o queixo. A ponta da sandália enganchou em sua mandíbula. Ela caiu de mau jeito, batendo pesadamente contra uma mesa de cavaletes. Sobre a mesa havia uma fileira de rins enfarinhados em papel encerado. Os cavaletes caíram, e ela estava novamente no chão, cercada de pedaços de carne roxa. Uma lamparina rolou nas pedras do piso sem se quebrar, a chama cheia de fuligem crepitando pela abertura lateral, o peso do vidro com óleo de parafina fazendo-a pender para baixo.

Ela olhou para cima e viu o vampiro chinês caminhando lentamente em sua direção. Ele tinha olhos verdes no rosto que mais parecia uma máscara de couro murcho. Seus movimentos eram precisos e resolutos como os de um dançarino. As sedas farfalhavam enquanto ele andava, como as asas de um inseto. Para ele, aquilo era um espetáculo, uma demonstração. Como um toureiro, queria aplausos quando matasse.

Houve um movimento indistinto atrás da criatura, e ela parou, delicadamente empertigando a orelha pontuda. Charles aproximava-se do vampiro; a espada, um lampejo prateado. Se ele conseguisse tocar a ponta no corpo do ancião e trespassar-lhe o coração...

O braço do vampiro curvou-se para trás em três lugares e sua mão apertou o pulso de Charles, detendo o bote da espada. Ao torcer-lhe o pulso, a espada girou como o ponteiro de um relógio, não chegando a tocar a roupa do chinês. A espada caiu com um som metálico contra o chão de pedra. O vampiro virou Charles com um movimento brusco, atirando-o para longe, junto com sua arma. A multidão suspirou, em solidariedade.

Geneviève tentou levantar-se. Os rins pareciam grandes lesmas mortas, explodindo sob seu peso, lambuzando-a com suas secreções. O ancião voltou sua atenção para ela e esticou um braço ossudo, a manga parecendo inflar numa brisa inexistente. Das profundezas escuras do roupão emergiu uma nuvem esvoaçante que crescia como as ondulações impossíveis do lenço colorido de um mágico. Lançando-se e tremendo, a nuvem voou em sua direção. Um milhão de minúsculas borboletas, belezas coloridas cujas asas refletiam a luz como fragmentos espalhados de diamante, aproximaram-se dela. Aglomeraram-se sobre a carne espalhada no chão, devorando-a instantaneamente, e fustigaram seu rosto, agitando-se em torno dos pedaços de rim grudados em sua pele, mordendo os cantos de seus olhos.

Ela mantinha a boca fechada e balançava a cabeça com violência. Limpava o rosto com os pulsos. A cada vez que se livrava de um enxame, as borboletas

juntavam-se novamente. Estendeu a mão para apanhar a lamparina caída e pinçou a chama. Após arrancar o pavio ainda sibilante, esvaziou a lamparina sobre a cabeça, afugentando as borboletas. O cheiro de óleo de parafina ardeu em suas narinas. Uma faísca, e sua cabeça seria uma vela acesa. Tirou as borboletas mortas do cabelo, jogando-as fora aos punhados sujos.

O ancião ficou em pé diante dela. Abaixou-se e pegou-a pelos ombros. Geneviève ficou pendurada como um pedaço de pano. Ela deixou-se relaxar. Os dedos dos pés arranhavam as pedras do chão. Talvez houvesse divertimento na esmeralda empoeirada de seus olhos antigos. A mandíbula coroada de agulhas aproximou-se de seu rosto, e ela sentiu o hálito perfumado. Da fissura vermelha rodeada de dentes surgiu uma língua pontuda e tubular, como a tromba de um mosquito. Ele poderia sugá-la até secar, deixando apenas a casca. Ela talvez sobrevivesse, mas esse seria o pior desfecho.

Agora com os pés totalmente apoiados no chão, ela olhava a criatura. Pendeu a cabeça para trás, expondo a garganta, em submissão. A língua serpenteou até ela, a fenda dentada pulsando. Ela concedeu-lhe alguns segundos para saborear a vitória e então o agarrou sob as axilas, as unhas apunhalando através da túnica e arranhando suas costelas. Com a boca aberta, deu um bote no rosto do chinês e mordeu. Pegou a língua e fechou a mandíbula com força na carne que serpenteava. Um gosto picante inundou-lhe a boca, engasgando-a. A língua, mais forte que uma serpente, lutava contra o aperto de sua mandíbula. Ela sentiu a coisa nojenta latejar. Em volta de sua língua, o vampiro guinchava em fúria. Ela o machucava. Seus dentes serraram cartilagem e músculo e, com um clique, se encontraram. A ponta da língua em sua boca debateu-se, e ela a cuspiu fora.

O vampiro afastou-se dela, tonto, uma golfada preta e oleosa explodindo do buraco da boca, respingando na túnica. Ele ainda gritava, gritos emergindo em bolhas de sangue. A criatura não iria se alimentar do sangue de Geneviève. Ela limpou a boca na manga esfarrapada, tossindo e cuspidando, tentando eliminar o gosto. Sua boca inteira estava adormecida, a garganta ardia. O ancião, girando, golpeou-a novamente. Os socos fizeram-na bater contra um muro, e ele começou a esmurrá-la como um boxeador, golpeando a barriga e o pescoço. Ele estava furioso agora, e não muito preciso. Tudo que tinha era força, não habilidade. A dor espalhou-se pelo corpo dela. Ele pegou sua cabeça, como certamente pegara a cabeça da égua, e puxou-a para um lado. Os ossos do pescoço quebraram, enquanto ela urrava de dor. O vampiro jogou-a no chão e chutou-a no flanco. Depois pulou sobre as costelas. Ela ouviu os próprios ossos se quebrando.

Abriu os olhos. O vampiro a olhava com escárnio, enquanto lamentava como uma foca ferida. A metade inferior do rosto dele, uma massa fumegante de carne

e dentes tentando remendar-se. Saliva e sangue pingavam nela. Então ele se foi, e outros rostos começaram a se aglomerar em volta dela.

— Deixe-me passar — alguém falou. — Afastem-se, pelo amor de Deus...

Estava muito ferida. As costelas se consertavam enquanto respirava, dores lancinantes diminuindo a cada onda. Mas o pescoço estava fora de lugar. E os ossos estavam fracos, a visão, turvada de vermelho. Ela tinha consciência da imundície em que se encontrava, o sangue incrustado em seu rosto. Ela nem tinha mais um vestido bom.

— Geneviève — disse uma voz —, olhe para mim...

Um rosto aproximou-se. Charles.

— Geneviève...

PENNY ENTENDE TUDO

Achando melhor não removê-la, ele mandou Clayton chamar o Dr. Seward no Toynbee Hall. Enquanto isso, fez o que pôde para deixá-la confortável. Um balde fora enchido com a água quase limpa de um cano; ele passou um pano úmido no rosto dela, retirando a máscara de sangue e sujeira.

O que quer que fosse aquilo, tinha ido embora, pulando com uma peculiar marcha saltitante. Beauregard desejou que sua bengala-espada tivesse espetado a coisa. Ele estava revendo seus conceitos sobre vampiros em geral, mas aquele monstro não deveria estar vivo.

Esfregou de leve o rosto de Geneviève, e ela apertou sua mão. Ela gemia enquanto os ossos se mexiam. Ele se lembrou de Liz Stride em seus últimos momentos. E de Pamela. As duas estavam perdidas, a morte chegando como misericórdia. Decidiu lutar por Geneviève Dieudonné. Se não pudesse preservar uma vida, para que ele servia? Ela tentou falar, mas ele a tranquilizou, silenciando-a. Tirou uma borboleta esmagada do cabelo dela e atirou-a fora. A cabeça de Geneviève pendia de modo anormal, o pescoço dobrado num canto, um osso projetando-se sob a pele. Uma mulher quente estaria morta.

A multidão que tinha apreciado a luta ainda estava lá, pondo ordem no mercado. Alguns desocupados permaneciam ali, na esperança de ver mais sangue. Beauregard teria gostado de jogar um ou dois deles no chão a golpes de kung-fu, apenas para proporcionar um espetáculo ao público.

Clayton voltou com uma mulher espadaúda. Era a Sra. Amworth, a enfermeira vampira. Outro homem do Hall, Morrison, estava com eles,

carregando uma maleta de médico.

— O Dr. Seward está fora, em algum lugar — explicou a Sra. Amworth. — Você vai ter que se contentar comigo.

A enfermeira delicadamente empurrou Charles para o lado e ajoelhou-se ao lado de Geneviève. Ele ainda segurava sua mão, mas ela se contraía à medida que seu braço mudava.

— O senhor vai ter que soltá-la — disse a Sra. Amworth.

Ele baixou a mão de Geneviève, ajeitando o braço junto ao corpo.

— Ótimo, ótimo, ótimo — disse a Sra. Amworth para si mesma, enquanto sentia as costelas de Geneviève. — Os ossos estão se arrumando na posição certa.

Geneviève tentou sentar-se, tossindo, e então desabou.

— Sim, isso dói — disse a Sra. Amworth, com ternura —, mas é para seu bem.

Morrison abriu a maleta e colocou-a ao alcance da Sra. Amworth. Ela retirou um bisturi.

— A senhora vai cortar?

— Só o vestido.

A enfermeira posicionou a lâmina sob o decote nos ombros e deslizou-a pelo braço, descascando o que sobrara da manga. Havia manchas roxas no braço, que a Sra. Amworth espremeu com as duas mãos. Houve um estalo e o ombro encaixou-se de forma adequada. As manchas vívidas começaram a desaparecer.

— Agora, o truque — disse a Sra. Amworth. — O pescoço dela está quebrado. Temos que ajustá-lo rapidamente, ou os ossos vão se emendar de forma errada, e teríamos que quebrar a espinha dela de novo para consertar.

— Posso ajudar?

— O senhor e Morrison vão pegá-la pelos ombros e segurá-la com toda a força. Você, cocheiro, sente nas pernas dela.

Clayton ficou chocado.

— Não seja acanhado. Ela vai agradecê-lo. Provavelmente vai lhe dar um beijo.

O cocheiro ancorou-se sobre os joelhos de Geneviève. Beauregard e Morrison seguraram seus ombros. Apenas a cabeça estava livre. Beauregard teve a impressão de que Geneviève estava tentando sorrir. Ela mostrou os temíveis dentes.

— Vai doer, querida — avisou a Sra. Amworth.

A enfermeira vampira segurou a cabeça de Geneviève, deslizando as mãos sob as orelhas e conseguindo uma pegada firme. Experimentando, mexeu a cabeça ligeiramente de um lado a outro, puxando o pescoço. Geneviève fechou

os olhos, espremendo-os, e sibilou, os dentes se encaixando como as duas metades de uma porta levadiça.

— Tente gritar, querida.

A paciente seguiu o conselho e deu vazão a um berro prolongado, enquanto a Sra. Amworth puxava com força e movia rapidamente o crânio de Geneviève, com um estalo, de volta à coluna vertebral. Então, montando a paciente como se ela fosse um cavalo, apertou-lhe a garganta com força e empurrou as vértebras de volta ao lugar. Beauregard viu a tensão da enfermeira enquanto realizava a cura. Seu rosto plácido estava vermelho, os caninos explodiam de sua boca. Mesmo após todas as suas experiências, estava chocado com a transformação.

Os quatro ficaram em pé, deixando Geneviève sacudir-se no chão. Seu berro era uma série de uivos agora. Ela balançou a cabeça, o cabelo açoitando o rosto. Ele achou que ela estava praguejando em francês medieval. Ela esfregou o pescoço e sentou-se.

— Agora, querida, você tem que se alimentar — disse a Sra. Amworth. Virou-se e olhou para ele.

Beauregard afrouxou a gravata e abriu o colarinho. Então parou. Sentiu o pulso do pescoço contra os nós dos dedos. Um botão da camisa abriu-se e balançou entre a camisa e o colete. Geneviève estava sentada, o muro em suas costas. Seu rosto acalmou-se, perdendo a abertura demoníaca da boca, mas os dentes ainda estavam grandes, salientes como seixos afiados. Ele imaginou a boca da vampira em seu pescoço.

— Charles? — alguém disse.

Ele se virou. Penélope estava em pé, ao lado de uma pilha de engradados de repolhos. Num casaco de passeio, com gola de pele e chapéu coberto com renda transparente, estava tão deslocada quanto um índio pele-vermelha na Câmara dos Comuns.

— O que está fazendo?

Sua primeira reação foi ajeitar a gravata, mas ele se atrapalhou e o colarinho caiu, absurdamente solto.

— Quem são essas pessoas?

— Ela tem que se alimentar — insistiu a Sra. Amworth. — Ou pode desmaiar. Ela está exaurida, coitadinha.

Morrison havia arregaçado a manga da camisa e oferecido o pulso repleto de pequenas cicatrizes à boca de Geneviève. Ela tirou o cabelo do rosto e sugou.

Penélope virou o rosto, o nariz enrugando-se de nojo. — Charles, isso é *asqueroso*!

Ela empurrou um repolho para o lado com a ponta da bota. Os desocupados reunidos atrás de Penélope fizeram piadas inaudíveis. A explosão ocasional de

gargalhadas grosseiras fluía sem tocá-la.

— Penélope — ele disse esta é Mademoiselle Dieudonné...

Os olhos de Geneviève giraram para cima e olharam para Penélope. Uma baba de sangue surgiu no canto de sua boca, desceu pelo pulso de Morrison e gotejou no chão de pedra.

— Geneviève, esta é a Senhorita Churchward, minha noiva...

Penélope fez o possível para não expressar seu nojo em voz alta. Geneviève terminou e devolveu o braço a Morrison. Ele enrolou um lenço em volta do pulso e abotoou o punho. Com a boca vermelha, ela se levantou. A manga rasgada pendeu sobre seu ombro nu. Segurou a metade do espartilho contra o peito e fez uma reverência, com certa expressão de dor.

Havia policiais na multidão agora, e os desocupados dispersaram-se. Todos no mercado encontraram algo para fazer, mexendo nas bancas, pesando engradados, trocando preços.

A Sra. Amworth abraçou Geneviève para firmá-la, mas Geneviève delicadamente desembaraçou-se dela. Ela sorriu diante da própria capacidade de ficar ereta. Beauregard achou que estava atordoada por ter se alimentado tão rapidamente após os ferimentos.

— Lorde Godalming disse que eu poderia encontrá-lo nas proximidades do Café de Paris em Whitechapel — disse Penélope. — Esperava que a informação dele estivesse equivocada.

Beauregard sabia que tentar se explicar seria admitir uma derrota.

— Trouxe um cabriolé — ela disse. — Você vai voltar comigo a Chelsea?

— Ainda tenho assuntos a tratar aqui, Penélope.

Ela deu um semissorriso, mas seus olhos eram partículas de aço azuis.

— Não vou perguntar sobre seus “assuntos”, Charles. Isso não me cabe.

Geneviève limpou a boca num pedaço do vestido. Sensatamente, desapareceu para segundo plano com a Sra. Amworth e Morrison. Clayton permanecia desnorteado, um cocheiro sem carruagem. Ele teria de esperar o comerciante de carne de cavalo vir tirar o animal morto do cabriolé.

— Se quiser me visitar — continuou Penélope, dando um ultimato —, estarei em casa amanhã à tarde.

Virou-se e foi embora. Um carregador assobiou e ela se voltou, silenciando-o com um olhar furioso. O homem amedrontado esgueirou-se para trás de uma fileira de pedaços de carne. Penélope partiu caminhando com passos curtos, o véu caído sobre o rosto.

Quando ela se foi, Geneviève disse:

— Então, aquela é Penélope.

Beauregard confirmou com um movimento da cabeça.

— O chapéu dela é bonito — comentou Geneviève. Várias pessoas, inclusive a Sra. Amworth e Clayton, riram, não de forma agradável.

— Não, sério — insistiu Geneviève, gesticulando na frente do rosto. — O véu dá um toque bonito.

Ele estava exausto por dentro. Tentou sorrir, mas seu rosto parecia ter cem anos.

— O casaco é bonito também. Todos aqueles botõezinhos brilhantes.

OS PRAZERES E OS ÊXTASES DO VÍCIO

— Tu acha que já matamo ele? — perguntou Nell, agachando na cama, cutucando o homem nu com o dedo comprido. Ele estava com o rosto afundado no travesseiro, pulsos e calcanhares amarrados frouxamente com echarpes aos pés da cama. Os bonitos lençóis brancos de algodão estavam manchados.

Mary Jane estava preocupada com sua roupa. Era difícil arrumar o chapéu sem espelho.

— Mary Jane?

— Marie Jeanette — ela corrigiu, adorando o som musical. Tentara livrar-se do sotaque irlandês, até perceber que os homens achavam-no agradável. — Faz quase um ano que eu te falo. É Marie Jeanette. Marie Jeanette Kelly.

— Kelly não combina com Marie Jeanette, duquesa.

— Ora! É muito elegante.

— Aquele sujeito que te levou para Paris te deixou meia esnobe.

— *Meio* esnobe.

— Perdão se te ofendi, duquesa.

— E não fale mal do meu “Tio Henry”. Ele era muito distinto. Provavelmente ainda é muito distinto.

— A não ser que ele esteja apodrecendo com a bereba que tu passô pra ele — disse Nell, sem querer ser realmente maldosa.

— Pare de implicar comigo.

Mary Jane enfim ficou satisfeita com seu chapéu. Era cuidadosa com a aparência. Podia ter virado vampira e podia ser prostituta, mas não iria se largar

e ficar um horror com cara de raposa, como Nell Coles.

A outra mulher sentou-se na cama e sentiu o pescoço do poeta, ainda grudento com o próprio sangue.

— Matamos ele, Mary Jane. Está morto e vai se transformar, com certeza.

— Marie Jeanette.

— Certo, e eu sou a condessa Eleanora Francesca da Boca do Lixo. Venha tirar um pedaço.

Mary Jane olhou Algernon de cima a baixo. Havia pequenas mordidas, antigas e novas, por todo o corpo. Suas costas e nádegas estavam riscadas de vergões roxos. Ele fornecera as próprias varas e as encorajara a golpeá-lo com força.

— Ele faz isso há muito tempo, Nell. Seria preciso mais do que umas chicotadas e algumas mordidas de amor para acabar com esse cachorro velho.

Nell enfiou um dedo no sangue empoçado na base da espinha de Algernon e o colocou na boca áspera. Ela ficava mais peluda a cada nascer da lua. Agora, tinha de escovar as bochechas e a testa, penteando o cabelo ruivo para trás, numa juba vistosa. Chamava a atenção na multidão, o que era bom para os negócios. Os clientes eram peculiares. Ela torceu o nariz largo ao experimentar o sangue. Nell era daquelas que tinham “impressões” com o alimento. Mary Jane ficou feliz por isso não acontecer com ela.

Nell fez uma careta.

— É amargo — disse. — Quem é esse sujeito, afinal?

— O amigo dele disse que ele é poeta.

Um cavalheiro gorducho as havia procurado e pago uma carruagem de Whitechapel a Putney. A casa era quase no interior. Mary Jane sabia que Algernon estava doente e, por questão de saúde, precisava de ar puro.

— Ele tem muitos livros, não?

Nell não sabia ler nem escrever, mas Mary Jane era mais estudada. O pequeno quarto estava repleto de estantes de livros.

— Ele escreveu todos?

Mary Jane baixou da estante um livro lindamente encapado e o abriu ao acaso.

— *“Conquistaste, ó pálido galileu; o mundo com teu hálito, assumiu a cor cinza”* — ela leu em voz alta. — *“Bebemos coisas que trazem esquecimento e nos alimentamos da plenitude da morte”*.

— Lindo. Tu acha que ele tá falando da gente?

— Duvido. Acho que é sobre Nosso Senhor Jesus.

Nell fez uma careta. Ela se encolhia de medo se alguém lhe mostrasse um crucifixo e não suportava ouvir o nome de Cristo. Mary Jane ainda ia à igreja

quando podia. Diziam-lhe que Deus era misericordioso. Afinal, o Senhor retornou da sepultura e incentivou as pessoas a beber Seu sangue. Exatamente como a senhorita Lucy.

Mary Jane pôs o livro de volta na estante. Algernon começou a regurgitar e Mary Jane segurou sua cabeça para cima. Havia algo em sua garganta. Ela o fez arrotar como um bebê e deixou a cabeça cair. Uma mancha avermelhada penetrou no travesseiro.

— Venha e nos livre da virtude, Nossa Senhora das Dores — ele disse, claramente. Então, tombou inconsciente de novo e começou a roncar.

— Não parece morto, né?

Nell riu. — Ora, sua vaca irlandesa!

— Prata e estacas ferem meu coração, mas palavras não me atingem.

A outra mulher abotoou a camisa sobre os seios peludos.

— Esse pelo todo não faz cócegas?

— Ninguém nunca reclamou.

O poeta queria apenas ser chicoteado. Quando suas costas ficaram ensanguentadas, ele as deixou mordê-lo. Foi o suficiente para acabar com ele. Depois disso, tornou-se inofensivo como um bebê.

Desde sua transformação, Mary Jane abria menos as pernas. Alguns homens queriam um pouco do cardápio antigo, mas muitos gostavam apenas de ser mordidos e sangrados. Lembrou-se com excitação do prazer perverso que sentira quando a senhorita Lucy atacara sua garganta, os dentinhos mordendo na ferida. Depois, o gosto do sangue de Lucy, e o fogo percorrendo-lhe o corpo, transformando-a.

— Então somos as Senhoras das Dores, hein? — Nell disse, colocando o cinto do vestido em volta da cintura grossa e ruiva.

A vida quente de Mary Jane era nebulosa em sua mente. Ela sabia que tinha ido a Paris com Henry Wilcox. Mas não se lembrava de nada da Irlanda, de seus irmãos. Sabia, pelo que os conhecidos lhe contavam, que viera a Londres do País de Gales, que era viúva e que fora mantida numa casa no West End. De vez em quando, tinha laivos de memória, vendo um rosto conhecido ou deparando com algum velho souvenir, mas sua vida anterior era um desenho a giz na chuva, escorrendo e borrando. Ela enxergava mais nitidamente desde a transformação, como se uma janela suja tivesse sido limpa. Às vezes, quando bebia o sangue cheio de gim de alguém, a pessoa que ela tinha sido emergia de novo, e ela acabava vomitando na sarjeta.

Nell estava curvada sobre Algernon, a boca mordendo seu ombro, sugando em silêncio. Mary Jane imaginou se o sangue do poeta seria mais rico do que o

de um homem normal. Talvez Nell começasse a recitar versos e rimas. Seria algo impressionante de ouvir.

— Deixa ele em paz agora — disse Mary Jane. — Já recebeu o bastante pelo guinéu que vai pagar.

Nell ficou ereta, sorrindo. Seus dentes estavam amarelando, e a gengiva estava preta. Em breve, teria de ir para a África e viver na selva.

— Não acredito que vai pagar um guinéu. É muito dinheiro.

— Muito para nós. Mas ele está sendo um cavalheiro.

— Conheço cavalheiros, Mary Jane. Geralmente têm a mão mais fechada que cu de rato.

Saíram do quarto de braços dados e desceram a escada. Theodore, amigo de Algernon, aguardava. Deve ser um bom amigo para trazer Mary Jane e Nell até Putney e esperar todo esse tempo. Muitas pessoas ficariam indignadas. Naturalmente, Theodore era um renascido e devia ter a mente aberta.

— Como está Swinburne?

— Vai sobreviver — respondeu Mary Jane. A maioria das garotas tinha uma espécie de desprezo por clientes como Algernon. Gostavam de ver um cavalheiro perfeitamente bem vestido e imaginá-lo nu, se contorcendo de dor, e elas desdenhando deles por preferirem o chicote a uma boa transa. Mary Jane não era assim. Talvez sua transformação tivesse mudado o modo como via o que as pessoas faziam umas às outras. Às vezes sonhava em cortar a garganta de anjos enquanto cantavam, e depois montar neles enquanto morriam.

— Como ele ama vocês, mulheres — disse Theodore. — Ele fala sobre suas “mãos frias e imortais”. Estranho.

— Ele sabe do que gosta — disse Mary Jane. — Não há vergonha em ter tendência para alguma coisa fora do comum.

— Não — concordou Theodore, em dúvida. — Vergonha nenhuma.

Estavam em pé na sala de recepção. Havia retratos de homens famosos nas paredes, e mais livros. Mary Jane tinha uma imagem da Champs Elysées, tirada de um jornal ilustrado, colada na parede de seu quarto em Miller's Court. Quando ainda era quente, estava economizando para colocar uma moldura, mas Joe Barnett, seu homem na época, encontrou as moedas numa caneca e gastou tudo em bebida. Ele a deixara com um olho roxo por esconder o dinheiro. Quando ela se transformou, pôs Joe para fora, mas antes revidou a agressão, com juro.

Theodore deu um guinéu para cada uma e acompanhou-as até a carruagem. Mary Jane enfiou o guinéu na pala do chapéu, mas Nell teve de olhar sua moeda contra a luz da lua.

Mary Jane lembrou-se de dar boa-noite e fazer uma mesura a Theodore, como o Tio Henry a ensinara. Alguns cavalheiros tinham vizinhos curiosos, e era educado portar-se como uma visita feminina respeitável. Theodore não percebeu e virou-se antes de ela voltar à posição ereta.

— Um guinéu, nossa! — exclamou Nell. — Eu teria mordido as bolas dele por um guinéu.

— Entre na carruagem, sua piranha inconveniente — disse Mary Jane. — Não sei do que está falando.

— Acho que vou entrar mesmo, duquesa — ela disse, espremendo-se na porta, rebolando o traseiro.

Mary Jane entrou em seguida e acomodou-se.

— Ei, você — Nell gritou ao condutor —, vamos para casa, e não poupe os cavalos.

A carruagem sacudiu e começou a mover-se. Nell ainda brincava com a moeda de ouro. Tentou mordê-la. Agora, ela a fazia brilhar contra o xale.

— Vou ficar fora das ruas por um mês — ela disse, lambendo os caninos. — Vou para o West End, encontrar um soldado com o pau do tamanho de uma mangueira de bombeiro e sugar o canalha até secar.

— Mas vai voltar para os becos quando o dinheiro acabar, deitada no lixo, com um bêbado babando em cima de você.

Nell deu de ombros. — Sei que não vou casar com ninguém da família real. Nem você, Marie Jeanette Kelly.

— Não estou mais nas ruas.

— Não é porque tem um teto em cima da cama onde você transa que o lugar virou uma igreja, meu bem.

— Nada de estranhos. É minha regra agora. Só cavalheiros conhecidos.

— *Bem* conhecidos.

— Você devia me ouvir, sabia? Agora as ruas estão perigosas à noite, com o Estripador.

Nell não se abalou. — Em Whitechapel, ele teria que matar uma prostituta por noite até o fim dos tempos antes de me pegar. Tem milhares delas, e vai continuar tendo muito depois que ele estiver apodrecendo no inferno.

— Está matando duas de uma vez.

— Ora!

— Você sabe que é verdade, Nell. Faz mais de uma semana que matou Cathy Eddowes e a mulher Stride. Ele vai voltar a matar.

— Queria ver ele tentar comigo — disse Nell. Ela rosnou, a boca cheia de dentes brilhantes. — Arrancaria o coração dele e comeria o patife.

Mary Jane teve de rir. Mas estava falando sério.

— A única coisa segura é atender cavalheiros conhecidos, Nell. Clientes que você conhece, e de confiança. A melhor coisa seria encontrar um cavalheiro para manter você. Especialmente se ele quiser manter você fora de Whitechapel.

— O único lugar que me manteria é o zoológico.

Mary Jane já fora *mantida* uma vez. Em Paris, por Henry Wilcox. Ele era banqueiro, um colosso das finanças. Tinha saído do país sem a esposa, e ela viajara com ele. Ele dizia a todos que ela era sua sobrinha, mas os franceses entendiam o esquema muito bem. Quando viajou para a Suíça, ele a deixou para trás com um francês velho e depravado, que ela não aceitou. O “Tio Henry” como ela soube depois, tinha-a perdido num jogo de cartas. Paris foi ótimo, mas mesmo assim ela voltou para Londres, onde entendia o que as pessoas diziam e onde somente ela jogava com a própria vida.

Estava quase amanhecendo quando chegaram a Whitechapel. No início, ela não sabia que deveria evitar o sol, e sua pele tinha torrado em queimaduras doloridas. Tinha estripado cães para tomar-lhes o suco. Levou meses até alcançar os outros renascidos.

Ensinou o caminho ao condutor quente, percebendo, com uma sensação agradável, que o homem estava petrificado com suas passageiras vampiras. McCarthy, o fabricante de velas, tinha alugado um cômodo para ela bem ao lado da Dosert Street, por quatro libras por semana. Parte do guinéu iria para o pagamento dos atrasados, para tirar McCarthy de seu pé. Mas o resto seria para ela. Quem sabe colocar a moldura?

Quando saíram, a carruagem girou e partiu rapidamente, deixando-as na rua. Nell gesticulou para o condutor de partida e uivou como um animal cômico. Ela tinha pelo crescendo até em volta dos olhos e atrás das orelhas pontudas.

— Marie Jeanette — chamou uma voz áspera vinda do escuro. Alguém estava em pé sob o arco do Miller’s Court. Um cavalheiro, pelas roupas.

Ela sorriu, reconhecendo a voz. O Dr. Seward saiu do escuro.

— Esperei você a noite toda — ele disse. — Gostaria...

— Ela sabe o que você gostaria — disse Nell —, e você deveria se envergonhar.

— Quieta, peluda — ela disse. — Isso não é jeito de falar com um cavalheiro.

Nell empinou o focinho, ajeitou o xale e saiu a passos rápidos, torcendo o nariz como uma rainha do teatro de variedades. Mary Jane desculpou-se por ela.

— Quer entrar, Dr. Seward? — ela perguntou. — Está quase amanhecendo. Preciso dormir meu sono de beleza.

— Gostaria muito — ele disse. Ele mexeu o pescoço, inquieto. Ela tinha visto outros clientes fazerem isso. Uma vez mordidos, sempre voltavam.

— Bem, me acompanhe.

Ela o conduziu ao cômodo e o deixou entrar. Os primeiros raios de sol atravessaram a janela empoeirada, iluminando a cama arrumada. Ela fechou a cortina para proteger-se da luz.

VINHAS DA IRA

A cabala estava ainda mais desfalcada. O Sr. Waverly morrera, embora ninguém mencionasse seu falecimento. Mais uma vez, Mycroft presidia a reunião. Sir Mandeville Messervy ficou quieto em sua cadeira durante toda a entrevista, o rosto caído. Qualquer que fosse o rumo tomado por Beauregard em Whitechapel, ele nunca poderia conhecer as campanhas secretas de seus mestres, empreendidas em outras áreas. Em Limehouse, o professor se referira ao negócio do crime como uma comunidade das sombras; Beauregard sabia que aquele era um mundo de impérios das sombras. Tinha o privilégio de ver atrás do véu, ainda que muito raramente.

Relatou suas atividades desde o inquérito sobre Lulu Schön, não omitindo nada de importante. Entretanto, não se sentiu obrigado a contar o que se passara entre ele e Geneviève no cabriolé de Clayton, pouco antes do ataque do vampiro ancião. Ainda tinha dúvida sobre o que exatamente ele compartilhara naquele momento de intimidade. Concentrou-se nos fatos do caso, desenvolvendo os detalhes do que fora publicado na imprensa, acrescentando suas próprias observações e comentários. Falou do Dr. Jeckyll e do Dr. Moreau, do inspetor Lestrade, do inspetor Abberline, do Toynbee Hall e do *pub* Ten Bells, da delegacia da Commercial Street e do Café de Paris, de prata e facas de prata, de Geneviève Dieudonné e Kate Reed. Durante todo o tempo, Mycroft assentia, atentamente, com um movimento da cabeça, os lábios carnudos cerrados, os dedos sob o queixo frágil. Quando Beauregard concluiu o relato, Mycroft agradeceu e disse que estava satisfeito com o andamento do caso.

— Desde aquelas cartas, o assassino passou a ser conhecido pela alcunha de “Jack, o Estripador”? — perguntou o presidente.

— Sim. Não se ouve mais falar em “Faca de Prata”. Quem quer que tenha inventado o nome, deve ser algum tipo de gênio. O consenso é que deve ser um jornalista. Eles têm talento para frases memoráveis. Os bons, pelo menos.

— Excelente.

Beauregard ficou intrigado. Até onde conseguia entender, ele não tivera a menor utilidade. O Estripador matara de novo. Duas vezes, impunemente. Sua própria presença não tinha sido capaz de detê-lo, e qualquer envolvimento que ele estivesse tendo em Whitechapel dificilmente influenciaria a investigação.

— Você tem que pegar esse homem — disse Messervy, as primeiras palavras desde que Beauregard entrara na Câmara da Estrela.

— Temos plena confiança em Beauregard — Mycroft disse ao almirante.

Messervy resmungou e afundou na poltrona. Brigou com uma caixa de comprimidos e jogou algo para dentro da boca. Beauregard desconfiou que o ex-presidente sofrera uma indisposição.

— E agora — disse Beauregard, consultando o relógio de bolso —, se me derem licença, preciso retornar a Chelsea. Assunto particular...

Na casa de sua mãe, na Caversham Street, Penélope estaria aguardando, em sua raiva fria. Aguardando uma explicação. Beauregard preferia enfrentar o ancião chinês novamente, ou o próprio Jack, o Estripador. Mas tinha um dever para com sua noiva, assumido com a mesma solenidade que seu dever para com a Coroa. Ele não fazia ideia de qual seria a conclusão da conversa.

Mycroft ergueu uma sobrancelha, como se surpreso pela menção de assuntos particulares. Não pela primeira vez, Beauregard imaginou que tipo de homens eram seus superiores no Clube Diógenes.

— Muito bem. Bom dia, Beauregard.

O sargento Dravot não estava em seu posto, do lado de fora da Câmara da Estrela. Um sujeito bruto, quente, de rosto maltratado e os nós nos dedos de um velho pugilista o substituíam. Beauregard desceu até o vestibulo e saiu do Clube Diógenes. Emergiu em Pall Mall e encontrou uma tarde fria e nublada. O nevoeiro se formava novamente.

Era provável que encontrasse um cabriolé para levá-lo a Chelsea. Olhando em volta, percebeu que as ruas estavam apinhadas de gente. Reconheceu um som surdo, como o tambor de uma marcha. Então, ouviu os metais. Uma banda percorria a Regent Street. Ele não sabia de nenhum desfile anunciado formalmente. O Dia do Lorde Prefeito seria somente dali quase um mês. Irritado, percebeu que a banda iria dificultar a tarefa de parar um cabriolé. O trânsito ficaria confuso. Definitivamente, Penélope não entenderia.

A banda virou a esquina e marchou por Pall Mall, em direção à Marlborough Street. Beauregard presumiu que estivessem ziguezagueando pelas ruas, apanhando seguidores, com o objetivo de se reunirem no St. James's Park. O líder da banda, uniformizado, marchando à frente do desfile, carregava uma bandeira gigante de São Jorge, o estandarte da Cruzada Cristã. A fina cruz vermelha em fundo branco tremulava enquanto a banda avançava.

Atrás da banda vinha um coro, principalmente de mulheres de meia-idade. Todas usavam vestido branco com cruces vermelhas na frente. Cantavam uma versão da canção que fora “O Corpo de John Brown” e se transformara em “O Hino de Batalha da República”.

*“Na beleza dos lírios, Cristo nasceu do outro lado do mar,
Com glória em seu peito para a ti e a mim transfigurar:
Como ele morreu para nos consagrar, vamos morrer para os homens
libertar,
Enquanto Deus vem marchando...”*

A multidão agora o espremia por todos os lados. A maioria dos espectadores e todos os que marchavam eram quentes, mas alguns eram murgatroyds, atraídos pelas trevas do fim da tarde, ondulando suas capas de asa de morcego e sibilando através dos lábios vermelhos. Eram poucos, e ignorados. Beauregard achou insensata a atitude zombeteira. Imortalidade potencial não era sinônimo de invencibilidade.

Atrás do coro, vinha uma carruagem aberta puxada por seis cavalos. Em pé na plataforma, cercado de acólitos veneradores, estava John Jago. Atrás dele vinha uma turba ordeira com faixas que traziam pronunciamentos sagrados: “Não deixarás viver um vampiro” e “Sangue Sagrado, Cruzada Sagrada”. Em meio ao desfile, dois cruzados robustos carregavam uma estaca de vinte pés, na qual havia uma figura de papel machê empalada, um Guy Fawkes vampiro. A estaca perfurava-lhe o peito, e havia tinta vermelha espirrada em volta do ferimento. O boneco tinha olhos vermelhos, dentes caninos exagerados e estava vestido com uma roupa preta surrada.

Os murgatroyds silenciaram por um instante. Beauregard sabia que haveria problema. Havia dois policiais montados na rua, mas ninguém mais com autoridade. De algum lugar, surgiu uma enxurrada de gente quente. Ele não conseguia mais se mexer à vontade e foi arrastado pelo desfile. Jago pregava o ódio e o fogo infernal de sempre, e Beauregard foi empurrado para o lado de sua carruagem. Varreram a Marlborough Street em direção ao parque. Quando chegaram a um lugar aberto, ele conseguiu escapar dos cruzados.

Um dos murgatroyds, um adônis pálido com fitas pretas no cabelo dourado, pegou um punhado de esterco de cavalo na sarjeta e atirou, com um grau de precisão que denotava não pouca habilidade como lançador de críquete, contra o pregador. A bola explodiu no rosto de Jago, deixando-o moreno como um faquir. Por um instante, entre as notas do hino do desfile, a multidão ficou paralisada como uma fotografia. Beauregard viu uma fúria violenta nos olhos de Jago, e um misto de triunfo e princípio de medo no rosto do murgatroyd.

Com um grito tão alto quanto as trombetas do júizo final, a multidão abateu-se sobre os murgatroyds. Havia quatro ou cinco renascidos. Dândis nos trajes, efeminados nos gestos, covardemente cruéis, afetados e insensíveis: eles personificavam todos os defeitos usualmente considerados a síntese do vampiro. Beauregard sentiu um baque nas costas, de pessoas esforçando-se para chegar até a escaramuça. Jago ainda pregava, incitando a ira dos justos.

Havia sangue na rua. Aos empurrões, ele caiu de joelhos. Sabia que, se caísse mais, seria pisoteado. Ter sobrevivido tantas vezes, em tantas partes do mundo, para depois ser morto por uma multidão anônima em Londres...

Uma mão forte pegou seu braço e o puxou para cima. O salvador era Dravot, o vampiro do Clube Diógenes. Ele não disse nada.

— Aqui tem mais um — gritou um homem de cabelo ruivo. A mão de Dravot disparou e quebrou-lhe os dentes, jogando-o para o meio da turba. Quando deu o soco, o paletó de Dravot abriu-se. Beauregard viu uma pistola pendurada num coldre sob o braço.

Tentou agradecer o sargento. Mas sua voz perdeu-se na gritaria. E Dravot sumiu. Um cotovelo bateu no queixo de Beauregard. Ele resistiu à tentação de sacar sua espada. Era importante manter a calma. Não queria ferir ninguém.

A multidão apartou-se e uma figura gritando, sangue no cabelo e no rosto, precipitou-se, tropeçando e caindo de joelhos. O casaco do murgatroyd foi rasgado. O lábio abriu-se, os dentes saindo em pedaços irregulares. Era o murgatroyd que havia jogado esterco em Jago. Cruzados seguraram os ombros do vampiro e alguém enfiou a ponta de uma vara lascada em sua garganta, fincando-a costelas abaixo. Todos foram para trás assim que a estaca atravessou-lhe o corpo. Na vara, tremia a metade de uma faixa. “Morte aos...” A estaca não atravessou o coração do murgatroyd. Apesar de ferido, ele não morreu. Agarrou a vara e começou a retirá-la, rosnando e cuspidando sangue.

Beauregard podia ver o Palácio de St. James do outro lado da rua. Havia gente subindo no gradil para ter uma visão melhor. Montado no topo da grade, com ar resolutivo, estava Dravot. Alguém agarrou sua perna, mas ele o derrubou com um chute.

O murgatroyd ferido correu em meio à multidão, guinchando como um demônio, empurrando as pessoas como se fossem manequins de vitrine. Beauregard agradeceu por não estar no caminho do ex-almofadinha. Jago agora gritava, uivando por sangue. Parecia mais vampiro do que as criaturas que condenava. O pregador ergueu o braço no ar, o punho cerrado contra o palácio e as criaturas de rosto pálido atrás do gradil. Em meio ao tumulto, Beauregard ouviu o estalido inconfundível de um disparo de revólver. Um cravo vermelho surgiu na lapela de Jago. Ele caiu da carruagem e foi aparado pela multidão.

Alguém havia alvejado Jago. Olhando de novo para o gradil, Beauregard viu que Dravot tinha sumido. Jago estava todo ensanguentado. Seus seguidores apertavam pedaços de pano nos ferimentos do peito e das costas. A bala devia ter atravessado sem causar muitos danos.

— Sou a voz que não será calada — gritou Jago. — Sou a causa que não morrerá.

Então, a multidão irrompeu no parque e se dispersou, espalhando-se como líquido derramado em direção ao Horse Guards Parade e Birdcage Walk. Beauregard pôde respirar de novo. Tiros foram disparados no ar. Houve brigas em toda parte. O sol se punha.

Ele não entendeu o que vira. Pensou que Dravot tinha atirado em Jago, mas não estava certo disso. Se o sargento tivesse a intenção de matar o cruzado, Beauregard sabia que John Jago estaria morto, espirrando massa encefálica em vez de sangue. O Clube Diógenes não contratava pistoleiros sem pontaria.

Havia mais vampiros por ali. Os murgatroyds fugiram, substituídos por renascidos carrancudos em uniformes da polícia. Um oficial carpatiano partiu para cima da turba sobre um enorme cavalo preto, brandindo um sabre ensanguentado. Uma mulher quente, o ombro retalhado, passou correndo com a cabeça baixa, abraçada a seu bebê. Os cruzados estavam perdendo a vantagem momentânea, e em breve iriam debandar.

Ele perdera Jago e Dravot de vista. Um cavalo em disparada o derrubou. Quando se pôs de pé novamente, viu que seu relógio estava estilhaçado. Não importava. A tarde findara, e Penélope não estaria mais esperando.

— Morte aos mortos! — alguém gritou.

O BEIJO NEGRO

Quando as ruas foram liberadas, havia, surpreendentemente, poucos corpos ensanguentados aqui e ali. Comparado ao Domingo Sangrento, tinha sido apenas uma escaramuça sem importância. Godalming, arrastado por Sir Charles, mal poderia dizer que houvera um tumulto no St. James's Park. O inspetor Mackenzie, um escocês circunspecto, estava com eles, tentando não atrapalhar o comissário. Durante a hora de agitação logo depois do cair da noite, Sir Charles fora uma pessoa diferente. O burocrata oprimido e perseguido, cujos subordinados idiotas não conseguiam pegar Jack, o Estripador, desapareceu; ele foi novamente o comandante militar de julgamento rápido sob fogo. “São cidadãos ingleses”, Mackenzie balbuciara, “e não malditos negros de uma tribo africana qualquer”.

Aparentemente, a Cruzada Cristã organizara um comício sem aviso prévio, com a intenção de apresentar um abaixo-assinado ao parlamento. Exigiam que tomar sangue alheio sem consentimento fosse considerado crime capital. Alguns vampiros misturaram-se aos cruzados, e a violência começou. Um desconhecido atirara em Jago, que agora se recuperava num hospital penitenciário. Vários renascidos bem relacionados alegavam ter sido atacados por turbas de quentes, e um murgatroyd chamado Lioncourt ficou irritado porque um mastro de bandeira lascado tinha sido enfiado em sua melhor roupa.

O general Iorga, um comandante da Guarda Carpatiana, tinha sido apanhado pelo tumulto. Agora, estava com Sir Charles e Godalming, inspecionando o rescaldo. Iorga era um ancião, perambulando pelo lugar em sua couraça e sua

longa capa preta como se o chão em que pisava lhe pertencesse. Era auxiliado por Rupert de Hentzau, jovem em aparência, oriundo da Ruritânia, que prezava muito o galão dourado de seu uniforme e parecia ter tanto talento para a bajulação quanto diziam que tinha com o florete.

Sir Charles sorriu consigo mesmo, com raiva, enquanto cumprimentava os homens que julgava pertencer às suas tropas.

— Tivemos uma vitória significativa aqui — disse a Godalming e Iorga. — Sem perda de vidas, afugentamos o inimigo.

Tudo ocorrera e se dissipara de modo tão repentino que não houvera chance de o incidente progredir. Iorga circulara com seu cavalo fazendo estrago, mas Hentzau e seus camaradas não tinham chegado ao local a tempo de transformar uma rixa num massacre.

— Os líderes do grupo devem ser encontrados e empalados — disse Iorga. — E suas famílias, também.

— Não é assim que resolvemos as coisas na Inglaterra — disse Sir Charles, sem pensar.

Os olhos do carpatiano inflamaram-se com fúria hipnótica. Segundo o general Iorga, aquilo não era mais a Inglaterra, mas sim um pequeno reinado dos Bálcãs.

— Jago será acusado de reunião ilegal e sedição — disse Sir Charles. — E os capangas dele vão quebrar pedras em Dartmoor por alguns anos.

— Jago deve ir para Devil's Dyke — Godalming acrescentou.

— Claro.

Devil's Dyke era parcialmente invenção de Sir Charles, uma adaptação de um sistema planejado para a utilização em prisioneiros de guerra nativos, concentrando as populações civis para evitar que auxiliassem a soldadesca. Godalming sabia que as condições desses campos faziam o que se entende por pena de trabalhos forçados parecer um passeio em Brighton.

— E o sujeito que começou tudo? — perguntou Mackenzie.

— Jago? Acabei de falar.

— Não, senhor. Quero dizer, o idiota que atirou.

— Dê-lhe uma medalha — disse Hentzau —, depois corte-lhe as orelhas como punição pela má pontaria.

— É claro que ele deve ser encontrado — disse Sir Charles. — Não podemos ter mártires cristãos à nossa volta.

— Nossa honra foi desafiada — disse Iorga. — Temos que exigir represálias.

Até Sir Charles era menos cabeça quente que o general. Godalming ficou surpreso com a estupidez do ancião. Vida longa não significava o aumento contínuo da inteligência. Ele entendeu por que Ruthven falava do séquito do

Príncipe Consorte com tanto desprezo. Iorga era rechonchudo na barriga e seu rosto era pintado. Uma vez, apenas por um momento, ele vira o rosto enfurecido do próprio Príncipe. Desde então, havia nutrido uma reverência indevida pelos carpatianos, atribuindo a cada um deles a ferocidade e a estatura de seu líder. Isso era ridículo. Não importava o quanto brutos como Iorga e espadachins como Hentzau tentassem imitar Drácula, não passavam de meras cópias do grande original, basicamente tão insignificantes quanto o murgatroyd mais frouxo de Soho.

Pediu licença e deixou o comissário e o general continuarem a limpeza do terreno. Ambos pretendiam permanecer por ali, dando ordens contraditórias a Mackenzie. Quando passou pelo Palácio de Buckingham, cumprimentou os carpatianos nos portões com um toque no chapéu. A bandeira estava hasteada, indicando que Sua Majestade e Sua Alteza Real encontravam-se na residência. Godalming perguntou-se se o Príncipe Consorte alguma vez pensara em Lucy Westenra.

Na área do parque que fazia divisa com a Estação Vitória, havia várias carroças puxadas por cavalos, cheias de cruzados engaiolados, com ar arrependido. Godalming sabia que, no que diz respeito a tumultos, o caso de hoje fora absolutamente sem importância.

Ele assobiou, a sede vermelha coçando no fundo da garganta. Era bom ser jovem, rico e vampiro. Londres inteira era dele, mais do que de Drácula ou de Ruthven. Podiam ser anciãos, mas, como ele começava a perceber, isso na verdade punha-os em desvantagem. Não importa quanto tentassem, não conseguiam inserir-se na época. Eram personagens históricos, e ele era contemporâneo.

Logo que se transformou, vivia amedrontado. Achava que o Príncipe Consorte viria atrás dele à noite para eliminá-lo, como fizera com Van Helsing ou Jonathan Harker. Mas, agora, tinha de presumir que fora perdoado. Ele podia ser o destruidor de Lucy Westenra, mas Drácula tinha mulheres quentes mais importantes para procurar. Era até possível que fosse grato a Godalming por ter descartado a cria de seu primeiro flerte na Inglaterra. Presumivelmente, não iria querer uma Lucy morta-viva como dama de honra, a fuzilar com os olhos a radiante Rainha Vitória enquanto ela fosse levada ao altar da Abadia de Westminster por seu dedicado primeiro-ministro. O casamento fora a culminação das comemorações do jubileu, no ano passado. A união entre a Viúva de Windsor e o Príncipe da Valáquia unira uma nação que, agitando-se à medida que se transformava, poderia facilmente ter se esfacelado.

Godalming era aguardado na Downing Street às duas da madrugada de amanhã. Agora, os negócios eram conduzidos noite adentro. Depois, antes da

alvorada, deveria comparecer a uma recepção no Café Royal, onde Lady Adeline Ducayne daria as boas-vindas a uma visitante ilustre, a Condessa Elizabeth Bathory. Tanto cuidado de Lady Adeline na acolhida à condessa devia-se ao fato de os Bathorys serem parentes distantes dos Dráculas. Ruthven descreveu a condessa Elizabeth como uma “gata de rua elegantemente repulsiva” e Lady Adeline como “um esqueleto encarquilhado saído do atoleiro há uma geração” mas insistiu para que Godalming estivesse presente, caso assuntos importantes fossem discutidos.

Pelas próximas seis horas, estaria livre. Sua sede vermelha aumentava. Era bom deixar acumular a necessidade, pois isso aguçava o apetite. Após um breve retorno à sua casa da cidade, na Cadogan Square, para trocar de roupa, Godalming sairia para a farra. Ele entendia os prazeres da caçada. Tinha várias alternativas possíveis e escolheria uma das damas para ser sua presa esta noite.

Os caninos afiados tocavam o lábio inferior. A perspectiva da caçada estimulava mudanças conhecidas em seu corpo. O paladar apurava-se, ficava mais variado. Os dentes crescidos deformavam o assobio. “Barbara Ellen” virou uma música nova e esquisita, que ninguém reconheceria.

Na Codogan Square, uma mulher o abordou. Estava acompanhada de duas garotinhas com coleiras, feito cachorros. Cheiravam a sangue quente.

— Bondoso cavalheiro — disse a mulher, com a mão estendida —, gostaria...

Godalming indignou-se ao ver alguém capaz de submeter-se à humilhação de vender o sangue das próprias filhas. Ele já vira a mulher antes, mendigando moedas de renascidos inexperientes, oferecendo as gargantas sarnentas de suas filhas malcheirosas. Era inconcebível que qualquer vampiro de mais de uma semana se interessasse por aquele sangue ralo.

— Vá embora, ou vou chamar um policial.

A mulher afastou-se, encolhendo-se de medo. Arrastou as crianças consigo. As duas garotinhas olharam para trás enquanto eram puxadas, os olhos fundos, redondos e úmidos. Quando se esgotassem, a mulher encontraria outras crianças? Ele achou que uma das meninas era nova e considerou a possibilidade de a mulher não ser a mãe delas, mas alguma horrenda nova espécie de cafetina. Levaria o assunto a Ruthven. O primeiro-ministro perturbava-se com a exploração de crianças.

Foi recebido em casa pelo criado que trouxera de Ring, a casa de campo em Holmwood. Ele tomou o chapéu e o casaco do patrão.

— Há uma dama na sala de visitas, senhor — o criado informou. — Senhorita Churchward. Está aguardando o senhor.

— Penny? O que será que ela quer?

— Ela não disse, senhor.

— Muito bem. Obrigado. Vou atendê-la.

Deixou o criado no vestibulo e entrou na sala de visitas. Penélope Churchward estava recatadamente empoleirada numa cadeira de encosto alto. Ela pegara um pedaço de fruta — uma maçã velha e empoeirada, já que ele só mantinha comida para seus raros convidados quentes — e a estava descascando com uma pequena faca.

— Penny — ele disse — que surpresa agradável.

Quando falou, cortou o lábio com um dente afiado. Quando era tomado pela sede vermelha, tinha de tomar cuidado com as palavras. Ela pôs a maçã e a faca de lado e aprumou-se para dirigir-se a ele.

— Arthur — ela disse, levantando-se e estendendo o braço.

Ele beijou sua mão com cuidado. Ela estava diferente esta noite, ele percebeu com intuição instantânea. Sua atitude em relação a ele estivera brotando; agora, estava em plena florescência. A caça tinha ido até ele.

— Arthur, eu quero...

A frase parou no meio, mas seu desejo era claro. Sua gola estava aberta, a garganta, exposta. Ele viu a veia azul na pele branca e imaginou-a latejando. Uma mecha solta de cabelo pendia em seu pescoço.

Com firmeza e considerável determinação, ela permitiu que ele a abraçasse. Afastou a cabeça para o lado e ele beijou sua garganta. De modo geral, a caça gemia quando ele dava a primeira mordida, gentilmente furando a pele. Penélope estava relaxada e submissa, mas não emitiu nenhum som. Ele a apertou junto de si enquanto o sangue enchia sua boca. No momento da comunhão, ele experimentou não apenas seu sangue, mas sua mente. Ele compreendeu sua raiva contida e sentiu a reorganização das linhas ordenadas de seu pensamento.

Ele engolia com ânsia, tomando mais do que deveria. Era difícil retirar-se da fonte. Não surpreendia que muitos renascidos matassem suas primeiras paixões. O sangue de Penélope era dos melhores. Sem impurezas, deslizava pela garganta como licor adocicado.

Ela colocou a mão em seu rosto e o empurrou. O fluxo cessou, e ele sugou o ar frio. Não iria parar agora. Pegou-a nos braços e jogou-a no sofá. Rosnando, segurou-a e puxou-lhe a gola. A camisa de Penélope rasgou. Ele murmurou um pedido de desculpas e lançou-se sobre ela, a boca apanhando uma dobra da carne na parte superior do seio. O sangue o eletrizou. Os dentes presos nas marcas da mordida, sangue vazando em volta delas enquanto ele sugava o ferimento. Ela não resistiu. O sangue borbulhava em sua boca, havia um brilho violeta no fundo de seus olhos. Não havia sensação quente que se comparasse àquilo. Era mais do

que comida, mais do que droga, mais do que amor. Ele nunca se sentira tão vivo quanto naquele momento...

• • •

... viu-se ajoelhado ao lado do sofá, prostrado sobre o peito de Penélope, arfando silenciosamente. Minutos de sua memória haviam sumido. Seu queixo e a frente de sua camisa estavam ensopados de sangue. Descargas elétricas fluíam em suas veias. O coração ardia à medida que se enchia do sangue de Penélope. Por um instante, ele ficou quase inconsciente. Ela ajeitou-se numa posição sentada e levantou a cabeça de Godalming. Ele fitou-a com olhos entorpecidos. Ferimentos roxos inflamavam-se no pescoço e no seio de Penélope.

Ela sorriu-lhe um sorriso tenso e silencioso.

— Então, todo o alvoroço é por causa disso — ela comentou.

Ela o ajudou a sentar-se no sofá, como uma mãe preparando a pose do filho para uma fotografia. Ele sentou-se, ainda sentindo o gosto dela em sua boca e em sua mente. Seus tremores diminuíram. Ela limpou as mordidas batendo de leve com um lenço, contraindo-se ligeiramente de dor e irritação. Então abotoou o corpete sobre a camisa rasgada. Seu cabelo se despenteara, e ela o ajeitou por uns instantes.

— Pronto, Arthur — ela disse. — Você já se satisfaz comigo...

Ele não conseguiu falar. Estava farto, indefeso como uma cobra digerindo um mangusto.

— ...agora, vou completar a troca e me satisfazer com você.

A faca de descascar frutas estava em sua mão, brilhando.

— Ouvi dizer que é bem simples — ela disse. — Comporte-se e não relute.

A faca começou a cortar a garganta de Godalming. Era afiada o bastante para abrir sua pele grossa, mas ele não sentiu dor. A faca não era de prata. O corte se fecharia instantaneamente.

— Argh — ela disse.

Penélope engoliu a repugnância e pôs a boquinha sobre o corte que ela abrira. Chocada, imediatamente deu-se conta do que estava fazendo. Sua língua mantinha o ferimento aberto enquanto sugava o sangue de Godalming.

CONFIDÊNCIAS

— Você deveria estar lá em cima, descansando — Amworth disse. — Assim você se recupera mais rápido.

— Por que devo melhorar? — Geneviève perguntou. — O sapo saltitante vai voltar e acabar comigo de vez.

— Você não sabe.

— Sei, sim. Não sei por que ele vai me destruir, mas sei que vai. Já estive na China. Aquelas criaturas não desistem por iniciativa própria. Não se pode conversar com elas e não se pode detê-las. Seria melhor eu ir para o meio da rua e esperar que a coisa venha até mim. Pelo menos, assim ninguém mais vai atrapalhar.

Amworth impacientou-se. — Você o feriu da última vez.

— Mas ele me feriu mais.

Ela ainda não estava totalmente restabelecida. A todo momento, fazia movimentos circulares com a cabeça para testar o pescoço quebrado e consertado. Sua cabeça não tinha caído ainda, mas às vezes parecia prestes a fazê-lo.

Geneviève olhou o auditório que se tornara uma enfermaria provisória.

— Nenhum visitante chinês?

A enfermeira balançou a cabeça. Ela estava ouvindo o peito de uma garota renascida. Por um instante, Geneviève pensou tratar-se de Lily. Então, lembrou-se. A paciente era Rebecca Kosminski.

— Queria saber qual dos meus inimigos foi o responsável.

O vampiro chinês era um mercenário. Por todo o Oriente, essas criaturas eram empregadas como assassinas.

— Espero que me digam. Seria um desperdício não me falarem por que quiseram arrancar minha cabeça.

— Quieta — disse Amworth. — Você está assustando a garota.

Com uma ponta de culpa, ela viu que a enfermeira tinha razão. Rebecca parecia não estar atenta à conversa, mas seus olhos se contraíram.

— Desculpe — disse Geneviève. — Rebecca, eu só estava dizendo bobagem, inventando histórias.

Rebecca sorriu. Dentro de poucos anos, ela jamais acreditaria numa mentira tão descarada. Mas, por enquanto, era apenas uma criança por dentro.

Sentindo-se inútil — todas as suas obrigações haviam sido transferidas para terceiros durante um período determinado de convalescença —, Geneviève vagou pela enfermaria por alguns minutos e, depois, seguiu vagarosamente para o corredor.

O escritório do diretor estava trancado; Montague Druitt aguardava do lado de fora. Geneviève desejou-lhe boa noite.

— Onde está o Dr. Seward? — ela perguntou.

Druitt hesitou em conversar com ela, mas as palavras saíram. — Saiu para algum lugar, sem explicação. É muito inconveniente.

— Posso ajudar em alguma coisa? Como sabe, o diretor confia em mim.

Druitt balançou a cabeça, os lábios apertados. Era assunto de homens quentes, ele pensou. Geneviève não conseguiu descobrir o que o homem queria. Era mais uma alma ressentida do Hall; ela não tinha esperança de compartilhar coisas em comum com ele, muito menos de ser capaz de ajudar.

Ela o deixou no corredor e perambulou até o saguão de entrada, onde uma enfermeira quente hostil conduzia uma fila de pessoas que fingiam estar doentes de volta ao nevoeiro, ocasionalmente permitindo a permanência de alguém com ferimentos graves evidentes.

O Dr. Seward estivera muito ausente nos últimos tempos. Ela presumiu que ele tivesse alguma dor particular. Como todo mundo. Apesar da dor em seus ossos quebrados, ela ainda não conseguia tirar a morte de Pamela Beauregard da cabeça. Todos perdiam pessoas queridas. Ela vinha perdendo há séculos. Mas em Charles, a perda ainda doía.

— Senhorita Dieudonné?

Era uma mulher renascida. Ela acabara de entrar, vindo da rua. Estava bem vestida, mas não com roupas caras.

— Lembra-se de mim? Kate Reed?

— Senhorita Reed, a jornalista?

— Isso mesmo. Da Agência Central de Notícias.

Ela estendeu a mão para cumprimentá-la; Geneviève, num movimento débil, respondeu com o mesmo gesto.

— Em que posso ajudá-la, senhorita Reed?

A renascida soltou a mão de Geneviève.

— Posso falar com você? É sobre aquela noite. A história do chinês. As borboletas.

Geneviève encolheu os ombros.

— Não sei se posso dizer algo que você já não saiba. Era um ancião. Evidentemente, as borboletas são uma peculiaridade da linhagem dele. Alguns *nosferatus* germânicos têm uma afinidade semelhante com ratos, e você deve ter ouvido falar dos lobos de estimação dos carpatianos.

— Por que você está sendo perseguida?

— Gostaria de saber. Sempre tive uma vida irrepreensível, só praticando boas ações, e sou amada por todos que já cruzaram meu caminho. Não concebo a ideia de que alguém traga no coração sentimentos hostis em relação à minha pessoa.

A senhorita Reed pareceu não captar a ironia. — Você acha que o ataque tem alguma coisa a ver com seu interesse pelos assassinatos de Whitechapel?

Isso não ocorrera a Geneviève. Ela refletiu por um momento. — Duvido. O que quer que você possa ter ouvido, não sou uma figura importante na investigação. A polícia conversou comigo sobre os efeitos dos assassinatos nesta comunidade, mas meu envolvimento acabou aí...

— E você foi consultada por Charles... pelo Sr. Beauregard. Outra noite...

— Sim, ele conversou comigo, mas nada mais. Sei que tenho com ele uma dívida de gratidão, por ter distraído o ancião.

A senhorita Reed estava determinada a cavar alguma coisa. Geneviève teve a impressão de que a jornalista estava mais interessada em Charles do que no estripador.

— E qual é o verdadeiro envolvimento do Sr. Beauregard na investigação?

— Isso você deve perguntar a ele.

— Vou perguntar — disse a senhorita Reed. — Quando conseguir encontrá-lo.

— Já encontrou, Kate — Charles disse.

Ele entrara no saguão há alguns minutos. Geneviève não o percebera em pé, num canto. Os olhos da senhorita Reed contraíram-se e ela colocou os óculos escuros. Tinha a palidez dos renascidos, mas Geneviève percebeu a sombra de um rubor em suas bochechas.

— Hum — disse a senhorita Reed. — Boa noite, Charles.

— Vim visitar uma inválida, mas a encontrei completamente recuperada.

Charles curvou-se para Geneviève. A entrevista da senhorita Reed definiu.

— Obrigada pela atenção, senhorita Dieudonné — ela disse. — Vou deixá-la com seu visitante. Charles, boa noite.

A renascida saiu, esvoaçando para a noite.

— O que foi isso? — Charles perguntou.

Ela encolheu os ombros, e o pescoço doeu. — Não sei, Charles. Você conhece a senhorita Reed?

— Kate é amiga da minha... é amiga de Penélope.

Diante da própria menção ao nome de sua noiva — de cujo rosto coberto por véu e olhos cuidadosamente hostis Geneviève tinha motivos para se lembrar —, Charles baixou o rosto e balançou a cabeça.

— Talvez ela tenha conversado com Penélope — ele sugeriu. — Mais do que eu.

Sem querer, Geneviève ficou interessada. Ela deveria estar acima dessas coisas, mas, em sua fraqueza, transformara-se numa fofqueira.

— Tive a impressão que você foi intimado a visitar a senhorita Churchward hoje à tarde.

Charles sorriu parcialmente. — Não foi só você que teve essa impressão, mas houve um imprevisto. Problemas no St. James's Park.

Ela constatou que Charles segurava suas mãos, como se sentisse os ossos à procura de danos.

— Perdoe-me pelo excesso de curiosidade, mas há uma coisa sobre seus arranjos domésticos que me intriga.

— É mesmo? — ele disse, com serenidade.

— Sim. Estou correta em presumir que a senhorita Churchward, Penélope, é parente da Sra. Beauregard, Pamela, sua esposa?

O rosto de Beauregard não traía nada.

— Eu presumiria que eram irmãs, não fosse o fato, demonstrado pelo Sr. Holman Hunt e pela senhorita Waugh, de que, se fosse este o caso, seu noivado seria considerado incesto pelas leis inglesas.

— Penélope é prima de Pamela. Elas foram criadas na mesma família. Como irmãs, por assim dizer.

— Então, você pretende se casar com a quase irmã de sua falecida esposa?

Ele escolheu as palavras com cuidado.

— Essa era, de fato, minha intenção.

— Não lhe parece um arranjo peculiar?

Charles soltou as mãos de Geneviève e virou-se, com uma expressão casual suspeita.

— Com certeza, não mais estranho que outros arranjos...

— Charles, não quero constrangê-lo, mas você deve lembrar... naquela noite, no cabriolé... não por minha culpa, eu tenho, hum, algum conhecimento sobre seus sentimentos, por Pamela, por Penélope...

Charles suspirou. — Geneviève, agradeço sua preocupação, mas lhe asseguro que ela é desnecessária. Quaisquer que tenham sido minhas motivações para o noivado, elas não significam nada agora. Pelo que entendi, estou livre, não por iniciativa minha, da promessa feita a Penélope.

— Sinto muito.

Ela colocou as mãos nos ombros de Beauregard e o virou, para que pudesse ver seus olhos.

— Eu estou bem — Charles disse.

— Fui impertinente sobre Penélope naquela noite. Você entende, eu estava tonta. Quase histérica.

— Você quase foi morta — Charles disse, com sentimento. — A culpa não foi sua.

— Mesmo assim, me arrependo do que disse, do que sugeri...

— Não — disse Charles, olhando-a direto nos olhos. — Você estava certa. Eu estava sendo injusto com Penélope. Não sinto por ela o que um homem deve sentir pela esposa. Eu só a estava usando para substituir o insubstituível. Ela vai ficar melhor sem mim. Ultimamente tenho sentido... Não sei, tenho sentido como se tivesse perdido um braço. Como se eu não fosse completo sem Pamela.

— Você quer dizer, Penélope?

— Não, quero dizer *Pamela*. Isso é que é terrível.

— O que vai fazer agora?

— Vou ter que me encontrar com Penélope e esclarecer as coisas entre nós. Ela vai encontrar um partido muito melhor do que eu. Quanto a mim, tenho assuntos mais importantes para tratar.

— Por exemplo?

— Por exemplo, os assassinatos de Whitechapel. Também quero ver o que posso fazer para salvar sua vida.

UMA FESTA EXPLOSIVA

— Olhe para eles — disse von Klatka, apontando a carroça com um movimento da cabeça. — Estão apavorados conosco, não estão? É bom, não é?

Von Klatka estava se divertindo muito. A Guarda Carpatiana fora chamada ao parque tarde demais para fazer muita coisa além de tripudiar. Era o melhor tipo de vitória, refletiu Kostaki, com despojos, mas sem baixas. A polícia *já* fizera uma busca e prendera a maioria dos encenqueiros.

Uma fileira de rostos preocupados espiava pelas ripas, semelhantes a barras de ferro, da carroça mais próxima. Eram as mulheres. A maioria usava trajes brancos com cruzes vermelhas na frente.

— Cruzados cristãos! — von Klatka desdenhou — Idiotas!

— Já fomos cristãos — disse Kostaki. — Quando seguíamos o Príncipe Drácula contra os turcos.

— Uma batalha antiga, meu camarada. Há novos inimigos a conquistar.

Ele se aproximou da carroça. As prisioneiras choramingaram, encolhendo-se e afastando-se das ripas. Von Klatka sorriu ironicamente e rosnou. Algumas mulheres reprimiram gritos e von Klatka riu. Haveria honra nisso?

Kostaki viu um rosto conhecido entre os policiais que rondavam o parque.

— Escocês — ele gritou —, saudações e feliz em vê-lo!

O inspetor Mackenzie interrompeu a conversa com um carcereiro, virou-se e viu Kostaki se aproximando.

— Capitão Kostaki — Mackenzie respondeu, tocando a aba do chapéu. — Você perdeu a folia.

Von Klatka cutucava as mulheres por entre as barras da carroça, como uma criança travessa no zoológico. Uma delas desmaiou e as companheiras clamaram por Deus e por Jago para protegê-las.

— Folia?

Mackenzie bufou com amargura. — Pode-se dizer que sim. Pouco sangue derramado para seu gosto, imagino. Ninguém morreu.

— Tenho certeza de que nossa omissão será compensada. Deve haver líderes do grupo.

— Haverá punições, capitão.

Kostaki sentiu o desconforto do policial quente, sua raiva contida. Poucas alianças realmente duravam. Devia ser difícil para esse homem conciliar seus deveres e lealdades.

— Eu o respeito, inspetor.

O escocês surpreendeu-se.

— Tome cuidado — Kostaki continuou. — São tempos difíceis. Todas as posições são instáveis.

Von Klatka alcançou o interior da carroça e fez cócegas no tornozelo de uma das garotas. Estava gostando da brincadeira. Virou-se para Kostaki, sorrindo de modo malicioso, por aprovação.

Um vampiro surgiu das sombras do parque. Kostaki imediatamente bateu continência. O general Iorga — certamente um fanfarrão — fora apanhado pelo tumulto; agora, perambulava pelo local, com aquele demônio arrogante Hentzau a reboque, como se tivesse acabado de vencer a Batalha de Austerlitz. Iorga resmungou para chamar a atenção de von Klatka e foi recompensado com outra continência. Era um daqueles oficiais, tão comuns nos exércitos dos vivos quanto dos mortos-vivos, que precisam de constante reafirmação de sua importância. O saldo do tempo que não passava choramingando com seus superiores era gasto infernizando seus subordinados. Por quatrocentos anos, Iorga jurara lealdade eterna à causa de Drácula, e por todo esse tempo tivera a esperança secreta de que alguém fincasse o empalador numa de suas próprias estacas. O general via a si mesmo como o rei dos vampiros. Nisto, estava sozinho: comparado ao Príncipe, o general Iorga era um peso-pena.

— Haverá uma comemoração no alojamento hoje à noite — Iorga os informou. — A Guarda triunfou.

Mackenzie mudou a posição do chapéu para esconder a expressão enojada no rosto, mas não contradisse o general por ele roubar o crédito pela debandada dos desordeiros.

— Von Klatka — Iorga disse. — Separe meia dúzia dessas mulheres quentes e as acompanhe até o alojamento.

— Sim, *senhor* — respondeu Klatka.

As prisioneiras choravam e rezavam. Von Klatka fez um grande espetáculo de olhares maliciosos para cada uma das prisioneiras, rejeitando umas por serem muito velhas ou gordas, outras por serem muito magras e musculosas. Chamou Kostaki para uma segunda opinião, mas o capitão fingiu não ouvir.

Iorga e Hentzau retiraram-se, as capas farfalhando em suas costas. O general macaqueava o vestuário do Príncipe, embora fosse muito rechonchudo para trajá-lo adequadamente.

— Ele me lembra Sir Charles Warren — Mackenzie disse. — Fica desfilando, cuspindo ordens, sem ter ideia de como são as coisas aqui fora.

— O general é um idiota, como a maioria dos que estão acima da patente de capitão.

O policial soltou uma risadinha. — Como a maioria dos que estão acima da patente de inspetor.

— Nisso, podemos concordar.

Von Klatka fez as escolhas e o carcereiro ajudou-o a puxar as garotas — pois tendiam a ser as mais jovens — para fora da carroça. Elas abraçavam-se, tremendo. Suas roupas eram inadequadas para a noite fria.

— Elas darão mártires boas e gordas — disse von Klatka, beliscando a bochecha mais próxima.

O carcereiro apanhou algemas e correntes na carroça e começou a amarrar as escolhidas umas às outras. Von Klatka deu uma palmada no traseiro de uma delas e riu como um demônio alegre. A garota caiu de joelhos e rezou por libertação. Von Klatka curvou-se e enfiou a língua na orelha dela. Ela reagiu com nojo cômico e o capitão foi acometido de um acesso de riso.

— Senhor — uma das mulheres disse a Mackenzie —, o senhor é quente, ajude-nos, salve-nos...

Mackenzie sentiu-se desconfortável. Virou o rosto, mergulhando-o no escuro novamente.

— Peço desculpas — disse Kostaki. — Isso é um absurdo. Azzo, leve as mulheres para o alojamento. Encontro vocês mais tarde.

Von Klatka bateu continência e arrastou as garotas. Cantava uma canção de pastor enquanto conduzia o rebanho. A Guarda estava aquartelada próximo ao Palácio.

— Vocês não deveriam ser chamados a presenciar essas coisas — Kostaki disse ao policial.

— Ninguém deveria.

— Talvez não.

As carroças deram meia-volta e partiram para distribuir as prisioneiras pelas celas de Londres. Kostaki presumiu que a maioria acabaria nas estacas em Tyburn ou nos trabalhos forçados de Devil's Dyke.

Ele ficou a sós com Mackenzie.

— Deveria se tornar um de nós, escocês.

— Uma coisa contrária à natureza?

— O que é mais contrário à natureza? Viver ou morrer?

— Viver à custa dos outros.

— Quem pode afirmar que não vive à custa dos outros?

Mackenzie deu de ombros. Encheu seu cachimbo de tabaco.

— Temos muito em comum, você e eu — disse Kostaki. — Nossos países foram devorados. Você, escocês, serve à rainha da Inglaterra, e eu, moldávio, sigo o Príncipe da Valáquia. Você é policial, eu, soldado.

Mackenzie acendeu o cachimbo e aspirou fumaça.

— Você se considera mais soldado ou mais vampiro?

Kostaki refletiu.

— Gosto de pensar que sou soldado. E o que você é em primeiro lugar, policial ou quente?

— Vivo, claro.

A ponta do cachimbo incandesceu.

— Então você tem mais afinidade com esse Jack, o Estripador do que, digamos, com o inspetor Lestrade?

Mackenzie suspirou. — Agora você me pegou, Kostaki. Confesso. Sou policial em primeiro lugar, e um homem vivo em segundo.

— Então, repito: junte-se a nós. Você deixaria nosso dom para arrogantes como Iorga e Hentzau?

Mackenzie refletiu.

— Não — ele disse, enfim. — Desculpe. Talvez quando me aproximar da morte eu pense diferente. Mas o Senhor Deus não nos fez vampiros.

— Acredito no contrário.

Houve um barulho a uma pequena distância. Homens falando alto, mulheres gritando. Aço contra aço. Algo quebrando. Kostaki começou a correr. Mackenzie esforçou-se para acompanhá-lo. O ruído vinha da direção tomada por von Klatka. Mackenzie agarrava o peito e arfava. Kostaki deixou-o para trás e percorreu a distância num instante.

Depois de correr a toda velocidade em meio a arbustos, encontrou a briga. As garotas estavam soltas e von Klatka, no chão. Cinco ou seis homens de casaco preto e cachecol amarrado no rosto seguravam-no, e um sujeito de capuz branco serrava-lhe o peito com uma adaga. Von Klatka berrava, resistindo. No

chão, um mastro fincado, de onde pendia uma bandeira da Cruzada Cristã. Um dos mascarados apontou uma pistola. Kostaki viu a baforada de fumaça e preparou-se para ignorar mais uma bala. Então sentiu uma explosão de dor no joelho. Fora alvejado com uma bala de prata.

— Para trás, vampiro — disse o atirador, a voz abafada.

Mackenzie estava com eles agora. Kostaki estava pronto para dar um bote, mas o policial o deteve. Sua perna estava paralisada. A bala alojara-se nos ossos, envenenando-o.

Uma das mulheres libertadas chutou a cabeça de von Klatka, sem causar nenhum dano. O homem montado sobre von Klatka arrancara sua couraça. Com cortes de uma faca de prata, expôs o coração pulsante do vampiro. Um de seus companheiros entregou-lhe algo parecido com uma vela, que ele enfiou nas costelas de von Klatka.

— Por Jago — gritou o cruzado, a boca movendo-se por trás da máscara de pano.

Uma estrela reluziu e os cruzados se dispersaram. Havia uma poça de sangue em volta de von Klatka. Ele segurava o peito, os ferimentos se fechavam. A vela fincada nas costelas tinha uma chama sibilante na ponta.

— Dinamite! — Mackenzie gritou.

Ezzelin von Klatka agarrou o pavio em combustão. Mas era tarde demais. Seu punho fechou-se em volta da chama no momento em que ela se expandiu. Um brilho de luz branca transformou a noite em dia. Depois um vento forte e um estrondo levantaram Kostaki e Mackenzie do chão. Misturados à explosão havia pedaços da carne do vampiro e fragmentos da roupa e da armadura de von Klatka.

Kostaki pôs-se de pé com dificuldade. Primeiro certificou-se de que Mackenzie, que tapava os ouvidos, não estava seriamente ferido. Depois, virou-se para o camarada caído. O tronco inteiro de von Klatka despedaçara-se com a explosão. O coração ardia, a carne decompunha-se rapidamente. Um mau cheiro gasoso explodiu dos restos mortais, engasgando Kostaki.

A bandeira da Cruzada Cristã estava caída, pontilhada de partículas em chamas.

— Uma represália pelo atentado contra Jago — disse Kostaki.

Mackenzie, sacudindo a cabeça para tentar livrar-se do zumbido nos ouvidos, prestava atenção.

— Bem provável. Dinamite é um velho truque dos fenianos e há muitos irlandeses no grupo de Jago. Ainda assim...

Seu raciocínio foi interrompido. Pessoas corriam em sua direção. Carpatianos, despertados do alojamento, as armaduras afiveladas às pressas,

espadas em punho.

— Ainda assim o quê, escocês?

Mackenzie balançou a cabeça.

— O sujeito que falou, aquele com a dinamite...

— O que tem ele?

— Eu podia jurar que era um vampiro.

O VELHO JAGO

— Há pessoas neste mundo que até os vampiros temem — ele disse, enquanto caminhavam pela Brick Lane.

— Sei disso — ela admitiu.

O ancião chinês estava em algum lugar no nevoeiro, esperando sua língua crescer. Quando estivesse pronto, viria atrás dela de novo.

— Conheço todos os demônios de todos os infernos, Geneviève — Charles disse. — É só uma questão de invocar a figura demoníaca certa.

Ela não sabia do que ele falava.

Ele a conduziu a uma das ruas estreitas e malcheirosas que constituíam o pior cortiço de Londres. Os muros inclinados deixavam cair um ou outro tijolo no pavimento de pedra. Renascidos de olhar malévolo reuniam-se a cada esquina.

— Charles — ela disse. — Isto aqui é o Velho Jago.

Ele reconheceu que era.

Ela se perguntou se ele enlouquecera. Vestidos como estavam — ou seja, não em andrajos — praticamente desfilavam com uma placa “ME ROUBE E ME MATE” Olhos vermelhos brilhavam atrás de janelas quebradas. Crianças com bigodes de rato sentavam-se em soleiras, aguardando para brigar pelas sobras dos predadores maiores. Quanto mais penetravam no antro, mais densas as aglomerações. A Geneviève pareciam abutres. Aquilo não era Londres, era uma selva. Lugares, ela pensou, não são maus: eram o que as pessoas faziam deles. Na escuridão, alguma coisa riu e ela deu um salto. Charles tranquilizou-a e olhou

em volta, recurvado sobre a bengala como se estivesse tomando uma brisa em Hampton Court.

Criaturas corcundas e cambaleantes espreitavam em pátios. Emanavam ódio em ondas. O Jago era o local onde iam parar os piores casos, renascidos mutantes que em nada lembravam seres humanos, criminosos tão cruéis que outros criminosos não os toleravam. Uma bandeira da Cruzada Cristã, a cruz tingida com o que provavelmente não era sangue, pendia de uma janela. A missão de John Jago era por ali, onde poucos policiais ousavam aventurar-se. Ninguém sabia o nome verdadeiro do pregador.

— O que estamos procurando? — Geneviève perguntou, a meia-voz.

— Um chinês.

Geneviève sentiu um aperto no coração.

— Não — ele a tranquilizou —, não *aquela* chinês. Neste bairro, imagino que qualquer chinês servirá.

Um renascido corpulento, com o peito nu sob os suspensórios, destacou-se das sombras de uma parede e ficou em pé na frente deles, encarando Charles com desdém. Sorriu, mostrando os caninos amarelos. Seus braços estavam tatuados com caveiras e morcegos. Como vira a vitória de Charles sobre Liz Stride, Geneviève pensou que ele poderia derrotar o vampiro com a espada ou a bala de prata. Mas não duraria muito se uma dúzia de amigos do brutamontes se envolvesse na luta. E pelo menos doze deles estavam espalhados por ali, cutucando os dentes com as unhas sujas do polegar.

— É o seguinte — começou Charles, com a fala arrastada de um ignorante de Mayfair —, me aponte o antro de ópio mais próximo, como um bom sujeito. Quanto pior o antro, melhor, se entende o que quero dizer.

Algo brilhou na mão de Charles. Uma moeda. Ela desapareceu no punho do brutamontes, depois em sua boca. Ele mordeu o xelim, partido-o no meio, e cuspiu fora as duas metades. Mal tiveram tempo de bater no chão, e um emaranhado de crianças brigava por elas. O brutamontes olhou para Charles, tentando exercer os recém-adquiridos poderes de fascinação. Depois de um ou dois minutos, durante os quais Geneviève sentiu-se cada vez mais desconfortável, ele rosnou e virou o rosto. Charles passara no teste. O brutamontes mexeu a cabeça em direção a um arco e afastou-se, com andar desleixado.

O arco, coberto por um cobertor cinza ensebado pendurado num cordão, conduzia a uma praça fechada. A cortina improvisada foi aberta por uma mão delgada e uma nuvem quente de fumaça perfumada flutuou para fora. Os vagalumes dos cachimbos acesos de ópio iluminaram rostos encarquilhados. Um marinheiro quente, cicatrizes no pescoço e nada nos olhos, saiu cambaleando, o

salário queimado na fumaça alucinógena. Teria sorte se saísse do Jago com as botas.

— É aqui mesmo — disse Charles.

— O que estamos fazendo? — ela perguntou.

— Balançando uma teia para chamar a atenção da aranha.

— Que maravilha.

Uma jovem chinesa, renascida e delicada, surgiu do pátio. Todos os brutamontes trataram-na com deferência, o que dizia muito. Vestia um pijama azul e pisava nas pedras imundas com chinelos de seda. Sua pele resplandecia como porcelana. Uma trança apertada de cabelo preto brilhante pendia até os joelhos. Charles fez-lhe uma reverência, e ela retribuiu, os braços abertos em boas-vindas.

— Charles Beauregard, do Clube Diógenes, manda lembranças a seu mestre, o Senhor das Mortes Estranhas.

A moça nada disse. Geneviève imaginou que alguns dos desocupados haviam escapulado e encontrado alguma outra coisa interessante.

— Gostaria que todos soubessem que esta mulher, Geneviève Dieudonné, está sob minha proteção. Solicito que nada mais seja feito contra ela, caso contrário o laço de amizade entre mim e seu mestre estará desfeito.

A moça refletiu por um instante e concordou com um rápido movimento da cabeça. Fez uma reverência novamente e retirou-se para trás da cortina. Através do cobertor fino, Geneviève ainda via os pontos vermelhos tremeluzentes dos cachimbos.

— Acho que isso basta — disse Charles.

Geneviève balançou a cabeça. Ela não entendeu completamente o que se passara entre Charles e a renascida oriental.

— Tenho amigos em lugares estranhos — ele admitiu.

Estavam a sós. Até as crianças tinham desaparecido. Ao invocar o “Senhor das Mortes Estranhas”, Charles havia liberado a rua.

— Então, Charles, estou sob sua proteção?

Ele parecia quase divertir-se. — Sim.

Ela não sabia o que pensar. De alguma forma, realmente sentia-se mais segura, mas também um tanto irritada.

— Suponho que devo agradecê-lo.

— Seria uma boa ideia.

Ela suspirou. — Então, foi só isso? Nenhuma batalha entre forças titânicas, nenhuma destruição mágica do inimigo, nenhum último ato heroico?

— Só um pouco de diplomacia. É sempre o melhor caminho.

— E seu “amigo” pode realmente deter o ancião, como um caçador chamando um cão de caça?

— Indubitavelmente.

Saíram caminhando do Jago, de volta às águas mais “seguras” de Whitechapel. O cortiço era iluminado apenas por braseiros infernais nos pátios, que conferiam à escuridão um brilho fraco e avermelhado. Agora, havia pelo menos os usuais postes sibilantes de luz. Em comparação, o nevoeiro aqui era quase simpático.

— Os chineses acreditam que se você salva uma pessoa da morte, fica responsável por ela pelo resto da vida. Você está preparado para carregar esse fardo, Charles? Já vivi muito tempo e pretendo viver bastante ainda.

— Geneviève, acho pouco provável que você se torne um peso em minha consciência.

Eles pararam, e ela olhou para ele. Ele mal conseguia esconder o divertimento vaidoso.

— Você só me conhece como sou agora — ela disse. — Não sou a pessoa que eu era, ou a que serei. Com os anos, nós não mudamos exteriormente, mas interiormente... é outra coisa.

— Correrei o risco.

Faltando cerca de uma hora para amanhecer, ela se sentia cansada. Ainda estava fraca e não deveria ter se aventurado tanto. A dor no pescoço piorara. Amworth disse que isso significava que ela estava se curando.

— Já tinha ouvido a expressão.

— Expressão?

— “Senhor das Mortes Estranhas”. Alguém com esse título é mencionado, embora muito raramente, em conexão com o crime organizado chinês. A reputação dele não é das melhores.

— Como eu disse, um demônio do inferno. Mas é um demônio de palavra; leva seus compromissos a sério.

— Ele tem um compromisso com você?

— Sim.

— Então, você tem um compromisso com ele?

Charles nada disse. Sua mente também estava vazia, exceto por uma placa na estação de trem.

— Está fazendo isso de propósito, não está?

— O quê?

— Pensando em Basingstoke.

Charles riu. E, após um instante, ela riu também.

DOWNING STREET, A PORTAS FECHADAS

Godalming estava atrasado para seu compromisso. O corte na garganta, cuidadosamente enfaixado, latejava, uma dor diferente de tudo o que sentira desde sua transformação. Sua cabeça estava atordoada por causa de Penélope; a antiga Penélope quente que não mais existia, não a renascida que ele deixara na Cadogan Square. No cabriolé, quedou-se num torpor, revivendo a passagem de sua linhagem. Satisfeito e exaurido ao mesmo tempo, lembrava-se do Beijo Negro. Como ele mesmo e como Penélope. Isto passaria.

Na Downing Street, foi conduzido silenciosamente ao gabinete. Ao entrar, teve um choque que o deixou sóbrio num instante. A sala estava cheia, a audiência particular com Lorde Ruthven substituída por uma reunião obviamente importante. O general Iorga e Sir Charles Warren estavam lá. Henry Matthews, Secretário do Interior, também, e vários outros, igualmente vampiros ilustres. Sir Danvers Carew mascava um charuto apagado, o rosto, uma carranca permanente.

— Godalming — disse Ruthven —, sente-se. Lady Ducayne terá que desculpá-lo. Estávamos falando sobre as últimas atrocidades.

Godalming, aturdido, encontrou uma cadeira. Perdera o segundo ato e teria de pegar o fio da meada.

— A Guarda Carpatiana foi insultada de modo flagrante — disse Iorga — e tem que ser vingada.

— Isso mesmo, isso mesmo — resmungou Matthews. Não reconhecido, de modo geral, como um dos mais capazes entre os homens do governo, era às

vezes maldosamente comparado a “um professor de dança francês”. — Mas seria imprudente perder as estribeiras, tendo em vista a situação delicada atual.

Iorga deu um soco com a manopla do punho, rachando a mesa.

— Nosso sangue tem que ser pago com sangue!

Ruthven olhou indignado para o dano que o carpatiano causara. O fino acabamento estava arruinado.

— Os malfeitores não irão escapar impunes — o primeiro-ministro disse ao general.

— É verdade — acrescentou Sir Charles. — Esperamos, confiantes, que haja prisões nas próximas vinte a quatro horas.

— Assim como o senhor esperou confiante, em todas as oportunidades nos últimos meses, no caso desse Estripador — bufou Matthews.

O Secretário do Interior já brigara com o comissário antes, particularmente numa disputa implacável de jurisdição sobre quem, de fato, era responsável pelo recém-criado Departamento de Investigação Criminal da polícia metropolitana. No começo, cada um deles reivindicava para si os dinâmicos detetives, mas, nos últimos tempos, ambos estavam menos obstinados; especialmente com os assassinatos de Whitechapel ainda sem solução.

Sir Charles irritou-se com a alfinetada.

— Como o senhor bem sabe, Secretário do Interior, as falhas da polícia nesta questão devem-se mais à sua recusa em alocar recursos adequados do que qualquer...

— Cavalheiros — disse Ruthven, calmamente. — Isso não está em discussão.

O Secretário do Interior e o comissário calaram-se, entreolhando-se furiosamente.

— Warren — Ruthven dirigiu-se a Sir Charles —, você está em melhor posição para fazer um relatório sobre a força policial. Faça-o.

Godalming prestava atenção. Talvez descobrisse do que se tratava.

Sir Charles consultou seu caderno, como um policial comum no tribunal, e pigarreou.

— Por volta da meia-noite, ocorreu um incidente no St. James's Park...

— ...a poucas jardas do Palácio — Matthews acrescentou.

— ...é verdade, nas imediações do Palácio de Buckingham, embora em nenhum momento a Família Real tenha estado em perigo. Um oficial da Guarda Carpatiana estava escoltando um grupo de rebeldes presos durante os tumultos...

— Criminosos perigosos! — vociferou Iorga.

— Isso é conjectura. Os relatos variam. O inspetor Mackenzie, uma testemunha, descreve os prisioneiros como “um grupo de jovens mulheres

amedrontadas”.

Iorga rosnou.

— Um bando de homens acuou o oficial Ezzelin von Klatka e o destruiu. De maneira particularmente revoltante.

— Como, exatamente? — perguntou Godalming, intrigado.

— Enfiaram uma banana de dinamite no coração dele e explodiram — disse Ruthven. — Uma inovação, pelo menos.

— Foi uma sujeira e tanto — disse Sir Charles.

— Como nossos primos americanos diriam, a Guarda Carpatiana está por toda parte — Ruthven observou.

A cabeça de Iorga estava a ponto de explodir, uma irritação vermelha inchando-lhe em volta dos olhos.

— O capitão von Klatka morreu com bravura — o general rangeu os dentes —, um herói.

— Ora, ora, por favor, Iorga — disse Ruthven. — Um pouco de leveza é sempre bem-vinda.

— E os acusados? — perguntou Carew.

— Homens mascarados — disse Matthews. — Deixaram uma cruz de São Jorge ao lado do corpo. Obviamente, os relatórios anteriores de Sir Charles sobre a desordem da Cruzada Cristã estavam seriamente equivocados.

— Alguns interpretam isso como uma retaliação pelo atentado contra John Jago — explicou Ruthven. — Alguém pintou cruces vermelhas por toda a cidade.

— Mackenzie diz que o assassino de von Klatka era vampiro — disse Sir Charles.

— Absurdo! — Matthews gritou. — Vocês, policiais, são corporativistas. Encobrem seus erros com mentiras.

— Cessar-fogo, Matthews — Sir Charles respondeu. — Eu apenas estou repetindo a afirmação de um homem que estava presente no local. Pessoalmente, concordo com você. É improvável que um vampiro quisesse prejudicar a Guarda Carpatiana. Isso seria o mesmo que se levantar contra nosso amado Príncipe Consorte.

— Sim, seria, não? — disse Ruthven.

— O que foi feito? — perguntou Carew, o habitual olhar irritado do policial metropolitano tornando-se um rosto enfurecido.

Sir Charles suspirou. — Dei ordens para a prisão dos líderes da Cruzada ainda em liberdade, após os distúrbios de hoje à tarde.

— As cabeças deles deveriam estar fincadas em estacas antes do amanhecer.

— General Iorga, nós trabalhamos sob o império da lei. Primeiro temos que estabelecer a culpa dos criminosos.

Iorga abanou a mão, descartando a irrelevância.

— Puna todos eles e deixe Deus decidir quem é culpado.

Sir Charles prosseguiu.

— Sabemos em quais igrejas e capelas os seguidores de John Jago se reúnem. Todos estão sendo presos. Em uma noite, daremos fim à Cruzada Cristã.

Ruthven agradeceu ao comissário. — Excelente, Warren. Eu mesmo estou providenciando para que o arcebispo condene os cruzados como hereges. Eles não terão mais nem mesmo o apoio teórico da Igreja.

— Tem que haver mais represálias — Iorga insistiu. — Para acabar com a praga da rebelião. Por von Klatka, cem deles devem morrer.

Ruthven considerou a questão.

— Agora chegamos ao nosso objetivo maior. Mesmo sem esse novo ultraje, eu iria convocar esta reunião dentro de algumas noites. Não se trata de um incidente isolado. Isto não veio a público, mas há uma semana um facínora jogou uma bomba em Sir Francis Varney, durante uma visita oficial a Lahore. Ela não explodiu, mas o vilão escapou na multidão. Além disso, pela manhã houve um motim organizado em Devil's Dyke. Foi contido, mas vários rebeldes perigosos estão sendo perseguidos nas colinas de Sussex.

Sir Charles parecia preocupado. Aquilo era ruim para a imagem da Scotland Yard. Em sua administração.

Ruthven continuou. — “*Silent enim leges inter arma*”, como disse Cícero. Se as armas falam, as leis se calam. Talvez seja necessário suspender o *habeas corpus*. O Príncipe Consorte já assumiu o título de Lorde Protetor, aceitando o fardo constitucional outrora carregado pela nossa querida rainha. Talvez ele ainda considere útil estender seus poderes pessoais. Neste caso, nós nesta sala muito provavelmente constituiremos a totalidade do governo da Grã-Bretanha e de seu Império. Seríamos ministros do rei.

Matthews estava prestes a protestar, mas silenciou-se. Ainda um renascido, como Sir Charles, ele estava naquela sala apenas por condescendência. Seus assentos poderiam facilmente ser ocupados por vampiros anciãos. Ou mortos-vivos da nova geração, que haviam abandonado completamente os costumes quentes. Godalming percebeu como estava próximo do poder. Logo saberia o que Ruthven lhe reservara.

Um vampiro calado e circunspecto ao lado do primeiro-ministro entregou-lhe uma pasta de documentos amarrada com uma fita. Godalming imaginou que estivesse ligado ao serviço secreto.

— Obrigado, Sr. Croft — disse Ruthven, rasgando a fita. Extraíu um documento com o indicador e o polegar e casualmente o fez rodopiar pela mesa até Sir Charles. — É uma lista de pessoas ilustres suspeitas de conspiração contra a Coroa. Elas devem ser presas antes que o sol nasça e se ponha de novo.

Os lábios de Sir Charles moviam-se à medida que lia a lista. Ele a abaixou e Godalming pôde dar uma olhada nela.

A maioria dos nomes era conhecida: George Bernard Shaw, W. T. Stead, Cunningham-Grahame, Annie Besant, Lord Tennyson. Outros significaram pouco: Marie Spartali Stilman, Adam Adamant, Olive Schreiner, Alfred Waterhouse, Edward Carpenter, C. L. Dodgson. Havia algumas surpresas.

— Gilbert? — perguntou Sir Charles. — Por quê? O homem é tão vampiro quanto eu ou você.

— Tanto quanto você, talvez. Ele nos satiriza constantemente. Muitos não podem ver um vampiro ancião sem segurar o riso. Penso não ser uma atitude que devemos encorajar.

Não era coincidência que o baronete malvado da peça *Ruddigore*, cujo nome era sinônimo de um certo tipo de vampiro, chamava-se Sir *Ruthven* Murgatroyd.

Matthew examinava a lista agora, balançando a cabeça.

— E Gilbert não é o único vampiro aqui — disse o Secretário do Interior. — Você incluiu Soames Forsyte, meu próprio banqueiro.

Desta vez, Ruthven não pareceu tolo e frívolo. Godalming viu frias garras de aço dentro da luva de veludo do murgatroyd.

— Vampiros são tão capazes de traição quanto os quentes — explicou Ruthven. — Todos os homens e mulheres dessa lista merecem um lugar em Devil's Dyke, sem rodeios.

Sir Charles preocupou-se. — Devil's Dyke não foi construído com vampiros em mente.

— Então, ainda bem que mantivemos a Torre de Londres. Ela será convertida numa prisão para vampiros. General Iorga, você tem sob seu comando algum oficial que tenha sofrido reprimenda por tratamento severo dos subordinados?

Iorga deu um sorriso malicioso, uma fileira de dentes pontudos e animalescos brilhando. — Posso pensar em vários. Graf Orlok é famoso pelos excessos.

— Excelente. Orlok será o diretor da Torre de Londres.

— Mas o homem é um maníaco selvagem — protestou Matthews. — Ele não é bem-vindo em metade das casas de Londres. Mal parece humano.

— O vampiro perfeito para o emprego — comentou Ruthven. — Esta é a arte de governar, Matthews. Há cargos para todos. É só uma questão de

combinar a personalidade à tarefa.

O Sr. Croft anotou algo, sobre a indicação de Graf ou sobre o protesto do Secretário do Interior. Godalming não iria gostar de ser incluído na lista do Sr. Croft.

— Agora, vamos a outros assuntos. Warren, aqui está um rascunho de sua nova política de promoções.

Sir Charles suspirou assustado diante do documento que lhe fora entregue.

— Somente vampiros devem ser promovidos — Ruthven disse. — Essa deve ser a regra geral, em todos os ramos do serviço civil e militar. Os quentes podem se transformar ou ficar onde estão. Isso não tem importância. E lembre-se, Warren, apenas o tipo certo de vampiro deve ser promovido. Espero que faça uma limpeza em sua casa.

Ruthven voltou a atenção para o Secretário do Interior e passou-lhe outro papel.

— Matthews, isso é um rascunho do Ato de Poderes Emergenciais, que vai passar no parlamento amanhã à noite. Considero vital colocarmos ordem nos assuntos que ocorrem no mundo diurno, e não deixá-los no sistema irregular que temos tolerado até agora. Haverá restrições de locomoção, reunião e comércio. Os *pubs* só poderão abrir durante as horas de escuridão. Está na hora de organizarmos o relógio e o calendário de acordo com nossa conveniência, em vez de nos curvamos, em tudo, aos desejos dos quentes.

Matthews engoliu o remédio. Sir Danvers Carew rosnou com algo próximo de prazer. Ele estava na fila para substituir Matthews quando Ruthven o obrigasse a pedir demissão.

— Estamos sendo obrigados a agir com rapidez — Ruthven declarou à sala em geral. — Mas isso não é ruim. Devemos nos manter no curso determinado, não importa a resistência que porventura encontremos. Estas são noites emocionantes, e temos a oportunidade de liderar o mundo. Somos o vento do leste. Somos a fúria da tempestade. Em nosso rastro, deixaremos um país transformado e mais forte. Aquele que hesitar ou ficar para trás será levado pela correnteza. Assim como o Príncipe Consorte, pretendo me manter firme. Muitos serão totalmente destruídos ao nascer da lua em nosso Império. O Sr. Darwin estava certo: apenas os mais aptos sobreviverão. Temos que garantir nosso lugar entre os mais aptos de todos.

RENASCIDA

Art a deixara para que fosse embora sozinha. Ela estava numa espécie de torpor quando ele lhe explicou por que tinha de sair correndo. Algo a ver com o primeiro-ministro. Assuntos de grande importância e urgência. Assuntos masculinos, ela presumiu, que não lhe diziam respeito. Era como se Art falasse com ela do fim de um longo túnel, um forte vento soprando contra ele, arrastando sua voz. Depois ele se foi e ela ficou só...

...

... ela estava se transformando. Não era o que esperava. Disseram que seria rápido: uma breve dor, como um dente sendo arrancado, depois um período de sono, comparável ao estágio de pupa de um inseto, seguido de um despertar em estado de vampiro.

A dor, que se alastrava por todo o corpo, era terrível. Subitamente, num jorro quente, suas regras chegaram. As roupas de baixo ficaram coalhadas de sangue. Kate a avisara, mas ela esquecera. No momento, havia pouco consolo na perspectiva de que esta seria a última vez que tal inconveniência feminina iria incomodá-la. Pelo que sabia, vampiras não menstruam. Essa maldição se fora para sempre. Como mulher, estava morta...

...

... no sofá onde Art a possuía, onde ela o sangrara, ela apertava uma almofada contra o estômago. Vomitara até a última porção de comida no tapete persa de Art. Depois, num momento mais conveniente, esvaziara a bexiga e os intestinos.

Ela entendeu por que, mesmo na pressa de sair, Art se dera ao trabalho de lhe dizer onde ficava a toalete. Durante a transformação, seu corpo expeliu todos os dejetos.

Sentia-se febril e vazia, como se suas estranhas tivessem sido arrancadas. A mandíbula doía à medida que os dentes brotavam, esmaltes afiados forçando passagem juntos. Estava com os dentes grandes e pontudos do vampiro típico. Sabia que essa condição não era permanente. Os dentes mudariam num momento de paixão ou raiva. Ou, como agora, de dor. Adaptando-se ao novo modo de alimentação, os incisivos tornaram-se presas.

Por que ela escolhera isto? Mal conseguia se lembrar.

Sua mão estava perto do rosto. Ela viu veias e tendões sob a pele, ondulando como vermes. As unhas aparadas tinham o formato de punhais de diamante. Havia até uns pelos pretos grossos. Os dedos engrossaram e o anel de noivado cortava-lhe a pele.

Tentou concentrar-se.

Sua mão parou de se contorcer e voltou à forma conhecida. Com a língua, experimentou os dentes. Estavam pequenos de novo, e ela não sentia mais a boca cheia de mármore pontudos.

Estava deitada de costas, a cabeça pendendo no braço do sofá. Viu a sala de cabeça para baixo. O pai de Art estava de ponta-cabeça, num retrato em tamanho natural. Um vaso azul pendia do teto acarpetado, penachos brancos pendurados. Um friso de flores delicadamente invertidas circundava a sala. Lâmpadas de gás invertidas projetavam-se do rodapé da parede, chamas azuis lançando-se para baixo, na direção do chão pintado.

As chamas aumentaram até o ponto em que eram tudo o que ela podia ver. A febre chegara ao cérebro. Nas chamas, viu um homem e uma mulher se abraçando. Ele estava vestido em traje a rigor, mas ela estava nua e ensanguentada. Os rostos eram de Charles e Pamela. Depois, o rosto da prima tornou-se o dela e Charles tornou-se Art. Estavam cobertos pela chama. A imagem perdurou por um instante, então fluiu novamente, até que os rostos tornaram-se irreconhecíveis. Uniram-se e queimaram, formando um só rosto, com quatro olhos e duas bocas. O rosto aglomerado de fogo aumentou e a engolfou completamente.

— Penélope para sempre — ela gritara quando criança. — Vida longa a Penny.

A chama queimava em toda parte...

• • •

... com um único tremor, ela acordou instantaneamente. O corpo inteiro formigava, a roupa arranhando a pele sensível.

Sentou-se, acomodando-se no sofá. A lembrança da transformação desvanecia rapidamente. Tocou o pescoço e o seio e não encontrou nenhum sinal dos ferimentos que Art provocara.

A sala estava mais clara, e ela olhou para os cantos sombreados. Via as coisas de modo diferente. Havia gradações mais sutis de cores. E sentia mais odores. O cheiro de suas próprias descargas corporais eram perceptíveis, mas não desagradáveis. Achou que todos os sentidos estavam mais aguçados. A língua desejava novos sabores. Ela queria experimentar.

Levantou-se e foi de meias até o banheiro. Não havia espelho, naturalmente. Tirou a roupa suja e limpou-se, usando a anágua como esponja. Lavou-se toda. Em sua vida anterior, raramente ficara tão completamente nua. A antiga Penélope parecia um sonho. Ela era uma renascida. Quando se sentiu tão limpa quanto um gato, saiu do banheiro. Precisava de roupas. Os trajes de seus dias de quente eram inúteis agora, encharcados de sangue inútil.

Alguém se moveu num dos quartos que se abriam para o corredor e ela ficou imediatamente alerta. Passou a língua pelos dentes afiados. Uma porta se abriu e um rosto magro pôs-se para fora. Chocado por sua nudez, o criado de Art engoliu em seco e retirou-se, trancando a porta. Ela riu. Flexionando as mãos, imaginou se conseguiria abrir a porta à força e pegar o homem. Sentia o cheiro de sangue quente. — Fe fifo fum — sussurrou, o som da voz alto em sua cabeça.

Ao abrir uma das portas, encontrou o quarto de vestir de Art. Um conjunto de roupas estava separado, pronto para uso. Antigamente, ser alta era um constrangimento. Sua mãe a treinara para permanecer sentada sempre que possível e, sem inclinar-se, dar um jeito de não elevar-se sobre um homem. Agora, a altura lhe caía bem.

Pegou a camisa de Art e abotoou-a. Dominou a complexidade do colarinho e dos punhos. Seus dedos eram mais ágeis, agora, e resolviam todos os problemas que lhes eram apresentados. Jogou de lado as roupas íntimas de Art e pegou as calças, mexendo os suspensórios nada familiares até que eles pararam sobre os ombros. O traje acomodou-se em seus quadris, e ela o puxou bem para cima, deixando a forquilha justa, e então apertou os suspensórios. Encontrou uma gravata e amarrou-a em volta do colarinho largo. Um colete completou o conjunto. Descalça, retornou à sala onde se transformara. Seus sapatos estavam debaixo do sofá e ainda lhe serviam. Supôs que fazia uma figura audaz, e imaginou o que seu noivo acharia.

Percorrendo as mãos pelo cabelo, pensou se deveria fazer alguma coisa para melhorar a aparência. Mas já não se importava com isso. A Penélope morta

ficaria chocada. Mas a Penélope morta era tão diferente.

Sentiu uma pontada de sede. O gosto do sangue de Art persistia em sua boca. Ela o achara amargo e salgado, na noite anterior. Mas agora era doce e delicioso. E necessário. O que fazer? O que fazer?

Não sabia se estava lidando bem com aquilo. Mas se Kate Reed, que mal conseguia servir chá sem consultar um manual de boas maneiras, pôde tornar-se uma vampira bem-sucedida, Penélope, a Conquistadora, não seria intimidada pelas complicações.

No vestíbulo, encontrou uma capa forrada de seda vermelha. Não era pesada. Tentou vestir uma das cartolas de Art, mas ela escorregou por suas orelhas, tapando-lhe os olhos. O único chapéu de Art que poderia lhe servir era uma boina xadrez com abas sobre as orelhas. Mal combinava com as roupas das quais se apoderara, mas teria de servir. Pelo menos conseguiu prender o cabelo sob o chapéu, para não atrapalhar. Algumas vampiras cortavam o cabelo curto, como um homem. Talvez fizesse o mesmo...

• • •

... lá fora, o sol nascia. Ela pensou que deveria ir para casa e permanecer em local fechado. Talvez devesse descansar durante o dia. Kate disse que o sol poderia fazer mal a renascidos. Presumiu que teria de se colocar na posição odiosa e humilhante de procurar Kate e pedir conselhos sobre vários pontos imprevistos.

Ela saiu da casa e achou denso o nevoeiro da manhã. Ontem, não teria conseguido enxergar o outro lado da Cadogan Square. Agora, distinguia um pouco melhor as coisas, embora sua visão fosse melhor no escuro do que no nevoeiro. Se olhasse para cima, para as nuvens enevoadas que bloqueavam o sol, seus olhos ardiam. Puxou a boina para baixo, para que a aba lhe sombreasse o rosto.

— Moça, moça — disse uma voz. Uma mulher, saída do nevoeiro, vinha em sua direção, arrastando suas crianças pequenas.

A sede a acometera — a sede vermelha, como chamavam — e sua boca estava ressecada, os dentes formigando. Não se comparava às necessidades que sentira como mulher quente. Era um desejo incontrolável, um instinto natural, tão necessário quanto respirar.

— Moça...

Uma velha, com a mão estendida, estava diante dela. Vestia um gorro surrado e um xale esfarrapado.

— Está com sede, moça?

A mulher sorriu, maliciosamente. Faltava-lhe a maioria dos dentes e seu hálito fedia. Penélope podia farejar vinte camadas de diferentes sujeiras. Se Fagin tivesse uma viúva, seria ela.

— Por seis centavos, pode beber até se saciar. De uma de minhas belezinhas.

A mulher pegou um pacote. Era uma garota, uma de um par. O rosto e o cabelo estavam sujos, mas a garota estava pálida, enrolada como uma múmia num longo echarpe. A mulher desenrolou o echarpe de um pescoço fino, cheio de feridas.

— São só seis centavos, moça.

A mulher raspou com as unhas o pescoço da garotinha, arrancando as cascas das feridas. Pequenas gotas de sangue verteram. A criança não emitiu nenhum som. O cheiro de sangue atingiu as narinas de Penélope. Era um aroma penetrante, agradável, picante. Ela teve sede.

A garota lhe foi entregue. Por um momento, Penélope hesitou diante da intimidade. Quando quente, não gostava de ser tocada, especialmente por crianças. Jurara, após a morte de Pamela, nunca submeter-se aos desejos de um homem, nunca ter filhos. Com o tempo, isso passou a parecer infantil, mas ela não apreciava a ideia de sua noite de núpcias. Esse aspecto das coisas tinha muito pouco a ver com seu noivado. O que fizera com Art fora mais do que alimentação, mais do que um agente de transformação. Houvera um elemento carnal, repulsivo e excitante. Agora, era aceitável, até desejável.

— Seis centavos — lembrou a mulher, a voz diminuindo quando Penélope se concentrou no pescoço da criança.

Com Art, beber sangue fora uma necessidade desagradável. Ela sentiu uma emoção estranha, não muito diferente de dor, quando mordeu a garota. Tomar o sangue de Art fora uma tarefa repugnante; este desejo era diferente. A transformação despertara algo em Penélope. Quando tocou a língua no ferimento aberto, a antiga pessoa que tinha sido realmente morreu. Quando o sangue escorreu em sua boca, a renascida que se tornara despertou.

Ela optara por se tornar vampira porque julgou adequado. Estava zangada com Charles, por seu envolvimento com aquela criatura anciã, por ele não ter aparecido e se desculpado. Ele tratava mal a mulher quente, mas talvez sua atitude fosse diferente se ela se transformasse. Tudo isso era absurdo, a propósito.

Ela engoliu, sentindo o sangue infiltrar-se por todo seu corpo. Ele não apenas deslizou pela garganta, mas bombeou-se para dentro das gengivas, espalhando-se pelo rosto. Sentiu-o inchando suas bochechas, latejando nas veias sob as orelhas, preenchendo-lhe os olhos.

— Cuidado, moça. Vai acabar com ela.

A mulher tentou puxar a criança e Penélope a empurrou. Não estava satisfeita, ainda. A criança choramingava em seu ouvido, estimulando-a com um gemido fraco. A menina queria ser drenada, tanto quanto Penélope precisava tomar seu sangue...

...

... enfim, terminou. O coração da criança ainda batia. Penélope sentou-a na rua pavimentada. A outra garota — sua irmã? — juntou-se a ela, agasalhando-a.

— Um xelim — disse a mulher. — O que você tomou vale um xelim.

Penélope sibilou para a cafetina desgraçada, cuspendo entre os dentes caninos. Seria fácil abri-la da barriga até o pescoço. Tinha garras para isso.

— Um xelim.

A mulher estava resoluta. Penélope reconheceu uma afinidade. Ambas conviviam com uma necessidade que superava todas as outras considerações.

No bolso da frente, ela encontrou um relógio e uma corrente. Desprendeu-os do colete e jogou-os para a cafetina. A mulher agarrou o prêmio no ar. Sua boca moldou-se num sorriso malicioso e incrédulo.

— Muito obrigada, moça. Obrigada. Você é bem-vinda às minhas garotas a qualquer hora. Qualquer hora.

Penélope deixou a mulher na Cadogan Square e saiu caminhando no nevoeiro, uma vitalidade recém descoberta eletrizando-a. Estava mais forte por dentro do que jamais estivera...

...

... ela sabia por onde ir no nevoeiro. A casa dos Churchwards não estava longe dali, na Caversham Street. Enquanto caminhava, era como se a cidade inteira soubesse aonde ia. Poderia ter encontrado o caminho de casa de olhos fechados.

Com o sangue da criança dentro de si, estava tonta. Não costumava beber mais que uma taça de vinho no jantar, mas considerava seu estado atual semelhante ao da embriaguez. Uma vez, ela, Kate e outra garota tinham esvaziado quatro garrafas da estimada adega de seu falecido pai. Só Kate não havia passado mal depois, e ela se gabara de maneira exasperante. Isso era como aquilo, mas sem revirar o estômago.

De vez em quando, as pessoas sentiam sua aproximação e davam-lhe passagem. Ninguém sequer a encarava ou comentava seu traje incomum. Os homens haviam ficado com a praticidade das roupas só para eles. Ela se sentia um tanto pirata, como Anne Bonney. Tinha certeza de que nem Pam experimentara algo tão estimulante quanto isso. Finalmente, brilhava mais que a prima.

O nevoeiro diminuiu, e a capa pesou em seus ombros. Parou e sentiu uma vertigem. Será que a garota tinha alguma doença? Apoiou-se num poste de luz como um janota bêbado. O nevoeiro se diluíra em filamentos. Uma brisa soprava do rio. Ela sentiu o gosto do Tâmis no vento. O mundo parecia girar à medida que o nevoeiro se dissipava. No céu, uma inclemente bola de fogo expandia-se, estendendo tentáculos de luz. Jogou a mão sobre o rosto e sentiu a pele queimar. Era como se uma grande lupa estivesse suspensa no ar, concentrando os raios de sol nela, como um garoto direcionando um feixe letal sobre uma formiga.

A mão doía. Estava vermelha como uma lagosta. A pele, rachada num ponto, coçava pavorosamente. Um rolo de fumaça vaporosa surgiu da rachadura. Afastando-se do poste de luz, correu em solo incerto, a capa flutuando atrás dela. O ar arrastava-se por seus tornozelos como água de pântano. Ela tossia, cuspiu sangue. Havia se empanturrado, e pagava o preço da voracidade.

O sol batia forte nas ruas, descolorindo tudo para um branco-osso brilhante. Mesmo fechando os olhos rapidamente, uma agonia de luz explodia no cérebro. Achou que nunca chegaria à Caversham Street sã e salva. Tropeçaria e cairia na rua, acabaria num monte de pó fumacento em formato de mulher, sob a capa amarrotada de Art.

Seu rosto estava teso, como se tivesse ressecado sobre o crânio. Ela nunca deveria ter se aventurado ao sol em seu primeiro dia como renascida. Kate avisara. Alguém cruzou seu caminho e ela o derrubou. Ainda estava forte e rápida. Ela arqueava de dor enquanto corria, a rajada de sol por trás queimando suas costas através de várias camadas de tecido. Os lábios separaram-se dos dentes, rígidos e enrugados. Cada passo doía, como se ela atravessasse uma floresta de lâminas. Não era o que esperava...

• • •

... um instinto de retorno ao lar conduziu-a até sua rua, até a porta de casa. Tateou o cordão do sino e enganchou o pé sob o limpa-botas de ferro na soleira, a fim de evitar cair para trás. A menos que entrasse para a sombra fresca imediatamente, morreria. Apoiou-se na porta e bateu.

— Mãe, mãe — corvejou. Sua voz parecia a de uma velha encarquilhada.

A porta abriu-se e ela caiu nos braços da Sra. Yeovil, a governanta. A criada não reconheceu Penélope e tentou empurrá-la de volta ao dia cruel.

— Não — disse a mãe. — É a Penny. Olhe...

Os olhos da Sra. Yeovil arregalaram-se; em seu horror, Penélope viu o próprio reflexo com mais certeza do que jamais vira num espelho.

— Deus nos abençoe — disse a criada.

A mãe e a Sra. Yeovil ajudaram-na a entrar no vestíbulo e fecharam a porta. Dor ainda fluía através do vitral da bandeira, mas o pior do sol ficara para fora. Ela se reclinou no abraço das duas mulheres. Havia mais alguém no vestíbulo, à porta da sala de visitas.

— Penélope? Meu Deus, Penélope!

Era Charles.

— Ela se transformou, Sra. Churchward.

Por um momento, ela se lembrou do que se tratava, por que tinha feito tudo aquilo. Tentou dizer, mas só um sibilo saiu de sua boca.

— Não tente falar, querida — sua mãe disse. — Vai ficar tudo bem.

— Levem-na para algum lugar escuro — Charles disse.

— A adega?

— Sim, a adega.

Ele abriu a porta embaixo da escada e as mulheres carregaram-na, descendo até a adega de vinhos finos do pai. Não havia nenhuma luz, e ela esfriou subitamente. A ardência cessou. Ainda sentia dor, mas não a ponto de explodir.

— Ah, Penny, pobrezinha — disse a mãe, pondo a mão sobre sua fronte. — Você está tão...

A sentença foi deixada no ar enquanto deitavam Penélope na pedra fria mas limpa do chão. Ela tentou sentar-se, para cuspir uma praga em Charles.

— Descanse — ele disse.

Forçaram-na a deitar-se novamente, e ela fechou os olhos. Em sua cabeça, a escuridão era vermelha e fervilhante.

DO INFERNO

17 de outubro.

Estou sustentando Mary Kelly. Ela é tão parecida com Lucy, tão parecida com o que Lucy se tornou. Paguei o aluguel dela até o fim do mês. Eu a visito quando o trabalho permite, e nos entregamos à nossa peculiar troca de fluidos. Há distrações, mas faço o possível para deixá-las de lado.

George Lusk, chefe da Comissão de Vigilância, me procurou no Hall ontem. Tinham lhe enviado a metade de um rim com um bilhete intitulado “Do Inferno”, alegando que o anexo era de uma das mulheres mortas, presumivelmente Eddowes. “A outra metade eu fritei e comi, estava muito gostoso”. Por uma terrível ironia, ele achou que deveria trazer o medonho troféu para mim, acreditando ser a carne de um bezerro ou um cachorro, e que estava sendo vítima de uma brincadeira. Piadas de “Jack, o Estripador” viraram uma epidemia, e desde que publicaram uma carta de Lusk no *Times*, ele passou a ser vítima de várias delas. Com Lestrade e Lusk olhando-me sobre os ombros, apalpei e espetei o rim. O órgão seguramente era humano e tinha sido preservado em álcool. Eu disse a Lusk que provavelmente um estudante de medicina tinha pregado a peça. Da minha época do Bart’s, recordo-me de idiotas que se dedicavam a essas práticas infantis e macabras. Sempre que passo pela Harley Street, lembro-me de um renomado médico que uma vez fugiu do alojamento, deixando para trás um torso sem membros para que fosse encontrado em sua cama pela senhoria. Uma coisa estranha que observei foi que o rim quase com certeza viera de um vampiro. Ele apresentava um estado avançado daquela

espécie inconfundível de decomposição líquida que acomete os vampiros após a morte verdadeira. Não me pediram para explicar meu conhecimento a respeito das vísceras dos mortos-vivos.

Lestrade concordou, e Lusk, que é, pelo que ouvi dizer, um tipo irritante, tranquilizou-se. Lestrade me disse que a investigação é constantemente turvada por pistas falsas como aquela, como se Jack, o Estripador, fosse apoiado por um grupo de companheiros prontos a protegê-lo com uma cortina de fumaça e confusão. Pensei comigo que eu tinha amigos, que algum poder desconhecido vigiava meus interesses. Entretanto, acredito que tenha terminado minha série, por enquanto. O “evento duplo” — expressão abominável, cortesia daquele enfadonho escritor de cartas — tirou minha coragem, e vou suspender o trabalho noturno. Ele ainda é necessário, mas tornou-se muito perigoso. A polícia está contra mim e há vampiros por toda parte. Minha esperança é que outros assumam a tarefa. Um dia depois que John Jago foi ferido, um vampiro almofadinha foi morto em Soho, uma estaca no coração e uma cruz de cruzado gravada na testa. O *Pall Mall Gazette* publicou um editorial sugerindo que o Assassino de Whitechapel tinha ido para o outro lado da cidade.

Estou aprendendo com Kelly. Aprendendo sobre mim mesmo. Ela me diz com doçura, quando estamos na cama, que está fora do jogo, que não está saindo com outros homens. Sei que é mentira, mas não estendo o assunto. Abro sua carne cor-de-rosa e me descarrego dentro dela, e ela delicadamente suga meu sangue, seus dentes deslizando para dentro de mim. Tenho cicatrizes pelo corpo, cicatrizes que coçam como o ferimento causado por Renfield, em Purfleet. Estou decidido a não me transformar, a não enfraquecer.

Dinheiro não importa. Kelly pode ficar com tudo o que sobra da minha renda. Desde que vim para o Toynbee Hall, não recebo salário e estou subsidiando a compra de suprimentos médicos e outras coisas necessárias. Minha família sempre teve dinheiro. Nenhum título, mas sempre dinheiro.

Fiz Kelly falar sobre Lucy. A história, não tenho mais vergonha de admitir, me excita. Não posso gostar de Kelly por ela mesma, portanto tenho de gostar dela por Lucy. A voz de Kelly muda. O ritmo irlandês-galês e a gramática estranhamente cuidadosa diminuem, e Lucy, muito mais descuidada com o que dizia e como dizia do que sua cria prostituta, parece falar. A Lucy de que me lembro é presunçosa, afetada e devidamente insinuante. Em algum ponto entre aquela garota desconcertante, mas encantadora, e a sanguessuga aos berros cuja cabeça serrei estava a renascida que transformou Kelly. Cria de Drácula. A cada relato do encontro noturno em Heath, Kelly acrescenta alguns detalhes. Ou ela se lembra depois, ou os inventa por minha causa. Não tenho certeza se me importa qual das duas coisas. Às vezes, as investidas de Lucy sobre Kelly são carinhosas,

sedutoras, misteriosas, carícias ardentes antes do Beijo Negro. Outras vezes, são uma violação brutal, os dentes-agulhas rasgando carne e músculo. Ilustramos as histórias de Kelly com nossos corpos.

Não me lembro mais do rosto das mulheres mortas. Há apenas o rosto de Kelly e, a cada noite, ele se torna mais parecido com o de Lucy. Comprei para Kelly roupas semelhantes às que Lucy usava. A camisola que ela usa antes de copularmos é muito parecida com a mortalha em que Lucy foi enterrada. Kelly penteia o cabelo como o de Lucy, agora. Em breve, hesito em ter esperança, Kelly *será* Lucy.

O RETORNO DO CABRIOLÉ

— Já faz quase um mês, Charles — arriscou Geneviève — desde o “evento duplo”. Talvez tenha acabado.

Beauregard balançou a cabeça. Seu comentário o sacudira de seus pensamentos. Penélope não lhe saía da cabeça.

— Não — ele disse. — Tudo o que é bom acaba, mas tudo o que é ruim só acaba com alguma intervenção.

— Claro, você está certo.

Já anoitecera e eles estavam no Ten Bells. Ele conhecia Whitechapel tão bem quanto os outros territórios aos quais o Clube Diógenes o despachara. Passava os dias dormindo intermitentemente em Chelsea; e as noites no East End, com Geneviève, caçando Jack, o Estripador. E sem pegá-lo.

Todos começavam a relaxar. As milícias que duas semanas atrás perambulavam pelas ruas, fazendo arruaça e prejudicando inocentes, ainda usavam faixas na cintura e carregavam porretes, mas passavam mais tempo em *pubs* do que no nevoeiro. Após um mês de turnos duplos — e triplos —, policiais gradualmente eram redistribuídos a seus deveres regulares. Não que Jack, o Estripador tivesse feito alguma coisa para reduzir o crime em outras partes da cidade. Na verdade, houve quase uma rebelião declarada ao alcance da vista do Palácio de Buckingham.

Na noite passada, alguém havia jogado uma caneca de sangue de porco no retrato da Família Real pendurado na parede atrás do balcão. Woodbridge, o proprietário, botara os bêbados antipatrióticos para fora, mas ainda havia

manchas no retrato e na parede. O rosto do Príncipe Consorte estava vermelho e distorcido.

Houvera mais problemas com a Cruzada. Com Jago preso e a maioria dos seguidores encarcerada ou impelida à clandestinidade, a Scotland Yard presumia que o movimento definharia e morreria, mas os cruzados mostravam-se tão obstinados quanto os mártires cristãos originais. Cruzes vermelhas foram pintadas por toda a cidade, evocando não apenas Cristo, mas a Inglaterra também. Beauregard ouviu rumores de que os corvos haviam deixado a Torre de Londres na noite em que Graf Orlok assumira seu posto, e falou-se na queda do reino. Certamente, esta era a época mais negra que o país já tivera. Houvera um modesto renascimento arturiano, incentivado, e não suprimido, pela repressão do governo. Os rebeldes, até então exclusivamente dos credos socialista, anarquista ou protestante, agora contavam com vários místicos e pagãos britânicos em suas fileiras. Lorde Ruthven havia banido Tennyson, especialmente o poema *Os Idílios do Rei*, e outros itens anteriormente inócuos, como *O Rei Artur*, de Bulwer-Lytton, e *The Defence of Guinevere*, de William Morris, também figuravam no índice das obras proibidas. A cada proclamação, o século XIX beirava o século XV. Ruthven prometera novos uniformes para todos os criados da coroa; Beauregard desconfiava que o modelo seria algo como o libré, com policiais usando elmos, calça justa medieval e tabardos com emblemas sobre coletes de couro.

Nem Geneviève — afinal, uma garota do século XV — nem Beauregard bebiam. Apenas observavam os outros. Além dos milicianos levemente embriagados, o *pub* estava cheio de mulheres, fossem prostitutas genuínas, fossem agentes policiais disfarçadas. Este era um dos vários esquemas insensatos que deixaram de ser piada e foram implementados. Quando questionados, Abberline e Lestrade jogavam as mãos para cima e mudavam de assunto. No momento, o constrangimento da Scotland Yard era um certo inspetor Mackenzie, que estivera presente, mas fora incapaz de evitar o assassinato, por dinamite, de um dos membros da Guarda Carpatiana e que havia, subsequentemente, como era de se esperar, se juntado à lista de desaparecimentos misteriosos. A desaprovação jorrou da fonte do palácio, respingou no gabinete do primeiro-ministro e depois, com força crescente, nos níveis mais baixos da sociedade, tornando-se uma torrente absoluta nas ruas de Whitechapel.

Não havia mais sinal do ancião chinês de Geneviève. Portanto, pelo menos a chacoalhada que Beauregard dera na teia do Doutor Demônio rendera resultado. Sua suposição era a de que qualquer coisa maligna e oriental teria de trabalhar para o Senhor das Mortes Estranhas. Tinha sido um dos poucos sucessos em seu

negócio, mas ele mal podia se orgulhar. Preferiria não dever favor nenhum ao Círculo de Limehouse, além da conexão que já fizera com eles.

Na cabala dirigente do Clube Diógenes, falava-se em rebelião total na Índia e no Oriente. Um repórter da *Gazeta Civil e Militar* tentara assassinar o governador geral. Varney era tão popular quanto Calígula com a população nativa, e com suas próprias tropas e serviço civil. Muitos sob o domínio da rainha não a reconheciam mais como sua legítima governante, talvez por terem a sensação de que, desde sua transformação, ela não usava mais, verdadeiramente, a coroa. A cada semana, mais embaixadores se retiravam da Corte de St. James. Os turcos, cujas memórias iam mais longe do que se poderia esperar, reivindicavam reparação de Vlad Tepes por crimes de guerra cometidos pelo Príncipe Consorte quando ainda era quente.

Beauregard tentou olhar para Geneviève sem ela perceber, sem ela penetrar seus pensamentos. À luz, parecia absurdamente jovem. Será que Penélope — cuja pele ainda estava tostada e que tinha de ser alimentada como um bebê, com gotas de sangue de cabra — voltaria a ter o mesmo frescor? Mesmo se ela, conforme lhe assegurou o Dr. Ravna, se recuperasse completamente, voltaria a ser o que era? Penélope era vampira agora, e ele não reconheceu a mente vislumbrada em ocasionais momentos de lucidez. Ele tinha de ser cuidadoso com Geneviève, também. Era difícil manter as rédeas dos pensamentos e impossível confiar inteiramente em qualquer vampiro.

— Você tem razão — ela disse. — Ele ainda está por aí. Não desistiu.

— Talvez o Estripador tenha tirado férias.

— Ou se distraído.

— Alguns dizem que ele é capitão de barco. Poderia estar viajando.

Geneviève refletiu, e então balançou a cabeça.

— Não. Ele ainda está aqui. Posso sentir.

— Você parece Lees, o sujeito sensitivo.

— Faz parte do que eu sou — ela explicou. — O Príncipe Consorte consegue mudar de forma, mas eu consigo ter percepção das coisas. Tem a ver com nossa linhagem. Existe um nevoeiro em volta de tudo, mas consigo sentir o Estripador lá fora, em algum lugar. Ele ainda não acabou.

— Este lugar me aborrece — ele disse. — Vamos sair e ver se podemos fazer algo de bom.

Ao se levantarem, ele ajudou-a a arrumar a capa sobre os ombros. O filho de Woodbridge assobiou e Geneviève, que flertava tanto quanto Penélope quando estava de bom humor, sorriu para ele sobre o ombro. Os olhos dela brilharam de modo estranho.

Eles faziam a patrulha como policiais, entrevistando qualquer um que tivesse a mais remota ligação com as vítimas ou seus círculos. Beauregard sabia mais sobre Catharine Eddowes ou Lulu Schön do que sobre membros de sua própria família. Examinar com atenção as migalhas de suas vidas fazia com que lhe parecessem mais reais. Não mais apenas nomes em relatórios policiais, eram quase como amigas. A imprensa se referia às vítimas como “prostitutas de rua do nível mais baixo” e a *Gazeta da Polícia* sempre as definia como megeras sugadoras de sangue que pediram para ter o fim que tiveram. Mas, conversando com Geneviève, com o sargento Thick ou com Georgie Woodbridge, elas ganhavam vida como mulheres, desajeitadas e patéticas, talvez, mas, ainda assim, indivíduos com sentimentos, que não mereciam o tratamento recebido, antes e agora.

Ocasionalmente, sussurrava o nome de “Liz Stride” para si mesmo. Ninguém mais — especialmente Geneviève — levantava a questão, mas ele sabia que terminara o serviço do Estripador com ela. Ele a sacrificara como a um cão, mas talvez a vampira não quisesse ser salva. A questão da época era: quanto um ser humano tem de mudar para não ser mais humano? Liz Stride? Penélope? Geneviève?

Quando não estavam seguindo as pistas falsas que surgiam todas as noites sobre o caso, apenas perambulavam, esperando topar com um homem carregando um saco cheio de facas e maldade no coração. Era absurdo, quando paravam para pensar. Mas a rotina tinha seus atrativos. Mantinha-o longe da Caversham Street, onde Penélope ainda lutava contra enfermidades desconhecidas. Ele ainda estava incerto quanto aos seus deveres para com ela. A Sra. Churchward revelara uma fibra inesperada para cuidar de sua garota renascida. Depois de perder uma sobrinha criada como filha, estava decidida a fazer o que pudesse por sua filha autêntica. Beauregard não conseguia evitar a sensação de que seu envolvimento com as garotas Churchward não havia sido nem remotamente benéfico para elas.

— Não se culpe — disse Geneviève. Ele estava quase acostumado às suas intrusões. — É Lorde Godalming quem deveria ser chicoteado com correntes de prata.

Beauregard sabia que Godalming havia transformado Penélope e a deixado à própria sorte e, em consequência disso, ela cometera o erro estúpido ao expor-se ao sol mortífero e beber sangue contaminado.

— Para mim, seu amigo nobre parece um completo porco.

Beauregard não vira Godalming, que era muito próximo do primeiro-ministro, desde então. Quando o assunto estivesse resolvido, ele iria tirar satisfações com Arthur Holmwood. Geneviève disse que a atitude responsável e

decente do pai-das-trevas é ficar com sua cria e ajudar o renascido durante a transformação. Era uma etiqueta antiga, mas Godalming não se sentia moralmente preso a ela.

Empurraram as portas envidraçadas. Beauregard tremia no frio, mas Geneviève movia-se com facilidade pelo nevoeiro gelado, como se estivessem em pleno sol da primavera. Ele tinha de lembrar a si mesmo, constantemente, que aquela garota não era humana. Estavam na Commercial Street, perto do Toynbee Hall.

— Gostaria de entrar um pouco — Geneviève disse. — Jack Seward está com uma nova namorada, e tem negligenciado suas obrigações.

— Sujeito descuidado — ele observou.

— Não, absolutamente. Ele é apenas impulsivo, obsessivo. Fico contente que ele tenha encontrado uma distração. Está à beira de um ataque de nervos há anos. Acredito que tenha passado por maus bocados quando Vlad Tepes chegou pela primeira vez. Ele não gosta muito de falar sobre isso. Especialmente comigo. Mas ouvi umas histórias.

Beauregard também ouvira alguns boatos, contados por Lorde Godalming, por estranho que pareça, e no Clube Diógenes. O nome do Dr. Seward estava ligado ao de Abraham Van Helsing.

Mais à frente, uma carruagem de quatro rodas estava estacionada, o cavalo soltando vapor pelas narinas. Beauregard reconheceu o condutor. Acima do cachecol e abaixo do chapéu havia olhos puxados.

— O que foi? — Geneviève perguntou, percebendo a tensão repentina. Ela ainda achava que o ancião chinês iria atacá-la e rasgar sua traqueia.

— Conhecidos recentes — ele disse.

A porta se abriu, criando um redemoinho no nevoeiro. Beauregard sabia que estavam cercados. O mendigo encolhido no beco do outro lado da rua, o vagabundo abraçando a si mesmo no frio, o homem que ele não conseguia ver, escondido na sombra diante da tabacaria. Talvez até a vampira altiva, vestida bem demais, desfilando rapidamente como se a caminho de um encontro amoroso. Ele pôs o polegar na lingueta da bengala, mas não achou que pudesse dar conta de todos. Geneviève podia cuidar de si mesma, mas seria injusto envolvê-la além disso.

Presumiu que seria chamado a explicar a falta de progresso. Do ponto de vista do Círculo de Limehouse, a situação se deteriorava a cada batida policial e a cada lista de “normas de emergência”

Alguém saiu da carruagem e acenou para eles. Beauregard, com prudência casual, seguiu caminhando até lá.

LUCY FAZ UMA VISITA

Ela andava a passos curtos, para manter as saias fora do chão, tão meticulosa nos hábitos quanto qualquer dama. Suas roupas novas, compradas com o dinheiro de John, ainda traziam um pouco das marcas da loja. Poucos, observando seu passeio noturno, reconheceriam a Mary Jane Kelly a quem estavam acostumados. Ela se sentia em Paris, uma nova garota, livre de sua história triste.

Na Commercial Street, um cavalheiro distinto ajudava uma vampira bonita a entrar numa carruagem. Mary Jane parou para apreciar o casal. O cavalheiro era elegante sem esforço, cada gesto seu preciso e perfeito, e a garota era bonita mesmo no vestido meio masculino tão em voga nas noites de hoje, a pele de um branco radiante, o cabelo cor de mel, sedoso. O cocheiro estalou o chicote e a carruagem partiu. Em breve, ela só andaria de carruagem. Os condutores tocariam no chapéu para cumprimentá-la. Cavalheiros elegantes abririam a porta para ela.

Caminhou até as portas do Toynbee Hall. Da última vez que estivera ali, seu rosto estava enegrecido, queimado após um toque accidental do sol. Dr. Seward, não ainda o *seu* John, a examinara com cuidado, mas sem interesse, como se examinasse um cavalo de corrida. Ele prescrevera véus e um período em ambiente fechado. Agora, ela vinha não como alguém em busca de caridade, mas para fazer uma visita.

Cansou-se de esperar que alguém lhe abrisse as portas e, delicadamente, empurrou-as para dentro. Entrou na sala de espera e olhou em volta. Uma enfermeira passou apressada, com um rolo de roupas de cama abraçado ao peito.

Mary Jane pigarreou para chamar a atenção. A tosse, cuja intenção era soar discreta como a de uma dama, saiu como um pigarro profundo e um tanto vulgar. Ficou constrangida. A enfermeira olhou-a no rosto, os lábios franzidos como se instantaneamente cientes de cada detalhe sórdido do passado de Mary Jane Kelly.

— Vim fazer uma visita ao Dr. Seward — Mary Jane disse, esforçando-se a cada palavra, a cada sílaba.

A enfermeira sorriu de maneira desagradável. — E a quem devo anunciar?

Mary Jane pausou, e então disse:

— Senhorita Lucy.

— Só Lucy?

Mary Jane deu de ombros, como se o nome não tivesse a menor importância. Não gostou da atitude da enfermeira e achou que deveria colocá-la em seu lugar. Ela era, no fim das contas, apenas um tipo de criada.

— Acompanhe-me, senhorita Lucy...

A enfermeira empurrou a porta interna e a manteve aberta com as nádegas, que mais pareciam almofadas. Mary Jane entrou num corredor com cheiro de sabão e foi conduzida a uma escada não tão limpa. No primeiro andar, a enfermeira apontou uma porta com a cabeça.

— O Dr. Seward está ali, senhorita Lucy.

— Muito obrigada.

Com os movimentos limitados pelo fardo que carregava, a enfermeira tentou fazer uma reverência impertinente e desconjuntada. Reprimindo o riso maldoso, subiu outra escada, deixando Mary Jane sozinha. Ela esperava ser anunciada, mas contentou-se em tirar uma das mãos do regalo e bater à porta do escritório. Uma voz lá dentro ribombou algo ininteligível, e Mary Jane entrou. John estava em pé ao lado de uma mesa, com outra pessoa, ambos examinando uma pilha de documentos. John não ergueu os olhos, mas o outro homem, sim — um jovem bem vestido, mas não um cavalheiro —, e ficou decepcionado.

— Não — ele disse —, não é Druitt. Aonde ele teria ido?

John correu o dedo por uma coluna de números, somando-os em sua cabeça. Mary Jane conhecia números, mas nunca conseguia juntá-los: era a raiz de seu problema com o aluguel. Por fim, John terminou o cálculo, rabiscou alguma coisa e olhou para cima. Quando a viu, foi como se tivesse sido golpeado por trás, na cabeça, com um martelo. Lágrimas inexplicáveis brotaram nos olhos de Kelly, mas ela as conteve.

— Lucy — ele disse, sem expressão.

O jovem empertigou-se e escovou a lapela com os dedos, compondo-se para ser apresentado. John balançou a cabeça, como se tentasse juntar as metades de

um ornamento quebrado que não se encaixavam. Mary Jane imaginou se teria feito alguma coisa terrivelmente errada.

— Lucy — ele disse novamente.

— Dr. Seward — começou o jovem —, você está sendo displicente.

John sentiu um estalo dentro de si e começou a fingir que tudo era corriqueiro.

— Perdoem-me — ele disse. — Morrison, esta é Lucy. Minha... ah, uma amiga da família.

O sorriso do Sr. Morrison era complexo, como se entendesse. Mary Jane pensou tê-lo visto antes; era possível que o jovem a conhecesse pelo que ela era. Ela o deixou tomar sua mão e inclinou a cabeça ligeiramente. Um erro, percebeu imediatamente; ela era uma dama, não uma ajudante de cozinha. Deveria ter deixado o Sr. Morrison levar sua mão até os lábios, e então fazer um movimento antipático com a cabeça, como se ele fosse a criatura mais baixa da Terra e ela, a princesa Alexandra. Por um erro assim, teria sido punida por Tio Henry.

— Você me pegou num momento de terrível preocupação — John disse.

— Um de nossos colegas desapareceu — explicou o Sr. Morrison. — A senhorita por acaso cruzou com algum Montague Druitt em suas viagens?

O nome não significava nada para ela.

— Eu já imaginava. De qualquer forma, duvido que Druitt seja do seu círculo.

Mary Jane fingiu não entender o que o Sr. Morrison queria dizer. John, ainda surpreso, ocupava-se com algum instrumento médico. Ela começou a desconfiar que aquela visita social tinha sido uma ideia infeliz.

— Com licença — disse o Sr. Morrison —, tenho certeza de que vocês têm muito o que discutir. Boa noite, senhorita Lucy. Dr. Seward, conversaremos mais tarde.

O Sr. Morrison retirou-se, deixando-a a sós com John. Quando a porta foi fechada com firmeza, ela aproximou-se dele, as mãos em seu peito, o rosto em seu colarinho, a bochecha no tecido macio do colete.

— Lucy — ele disse novamente. Era um hábito que ele tinha, apenas dizer seu nome em voz alta. Ele olhou para Mary Jane e viu a moça duplamente morta em Kingstead.

As mãos de John tocaram-na na altura da cintura, depois subiram pelas costas, por fim fixando-se no pescoço. Com um aperto, afastou-a, pressionando os polegares sob seu queixo. Se ela fosse quente, ele poderia tê-la machucado. Os dentes da vampira se afiaram. O rosto de John Seward ficou sombrio, uma expressão que já lhe era familiar. Às vezes, o olhar passava por ele quando estavam juntos. Era seu lado bruto, o lado selvagem que ela descobria no interior

de todo homem. Então, algo suave brilhou nos olhos do médico, e ele a soltou. Ele tremia. Virou-se de costas para ela e apoiou-se na mesa. Mary Jane alisou as mechas de cabelo que haviam se soltado e ajustou a gola da blusa. O aperto das mãos de John tinha despertado sua sede vermelha.

— Lucy, você não pode...

Ele abanou a mão para afastá-la, mas ela o abraçou por trás, afrouxando seu colarinho, desnudando o pescoço.

— ...vir aqui. Este é...

Ela umedeceu as cicatrizes antigas com a língua e depois abriu-as com uma mordida delicada.

— ...outro lado da...

Com determinação, ela sugou. Sua garganta ardeu. Fechou os olhos e viu vermelho no escuro.

— ...minha vida.

Tirando a boca do pescoço por um instante, ela mastigou a luva, arrancando, com mordidas, os botõezinhos do pulso. Liberou a mão direita e cuspiu fora o acessório. Seus dedos tinham se alongado, as unhas rasgando as costuras. Enfiou a mão por dentro da roupa de John, removendo botões. Acariciou sua pele quente, com cuidado, para não cortá-lo. Ele gemeu levemente para si mesmo, perdido.

— Lucy.

O nome a incitou, pondo raiva em seu apetite. Puxou-o pela roupa e mordeu de novo, mais fundo.

— Lucy.

Não, ela pensou, apertando. Mary Jane.

Seu queixo e sua testa estavam molhados com o sangue dele. Ouviu-o engasgar e sentiu-o engolindo o próprio grito. Ele tentou dizer o nome de Lucy novamente, mas ela o mordeu mais forte, silenciando-o. Naquele momento, neste cio, ele seria seu John. Quando acabasse, ela esfregaria os lábios e seria novamente a Lucy dos sonhos dele. E ele ajustaria a roupa e seria o Dr. Seward. Mas agora eram quem eram de fato: Mary Jane e John, unidos por sangue e carne..

AS CAÇAS MAIS PERIGOSAS

— Geneviève Dieudonné — Beauregard apresentou Coronel Sebastian Moran, ex-integrante do Primeiro Batalhão dos Pioneiros de Bangalore, autor de *Caça a Animais de Grande Porte do Himalaia Ocidental*, e um dos maiores facínoras a escapar da força...

O renascido na carruagem era um brutamontes de olhar ameaçador, desconfortável em sua roupa social, o bigode furiosamente eriçado. Quando quente, certamente tivera o bronzado vermelho de um marujo, mas agora parecia uma víbora, bolsas de veneno sob o queixo.

Moran grunhiu algo que poderia contar como um cumprimento e ordenou que entrassem na carruagem. Beauregard hesitou, e então deu um passo para trás, permitindo que Geneviève entrasse primeiro. Ele estava sendo esperto, ela percebeu. Se o coronel tivesse más intenções, ficaria de olho no homem que considerava uma ameaça. O renascido não iria acreditar que os quatro séculos e meio dela seriam mais fortes do que ele. Se necessário, ela o destroçaria.

Geneviève sentou-se de frente para Moran, e Beauregard tomou o assento ao lado dela. Moran bateu no teto e o cabriolé partiu. Com o movimento, o embrulho de capuz preto ao lado do coronel inclinou-se para a frente, tendo de ser endireitado e recostado de volta.

— Um amigo? — Beauregard perguntou.

Moran bufou. Dentro do embrulho havia um homem, morto ou inconsciente.

— Qual seria sua reação se eu dissesse que este é o verdadeiro Jack, o Estripador?

— Suponho que eu teria que levá-lo a sério. Ouvi dizer que você só persegue as caças mais perigosas.

Moran deu um sorriso malicioso, caninos de tigre sob o bigode. — Caçando caçadores. É o único esporte que realmente vale a pena.

— Dizem que Quatermain e Roxton são melhores no rifle que você, e o russo que usa o arco de guerra tártaro é o melhor de todos.

O coronel descartou abruptamente as comparações.

— São todos quentes.

Moran mantinha o braço rigidamente estendido, segurando o fardo desajeitado.

— Estamos sozinhos nesta caçada — ele disse. — O resto do Círculo não está envolvido.

Beauregard refletiu.

— O último assassinato já tem mais de um mês — disse o coronel. — O insolente Jack está morto. Provavelmente cortou a garganta com uma de suas próprias facas. Mas isso não basta para nós, não é? Para os negócios voltarem ao normal, todo mundo tem que ver que Jack está morto.

Estavam perto do rio. O Tâmis era um esgoto imundo. Toda a sujeira da cidade desaguava no rio e era disseminada pelos sete mares. Lixo proveniente de Rotherhithe e Stepney flutuava até Xangai e Madagascar.

Moran agarrou o lençol preto enrolado e o arrancou da cabeça pálida e ensanguentada.

— Druitt — ela disse.

— Montague John Druitt, creio — disse o coronel. — Um colega seu, de hábitos noturnos bem singulares.

Isso não estava certo. O olho esquerdo de Druitt abriu-se numa casca de sangue. Ele fora brutalmente espancado.

— A polícia suspeitou dele no início da investigação — Beauregard disse, uma surpresa para Geneviève —, mas foi descartado.

— Ele tinha acesso fácil — disse Moran. — O Toynbee Hall é quase o centro exato do mapa traçado pelos locais dos crimes. Ele se encaixa no perfil difundido, um janota excêntrico com fantasias bizarras. Desculpe, madame, mas ninguém acredita realmente que um homem culto trabalhe no meio de prostitutas e mendigos por caridade cristã. E ninguém vai fazer objeção por Druitt levar a culpa pela matança de um punhado de meretrizes. Ele não é exatamente da realza, é? Nem tem álibi para nenhum dos crimes.

— Você obviamente tem amigos na Scotland Yard?

Moran lançou seu sorriso malicioso e cruel novamente.

— E então, devo dar os parabéns a você e à sua amiga? — perguntou o coronel. Vocês pegaram Jack, o Estripador?

Beauregard fez uma longa pausa e pensou. Geneviève estava confusa, percebendo quantas coisas lhe haviam sido ocultadas. Druitt tentava falar, mas a boca quebrada não conseguia formar as palavras. A carruagem estava impregnada com o cheiro de sangue, e a boca de Geneviève estava seca. Fazia muito tempo que não se alimentava.

— Não — disse Beauregard. — Druitt não serve. Ele joga críquete.

— Assim como outro salafrário que conheço. Isso não o impede de ser um assassino asqueroso.

— Neste caso, impede. Nas manhãs depois do segundo, do quarto e do quinto assassinatos, Druitt estava em campo, jogando. Depois do “evento duplo” marcou pontos com jogadas muito difíceis. Não creio que conseguisse aquilo se tivesse ficado acordado a noite toda, caçando e matando mulheres.

Moran não se impressionou.

— Você está parecendo aquele detetive nojento que eles mandaram para Devil’s Dyke. Aquele que deduz tudo de todas as pistas e evidências. O Druitt aqui vai cometer suicídio hoje à noite, vai encher os bolsos de pedras e se jogar no Tâmis. Me atrevo a dizer que o corpo vai se machucar um pouco antes de ser encontrado. Mas antes de tudo isso, vai deixar uma confissão assinada. E a letra dele vai parecer muito com a daquelas malditas cartas fajutas.

Moran fez a cabeça de Druitt balançar, em assentimento.

— Não vai colar, coronel. E se o Estripador de verdade começar a matar de novo?

— Prostitutas morrem, Beauregard. Acontece o tempo todo. Pegamos um Estripador, podemos pegar outro.

— Deixe-me adivinhar. Pedachenko, o agente russo? A polícia suspeitou dele por uns tempos. Sir William Gull, o médico da rainha? Dr. Barnardo? O Príncipe Albert? Walter Sickert? Um marinheiro português? É só colocar um bisturi na mão de alguém e inventar uma história. Mas isso não vai deter a matança...

— Não pensei que você fosse do tipo exigente, Beauregard. Você não se importa em servir vampiros ou — ele apontou Geneviève com um movimento sutil da cabeça — ter relações com eles. Você pode ser quente, mas está esfriando a cada hora. Sua consciência lhe permite servir ao Príncipe Consorte...

— Eu sirvo à rainha, Moran.

O coronel começou a rir, mas — após o brilho rápido de uma lâmina no interior escuro do cabriolé — estava com a bengala-espada de Beauregard na garganta.

— Eu conheço um prateiro também — disse Beauregard. — Exatamente como Jack.

Druitt tombou para fora de seu assento e Geneviève o aparou. Seu gemido revelava que estava quebrado por dentro.

Os olhos de Moran cintilaram vermelhos na penumbra. Beauregard segurava firme a espada de aço prateado, a ponta abrindo um orifício no pomo de Adão do coronel.

— Vou transformá-lo — Geneviève disse. — Ele está ferido demais para ser salvo de qualquer outra maneira.

Beauregard assentiu com a cabeça, sua mão firme. Com uma leve mordida no próprio pulso, ela esperou o sangue brotar. Se Druitt conseguisse beber sangue suficiente enquanto ela o drenasse, a transformação iria começar.

Ela nunca tivera uma cria. Seu pai-das-trevas cuidara bem dela, e ela não seria uma idiota perdulária como o murgatroyd de Lily ou Lorde Godalming.

— Mais um renascido — Moran bufou. — Deveríamos ter sido mais seletivos quando tudo começou. Tem malditos vampiros demais nesse negócio.

— Beba — ela disse, com ternura.

O que realmente sabia sobre Montague John Druitt? Como ela, era médico leigo, não formado, mas com conhecimentos de medicina. Ela nem sequer sabia por que um homem com renda própria e posição social iria querer trabalhar no Toynbee Hall. Não era um filantropo obsessivo como Seward. Não era religioso como Booth. Geneviève o aceitara naturalmente, como um ajudante útil; agora, teria de ser responsável por ele, possivelmente para sempre. Se ele se tornasse um monstro, como Vlad Tepes ou mesmo o coronel Sebastian Moran, seria culpa dela. Ela estaria matando todas as pessoas que Druitt matasse. Ele tinha sido um dos suspeitos: mesmo que inocente, havia algo em Druitt que o fizera parecer um provável estripador.

— Beba — ela disse, esforçando-se para pronunciar a palavra. Seu pulso gotejava vermelho.

Levou a mão à boca de Druitt. Os incisivos deslizaram de suas gengivas e ela inclinou a cabeça. O aroma do sangue de Druitt excitava-lhe as narinas. Ele teve uma convulsão e ela percebeu que o caso era urgente. Se ele não bebesse o sangue agora, morreria. Tocou o pulso na boca ferida do homem. Ele esquivou-se, tremendo.

— Não — ele murmurou, recusando o presente —, não...

Um tremor de nojo percorreu-lhe o corpo, e ele morreu.

— Nem todos querem viver para sempre — Moran observou. — Que desperdício.

Geneviève estendeu o braço no espaço entre eles e golpeou o coronel com as costas da mão, derrubando a bengala de Beauregard. Os olhos de Moran encolheram-se e ela percebeu que ele estava com medo. Ela ainda estava faminta, tendo permitido que a sede vermelha surgisse. Não podia beber o sangue morto e estragado de Druitt. Não podia sequer beber o sangue de segunda — ou terceira — categoria de Moran. Mas podia aliviar a frustração arrancando carne de seu rosto.

— Faça ela parar! — Moran balbuciou.

Uma de suas mãos estava na garganta, a outra, retraída, os dedos unidos numa ponta, garras afiadas agrupadas como a extremidade de uma flecha.

— Não vale a pena — disse Beauregard. De alguma forma, suas palavras penetraram a ira sanguinária da anciã, e ela recuou. — Ele pode ser um verme, mas tem amigos, Geneviève. Amigos que você não iria gostar de ter como inimigos. Amigos que já a importunaram.

Os dentes da vampira deslizaram de volta para dentro das gengivas, e as unhas afiadas acomodaram-se. Ela ainda desejava sangue, mas estava novamente sob controle.

Beauregard ergueu a espada e Moran mandou a carruagem parar. O coronel, com a confiança de renascido em frangalhos, tremia enquanto saíam. Um filete de sangue escorria de um de seus olhos. Beauregard embainhou a bengala e Moran enrolou um cachecol em torno de seu pescoço furado.

— Quatermain não teria se encolhido de medo, coronel — disse Beauregard. — Boa noite, e mande lembranças ao Professor.

Moran virou o rosto no escuro e as rodas da carruagem giraram na rua pavimentada, entrando rapidamente no nevoeiro. A cabeça de Geneviève rodava. Estavam de volta ao ponto de partida. Perto do Ten Bells. O *pub* não estava mais silencioso, agora, do que quando saíram. Mulheres faziam hora na porta, exibindo-se aos transeuntes.

A boca de Geneviève doía e seu coração palpitava. Ela cerrou os punhos e tentou fechar os olhos.

Beauregard levou seu pulso à boca da vampira. — Aqui, tome o que precisar.

Um ímpeto de gratidão fraquejou-lhe os tornozelos. Ela quase desmaiou, mas imediatamente dispersou o nevoeiro da mente, concentrando-se em sua necessidade.

— Obrigada.

— Não é nada.

— Não tenha tanta certeza.

Ela o mordeu delicadamente e tomou o mínimo possível para saciar a sede vermelha. O sangue escorreu por sua garganta, acalmando-a, dando-lhe forças.

Quando terminou, perguntou a Beauregard se era sua primeira vez, e ele confirmou com um movimento de cabeça.

— Não é desagradável — ele comentou, de modo neutro.

— E pode ser menos formal — ela disse. — Com o tempo.

— Boa noite, Geneviève — ele disse, virando-se. Caminhou em direção ao nevoeiro, deixando-a, seu sangue ainda nos lábios dela.

Ela sabia tão pouco sobre Charles Beauregard quanto sobre Druitt. Ele nunca lhe dissera por que, realmente, estava interessado em Jack, o Estripador. Ou por que continuava a servir à rainha vampira. Por um instante, ficou assustada. Todos à sua volta usavam uma máscara, e atrás da máscara poderia haver...

Qualquer coisa.

TRINCHEIRA

O cirurgião dissera ser impossível extrair todos os fragmentos de prata de seu joelho. A cada passo, ele sentia novamente a explosão ardente de dor. Alguns vampiros conseguiam regenerar membros perdidos, como os lagartos que desenvolvem rabos novos. Kostaki não era dessa linhagem. Ele já vivia por detrás de um rosto morto; em breve, talvez tivesse de andar com perna-de-pau de pirata.

Dois jovens de sangue novo, valentões renascidos de olhos penetrantes, desencostaram-se da parede malfeita e úmida para barrar a saída do pequeno pátio. Ele os encarou, mostrando-lhes o rosto e os dentes. Sem uma palavra, eles voltaram para as sombras e permitiram sua passagem.

Estava sem uniforme, escondido sob um chapéu grande e uma capa, mancando em meio ao nevoeiro noturno. O bilhete informara um endereço no Velho Jago, um local que estava para Whitechapel assim como Whitechapel estava para Mayfair.

— Moldávio — disse uma voz calma. — Aqui.

No escuro da entrada de um beco, Kostaki viu Mackenzie.

— Escocês, feliz em vê-lo.

— Se você diz.

O casaco do inspetor estava furado e remendado, e ele tinha a barba de uma semana. Kostaki sabia que o escocês não era visto há algum tempo. Seus companheiros temiam por sua segurança. A suposição geral era a de que havia sido removido para Devil's Dyke, após uma declaração pouco diplomática.

— Formamos um belo par de mendigos — disse Mackenzie, mexendo os ombros dentro do casaco solto e sujo.

Kostaki deu um meio sorriso. Alegrou-se por aquele homem quente não estar num campo de concentração.

— Por onde esteve?

— Aqui, na maior parte do tempo — disse Mackenzie. — E em Whitechapel. A pista vem parar aqui.

— Pista?

— Nosso homem mascarado com a dinamite. Tenho tentado localizá-lo desde aquela noite no parque.

Kostaki lembrou-se do lampejo de uma pistola e dos olhos escuros de um rosto escondido sob um capuz. Um bastão de dinamite chiando no peito de von Klatka, um instante antes da explosão. Depois, uma chuva cheia de pedaços vermelhos.

— Você encontrou o assassino?

Mackenzie confirmou com a cabeça.

— Vejo que a reputação da Scotland Yard é merecida.

Mackenzie pareceu amargo. — Isto não tem nada a ver com a Scotland Yard. Nem com Warren, Anderson ou Lestrade. Eles estavam atrapalhando, então resolvi agir sozinho.

— Um caçador solitário?

— Exatamente. Warren insistiu para que procurássemos um cruzado cristão, mas eu sabia que não era por aí. Você estava lá, Kostaki. Você se lembra. O homem com capuz. Era vampiro.

Os olhos escuros. Talvez com bordas vermelhas. Kostaki não esquecera.

— E o vampiro está aqui, neste antro.

Mackenzie olhou para cima. Na hospedaria, do outro lado da viela, havia uma luz. Um quarto no terceiro andar. Sombras moviam-se atrás da cortina fina de musselina.

— Estou vigiando aquele homem há vários dias e noites. Eles o chamam de “Danny” ou “Sargento”. Um sujeito muito interessante. Tem algumas amizades surpreendentes.

Os olhos de Mackenzie brilharam. Kostaki percebeu o orgulho de um predador.

— Tem certeza de que é ele?

— Absoluta. Você também vai ter. Quando o vir, quando ouvir sua voz.

— Como o localizou?

Mackenzie sorriu novamente e pôs o dedo ao lado do nariz. — Segui as pistas. Dinamite e prata são difíceis de arranjar. Há poucas fontes que valem a

pena mencionar. Apostei nos irlandeses, fazendo perguntas nos *pubs*. Com certeza, os brutamontes que ele recrutou são fenianos. Quando se trata de extermínio, o nome deles sempre aparece. Em dois dias, eu já tinha uma descrição do Sargento. Depois descobri alguns fatos importantes, detalhes espalhados pelo chão, como migalhas.

A luz diminuiu, e Kostaki recolheu-se mais para dentro do beco, puxando Mackenzie consigo.

— Você vai ver agora — disse o escocês. — Vai vê-lo.

Uma porta mal ajustada no batente foi puxada para dentro, e um vampiro surgiu de dentro do prédio. Era o homem que Kostaki vira no parque. A postura ereta era inconfundível. E os olhos. Usava roupas velhas e um gorro surrado, mas os modos e o bigode ostentoso sugeriam o exército britânico. O renascido olhou em volta, fitando o beco por um instante mais demorado. Depois, consultou um relógio de bolso. Rapidamente, o Sargento saiu marchando.

Mackenzie respirou de novo. Quando pararam de ouvir os passos do vampiro, Kostaki disse:

— Era ele.

— Nunca tive dúvida.

— Então, por que mandou me chamar?

— Porque só confio em você, em mais ninguém. Temos um entendimento, eu e você.

Kostaki sabia o que Mackenzie queria dizer. — Temos que seguir esse Sargento, encontrar os aliados dele, desenterrar e destruir essa conspiração toda.

— É aí que nossa situação se complica. Homens como Sir Charles Warren ou o seu General Iorga detestam surpresas. Preferem que o culpado seja alguém de quem tenham suspeitado. Muitas vezes, eles se negam a dar crédito à evidência apenas porque ela contradiz uma hipótese malformada que eles cometeram o erro de acatar. Sir Charles quer que o homem da dinamite seja um dos cruzados de Jago, não um vampiro.

— Já houve traidores vampiros.

— Mas acho que não como nosso Sargento. Estou só começando a explicar a extensão de suas atividades. Ele é instrumento de forças maiores. Talvez, maiores do que um simples policial ou um soldado poderiam derrotar.

Saíram do beco e pararam em frente ao prédio do Sargento. Sem discussão, sabiam que agora arrombariam a porta e fariam uma busca nos aposentos do assassino.

Enquanto Mackenzie olhava para os dois lados, Kostaki estilhaçou a fechadura da porta com um aperto firme. No Velho Jago, este não seria um

comportamento incomum e suspeito. Um marinheiro, os bolsos vazios para fora, passou ziguezagueando, os olhos girando por causa do gim e do ópio.

Esgueiraram-se para dentro da hospedaria e subiram três lances de uma escada estreita e íngreme. Olhos observavam-nos pelos vãos das portas, mas ninguém interveio. Chegaram ao quarto de onde viera a luz. Kostaki quebrou mais uma fechadura — um tanto mais resistente do que ele esperava naquele antro — e entraram.

Mackenzie acendeu um toco de vela. O quarto estava arrumado, quase militar em sua precisão. Havia uma cama dobrável, o lençol mais esticado que os músculos da barriga de um lutador. Sobre uma mesa, materiais de escritório estavam organizados como se aguardassem uma inspeção.

— Tenho motivos para acreditar que nosso homem não só destruiu Ezzelin von Klatka — disse Mackenzie —, mas também tentou assassinar John Jago, metendo-lhe uma bala.

— Isso não faz sentido.

— Para um soldado, talvez não. Mas para um tira, é o truque mais manjado que existe. Você incita os dois lados, faz um atacar o outro, feito cães. Aí é só sentar e assistir ao espetáculo.

Mackenzie examinava alguns papéis sobre a mesa. Havia um frasco novo de tinta vermelha e um organizado pote de penas ao lado do mata-borrão.

— Estamos lidando com uma facção anarquista?

— Acho que é exatamente o oposto. Sargentos não dão bons anarquistas. Eles não têm imaginação. Sargentos sempre servem. É possível fundar um império com o apoio de sargentos.

— Então, ele está seguindo ordens.

— Claro. Esse negócio todo cheira ao antigo regime, não acha?

Kostaki teve uma intuição. — Você admira esse homem? Ou, pelo menos, admira a causa dele?

— Nas noites de hoje, seria uma opinião imprudente.

— No entanto...

Mackenzie sorriu. — Seria hipócrita de minha parte lamentar a destruição de von Klatka, ou mesmo expressar solidariedade por John Jago.

— E se não tivesse sido von Klatka, e se tivesse sido...

— Você? Então, as coisas talvez parecessem diferentes. Mas apenas parecessem. O Sargento não iria fazer distinção entre você e seu camarada. É aí que começa minha divergência das ideias do patrão dele.

Kostaki pensou por um momento. — Posso perder a minha perna — ele disse.

— Sinto muito.

— O que você pretende fazer com o Sargento? Vai deixar que ele continue servindo à sua causa desconhecida?

— Eu disse que sou, antes de tudo, um policial. Quando eu tiver um caso que Warren não possa ignorar, vou apresentá-lo a ele.

— Obrigado, escocês.

— Por quê?

— Por sua confiança.

Havia muitas páginas soltas repletas de códigos secretos ou taquigrafia que pareciam hieróglifos.

— Ora — Mackenzie disse —, o que temos aqui?

Pegou o rascunho de uma carta escrita a lápis. Estava em inglês claro.

— Lestrade vai morrer de inveja — Mackenzie disse. — E Fred Abberline também. Kostaki, veja...

Kostaki deu uma olhada no papel. “Caro chefe”, começava a carta, e terminava com “Atenciosamente, Jack, o Estripador”.

ZONA PORTUÁRIA

O cadáver foi encontrado em Limehouse Reach, numa curva no rio Tâmesa, um ponto conhecido como Cuckhold's Point. Foram necessários três homens para arrastá-lo para fora da lama e depositá-lo no cais mais próximo. Antes de Geneviève e Morrison chegarem, alguém tinha se dado ao trabalho de deitar o corpo numa posição digna, desembaraçando os membros e arrumando as roupas molhadas e sujas. Cobriram o corpo com um pedaço de lona, para não ferir a sensibilidade dos estivadores e dos desocupados da zona portuária.

O cadáver já fora identificado por uma inscrição em seu relógio e, surpreendentemente, por um cheque em seu nome. Ainda assim, iriam confirmar a identidade formalmente. Quando o policial ergueu a lona, vários espectadores emitiram sons exagerados de nojo. Morrison retraiu-se e desviou os olhos. O rosto de Druitt tinha sido comido pelos peixes, expondo as órbitas vazias dos olhos e um sorriso diabólico de dentes desnudos, mas ela o reconheceu pela linha do cabelo e pelo queixo.

— É ele — disse ela.

O policial soltou o pano e agradeceu. Morrison confirmou o reconhecimento. Uma carroça estava pronta para receber o corpo.

— Acho que ele tinha parentes em Bournemouth — Morrison informou. O policial tomou nota, respeitosamente.

O coronel cumprira a palavra. Os bolsos de Druitt estavam cheios de pedras; nenhum bilhete de suicídio fora forjado, mas a dedução era inescapável. Mais um assassino impune estava livre: a polícia não iria persegui-lo, não haveria

investigadores especiais do Clube Diógenes. O que havia de tão especial com Jack, o Estripador? A cinquenta jardas do rio, seguramente havia uma dúzia de criminosos tão cruéis e depravados. Supunha-se que o assassino de Whitechapel fosse louco; Moran e seu grupo não tinham sequer essa desculpa. Seus assassinatos eram apenas negócios.

Com Druitt suspenso na carroça, terminou o espetáculo. Os desocupados vaguearam para a próxima atração e os policiais retornaram às suas obrigações. Ela foi deixada com Morrison, à beira do cais. Eles caminharam em direção à Rotherhithe Street, uma fileira de camelôs, *pubs*, alojamentos de marinheiros, agências de navegação e bordéis. Era a região das mil e uma noites de Londres, um mercado persa no nevoeiro rarefeito. Cem línguas diferentes misturavam-se. Era um bairro fortemente chinês, e o farfalhar das sedas ainda a deixava apreensiva.

De repente, uma figura coberta por um véu surgiu em seu caminho. Uma vampira de pijama preto. Ela curvou-se para desculpar-se, e o véu se abriu. Geneviève reconheceu a garota chinesa do Velho Jago, que falara em nome do Senhor das Mortes Estranhas.

— Haverá reparação por este erro — ela disse. — Tem a palavra de meu senhor.

Então, a garota seguiu andando.

— O que ela disse? — Morrison perguntou.

Geneviève encolheu os ombros. A garota falara em mandarim. Se Charles estivesse certo, ela podia garantir que o coronel Moran não escaparia das consequências de seus atos. Mas, se punido, não seria pelo assassinato brutal, mas pelo *desnecessário* assassinato brutal.

A garota desaparecera na multidão.

Geneviève não pretendia voltar imediatamente ao Hall. Queria procurar por Charles, não tanto por ele, mas para perguntar sobre as condições de sua infeliz noiva. Penélope Churchward, que ela encontrara apenas uma vez e por quem não nutria muita simpatia, era sua preocupação mais recente. Com tantas pessoas sendo arrastadas para a fornalha, quantas ela conseguiu salvar? Não Druitt, certamente. Nem Lily Mylett. Nem Cathy Eddowes.

Morrison conversava com ela, fazendo uma confidência. Como não ouvira nada, desculpou-se.

— É o Dr. Seward — ele repetiu. — Receio que ele esteja fazendo papel de bobo com aquela Lucy.

— Lucy?

— É como ela se apresenta.

Morrison era um dos raros indivíduos que tinham conhecido a misteriosa amante do Dr. Jack Seward, e não ficara impressionado.

— Pessoalmente, acho que a vimos antes. Com outro nome, e roupas mais surradas.

— Jack sempre exigiu muito de si mesmo. Talvez essa aventura amorosa seja a cura para seu cansaço constante.

Morrison balançou a cabeça. Estava achando difícil expressar os pensamentos com exatidão.

— Com certeza, você não faz nenhuma objeção social a essa moça? Pensei que já tivéssemos superado essas preocupações — disse Geneviève.

Morrison pareceu encabulado. Ele próprio de origem humilde, seu trabalho deveria tê-lo feito entender as condições dos mais miseráveis e degradados.

— Há algo errado com o Dr. Seward — insistiu. — Ele está calmo e até equilibrado na superfície, ainda mais nos últimos tempos. Mas, por dentro, está perdendo o controle. Às vezes, esquece os nossos nomes. Confunde o ano em que estamos. Acredito que esteja se isolando em um passado mágico, antes da chegada do Príncipe Consorte.

Geneviève refletiu sobre a hipótese. Recentemente, ela tinha achado difícil interpretar Jack. Ele nunca estivera aberto a ela como os outros — como Charles, por exemplo, ou mesmo Arthur Morrison —, mas, nas últimas semanas, não revelara quase nada, como se sua mente estivesse protegida por uma cortina de chumbo tão resistente quanto o armário em que trancava seus preciosos cilindros de cera.

Pararam de andar e ela pegou a mão de Morrison. Ao tocar sua pele, pequenas lembranças explodiram. O sangue de Charles ainda estava nela; com o sangue, vinham fragmentos flutuantes de terras distantes. Sempre via um rosto em sofrimento, que supunha ser o de sua falecida esposa.

— Arthur — ela disse. — A loucura é uma epidemia entre nós. Está em toda parte, como o mal. Não podemos fazer quase nada para melhorar essa condição, então temos que aprender a conviver com ela, fazer com que ela nos sirva. O amor é sempre uma espécie de insanidade. Se Jack puder encontrar algum sentido em seu mundo fora de controle, que mal pode haver?

— O nome dela não é Lucy. Acho que o nome verdadeiro é irlandês... Mary Jean, Mary Jane?

— Isso não é prova de vilania.

— Ela é vampira.

Morrison parou, percebendo o que dissera. Constrangido, tentou suavizar o preconceito.

— Quer dizer... você sabe...

— Agradeço sua preocupação — ela disse — e, até certo ponto, concordo com suas preocupações. Mas não vejo o que podemos fazer.

Morrison estava claramente arrasado por dentro.

— Mesmo assim — ele disse — há algo errado com o Dr. Seward. Deveríamos fazer alguma coisa. Alguma coisa.

BEBA, LINDINHA. BEBA

O toque dela o mudara. Por dois dias, Beauregard fora perturbado por sonhos. Sonhos em que Geneviève, às vezes ela mesma, às vezes uma gata com dentes pontiagudos, lambia seu sangue. Isso fatalmente ocorreria. Do jeito que as coisas iam, cedo ou tarde teria sido sugado por um vampiro. Ele teve mais sorte do que a maioria, por ter dado sangue espontaneamente, em vez de ser drenado à força. Certamente, tivera mais sorte que Penélope.

— Charles — Florence Stoker disse —, estou falando há quase uma hora e afirmo que você não ouviu uma única palavra. Pelo seu rosto, está claro que seus pensamentos estão no quarto da doente. Com Penélope.

Estranhamente culpado, deixou que Florence continuasse acreditando nisso. Afinal, ele *deveria* estar pensando na noiva. Estavam na sala de visitas, embaraçosamente desnecessários. Florence consumia uma xícara de chá atrás da outra. A Sra. Churchward às vezes disparava uma informação evasiva, e a Sra. Yeovil, a governanta, aparecia regularmente com mais chá. Mas, absorto nos próprios pensamentos, não prestava atenção a elas. Geneviève tomara seu sangue, mas lhe dera algo em troca. Ela corria e girava em sua mente, como mercúrio.

Penélope estava sendo atendida pelo Dr. Ravna, o especialista em distúrbios dos nervos. Vampiro, tinha fama na área de doenças dos mortos-vivos. Dr. Ravna estava com a enferma agora, tentando algum tratamento.

Beauregard estava atordoado há duas noites e negligenciara seus deveres em Whitechapel. A enfermidade de Penélope deu-lhe uma desculpa, mas era apenas

isto: uma desculpa. Ele não conseguia parar de pensar em Geneviève. Queria que ela bebesse seu sangue novamente. Não apenas para saciar a sede num pulso aberto, mas o abraço completo do Beijo Negro. Geneviève era uma mulher extraordinária, pelos padrões de qualquer época. Juntos, poderiam viver através dos séculos. Era uma tentação.

— Suponho que o casamento terá que ser cancelado — disse Florence. — Uma pena.

Não houvera nenhuma possibilidade de uma discussão formal, mas Beauregard presumiu que seu noivado com Penélope havia terminado. Seria melhor não envolver advogados no assunto. Não houvera, de fato, culpa de nenhuma das partes, ele esperava, mas nem ele nem Penélope eram as mesmas pessoas de quando haviam decidido assumir o compromisso. Com todos os outros problemas, a última coisa de que precisava era um processo por quebra de promessa. Seria pouco provável, mas a Sra. Churchward era antiquada e poderia considerar que a filha tinha sido ofendida.

Os lábios de Geneviève estavam frios, o toque delicado, a língua asperamente agradável, como a de uma gata. A drenagem de seu sangue, tão lenta e tão carinhosa, fora uma sensação intensa, instantaneamente viciadora. Ele imaginou o que ela estaria fazendo agora.

— Não consigo entender onde Lorde Godalming estava com a cabeça — Florence continuou. — Ele tem agido de modo estranho.

— Nem parece Art.

Um berro soou através do teto, muito pouco humano, seguido de um choramigo. Florence encolheu-se de medo e o coração de Beauregard contraiu-se. Penélope sentia dor.

A questão de Jack, o Estripador se arrastava, sem solução. A confiança em suas habilidades de investigador demonstrada pelo Clube Diógenes e pelo Círculo de Limehouse poderia muito bem ter sido um engano. Afinal, ele realizara muito pouco.

O Professor lhe enviara um pedido pessoal de desculpas, informando que o coronel Moran fora severamente repreendido por sua interferência. Também chegara uma estranha missiva em tinta verde sobre um pergaminho fino, informando que o Sr. Yam, que ele deduziu ser o ancião chinês, não mais incomodaria Mademoiselle Dieudonné. Aparentemente, alguém havia feito uma encomenda, mas o Senhor das Mortes Estranhas não se sentia mais na obrigação de atendê-la. Beauregard fez uma conexão com uma notícia escondida nas páginas do *Times*. Uma invasão singular, um roubo ao contrário, ocorrera na residência do Dr. Jekyll. Aparentemente, uma pessoa desconhecida arrombara a

porta de seu laboratório e espalhou cinquenta moedas de ouro sobre as cinzas do vampiro ancião que o cientista estava examinando.

— Às vezes gostaria de nunca ter ouvido falar em vampiros — Florence disse. — Falei isso a Bram.

Beauregard murmurou um assentimento. A campainha soou e ele ouviu a Sra. Yeovil correndo pela sala para atender a porta.

— Mais uma visita, acho.

Ontem, Kate Reed, a amiga jornalista e renascida de Penélope, tinha vindo fazer uma visita, demorando-se numa impotência constrangida por meia hora, murmurando em solidariedade, até que encontrou uma desculpa para sair, apressada. Ela certamente não dera um bom exemplo a Penélope.

A porta da frente foi aberta e uma voz conhecida explicou:

— Desculpe, mas não tenho cartão de visita.

Geneviève. Sem pensar, ele já estava no vestíbulo, com Florence logo atrás. Ela estava em pé, na soleira.

— Charles — ela disse. — Presumi que o encontraria aqui.

Ela deu alguns passos à frente, passando pela Sra. Yeovil, e tirou a capa verde. A governanta a pendurou.

— Charles — Florence disse. — Você está sendo displicente.

Ele se desculpou e fez as apresentações. Geneviève, no melhor comportamento, tocou a mão de Florence e fez uma mesura aceitável. A Sra. Churchward estava no corredor agora, descendo para investigar a recém-chegada. Beauregard fez mais uma apresentação.

— Chegou ao meu conhecimento que vocês precisam de um médico que conheça as enfermidades dos mortos-vivos — Geneviève explicou à mãe de Penélope. — Tenho muita experiência.

— O Dr. Ravna, da Harley Street, está conosco, senhorita Dieudonné. Imagino que os serviços dele sejam suficientes.

— Ravna? — O rosto de Geneviève denunciou sua opinião.

— Geneviève? — ele pediu.

— Não há um modo educado de dizê-lo, Charles. Ravna é um idiota e um palhaço. Ele é vampiro há seis meses e já se autodeclarou o Calmet desta geração. Vocês estariam em melhor situação com o Dr. Jekyll ou o Dr. Moreau, e eu não confiaria neles nem para lancetar um furúnculo.

— O Dr. Ravna foi altamente recomendado — insistiu a Sra. Churchward. — Ele é bem-vindo por todas as melhores famílias.

Geneviève desprezou a informação. — A alta sociedade já cometeu erros antes.

— Não acho que...

— Sra. Churchward, a senhora tem que me deixar ver sua filha.

Ela fixou os olhos na mãe de Penélope. Beauregard sentiu a força persuasiva de seu olhar. A ferida em seu pulso fez cócegas. Tinha certeza de que todos perceberam a frequência com que ele mexia no punho.

— Muito bem — disse a Sra. Churchward.

— Encare isso como uma segunda opinião — disse Geneviève.

Deixando Florence e a Sra. Yeovil para trás, Geneviève e Beauregard acompanharam a Sra. Churchward ao andar superior. Quando a Sra. Churchward abriu a porta, um odor terrível emanou do quarto da doente. Era o cheiro de coisas mortas e esquecidas. O quarto estava fechado com cortinas pesadas, uma única lamparina jogava um semicírculo de luz sobre a cama.

O Dr. Ravna, com as mangas arregaçadas, estava inclinado sobre a paciente, pinçando uma coisa preta que se contorcia no peito da enferma. As cobertas estavam abaixadas, e a camisa de Penélope estava aberta. Meia dúzia de riscos pretos estavam fixados em seus seios e barriga.

— Sanguessugas! — exclamou Geneviève.

Beauregard engoliu a náusea.

— Seu maldito idiota!

Geneviève empurrou o especialista para o lado e pôs a mão na testa de Penélope. A pele da paciente estava amarelada e brilhante. Estava vermelha em volta dos olhos, e marcas inflamadas pontuavam seu corpo exposto.

— O sangue impuro deve ser retirado — explicou o Dr. Ravna. — Ela bebeu de uma fonte envenenada.

Geneviève tirou as luvas. Arrancou uma sanguessuga do peito de Penélope e jogou-a numa bacia. Trabalhando metodicamente e sem nojo, puxou todas aquelas coisas, semelhantes a lesmas. Pontos de sangue brotaram onde suas bocas tinham estado. O Dr. Ravna murmurou um protesto, mas o olhar de Geneviève silenciou-o. Quando terminou o serviço, levantou a colcha e a aconchegou em volta do pescoço de Penélope.

— Idiotas como você têm muito pelo que responder — ela disse ao Dr. Ravna.

— Tenho as melhores credenciais, minha jovem.

— Não sou jovem.

Penélope estava consciente, mas, aparentemente, incapaz de falar. Seus olhos moveram-se rapidamente e sua mão pegou a de Geneviève. Mesmo ignorando os sintomas óbvios de sua doença, Penélope estava diferente. Seu rosto mudara sutilmente, a linha do cabelo se deslocara. Ela se parecia com Pamela.

— Espero que suas sanguessugas não tenham destruído a mente dela completamente — Geneviève disse ao Dr. Ravna. — Ela já estava doente e você

a deixou perigosamente mais fraca.

— Há mais alguma coisa que se possa fazer? — a Sra. Churchward perguntou.

— Ela precisa de sangue — Geneviève disse. — Se ela bebeu sangue contaminado, precisa de sangue bom para combatê-lo. Drenar as veias dela é pior do que inútil. Sem sangue, o cérebro fica sem alimento. Talvez o dano seja irreparável.

Charles abriu o punho.

— Não — Geneviève disse, descartando a oferta silenciosa. — Seu sangue não serve.

Ela foi firme na questão. Beauregard perguntou-se se suas razões eram unicamente médicas.

— Ela precisa do próprio sangue, ou de algo próximo. O que Moreau diz é verdade. Existem diferentes tipos de sangue. Vampiros sabem disso há séculos.

— Do próprio sangue? — a Sra. Churchward perguntou. — Não entendo.

— Ou de algo próximo, do sangue de um parente. Sra. Churchward, a senhora estaria disposta...

A Sra. Churchward não conseguiu esconder o nojo.

— A senhora já a amamentou quando ela era criança — Geneviève explicou. — Agora tem que amamentar de novo.

A mãe de Penélope estava horrorizada. Abraçava a si mesma, os pulsos cruzados sobre a garganta.

— Se Lorde Godalming fosse um cavalheiro de verdade, isto não seria necessário — Geneviève disse a Beauregard.

Penélope sibilou, os caninos expostos. Ela sugava o ar, a língua para fora para apanhar qualquer alimento que houvesse.

— Sua filha vai sobreviver — Geneviève disse à Sra. Churchward. — Mas tudo o que a faz ser o que é pode desaparecer, e a senhora ficaria com uma criatura vazia, com apetites, mas sem mente.

— Ela está parecida com Pamela — Beauregard disse.

Geneviève ficou preocupada. — Droga, isso é ruim. Penélope está encolhendo por dentro, se remodelando, se perdendo.

Penélope choramingou e Beauregard piscou com lágrimas. O cheiro, o calor sufocante no quarto, o médico assustado, a paciente em dor. Tudo muito familiar.

A Sra. Churchward aproximou-se da cama. Geneviève acenou para ela e pegou sua mão. Uniu mãe e filha e afastou-se. Penélope esticou o braço e abraçou a mãe. A Sra. Churchward puxou a gola, expondo a garganta, tremendo de repugnância. A paciente sentou-se na cama e prendeu a boca no pescoço da mãe.

A Sra. Churchward paralisou-se, em choque. Um fio vermelho escorreu pelo queixo de Penélope até sua camisola. Geneviève sentou-se na cama e acariciou o cabelo de Penélope, murmurando incentivos.

— Cuidado — ela disse —, não tome demais.

O Dr. Ravna retirou-se, deixando suas sanguessugas para trás. Beauregard sentiu-se um intruso, mas permaneceu. A expressão da Sra. Churchward suavizou-se e seus olhos assumiram um ar vago. Beauregard entendeu como ela se sentia. Apertou o próprio pulso, deslizando o linho engomado do punho sobre as marcas da mordida. Geneviève separou Penélope, com cuidado, do pescoço da mãe e acomodou-a de volta nos travesseiros. Seus lábios estavam vermelhos, o rosto, corado. Ela parecia mais saciada, mais parecida com o que era.

— Charles — Geneviève disse, ríspidamente. — Pare de sonhar.

A Sra. Churchward cambaleava, à beira de um desmaio. Beauregard aparou-a e ajudou-a a sentar-se numa cadeira.

— Eu nunca... pensei — ela disse. — Coitada da Penny.

Beauregard sabia que, agora, ela conhecia melhor a filha.

— Penélope — Geneviève disse, tentando chamar a atenção da enferma. Os olhos de Penélope vagaram e sua boca tremeu. Ela lambeu o resto do sangue.

— Senhorita Churchward, está me ouvindo?

Penélope murmurou uma resposta.

— Você deve descansar — Geneviève disse.

Penélope concordou com a cabeça, sorriu e permitiu que seus olhos se fechassem, tremulando. Geneviève virou-se para a Sra. Churchward e estalou os dedos na frente de seu rosto. A mãe de Penélope despertou do devaneio.

— Daqui a dois dias, a mesma coisa, entendeu? Com supervisão. A senhora não deve deixar Penélope beber demais do seu sangue. E deve ser a última vez. Ela não deve ficar dependente da senhora. Mais uma dose, e ela terá forças novamente. Depois, deverá alimentar-se sozinha.

— Ela vai sobreviver? — a Sra. Churchward perguntou.

— Não posso prometer uma eternidade, mas se for cuidadosa, vai viver até o próximo século. Talvez, até o próximo milênio.

GUERRA DO KAFFIR

Toda noite, Sir Charles enviava policiais com potes de tinta para apagar as cruzes dos cruzados pichadas em muros ao alcance da vista da Scotland Yard. Mas, depois da alvorada, sinais vermelhos surgiam novamente, borrados em qualquer coisa convenientemente branca ou esbranquiçada nas imediações do Whitehall Place e da Northumberland Avenue. Godalming observava enquanto o comissário bradava ordens para o mais novo grupo de decoradores amadores.

Desocupados vivos, em casacos pesados e cachecóis, observavam, nativos hostis a ponto de atacar o forte. Uma das medidas mais sensatas de Sir Charles foi preparar a Scotland Yard para um cerco, assegurando a disponibilidade imediata dos rifles e a defesa de todas as portas e janelas. Sempre que a situação passava de uma questão policial para uma questão militar, o comissário tinha um ímpeto de competência quase animador. Bom soldado, péssimo tira: este seria o veredicto para Sir Charles Warren.

O nevoeiro estava de volta, mais denso do que nunca. Até os vampiros o consideraram impenetrável. Enxergar no escuro não era o mesmo que enxergar através de uma sopa sulfurosa. Godalming ainda supervisionava Sir Charles para o primeiro-ministro. O comissário estava, gradualmente, perdendo o controle. Da próxima vez que encontrasse Ruthven, Godalming pretendia recomendar uma substituição. Há meses que Matthews queria a cabeça de Sir Charles; portanto, o Secretário do Interior — ele próprio não muito seguro no cargo — ficaria aliviado.

De alguma forma, os cruzados tinham conseguido pichar suas cruzes nas portas principais da Yard. Godalming desconfiou que Jago contava com simpatizantes dentro da corporação. Quem quer que assumisse o lugar de Sir Charles teria de fazer uma limpeza nas fileiras antes de restabelecer a ordem.

A Cruz de São Jorge era um símbolo óbvio dos rebeldes: simultaneamente o crucifixo que os vampiros supostamente eram incapazes de encarar, e o estandarte de uma Inglaterra sob as rédeas do Príncipe Consorte.

— Isso é intolerável — espumou Sir Charles. — Estou cercado de patifes e estúpidos.

Godalming permaneceu calado. A punição para pichações era, agora, cinco chibatadas, aplicadas em público. Nesse ritmo, em breve seria empalamento sumário ou, pelo menos, a amputação da mão do infrator.

— Aquele pateta do Matthews e sua sovinice — Sir Charles continuou. — Precisamos de mais homens nas ruas. Tropas.

Apenas Godalming prestava atenção ao comissário. Os subordinados prosseguiram com suas tarefas, tentando ignorar os ataques de fúria de seu comandante. O Dr. Anderson, comissário-assistente de Sir Charles, tinha prorrogado as férias na Suíça, enquanto o inspetor-chefe Swanson fazia o possível para parecer parte do papel de parede, tentando manter a cabeça abaixada até o tiroteio acabar.

Um homem de aparência desleixada aproximou-se de Sir Charles e começou a conversar com ele. Instantaneamente, Godalming interessou-se. Perambulou próximo o suficiente para ouvir a conversa. O homem esfarrapado viera acompanhado de um coxo que aguardava lá atrás, a doze jardas. O coxo era um vampiro ancião, o rosto a ponto de cair do crânio. Godalming deduziu que era membro da Guarda Carpatiana. E certamente não era inglês.

— Mackenzie! — gritou Sir Charles. — O que significa isso? Onde esteve?

— Seguindo uma pista, senhor.

— Você negligenciou suas obrigações. Está dispensado de seu posto e sujeito a severas medidas disciplinares.

— Senhor, se puder me ouvir...

— E olhe para você! É uma vergonha para a corporação! Uma desgraça!

— Senhor, veja isto...

Mackenzie, que Godalming percebeu tratar-se de um inspetor, entregou ao comissário um pedaço de papel.

— Mais uma daquelas malditas cartas fajutas! — exclamou Sir Charles.

— É verdade, mas inacabada, e não enviada. Sei quem é o autor.

Godalming sabia que aquilo era importante. Uma luz maldosa brilhou nos olhos de Sir Charles.

— Você conhece a identidade de Jack, o Estripador?

Mackenzie sorriu, com olhos irados.

— Eu não disse isso. Mas sei quem está escrevendo as cartas e assinando por ele.

— Então encontre Lestrade. O caso é dele. Sem dúvida vai agradecer por você ter eliminado mais um lunático.

— Isto é de suma importância. Tem a ver com o que houve no parque outra noite. Tem a ver com tudo. John Jago, a dinamite, o Estripador...

— Mackenzie, você está delirando!

Para Godalming, os dois policiais pareciam à beira da loucura. Mas o pedaço de papel tinha alguma importância. Aproximou-se e deu uma olhada.

— Atenciosamente, Jack, o Estripador — leu em voz alta. — É a mesma letra das outras?

— Aposto dez guinéus que sim — Mackenzie disse. — E sou escocês.

Formou-se uma pequena multidão. Homens uniformizados se aglomeraram, e alguns dos desocupados também. O camarada ancião de Mackenzie uniu-se ao grupo. Um policial renascido ficou de prontidão atrás de Mackenzie, pronto para a ação.

— Sir Charles — disse Mackenzie —, ele é vampiro. Envolve traição. Traição com dinamite. Tenho motivos para acreditar que fomos enganados esse tempo todo. Interesses de altas rodas estão intervindo.

— Vampiro! Bobagem. É só chacoalhar as jaulas dos cruzados e você encontra seu homem. E ele será quente.

Mackenzie ergueu as mãos, frustrado. Era como se batesse a testa contra a teimosia do comissário.

— Senhor, o nome Clube Diógenes lhe diz alguma coisa?

O rosto de Sir Charles empalideceu.

— Não seja ridículo, homem.

Godalming ficou intrigado. O Clube Diógenes era a organização de Charles Beauregard, e Beauregard tinha aparecido durante todo aquele caso. Era possível que o escocês tivesse seguido uma pista genuína e agarrado alguém.

— Sir Charles — Godalming disse —, acho que devemos analisar o relatório do inspetor Mackenzie numa reunião reservada. É possível que estejamos perto de desvendar vários mistérios.

Ele olhou para o rosto do comissário e do inspetor. Ambos estavam imóveis, relutando em ceder ao outro. Ao lado de Mackenzie estava o carpatiano, os olhos vermelhos fixos em Sir Charles. Atrás dele, havia um policial de olhos escuros e bigode espesso.

Imediatamente, com um lampejo vertiginoso de vampiro, Godalming percebeu que o policial era tão falso quanto uma nota de sete libras.

De repente, chamas e estrondo. As pessoas se espalharam, gritando. Sacos de tinta explodiram contra os ornamentos de calcário das paredes. Janelas foram estilhaçadas por projéteis certos. Tiros foram disparados e uma mulher gritou. Todos do pequeno grupo tentaram jogar-se no chão. O carpatiano colidiu com Godalming, que cambaleou com o peso, tentando manter-se pé. O falso policial estava com o braço para trás. Algo brilhou. Godalming caiu no chão encardido. O carpatiano rolou sobre ele. Sir Charles praguejou alto e agitou um revólver.

Mackenzie respirou sem fôlego. Ele estava de joelhos, a boca aberta, olhos girando. A carta de Jack, o Estripador, apanhada por uma rajada, rodopiou algumas jardas e grudou, como um pôster, na parede molhada, com a parte escrita voltada para dentro. Mackenzie arfou e sangue saiu de sua boca. O carpatiano tentava ajudá-lo a se levantar. Quando tirou a mão das costas do escocês, ela estava ensanguentada.

Alguém chutou a cabeça de Godalming. Apitos de polícia soaram. Sir Charles, julgando-se no centro de uma batalha africana, assumiu o comando novamente, dando ordens, fazendo os policiais assumirem posição de sentido, gesticulando com a pistola.

Reforços da Yard chegaram aos borbotões, convocados pelo tumulto. Muitos brandiam armas de fogo: Sir Charles gostava que seus homens andassem armados, sem se importar com as especificações dos regulamentos. O comissário ordenou-lhes que reprimissem a turba. Com cassetetes em punho, um pelotão espancou os poucos desocupados remanescentes, impelindo-os em direção à margem do rio. Godalming viu o renascido que esfaqueara Mackenzie nesse grupo, batendo com a bengala na cabeça de um sacerdote. Os policiais impeliram os agitadores para o nevoeiro. O assassino não retornaria.

Mackenzie estava deitado com o rosto no chão de pedra, imóvel. A mancha preta nas costas do casaco mostrava que seu coração fora impecavelmente trespassado. O carpatiano estava em pé ao seu lado, uma faca ensanguentada na mão, o rosto morto inexpressivo.

— Prendam esse assassino — ordenou Sir Charles.

Os três policiais renascidos em volta deles hesitaram. Godalming perguntou-se se eles conseguiriam dominar o ancião. O carpatiano jogou a faca e, desdenhosamente, estendeu as mãos. Um dos tiras agradeceu, prendendo algemas meramente formais nos pulsos do ancião. Ele poderia tê-las quebrado com um único movimento, mas deixou-se capturar.

— Você vai ter que se explicar — disse Sir Charles, dedo em riste, como se desafiasse o vampiro a arrancá-lo com os dentes.

Os policiais puxaram o carpatiano e o levaram.

— Assim está melhor — disse o comissário, avaliando a calma e o silêncio. As ruas tinham sido liberadas. Tinta pingava nas paredes. O chão de pedra estava cheio de projéteis que ainda rolavam, e de um ou outro capacete de polícia, mas a paz fora restabelecida. — Assim está muito melhor. Ordem e disciplina, Godalming. É do que precisamos. Não podemos abrandar.

Sir Charles retornou ao prédio, pisando firme, seguido de vários de seus homens. Os nativos tinham sido repelidos momentaneamente, mas Godalming ouviu os tambores na selva convocando mais canibais. Permaneceu no nevoeiro por um instante, a cabeça acelerada. De todos os que estiveram ali, apenas ele — e o assassino — realmente sabiam o que havia acontecido. Ele estava próximo do auge de seu poder, adquirindo os lampejos e as sensibilidades, se não de um ancião, pelo menos de um vampiro que não mais poderia ser descrito como renascido. Conseguia ver o caos sob a superfície de calma e silêncio. Lorde Ruthven dissera-lhe para procurar um trunfo e seguiu-lo implacavelmente. O conhecimento poderia se transformar no maior dos trunfos.

AMOR E O SR. BEAUREGARD

Ele estava em pé em frente à lareira aberta, com as mãos para trás, sentindo o calor. Até o curto passeio entre a Caversham Street e a Cheyne Walk o congelara até os ossos. A lareira já fora preparada por Bairstow, e a sala estava quente e acolhedora.

Geneviève circulava pela sala como um gato reconhecendo um novo ambiente, parando nisso e naquilo, examinando, quase experimentando, um objeto, antes de recolocá-lo no lugar, às vezes fazendo um leve ajuste na posição.

— Esta era Pamela? — ela perguntou, segurando a última fotografia. — Ela era linda.

Beauregard concordou.

— Muitas mulheres não iriam gostar de ser fotografadas grávidas. Poderia parecer indecente.

— Pamela não era como muitas mulheres.

— Não duvido, a julgar pela influência dela sobre quem sobreviveu.

Beauregard lembrou-se.

— Mas ela não queria que você desistisse do resto de sua vida — ela disse, pondo a fotografia de volta em seu lugar. — E certamente não queria que a prima dela se remodelasse à sua imagem.

Beauregard não sabia o que responder. Geneviève o fez ver seu noivado sob um ângulo infeliz. Nem Penélope nem ele haviam sido honestos consigo mesmos ou um com o outro. Mas ele não podia culpar Penélope, ou a Sra. Churchward, ou Florence Stoker. A culpa era dele.

— O que passou, passou — Geneviève prosseguiu. — Eu devo saber. Já enterrei séculos.

Por um instante, ela se curvou e fez uma imitação cômica de uma velha viúva tremendo. Depois, endireitou-se e tirou uma mecha de cabelo que havia caído sobre a testa.

— O que vai acontecer com Penélope? — ele perguntou.

Ela encolheu os ombros. — Não há garantias. Acredito que vá sobreviver e acho que voltará a ser ela mesma. Talvez seja ela mesma pela primeira vez.

— Você não gosta dela, não é?

Ela parou de perambular e ergueu a cabeça, pensativa. — Talvez eu tenha ciúme.

Ela passou a língua em seus dentes brilhantes e ele percebeu que ela estava mais perto dele do que recomendaria o recato.

— Por outro lado, talvez ela não seja muito simpática. Naquela noite, em Whitechapel, depois que fui ferida, ela não me pareceu totalmente solidária. Os lábios muito finos, os olhos muito aguçados.

— Você tem ideia do que significou para ela ir até aquele bairro? Procurar por mim? Foi contra tudo o que ela aprendeu, tudo em que acreditava sobre si mesma.

Ele ainda achava difícil acreditar que a antiga Penélope tinha se aventurado sozinha, ainda mais num lugar que ela certamente via como as profundezas do inferno.

— Ela não quer mais você — ela disse, abruptamente.

— Eu sei.

— Ela será incapaz de ser uma esposa boazinha, agora que é renascida. Vai ter que encontrar seu próprio caminho na noite. Talvez tenha os requisitos para ser uma excelente vampira, mas não garanto nada.

A mão de Geneviève estava em sua lapela, as unhas afiadas sobre o tecido. O calor da lareira deixou-o quase desconfortável.

— Me beije, Charles.

Ele hesitou. Ela sorriu, seus dentes alinhados e quase normais.

— Não se preocupe — ela disse. — Eu não mordo.

— Mentirosa.

Ela deu uma risadinha e tocou seus lábios nos dele. Seus braços o abraçaram com força. Sua língua percorreu seus lábios. Eles se afastaram da lareira e, um tanto desajeitados, acomodaram-se num sofá. Ele deslizou a mão para dentro do cabelo dela.

— É você que está me seduzindo ou sou eu que estou seduzindo você? — ela perguntou. — Esqueci.

Ela era divertida nos momentos mais estranhos, ele percebeu. Seu polegar sentiu a suavidade da bochecha dela. Ela beijou-lhe o pulso, tocando com a língua as mordidas cicatrizadas. Um choque percorreu seu corpo. Sentiu-o principalmente na sola dos pés.

— Faz diferença?

Ela pressionou a cabeça dele sobre uma almofada, de forma que ele pôde ver o teto, e beijou seu pescoço.

— Talvez este não seja o jeito de fazer amor com que você está acostumado — ela disse. Seus dentes estavam mais afiados agora, e mais compridos.

A camisa dela estava para fora da saia, e desabotoada. Ela tinha uma forma bonita e esguia. As roupas dele estavam soltas, também.

— Posso lhe dizer a mesma coisa.

Ela riu, um riso masculino, a plena voz, e mordiscou seu pescoço, o cabelo caindo na frente do rosto, roçando a boca e o nariz dele, fazendo cócegas. Ele passou as mãos por dentro da camisa dela, para cima e para baixo, em suas costas e ombros. Sentiu a força vampiresca dos músculos deslizando sob a pele. Ela arrancou com os dentes os botões do colarinho e da frente da camisa dele, e os cuspiu fora. Ele imaginou Bairstow encontrando-os um a um, ao longo do mês seguinte, e riu.

— Qual a graça?

Ele balançou a cabeça e ela o beijou de novo, na boca, nos olhos e no pescoço. Ele sentiu seu sangue pulsar. Gradualmente, entre carícias, eles se despiram das quatro ou cinco camadas de roupa consideradas apropriadas.

— Se acha esta tarefa hercúlea — ela disse, quando ele encontrou mais um conjunto de ganchos nas coxas da saia —, você deveria ter tentado cortejar uma dama da alta sociedade do século XV. É um milagre minha geração ter produzido descendentes.

— As coisas são mais fáceis em climas mais quentes.

— O que é mais fácil nem sempre é mais prazeroso.

Eles se deitaram juntos, aquecidos pelos próprios corpos.

— Você tem cicatrizes — ela disse, seguindo a marca de corte sob as costelas com o dedo.

— A serviço da rainha.

Ela encontrou dois ferimentos a bala em seu ombro direito, entrada e saída, e passou a língua na marca de varíola há muito cicatrizada sob sua clavícula.

— O que exatamente você faz para a Sua Majestade?

— O Clube Diógenes fica em algum ponto entre a diplomacia e a guerra.

Ele beijou-lhe os seios, seus próprios dentes pressionando suavemente a pele.

— Você não tem absolutamente nenhuma cicatriz. Nem uma marca de nascença.

— Em mim, tudo sara do lado de fora.

A pele dela era pálida e clara, quase, mas não inteiramente, sem pelos. Ela ajustou sua posição, para facilitar para ele. Ela mordeu o próprio lábio inferior quando ele delicadamente acomodou seu peso sobre ela.

— Assim — ela disse. — Finalmente.

Ele suspirava devagar à medida que se movimentavam juntos. Ela o abraçou apertado com as pernas e os braços e esticou a cabeça, encaixando a boca em seu pescoço.

Agulhas geladas deram-lhe choques e, por um instante, ele estava dentro do corpo e da mente de Geneviève. A extensão de sua mente era espantosa. A memória retrocedia a uma distância nebulosa, como o curso de uma estrela numa galáxia longínqua. Ele sentiu a si próprio movendo-se dentro dela, sentiu o gosto do próprio sangue em sua língua. Depois voltou a si novamente, tremendo.

— Me interrompa, Charles — ela disse, gotas vermelhas entre os dentes —, me interrompa se doer.

Ele balançou a cabeça.

A TORRE DE LONDRES

Uma carta com o selo de Lorde Ruthven era passaporte suficiente para ele conseguir uma audiência. A descida pela escadaria, ladeada por paredes de pedra, parecia penosa ao carcereiro renascido, enquanto Godalming o acompanhava com passos leves e rápidos. Era difícil conter suas energias. Estava empolgado, quase explodindo. O guarda era muito mais lento do que ele, em pensamento e movimento. Mal começara a tomar consciência da amplitude de suas habilidades. Não sabia, ainda, quais seus limites.

Logo após o anoitecer, encontrara, enquanto passeava no Hyde Park, uma jovem conhecida sua. Seu nome era Helena Alguma-Coisa, e às vezes ela frequentava as reuniões após o anoitecer de Florence, geralmente com um dos bajuladores espalhafatosos da Sra. Stoker. Ele a atingira com o olhar, fascinando-a. Conduzindo-a a um conveniente gazebo, ele a fizera tirar a roupa. Depois, abrira o pescoço da moça e a sugara até quase secá-la. Estava viva quando ele partiu, embora por pouco.

Agora, o gosto de Helena o preenchia. Às vezes havia pequenas explosões dentro de seu crânio e ele aprendia mais sobre a garota quente. Sua vidinha era dele. A cada vez que se alimentava, ficava mais forte.

Acima, estava a Torre Branca, a parte mais antiga da fortaleza. Ao lado, a Cella de Pouca Comodidade, uma câmara de um metro quadrado, construída para que o prisioneiro não pudesse deitar. Inimigos da Coroa como Guy Fawkes tinham estado ali. Até os recintos menos desagradáveis eram bolhas na pedra, eliminando qualquer possibilidade de fuga. Em cada porta pesada de madeira

havia uma pequena grade de ferro. De algumas das celas ocupadas, Godalming ouviu os gemidos dos condenados. Os prisioneiros estavam quase mortos de fome. Muitos começaram a morder as próprias veias, causando sérios ferimentos a si mesmos. Graf Orlok era conhecido pela dureza com que tratava os de sua própria espécie, punindo-os pela traição com um encarceramento equivalente à morte lenta.

Kostaki era mantido numa dessas celas. Godalming pesquisara o carpatiano. Ancião, acompanhara o Príncipe Consorte desde que Drácula era quente. Desde que fora preso, não proferira uma única palavra.

— Aqui, senhor.

O carcereiro, vagamente ridículo em seu figurino de ópera bufa, pegou o molho de chaves e destrancou a fechadura tripla. Depositou a lamparina no chão, a fim de conseguir abrir a porta, e sua sombra alongada dançou na parede de pedra atrás de si.

— Isto é tudo — Godalming disse ao guarda, enquanto entrava na cela. — Eu o chamo quando terminar.

Na penumbra, Godalming viu ardentes olhos vermelhos. Nem ele, nem o prisioneiro precisavam da lamparina.

Kostaki olhou para o visitante. Era impossível discernir uma expressão no rosto escabroso. Não estava putrefato, mas pendurado no crânio como linho velho, rígido e bolorento. Apenas os olhos exprimiam vida. O carpatiano, deitado numa cama forrada com palha, estava acorrentado. Um aro de prata, forrado de couro, circundava seu tornozelo bom, e grossos elos de prata e ferro fixavam-no a uma argola presa na pedra. Uma das pernas do ancião jazia inútil, um chumaço de atadura suja em volta do joelho esmagado. O mau cheiro de carne estragada enchia a cela. Kostaki fora alvejado com uma bala de prata. O ancião tossiu. O veneno estava em suas veias, espalhando-se. Ele não duraria muito.

— Eu estava lá — Godalming declarou. — Vi o falso policial matar o inspetor Mackenzie.

Os olhos vermelhos de Kostaki não se mexeram.

— Sei que está sendo acusado falsamente. Seus inimigos o trouxeram para esta imundície.

Ele gesticulou, indicando a cela de teto baixo e sem janelas, que mais parecia um túmulo.

— Passei seis décadas no Castelo de If — Kostaki declarou. — Estes aposentos são confortáveis, em comparação.

Sua voz ainda era forte, surpreendentemente alta no espaço confinado.

— Vai falar comigo?

— Já falei.

— Quem era ele? O policial?

Kostaki calou-se.

— Você precisa entender que posso ajudá-lo. O primeiro-ministro me ouve.

— Ninguém pode me ajudar.

Água infiltrava-se entre as fendas das pedras da laje. Tufos de musgo branco-esverdeado cresciam no chão. Havia manchas semelhantes de bolor nas ataduras de Kostaki.

— Não — Godalming disse ao ancião —, a situação é muito grave, mas pode ser revertida. Se os que conspiram contra nós puderem ser detidos, poderemos obter muitas vantagens.

— Vantagens? Com vocês, ingleses, há sempre vantagens.

Godalming estava mais forte do que aquele brutamontes estrangeiro, com a mente mais aguçada. Ele poderia dar uma virada na situação e emergir como o único vitorioso.

— Se eu encontrar o policial, posso expor uma conspiração contra o Príncipe Consorte.

— O escocês disse a mesma coisa.

— O Clube Diógenes está metido nisso?

— Não sei do que você está falando.

— Mackenzie mencionou o nome deles. Pouco antes de morrer.

— O escocês guardava muitos segredos para si mesmo.

Kostaki iria dizer o que sabia. Godalming tinha certeza. Podia ver as engrenagens girando na cabeça do ancião. Ele sabia quais alavancas acionar.

— Mackenzie iria querer esclarecer isso.

Kostaki concordou com um movimento de sua cabeça grande.

— O escocês me levou a uma casa em Whitechapel. O suspeito era um renascido, conhecido como “Sargento” ou “Danny”. No fim, a caça virou-se contra o caçador.

— Foi esse o homem que matou Mackenzie?

Kostaki confirmou com a cabeça, apontando para seu ferimento. — Sim, e o homem que fez isto comigo.

— Onde, em Whitechapel?

— Eles chamam o lugar de Velho Jago.

Ele já ouvira falar. O negócio todo acabava sempre em Whitechapel: onde Jack, o Estripador matava, onde John Jago pregava, onde agentes do Clube Diógenes eram vistos com frequência. Na noite seguinte, Godalming iria aventurar-se pela Londres mais sombria. Tinha confiança que o tal Sargento não era páreo para o vampiro que Arthur Holmwood se tornara.

— Ânimo, meu velho — Godalming disse ao ancião. — Vamos tirá-lo daqui em breve.

Retirou-se da cela e chamou o carcereiro, que trancou novamente a porta pesada. Pelas barras de ferro, os olhos vermelhos de Kostaki se apagaram quando ele voltou a deitar na cama.

No final do corredor, emoldurado por um arco, estava um *nosferatu* alto e arqueado, num casaco surrado, comprido como uma túnica. Sua cabeça era inchada, semelhante à de um rato, com enormes orelhas pontudas e caninos salientes. Seus olhos, posicionados em cavernas escuras que obscureciam as bochechas, fluíam constantemente, lançando-se aqui e ali. Até os camaradas anciãos de Graf Orlok, parente distante do Príncipe Consorte, consideravam sua presença inquietante. Ele era um lembrete repugnante do abismo que os separava dos quentes.

Orlok veio pelo corredor a passos rápidos. Somente seus pés pareciam mover-se. O resto do corpo era rígido como um boneco de cera. Quando se aproximou, suas sobranceiras exuberantes eriçaram-se como os bigodes de um rato. Seu cheiro não era tão forte quanto o da cela de Kostaki, mas era mais asqueroso.

Godalming cumprimentou o diretor, mas não apertou suas garras atrofiadas. Orlok examinou a cela de Kostaki, pressionando o rosto contra a grade, as mãos na pedra fria de cada lado da porta. O carcereiro tentou esgueirar-se para longe de seu comandante. Orlok raramente fazia perguntas, mas tinha fama de obter respostas. Deu as costas para a cela e olhou para Godalming com olhar atento.

— Ele ainda se recusa a falar — Godalming disse ao *nosferatu*. — Sujeito teimoso. Vai apodrecer aqui, suponho.

Os dentes de rato-coelho-tubarão de Orlok roçaram no lábio inferior, o mais perto que ele conseguia chegar de um sorriso. Godalming não invejava nenhum prisioneiro entregue aos cuidados dessa criatura.

O carcereiro acompanhou-o até o portão principal. Os céus acima da Torre começavam a clarear. Godalming ainda tremia com o sustento tomado de Helena, teve compulsão de ir para casa correndo, ou de mergulhar sob o Portão dos Traidores e nadar.

— Onde estão os corvos? — ele perguntou.

O carcereiro encolheu os ombros.

— Sumiram, senhor. É o que dizem.

HÁBITOS DE ACASALAMENTO DO VAMPIRO COMUM

A casa dele era interessante, os livros e quadros confirmavam as intuições dela. Na biblioteca, Geneviève encontrou uma escrivaninha com pilhas de volumes, muitos com as páginas marcadas. Seus interesses eram ecléticos; no momento ele estava absorto em *O Apóstolo Moderno e Outros Poemas*, de Constance Naden, *Depois de Londres*, de Richard Jefferies, *A Verdadeira História do Mundo*, de Lucian de Terre, *Ensaio sobre o Valor da Educação*, de Mark Pattison, *Ciência da Ética*, de Leslie Stephen, e *O Universo Invisível*, de Peter Guthrie Tait. Entre os livros, ela encontrou retratos emoldurados de Pamela, uma mulher de rosto forte com uma nuvem de cabelo pré-rafaelita. Nas fotografias, a esposa de Charles estava sempre parada à luz do sol, tranquila, enquanto outros do grupo posavam, rígidos.

Ela encontrou pena e tinta numa bancada, e pensou em deixar um bilhete. Com a pena na mão, não conseguia imaginar nada que precisasse dizer. Charles acordaria e veria que ela tinha ido embora, mas ela não precisava se desculpar. Ele sabia o que era ter obrigações. Por fim, escreveu apenas que estaria no Hall à noite. Presumiu que ele voltaria a Whitechapel e que procuraria por ela. Então, talvez precisassem conversar. Após um instante, ela assinou o bilhete, “com amor, Geneviève”, o acento no nome, um pequeno ponto acima da assinatura harmoniosa. Não havia nenhum problema com o amor; falar sobre ele é que a deixava nervosa.

Na terceira tentativa, Geneviève encontrou um cocheiro disposto a levar uma vampira desacompanhada de Chelsea a Whitechapel. O destino talvez não

estivesse fora do raio de quatro milhas, o círculo arbitrário além do qual condutores de cabriolés não eram obrigados a se aventurar, mas os cocheiros costumavam receber um extra para cumprir seus deveres na direção do East End.

No caminho, acalentada pelo giro delicado das rodas e pela sensação de saciedade, tentou não pensar em Charles e no futuro. A esta altura, ela já tivera envolvimento suficientes para adivinhar com precisão o que poderiam esperar de uma vida em comum. Charles estava com trinta e cinco anos. Ela permaneceria com dezesseis, inalterada. Em cinco ou dez anos, ela pareceria sua filha. Em trinta ou quarenta, ele estaria morto, especialmente se ela continuasse se alimentando dele. Como muitos vampiros, ela havia, com a insistente cumplicidade das vítimas, destruído aqueles a quem amara profundamente. Uma alternativa seria transformá-lo; como sua mãe-das-trevas, ela o educaria para uma nova vida e, por fim, viria a perdê-lo para um mundo mais vasto, como todos os pais perdem seus filhos.

Cruzaram o rio. E a cidade tornou-se mais barulhenta, mais apertada, mais populosa.

Havia casais de vampiros, até famílias de vampiros, mas ela os achava doentios. Depois de séculos juntos, eles tendiam a fundir-se numa só criatura, com dois ou mais corpos, sugando-se mutuamente até perderem suas individualidades originais. De fato, tinham reputação de serem mais cruéis e implacáveis do que os piores criminosos mortos-vivos.

Era uma manhã fria e monótona. Estavam em pleno novembro, depois do Halloween e da Noite de Guy Fawkes, nenhum dos dois muito celebrado neste ano. O nevoeiro estava tão denso que o sol não penetrava até as ruas. O cabriolé seguia devagar.

Desta vez, o mundo estava realmente diferente. Vampiros não eram mais coisas secretas. Ela e Charles não seriam únicos, nem sequer fora do comum. Seu pequeno amor com certeza ocorria em mil variações pelos quatro cantos do país. Vlad Tepes não se dera ao trabalho de pensar nas implicações de sua ascensão ao poder. Como Alexandre, ele cortara o nó; as pontas soltas que caíssem onde quer que fosse, sem qualquer condução ou julgamento.

Ontem à noite, com Charles, tinha sido mais do que alimentação. Apesar de suas preocupações, ela permanecia estimulada pelo sangue dele. Ainda sentia o gosto, ainda o sentia dentro de seu corpo.

O cocheiro parou e informou que estavam na Commercial Street.

VITA BREVIS

Ele não pretendia subir numa carruagem e perambular pelo pior antro de Londres como se estivesse fazendo uma caminhada em Picadilly. Não que algum condutor fosse se atrever a aventurar-se pelo Velho Jago, por medo de danificarem o veículo, roubarem o dinheiro e drenarem o sangue do cavalo. A última vez que Godalming estivera em Whitechapel, seguindo como um cão os passos de Sir Charles, percebera como o bairro fervilhava de gente. Talvez levasse semanas de trabalho paciente para encontrar o tal Sargento, mas ele encontraria o homem, de qualquer maneira. Com a morte de Mackenzie e a prisão de Kostaki, não havia rivais nessa pista. Só ele conhecia o rosto do suspeito.

Enquanto passeava pela Commercial Street, Godalming assobiava “A Farra dos Fantasma” da ópera *Ruddigore*. Apesar de, politicamente, não ser um tema apropriado para alguém íntimo de Lorde Ruthven, era uma música difícil de tirar da cabeça. Além do mais, quando tivesse provas inabaláveis de que o Clube Diógenes conspirava contra o Príncipe Consorte, seria perdoado de tudo. Sua antiga ligação quente com Van Helsing seria apagada dos registros. Poderia escolher o próprio cargo. Arthur Holmwood estava a caminho do topo.

Sua visão noturna melhorara sensivelmente. A qualidade total de suas percepções aumentava a cada noite. O nevoeiro que envolvia as pessoas na rua era, para ele, uma simples e fraca nebulosidade. Ele conseguia distinguir uma variedade infinita de pequenos sons, aromas e sabores.

Mesmo se Ruthven vivesse para sempre, era improvável que fosse eternamente o braço direito do Príncipe Consorte. Era temperamental demais para o cargo. Cedo ou tarde, cairia em desgraça. Quando isso acontecesse, Godalming estaria em condições de dissociar-se de seu benfeitor. Talvez, até, de substituí-lo.

Em algum momento desta noite, ele teria de se alimentar. Seu apetite aumentara com o desenvolvimento de suas sensibilidades. O que antes era um negócio desastrado — lutar com alguma prostituta quente antes de rasgá-la com dentes inchados e doloridos — ficava mais fácil à medida que ele se tornava mais capaz de impor sua vontade às quentes. Precisava apenas enviar ordens mentais à conquista escolhida e ela viria a ele, expondo o pescoço para sua satisfação. Era tranquilo e particularmente agradável. A abordagem era delicada, e ele conseguia desfrutar melhor os prazeres da alimentação.

Já era hora de ele fazer mais vampiras, como Penélope Churchward. Ele iria precisar de concubinas, agentes, criadas. Pela primeira vez, imaginou o que teria acontecido à renascida Penny. Ela lhe roubara um terno. Ele tinha de procurá-la e curvá-la aos seus propósitos.

— Art? — chamou uma educada voz feminina. — Quero dizer, Lorde Godalming, não?

Ele olhou para a moça e seus pensamentos rastejaram para baixo. Foi como ser arrastado do topo de uma montanha para uma poça de lama, obrigado a dar atenção a coisas insignificantes depois de ter tido a perspectiva de coisas colossais.

— Senhorita Reed — ele murmurou —, que prazer encontrá-la.

A senhorita Reed olhou para ele de modo estranho, quase chocada. Ele pensou em se alimentar dela, mas não estava pronto. O sangue de vampiro era forte e inebriante. Somente verdadeiros anciãos conseguiam sobreviver a uma dieta da coisa, cobrando tributo de seus vassalos. Ele ainda não era forte o suficiente, mas Kate poderia se tornar uma vassala adequada no novo século. Sem dúvida fraca, ela poderia facilmente ser convertida numa dócil e mansa devota.

A moça parecia perplexa; repulsa vazava de sua cabeça.

— Desculpe — ela disse —, vejo que me enganei.

Ela tinha mudado desde a transformação. Godalming subestimara Kate Reed. Ele estava completamente transparente para ela. Seus pensamentos estavam escritos no rosto, ou tão audaciosos em sua cabeça que até uma pobre renascida conseguia lê-los. Ele teria de ser mais cuidadoso. A moça retirou-se rapidamente, quase correndo. Não aceitaria suas atenções num futuro próximo. No entanto, ele tinha tempo. Cedo ou tarde, ele a possuiria. Seria um projeto especial.

Recomeçou a assobiar, mas o som era estridente e irregular aos seus próprios ouvidos. Com considerável irritação, percebeu que Kate Reed o desconcertara. Estava tão enlevado com suas novas habilidades e percepções que se esquecera da máscara que sempre fizera parte dele, muito antes de abandonar a vida de quente. Deixou que alguém o visse como ele realmente era, o que era imperdoável. Seu pai, o pai humano, teria lhe dado uma surra por revelar seu jogo de forma tão ostensiva.

Ele queria ficar perto de gente, escondido na multidão. Havia um *pub*, o Ten Bells, do outro lado da rua. Talvez encontrasse uma mulher lá. Atravessou a rua, desviando-se de uma carroça, e entrou no *pub*...

• • •

... havia alguns sujeitos quentes espalhados na multidão, mas o Ten Bells era, predominantemente, um *pub* de vampiros. Godalming resistiu à fraca tentação de uma caneca de sangue de porco, mas encontrou companhia com duas prostitutas renascidas. Para todo mundo exceto sua presa, ele pareceria um murgatroyd do West End visitando um bairro miserável por diversão e curiosidade. Ele vestia sua camisa mais cheia de babados e o paletó mais apertado, fazendo o papel de um dândi de cabeça oca, sedento de sangue.

As prostitutas chamavam-se Nell e Marie Jeanette; estavam levemente embriagadas de gim e sangue de porco. Nell era notavelmente hirsuta, com o rosto cheio de impressionantes pelos ruivos e grossos. Marie Jeanette era irlandesa, com pretensões absurdas e roupas novas. Esta última, que era quase bonita, tinha um compromisso mais tarde, presumivelmente com um admirador endinheirado. Estava apenas passando o tempo, mas Nell caçava a sério, e esmerava-se em parecer interessada, falando a todo momento da boa aparência de Godalming e de sua evidente inteligência. Ele fazia o possível para parecer um idiota afetado e bêbado.

Nell estava armando um esquema supostamente tentador, envolvendo uma terceira pessoa quente. Ela propunha que os três se reunissem em seu quarto ali perto, e ele poderia ter prazer com as duas, satisfazendo todos os seus interesses numa só cama. Ela roçava a bochecha peluda nele, deixando-o cheirar seu almíscar animal.

— Tu tem que me alisar do jeito certo, Artie — ela disse, alisando o pelo do próprio braço, depois despenteando-o. — Depende do que quiser.

Ele olhou do outro lado do *pub* e viu um homem no balcão, de costas para o salão. Com súbito entusiasmo, Godalming *soube*. Aproximou-se do pescoço de Nell, certificando-se de que seu rosto estava na penumbra. Com uma caneca de porco na mão, o homem virou-se, um dos calcanhares na barra de ferro do

balcão e olhou em volta. Era o Sargento. Tomou uma golada da bebida e limpou o resíduo de sangue no bigode com as costas da mão. Estava de terno xadrez, não de uniforme da polícia, mas não havia dúvida de que era ele.

— Aquele homem no balcão — ele disse —, com o bigode extravagante. Você o conhece? Não olhe direto para ele, disfarce.

Se Nell percebeu que, de repente, a inteligência dele dobrara, enquanto seu interesse nela caíra pela metade, aceitou a mudança sem reclamar. Estava acostumada às exigências de seus amigos cavalheiros. Como uma boa espiã, deu uma olhada furtiva e sussurrou:

— Ele é frequentador. Danny Dravot.

O nome não significava nada para ele, mas ouvi-lo provocou-lhe um frio no estômago. Seu suspeito tinha um rosto e um nome. Dravot estava quase em seu poder.

— Achei que talvez o conhecesse do exército — ele disse.

— Ouvi dizer que ele esteve na Índia. Ou talvez Afeganistão.

— Aposto que é sargento.

— Tem gente que chama ele assim.

Marie Jeanette ouvia a conversa. Talvez estivesse se sentindo excluída, aguardando seu pretendente atrasado.

— Quer que eu convide ele para vir aqui? — Nell perguntou.

Godalming olhou para os brilhantes olhos vermelhos de Dravot. Embora ágeis e espertos, pareciam não tê-lo notado.

— Não — ele respondeu à prostituta. — Ele não é quem eu pensava.

Dravot terminou sua bebida e saiu do Ten Bells. Godalming esperou um pouco e levantou-se, ignorando as duas prostitutas. Elas ficariam intrigadas, mas passariam para o próximo cliente. Prostitutas não eram ameaça.

— Ei, onde tu vai? — Nell protestou.

Ele afastou-se da mesa cambaleando, fingindo estar bêbado.

— Tipo esquisito — Nell disse a Marie Jeanette.

As portas se abriram justamente quando ele estendia a mão para abri-las, e ele saiu para a rua, empurrando um recém-chegado para o lado. Dravot marchava rapidamente na direção do Velho Jago. Ia começar a segui-lo, mas uma mão pousou em seu ombro.

— Art?

... de todas as pessoas do Império, tinha de topar com Jack Seward! O médico estava muito mudado. Ainda quente, parecia dez anos mais velho, o rosto desgastado e sem cor, o cabelo grisalho. Suas roupas já tinham sido boas, mas faltavam alguns botões, e as manchas de poeira não ajudavam muito.

— Meu Deus, Art, o que...?

Dravot parou para conversar com um amolador de facas. Godalming agradeceu à Providência e imaginou como poderia se livrar do velho amigo indesejável.

— Você está...

Incapaz de completar a frase, Seward balançou a cabeça e sorriu.

— Não sei o que dizer.

Godalming percebeu que Seward estava doente da cabeça. Quando o tinha visto pela última vez — em Purfleet, quando, como um quente idiota, Godalming ousara desafiar Drácula e acabara fugindo para não morrer, deixando seus companheiros enfrentarem o Conde sozinhos — Seward estivera nervoso, mas senhor de si. Agora, era um homem arruinado. Ainda funcionando, mas completamente arruinado, como um relógio que pula horas e às vezes corre para trás por um ou outro minuto.

Dravot estava envolvido na conversa com o amolador de facas. O homem certamente era um de seus aliados.

— Você é vampiro.

— Obviamente.

— Como *ele*. Como Lucy.

Godalming lembrou-se de Lucy guinchando enquanto ele fincava a estaca em seu coração. O terrível rangido do serrote contra o osso do pescoço, quando Van Helsing e Seward cortaram sua cabeça cheia de alho. O antigo ódio retornou.

— Não, não como Lucy.

Dravot voltou a andar. Godalming deu alguns passos em torno de Seward e hesitou. Se começasse a correr, o Sargento saberia que estava sendo seguido e despistaria o caçador. Ignorando Seward friamente, começou a andar, fingindo caminhar calmamente, mas na verdade movendo-se a passos medidos, sem perder Dravot de vista. O médico o alcançou e trotou a seu lado, emitindo pequenos ganidos para chamar a atenção, como um mendigo insistente. Atrás deles, mais alguém saiu do Ten Bells. Ela gritou o nome de Seward. Era Marie Jeanette. Seward com certeza mudara de hábitos desde que Godalming o vira pela última vez.

— Art, por que você se transformou? Depois de tudo o que ele fez conosco, por quê...?

Dravot dobrou para uma rua transversal. Godalming achou que o Sargento tinha sido alertado pela agitação.

— Art, por quê...?

Seward estava quase histérico. Godalming o empurrou e sibilou. Precisava se livrar daquele aborrecimento. O médico caiu de encontro a um poste de luz,

estarecido.

— Vá embora, Jack.

O médico tremeu, velhos medos retornando. Godalming ouviu o rápido bater das botas de Marie Jeanette, enquanto ela corria em sua direção. Ótimo. A prostituta distrairia Seward. Deu as costas e continuou seguindo Dravot. O Sargento desviara-se do caminho do Jago, caminhando em volta do mercado, em direção a Aldgate. Maldição! O lugar era aberto, agora. Godalming teria de alcançar o renascido e dominá-lo. Estava armado com um revólver carregado de prata. Precisava de Dravot vivo, mas estava disposto a aleijar o Sargento, a fim de entregá-lo. Quanto mais ferido estivesse, mais propenso estaria a denunciar seus aliados. Dravot era a chave. Se ela pudesse ser girada de modo adequado, o futuro estaria traçado a favor de Godalming. Ele confiava em suas habilidades, em sua força. Os caninos curvos acomodavam-se confortavelmente nos sulcos entalhados dentro da boca. Ele não se mordia mais.

Em meio ao labirinto de ruas em volta do mercado, Godalming caçava o Sargento Danny Dravot. Mesmo quando o suspeito sumia de vista, parecia deixar um rastro brilhante no nevoeiro. Godalming conseguia ouvir o som característico de seus passos, a ruas de distância. Isso poderia ser perigoso. O Sargento demonstrara completa frieza no assassinato do inspetor Mackenzie. Lembrando-se de Kate Reed, controlou a autoconfiança. Não se deixaria abater por superestimar os próprios poderes.

Com cautela, seguia Dravot. Já tinham passado o mercado agora e davam a volta, em direção à Commercial Street. Godalming contornou uma esquina na Dorset Street e não viu mais o Sargento. Nessa rua havia uma série de pequenos pátios residenciais. A presa certamente escondera-se num deles. O nevoeiro fazia redemoinhos ao lado de uma abertura em arco. Godalming tinha certeza de que o homem estava encurralado. A única outra saída do pátio seria através de uma das residências.

Assobiando de novo, inebriado pela vitória incipiente, ele foi passeando na direção do pátio. Seus passos eram ágeis e ele estava pronto para um grande teste de força. Primeiro, iria golpear o renascido com os punhos, sacando depois o revólver, apenas para encerrar a questão. Era importante provar seu domínio sobre o vampiro inferior.

Um casal apareceu no fim da rua, vindo em sua direção. Era Seward e a prostituta. Eles não importavam. Seria útil ter testemunhas. Jack Seward serviria à causa de Arthur Holmwood, afinal.

— Jack — ele disse —, encurralei um criminoso. Fique perto deste pátio e chame um policial, se por acaso passar algum por aqui.

— Um criminoso! — exclamou Marie Jeanette. — Meu Deus, aqui, neste pátio, no Miller's Court?

— Um homem desesperado — ele respondeu. — Sou agente do primeiro-ministro, numa missão oficial urgente.

O rosto de Seward estava sombrio. Marie Jeanette não conseguia acompanhar os acontecimentos.

— Eu moro no Miller's Court — disse a prostituta.

— Quem é o homem? — Seward perguntou.

Godalming perscrutava o nevoeiro. Já conseguia imaginar o Sargento, em pé no pátio, aguardando por ele.

— O que ele fez?

Godalming sabia o que mais impressionaria aqueles idiotas.

— Ele é o Estripador.

Marie Jeanette suspirou e levou a mão à boca. Seward parecia ter levado um soco no estômago.

— Lucy — ele disse, a mão dentro do bolso —, afaste-se.

Uma fissura surgiu na confiança de Godalming. Dravot o desafiava a entrar no pátio. Seward e Marie Jeanette eram pulgas incômodas das quais deveria se livrar. Ele tinha um destino a cumprir. Mas alguma coisinha estava errada.

— Você a chamou de Lucy — ele disse. — O nome dela não é Lucy.

Ele virou-se para Seward, que pressionou seu corpo contra o dele, o braço movendo-se rapidamente. Godalming sentiu um choque de prata no peito. Seward cravara-lhe alguma coisa afiada, que deslizou rápido e fácil entre suas costelas.

— E esse homem aí dentro — Seward disse, apontando o pátio com um movimento da cabeça...

Uma dor intensa espalhou-se no peito de Godalming. Ele estava envolto em gelo, mas trespassado por uma agulha quente e branca. A visão embaçou, a audição tornou-se uma dissonância confusa, todos os sentidos lhe foram arrancados.

— ...o nome dele não é Jack.

NO CORAÇÃO DAS TREVAS

A meia-noite já havia passado há horas. Ela estava sentada na cadeira de Jack, contemplando a desordem dos papéis espalhados sobre a mesa. Ao retornar, ouviu o relato de Morrison sobre cinco crises diferentes que haviam surgido desde que ela tinha ido embora, ontem à tarde. Da maneira mais diplomática possível, o jovem acusou-a de negligenciar seus deveres, assim como o diretor, ultimamente. Estava sendo criticada pelo mesmo motivo que criticara Jack Seward. Algo teria de ser feito, logo. Jack negligenciava-os por conta de sua amante vampira, e Geneviève não estava se saindo muito melhor, com Charles.

O objetivo do Hall estava mudando. A agenda de palestras havia se deteriorado após a morte de Druitt. O objetivo primordial da instituição, a educação, entrava em colapso. Enquanto isso, com as condições precárias da enfermaria, o Hall cada vez mais absorvia as emergências médicas. Salas de palestras tornavam-se alas de hospital. Jack, quando conseguiam distraí-lo dos próprios interesses, autorizara a contratação de novos médicos. O problema imediato era conseguir um número suficiente de pessoas qualificadas para a entrevista. E, como sempre, o dinheiro era curto. Os generosos do passado pareciam ter encontrado outros interesses. Ou tinham se transformado. Vampiros eram notórios pela falta de caridade.

Ela estava dividida entre a euforia de sua última alimentação, que se esvaía rapidamente, e os milhares de pequenos problemas do Toynbee Hall. Nos últimos tempos, havia contratamentos demais em sua vida, que exigiam demais de seu tempo. Questões importantes tinham sido esquecidas.

Ela se levantou e perambulou pela sala. Uma das paredes estava repleta de livros e arquivos médicos de Jack. No canto, sob um estojo de vidro, estava seu precioso fonógrafo. Como diretora interina, esse consultório deveria ser seu lar.

Mas ela andava de lá para cá, do Velho Jago a Chelsea. Agora, ela se perguntava se estivera perseguindo Jack, o Estripador ou Charles Beauregard.

Parou diante da janelinha que dava para a Commercial Street. O nevoeiro estava denso esta noite, um turbulento mar amarelo, ao nível da rua, envolvendo os edifícios. Para os quentes, o frio de novembro era tão cortante quanto uma navalha. Ou um bisturi.

O Estripador não matara desde o último fim de semana de setembro. Ela ousava pensar que ele havia sumido de vez. Talvez o coronel Moran estivesse certo, talvez Montague Druitt fosse o Faca de Prata. Não. Era impossível. Ainda assim, Moran dissera algo, naquela noite, que não lhe saía da cabeça.

Do outro lado da rua, havia um homem em pé, enrolado numa capa preta, o nevoeiro em redemoinho em volta e acima dele. Parecia atormentado por uma dúvida interior, assim como ela. Era Charles.

Moran dissera que o Hall estava no centro de um mapa, um mapa pontilhado pelos assassinatos.

Charles atravessou a rua com súbita determinação, o nevoeiro abrindo-se à sua passagem.

O FIM DE LUCY

Ela podia ser a porcaria que quisesse. Quem os homens quisessem que fosse. Mary Jane Kelly. Marie Jeanette. Sobrinha do Tio Henry. Senhorita Lucy. Seria até Ellen Terry, se fosse preciso.

John sentou-se à cabeceira da cama. Ela contava novamente como tinha sido transformada. Sobre a noite em que a querida Lucy havia lhe dado o Beijo Negro. Agora, contava a história como se ela fosse Lucy, e Mary Jane, outra pessoa, uma prostituta qualquer...

— Eu estava com tanto frio, John, com tanta fome, era tão inexperiente...

Era fácil saber como Lucy se sentira. Ambas haviam sido acometidas do mesmo pânico, ao despertar do sono da morte. A mesma sede desesperada, inesgotável. Só que Lucy despertara numa cripta, onde fora depositada com respeito, após um velório. Mary Jane estava numa carroça, a minutos de distância de uma fossa de cal, amontoada com os corpos de outros indigentes.

— Ela era apenas uma prostituta irlandesa. Sem importância, John. Mas era quente, roliça, viva. O sangue pulsando em seu pescoço doce.

Ele ouvia, meneando a cabeça. Ela deduziu que ele estava louco. Mas era um cavalheiro. E era bom com ela, bom para ela. Pouco antes, com aquele almofadinha estranho, ele a protegera. O louco, com sua conversa sobre Jack, o Estripador, a ameaçara, e John Seward lutara com ele. Ela não esperava que ele fosse tão corajoso ao defendê-la.

— As crianças não bastavam, John. Minha sede era terrível, me corroendo por dentro.

Mary Jane ficara confusa com seus novos desejos. Levava semanas para se adaptar. Aquele período era como um sonho, agora. Estava perdendo as lembranças de Mary Jane. Era Lucy.

Com sua mão de médico, John alisou o vestido acima de seu seio. Era a imagem do amante atencioso. Ela o vira de outro ângulo, pouco antes. Quando cortou o almofadinha com uma faca. Seu rosto mudou quando o apunhalou. John disse-lhe que ela estava vingada, e ela sabia que ele se referia a Lucy. O almofadinha destruiu Lucy. Mas, com a morte do homem, essa parte da história desaparecera da mente de John. Talvez ela se lembrasse, à medida que se tornasse mais Lucy e menos Mary Jane. À medida que as lembranças de Lucy escorriam para o interior de sua mente, Mary Jane afundava, lentamente, num mar escuro.

Mary Jane não tinha a menor importância, e ela deveria ficar feliz ao vê-la afogada. Nas profundezas frias e escuras, seria mais fácil Mary Jane adormecer e despertar inteiramente como Lucy.

Porém, seu coração se agarrava a Mary Jane...

Era difícil acompanhar as mudanças, mas era importante fazer um esforço. John era sua maior esperança de fugir do quarto pobre, das ruas miseráveis. Com o tempo, faria com que ele a mantivesse numa casa num bairro melhor da cidade. Ela teria roupas finas, e criados. E crianças bem educadas, de sangue puro e doce.

Tinha certeza de que o almofadinha merecera morrer. Era louco. Não havia ninguém escondido no Miller's Court, esperando por ele. Danny Dravot não era o Estripador. Era apenas mais um velho soldado, cheio de mentiras sobre os pagãos que tinha massacrado e mulheres de pele escura que tinha levado para a cama.

Como Lucy, ela se lembrava de Mary Jane temerosa, agarrando a própria garganta. Lucy parecia deslizar por entre os túmulos.

— Eu precisava dela, John — ela continuou. — Precisava do sangue dela.

Ele estava sentado na cama, como um médico reservado. Mais tarde, ela o satisfaria. E beberia seu sangue. Toda vez que bebia, tornava-se menos Mary Jane e mais Lucy. Devia ser alguma coisa no sangue de John.

— A necessidade era uma dor, uma dor que eu nunca tinha sentido, roendo meu estômago, enchendo meu pobre cérebro com uma febre vermelha...

Desde seu renascimento, o espelho do quarto lhe era inútil. Nunca alguém se dera ao trabalho de desenhar seu retrato, então foi fácil esquecer o próprio rosto. John mostrara-lhe retratos de Lucy, que parecia uma garota usando os vestidos da mãe. Sempre que imaginava o próprio rosto, só via Lucy.

— Eu a chamei — ela disse, inclinando-se sobre a pilha de travesseiros na cama, seu rosto próximo ao dele. — Eu cantava baixinho, e acenei para ela. Queria que viesse até mim, e ela veio...

Ela acariciou o rosto de Jack e deitou a cabeça em seu peito. Lembrou-se da melodia e da letra. “*Foi apenas uma violeta que arranquei do túmulo de minha mãe*”. John prendeu a respiração, suando um pouco. Cada fibra de seu corpo estava tensa. A sede de Mary Jane por ele aumentava, à medida que recontava a história.

— Vi aqueles olhos vermelhos diante de mim, e uma voz chamando. Desviei de meu caminho, e ela estava esperando. Era uma noite muito, muito fria, mas ela estava só com um vestido branco. A pele dela era branca ao luar. Ela...

Parou. Percebeu que estava falando como Mary Jane, não como Lucy. Mary Jane, ela disse interiormente, cuidado...

John levantou-se, afastando-a delicadamente, e caminhou até o outro lado do quarto. Segurou firme no lavatório e olhou-se no espelho, tentando encontrar algo no próprio reflexo.

Mary Jane ficou confusa. Por toda a vida, dera aos homens o que eles queriam. Agora, estava morta e as coisas continuavam iguais. Ela foi até John e o abraçou por trás. Surpreso, teve um sobressalto ao ser tocado. Claro: ele não a tinha visto chegar.

— John — ela murmurou —, vamos para a cama, John. Faça-me quente.

Ele a afastou, desta vez com aspereza. Ela não estava acostumada à sua força de vampira. Imaginando-se ainda uma moça frágil, era frágil.

— Lucy — ele disse, em vão, não para ela...

Uma centelha de raiva acendeu-se em sua mente. Mary Jane, nos estertores, tentando manter a boca e o nariz acima da superfície do mar escuro, explodiu.

— Eu não sou sua maldita Lucy Westenra! — ela gritou. — Meu nome é Mary Jane Kelly, e não me importo que saibam disso!

— Não — ele disse, enfiando a mão no paletó, segurando algo com firmeza —, você não é Lucy...

Mesmo antes de a faca de prata sair, ela se deu conta de como tinha sido tola. Por não ter percebido antes. Sua garganta formigou levemente. Onde tinha sido cortada.

JACK NA MÁQUINA

Uma enfermeira quente estava sentada à mesa no saguão, devorando o último romance de Marie Corelli, *Thelma*. Beauregard ouvira dizer que, desde sua transformação, a celebrada prosa da escritora havia piorado ainda mais. Vampiros raramente eram criativos, com toda a energia voltada para o prolongamento da própria vida.

— Onde está Mademoiselle Dieudonné?

— Está substituindo o diretor, senhor. Deve estar no consultório do Dr. Seward. Poderia esperar ser anunciado?

— Não precisa se incomodar, obrigado.

A enfermeira franziu o cenho e, mentalmente, acrescentou mais uma queixa à sua lista de Coisas Erradas Com Aquela Garota Vampira. Ele ficou brevemente surpreso por tomar conhecimento daqueles pensamentos claros e ácidos, mas ignorou a distração passageira enquanto se dirigia ao consultório do médico, no primeiro andar. A porta estava aberta. Geneviève não se surpreendeu ao vê-lo. O coração de Charles deu um pulso quando se lembrou dela perto dele, o corpo branco, a boca vermelha.

— Charles — ela disse.

Ela estava em pé, à mesa de Seward, papéis espalhados à sua volta. Ele ficou constrangido. Depois do que se passara entre eles, não sabia exatamente como se comportar em sua presença. Deveria beijá-la? Ela estava atrás da mesa, e o abraço seria desajeitado, a menos que ela abrisse um espaço. Olhando ao redor em busca de uma distração, sua atenção voltou-se para um aparelho protegido

por um estojo de vidro, um negócio com caixas de latão e um apêndice parecido com um trompete.

— Aquilo é um fonógrafo de Edison-Bell, não é?

— Jack usa para anotações médicas. Ele adora brinquedos e truques.

Ele virou-se.

— Geneviève...

Ela estava perto agora. Ele não a ouvira sair de trás da mesa. Ela o beijou levemente nos lábios e ele a sentiu dentro de si novamente, uma presença em sua mente. As pernas fraquejaram. Perda de sangue, ele deduziu.

— Está tudo bem, Charles — ela disse, sorrindo. — Não tive a intenção de enfeitiçá-lo. Os sintomas vão desaparecer em uma ou duas semanas. Acredite, tenho experiência com sua condição.

— *Nunc scio quid sit Amor* — ele disse, citando Virgílio. “Enfim, sei o que é o Amor”. Ele não conseguia manter uma linha clara de raciocínio. Pensamentos fugidios surgiam do fundo de sua mente, mas não conseguia agarrá-los completamente.

— Charles, isto pode ser importante — ela disse. — É uma coisa que o Coronel Moran falou, sobre o Estripador.

Beauregard fez um esforço para se concentrar no assunto urgente.

— Por que Whitechapel? — ela perguntou. — Por que não Soho, ou Hyde Park, ou qualquer outro lugar? O vampirismo não se limita a este bairro, nem a prostituição. O Estripador caça aqui porque é mais conveniente, porque ele está aqui. Em algum lugar próximo...

Ele compreendeu imediatamente. Sua fraqueza desapareceu.

— Acabei de verificar nossos registros — ela disse, batendo numa das pilhas de papéis sobre a mesa. — Todas as vítimas foram trazidas para cá.

Ele se recordou do raciocínio de Moran.

— Tudo sempre acaba aqui, no Toynbee Hall, vindo de várias direções — ele disse. — Druitt e você trabalham aqui, Liz Stride foi trazida para cá, os assassinatos ocorreram aqui perto. Você diz que todas as mulheres mortas vieram parar aqui...

— Sim, e isso mais ou menos no último ano. Será que Moran estava certo? Poderia ter sido Druitt? Não houve mais assassinatos.

Beauregard balançou a cabeça. — Ainda não terminou.

— Se Jack estivesse aqui.

Ele cerrou o punho. — Aí pegaríamos o assassino.

— Não, eu me referi a Jack Seward. Ele cuidou de todas as mulheres. Talvez ele saiba se elas tinham algo em comum.

As palavras de Geneviève afundaram no cérebro de Charles, e uma luz brilhou em seus olhos. De repente, ele *soube*...

— Elas tinham Seward em comum.

— Mas...

— *Jack Seward*.

Ela balançou a cabeça, mas ele sabia que ela estava vendo o mesmo que ele, chegando rapidamente à mesma conclusão. Suas mentes aceleraram juntas. Um sabia o que o outro estava pensando. Ambos lembraram-se de Liz Stride, agarrando o tornozelo de Seward. Ela estava tentando dizer alguma coisa. Estava tentando apontar o assassino.

— Um médico — ela disse. — Elas confiariam num médico. É assim que ele se aproximava delas, mesmo no auge do pânico...

Ela rememorou acontecimentos passados, mil pequenos detalhes surgindo em sua mente. Muitos pequenos mistérios se resolveram. Coisas que Seward dissera, fizera. Ausências, atitudes. Tudo se explicou.

— Bem que me disseram que havia algo errado com o Dr. Seward — ela disse. — Como fui idiota, idiota por não ter ouvido, fui uma idiota, uma idiota...

Ela batia na testa com o punho.

— Eu devia ler as mentes e os corações dos homens, mas ignorei até Arthur Morrison. Sou a pessoa mais idiota que já apareceu neste mundo!

— Há algum diário aqui? — Beauregard perguntou, tentando tirá-la do acesso de auto recriminação. — Registros particulares, anotações, qualquer coisa? Esses maníacos geralmente têm o impulso de guardar recordações.

— Eu li os arquivos dele. Eles contêm apenas o material de sempre.

— Gavetas trancadas?

— Só o armário do fonógrafo. Os cilindros de cera são delicados e precisam ser protegidos contra o pó.

Beauregard segurou a caixa com firmeza e arrancou a tampa do aparelho. Abriu uma gaveta do gabinete. O trinco frágil despedaçou-se. Os cilindros estavam acondicionados em tubos, com etiquetas impecáveis escritas à tinta.

— *Chapman* — ele leu em voz alta —, *Nichols, Schön, Stride/Eddowes, Kelly, Kelly, Kelly, Lucy*...

Geneviève estava a seu lado, procurando por mais coisas no fundo da gaveta.

— E estes... *Lucy, Van Helsing, Renfield, Túmulo de Lucy*.

Todos se lembravam de Van Helsing; Beauregard até sabia que Renfield tinha sido o primeiro discípulo do Príncipe Consorte em Londres. Mas...

— Kelly e Lucy. Quem são elas? Vítimas desconhecidas?

Geneviève examinava novamente os papéis sobre a mesa. Falava enquanto os examinava.

— Meu palpite é que Lucy seja Lucy Westenra, a primeira cria inglesa de Vlad Tepes. O Dr. Van Helsing a destruiu, e Jack Seward estava lá com Van Helsing. Ele estava sempre na expectativa de que os guardas carpatianos viessem capturá-lo. É quase como se estivesse se escondendo.

Beauregard estalou os dedos.

— Art estava junto, também. Lorde Godalming. Ele vai poder fornecer mais detalhes. Agora me lembro. Lucy Westenra. Eu a vi uma vez, quando ela era quente, na casa dos Stokers. Ela fazia parte daquele grupo.

Uma garota bonita e tola, não muito diferente da jovem Florence. Todos os homens sonhavam com ela. Pamela não gostava dela, mas Penélope, então uma criança, a adorava. Ele percebeu que a ex-noiva arrumava o cabelo como o de Lucy. Isso a fazia parecer-se menos com a prima.

— Jack a amava — disse Geneviève. — Foi isso que o levou a fazer parte do grupo de Van Helsing. O que aconteceu deve tê-lo feito perder a sanidade. Eu deveria ter percebido. Ele chama a moça de Lucy.

— Que moça?

— A amante vampira dele. O nome dela não é Lucy, mas ele a chama assim.

Geneviève examinava a gaveta de um enorme arquivo, folheando registros com o dedo ágil.

— Quanto a Kelly — ela disse —, temos muitas Kellys em nossos registros. Mas só uma que se encaixa nas exigências de Jack.

Ela entregou uma folha de papel a Charles, os detalhes do tratamento de uma paciente. Kelly, Mary Jane. Millers Court, 13.

O rosto de Geneviève estava cinza.

— É esse o nome — ela disse. — Mary Jane Kelly.

TECIDO CONJUNTIVO

No dia 9 de novembro de 1888, Geneviève Dieudonné e Charles Beauregard saíram do Toynbee Hall quase exatamente às quatro horas da madrugada. Ainda faltavam horas para a alvorada, a lua estava coberta pelas nuvens. O nevoeiro, embora ligeiramente menos denso, era suficiente para impedir até a visão noturna de um vampiro. No entanto, a jornada completou-se rapidamente.

Geneviève e Beauregard seguiram pela Commercial Street, viraram a oeste na Dorset Street, passando pelo Britannia, um *pub*, e procuraram pelo endereço que tinham de Mary Jane Kelly. O pátio Millers Court podia ser acessado através de um estreito arco de tijolos, no lado norte da Dorset Street, entre o número 26 e uma loja de velas.

Nenhum dos dois notou a figura envolta em farrapos agachada dentro do pátio, presumindo tratar-se de um mendigo. A Dorset Street era conhecida pelo grande número de desocupados que a frequentavam, atraídos pelos albergues da área. Era comum os que não tinham dinheiro suficiente para pagar por uma cama dormirem ao relento. Na verdade, a figura era Art Holmwood, Lorde Godalming, e ele não estava dormindo.

Geneviève e Beauregard passaram alguns minutos determinando qual entrada dava acesso ao número 13, a residência de um cômodo, no piso térreo, atrás do número 26 da Dorset Street. Foram atraídos pela linha fina da luz de uma lareira transbordando por debaixo da porta.

Os relógios ainda não haviam batido o quarto de hora. Quando chegaram, o Dr. John Seward já estava trabalhando há mais de duas horas. A porta número 13

do Millers Court não estava trancada.

PORRA DE INFERNO!

Charles praguejou, lutando para manter o fôlego. Geneviève, sem espanto sobrando para gastar com o surpreendente vocabulário, teve de concordar com ele.

O cheiro viscoso de sangue morto atingiu-a como uma bala na barriga. Ela teve de se segurar no batente da porta para não desmaiar. Não era a primeira vez que via as sobras que os assassinos deixam; já vira campos de batalha coalhados de sangue, covas cheias de corpos de vítimas da peste, câmaras de tortura e locais de execução. Mas o número 13 de Millers Court era o pior cenário de todos.

Jack Seward estava ajoelhado em meio aos restos de um quase irreconhecível ser humano. Ele ainda trabalhava, o avental e as mangas da camisa tingidos de vermelho. O bisturi de prata brilhava à luz da lareira.

O quarto de Mary Kelly era apertado: uma cama, uma cadeira, uma lareira e, à sua volta, quase nenhum chão onde se pudesse andar. A operação de Jack espalhara a moça pela cama e pelo chão, e pelas paredes até a altura de três pés. A cortina barata de musselina estava pontilhada de manchas vermelhas. Havia um espelho, o vidro empoeirado marcado por respingos de sangue, refletindo uma luz vermelha que chamuscou os olhos sensíveis de Geneviève.

Jack não pareceu excessivamente preocupado com a invasão.

— Estou quase terminando — ele disse, removendo alguma coisa de algo com formato de torta que tinha sido um rosto. — Tenho que ter certeza de que

Lucy está morta. Van Helsing diz que a alma dela só vai descansar quando ela estiver morta de verdade.

Ele estava calmo, não desvairado. Operava a carnificina com precisão cirúrgica. Em sua mente, havia um propósito.

— Pronto — disse Jack. — Ela está livre. Deus é misericordioso.

Charles sacara a pistola e a apontava para Jack. Sua mão tremia.

— Jogue a faca e afaste-se dela — ele disse.

Jack colocou a faca sobre a colcha da cama e levantou-se, limpando as mãos no avental já saturado de sangue.

— Está vendo? Ela está em paz — Jack disse. — Durma bem, Lucy, meu amor.

Mary Jane Kelly estava morta de verdade. Geneviève não teve dúvida.

— Acabou — disse Jack. — Nós o derrotamos. Derrotamos o Conde. O contágio não pode se espalhar.

Geneviève não tinha nada a dizer. Seu estômago ainda estava revirado. Jack pareceu notá-la pela primeira vez.

— Lucy — ele disse, alarmado. Ele via outra pessoa, em algum outro lugar. — Lucy, foi tudo por você...

Ele curvou-se para pegar o bisturi de prata e Charles o alvejou no ombro. Ele girou, os dedos agarrando o ar, e bateu contra a lareira. Pressionou a mão enluvada na parede e foi descendo, os joelhos projetando-se enquanto ele tentava encolher o corpo. Jack estava agachado, segurando o ferimento. O tiro o atravessara por completo, tirando-lhe o impulso de matar.

Geneviève apanhou o bisturi. A lâmina de prata lhe deu coceira, então ela o pegou pelo cabo esmaltado. Era algo tão pequeno para ter causado tanto mal.

— Temos que tirá-lo daqui — Charles disse. — Uma turba poderia linchá-lo.

Geneviève puxou Jack, colocando-o de pé, e, com a ajuda de Charles, conseguiu levá-lo até o pátio. Suas roupas estavam pegajosas com o sangue que se coagulava.

A manhã se aproximava, e Geneviève sentiu-se subitamente cansada. O ar frio não aliviou sua cabeça latejante. A imagem de Millers Court, 13, estava impressa em sua mente, como uma fotografia sobre o papel. Nunca a esqueceria, ela pensou.

Jack não resistiu. Caminharia com eles até a delegacia de polícia, ou até o inferno.

LORDE JACK

O calor no quarto de Mary Jane Kelly era de causar vertigens; ali fora, no pátio, o frio clareava a mente. Depois de sair daquele sepulcro, Beauregard percebeu que, embora o mistério estivesse resolvido, ele estava diante de um dilema. As mulheres estavam mortas, Seward, irremediavelmente louco. Que justiça seria feita se ele o entregasse a Lestrade? No interesse de quem ele deveria agir agora? De Sir Charles Warren, ao deixar a polícia levar o crédito pela prisão? Do Príncipe Consorte, ao entregar mais um adversário vencido às estacas do lado de fora do Palácio?

— Ele me mordeu — disse o Estripador, lembrando-se de algum incidente trivial —, o louco me mordeu.

Seward estendeu a mão enluvada e inchada. Havia uma poça de sangue na palma.

— Vlad Tepes vai torná-lo imortal, só para poder torturá-lo para sempre — disse Geneviève.

Alguém saiu da loja de velas e parou sob o arco. Beauregard viu olhos vermelhos no escuro e divisou a silhueta de um homem grande, de sobretudo xadrez e chapéu-coco. Quanta coisa aquele vampiro testemunhara? Ele caminhou para o pátio.

— Parabéns, senhor. O senhor pegou Jack, o Estripador.

Era o Sargento Dravot, do Clube Diógenes.

— O tempo todo, senhor, havia dois assassinos agindo juntos — disse Dravot. — Deveria ter sido óbvio.

O mundo girava novamente, o chão de pedras sob seus pés se dissolvia. Beauregard não sabia onde iria parar.

Dravot curvou-se e tirou o cobertor esfarrapado de cima de um corpo humano que tinha sido embrulhado e jogado num canto. Um rosto branco e morto revelou-se, os lábios abertos e os dentes arreganhados numa última careta.

— É Godalming! — exclamou Beauregard.

— Lorde Godalming, senhor — disse Dravot. — Ele estava nisso com o Dr. Seward. Eles brigaram ontem à noite.

Beauregard não conseguia encaixar todas as peças. Ajoelhou-se ao lado do corpo. Havia uma grande mancha de sangue no peito, ensopando a camisa. Na mancha, havia um ferimento irregular sobre o coração.

— Há quanto tempo você sabe disso, Dravot?

— Foi o senhor que pegou os Estripadores. Eu só estive cuidando do senhor. A cabala me enviou como seu anjo da guarda.

Geneviève estava afastada deles, segurando o braço de Jack Seward. O rosto da vampira estava no escuro.

— E Jago? Foi você?

Dravot encolheu os ombros. — Outro assunto, senhor.

Beauregard levantou-se, apoiando a bengala na rua de pedra, e limpou os joelhos.

— Vai ser um escândalo terrível. Godalming era tido em alta conta. Tinha a reputação de ser um homem com futuro promissor.

— O nome dele ficará totalmente manchado, senhor.

— E ele era vampiro. Isso vai causar uma comoção. Sempre se premuniu que o Estripador era quente.

Dravot concordou, com um movimento da cabeça.

— Acho que a cabala vai ficar satisfeita — Beauregard prosseguiu. — Isto irá constranger muitas pessoas. Haverá muita repercussão. Carreiras serão destruídas, reputações, arruinadas. O primeiro-ministro vai parecer um idiota.

Contrariada, Geneviève falou:

— Está tudo muito certo, cavalheiros. Mas, e Jack Seward?

Dravot e Beauregard olharam para ela. E para Seward. O Estripador estava escorado no muro do pátio. Seu rosto parecia exausto e sem expressão. Seu ferimento gotejava sangue.

— Ele está completamente louco — disse Geneviève. — Qualquer que fosse a cola que o mantinha coeso, dissolveu-se.

— Seria melhor se o Sr. Beauregard fizesse as honras.

Geneviève olhou para Dravot com algo que se aproximava de repugnância. Beauregard sentiu que não havia escolha. Seus atos haviam sido direcionados

por outrem. Ele estava quase no fim de sua missão. Com grande cansaço, percebeu que não fizera quase nada, a não ser saltar os obstáculos de um percurso preparado para ele.

— Segure-o — disse Beauregard. — Contra o muro.

A mão de Geneviève estava na garganta de Seward, as unhas alongando-se.

— Charles — ela disse. — Você não precisa fazer isso. Se tem que ser feito, eu posso...

Ele balançou a cabeça. Ela não podia poupá-lo disso. Havia acontecido a mesma coisa com Elizabeth Stride. Ele simplesmente dera o tiro de misericórdia.

— Está tudo bem, Geneviève — ele disse. — Apenas segure-o.

Ela sabia o que ele estava prestes a fazer, e consentiu. Tirou a mão da garganta de Seward.

— Adeus, Jack — ela disse. Ele não deu sinais de que estivesse entendendo.

Beauregard sacou a espada. O ruído estridente do metal atravessou o silêncio quase absoluto da noite. Geneviève assentiu com a cabeça e Beauregard trespassou o coração de Seward com a lâmina. A ponta arranhou o tijolo do muro. Beauregard retirou a espada e a embainhou. Seward, morto de maneira limpa e rápida, caiu ao lado de Godalming. Dois monstros juntos.

— Bom trabalho, senhor — disse Dravot. — O senhor acuou os assassinos e o Dr. Seward ficou desvairado. Ele destruiu o parceiro e o senhor o derrotou num duelo.

Beauregard irritou-se por ser tratado como se fosse um aluno de ginásio sendo instruído por colegas de classe sobre a desculpa que iam dar.

— E eu?

Beauregard e Dravot olharam para Geneviève.

— Eu sou uma “ponta solta”? Como Jack, como Godalming? Como a pobre moça lá dentro?

Ela apontou com a cabeça para a porta de entrada de Mary Jane Kelly.

— Você o deixou massacrá-la, não foi?

Dravot não disse nada.

— Você ou Jack matou Godalming. Depois, sabendo quem ele era, você se escondeu no escuro e deixou que ele a matasse. Foi melhor assim. Você nem teve que sujar as mãos.

Dravot não se defendeu. Beauregard tinha certeza de que o Sargento portava um revólver, carregado de balas de prata.

— Nós chegamos num momento conveniente — ela continuou. — Para terminar a história.

Geneviève estendeu o bisturi de Seward.

— Quer usar isto? Seria mais elegante.

— Geneviève — disse Beauregard —, não estou entendendo...

— Não, você não entenderia. Pobre Charles. No meio de sugadores de sangue como Godalming e essa criatura — referia-se a Dravot — você é um carneirinho perdido. Como Jack Seward.

Beauregard virou-se para Dravot. Se as coisas chegassem a isso, ele protegeria Geneviève com a própria vida. Sua devoção aos planos do Clube Diógenes tinha limites.

O Sargento desaparecera. Além do arco da entrada, o nevoeiro se dissipava. Estava quase amanhecendo. Geneviève foi até ele e ele a abraçou. O mundo parou de girar e inclinar-se. Juntos, eram o ponto fixo.

— O que aconteceu aqui? — ela perguntou — O que aconteceu, de verdade? Ele ainda não sabia.

Juntos, fatigados, saíram do Millers Court. No outro lado da Dorset Street, dois policiais caminhavam vagarosamente, conversando durante a ronda. Geneviève assobiou para chamar-lhes a atenção. O som que ela emitiu não era humano. Penetrou nos ouvidos de Charles como uma agulha. Os tiras, com os cassetetes em punho, correram em sua direção.

— Você será o herói — ela sussurrou para ele.

— Por quê?

— Você não tem escolha.

Os policiais chegaram até eles. Os dois pareciam terrivelmente jovens. Um deles era Collins, de quem se lembrava de uma visita ao Sargento Thick. Ele reconheceu Beauregard, e quase bateu continência.

— Há uma mulher morta naquele pátio — ele disse aos policiais. — E dois assassinos, também mortos. Jack, o Estripador está liquidado.

Collins pareceu chocado. Depois, deu um meio sorriso.

— Acabou? — perguntou o tira.

— Acabou — Beauregard respondeu, incerto, mas convincente.

Os dois policiais dispararam para o Miller's Court. Após um instante, saíram depressa, novamente, e começaram a apitar. Logo, a área estava cheia de policiais, jornalistas, curiosos. Beauregard e Geneviève teriam de explicar tudo em detalhes, mais vezes do que realmente poderiam suportar.

Em sua mente, Beauregard via Jack Seward ajoelhado no quarto dos fundos do andar térreo, com a coisa ensanguentada que tinha sido Mary Jane Kelly. Geneviève tinha arrepios junto com ele. A lembrança era algo que partilhariam para sempre.

— Ele estava louco — ela disse. — Não foi responsável pelo que fez.

— Então, quem foi o responsável? — ele perguntou.

— A coisa que o enlouqueceu.

Beauregard olhou para cima. O último luar brilhava através do nevoeiro que se dissipava. Imaginou ter visto um morcego, grande e preto, atravessar voando a face da lua.

A VIDA DOMÉSTICA DE NOSSA QUERIDA RAINHA

Netley aplicou o chicote à parelha. A carruagem imponente circulara pelas ruas estreitas de Whitechapel com a mesma irritação de uma pantera no labirinto verde de Hampton Court, incapaz de mover-se com a costumeira elegância e velocidade. Nas vias mais largas da cidade, ela girava num ritmo rápido. A suspensão era perfeita, embalando-a sem um ruído sequer de madeira e ferro. Olhares hostis eram atraídos pelo brasão que se destacava como uma cicatriz vermelha e dourada na porta preta polida. Apesar do interior luxuoso, Geneviève achava impossível ter conforto ali. Com estofamento de couro preto e discretas lamparinas de latão, a Carruagem Real parecia mais um carro funerário.

Prosseguiram pela Fleet Street, passando pelos carcomidos escritórios dos grandes periódicos da nação, agora fechados e lacrados com tábuas. Não havia nevoeiro esta noite, apenas um vento cortante. Ainda existiam jornais, mas Ruthven instalara vampiros obedientes como editores. Até os legalistas mais fervorosos se entediavam com o apoio dócil às novas leis ou os elogios intermináveis à Família Real. Muito raramente publicava-se um item que, se combinado com algum conhecimento privado, poderia ser classificado como notícia, como a nota recente no *Times* sobre a expulsão do Coronel Sebastian Moran do Clube Bagatelle, suas excepcionais habilidades nas cartas, que se estendiam a certas manipulações pouco ortodoxas, agora severamente prejudicadas pela perda inexplicável dos dois dedos mínimos.

Ao passarem pelos tribunais de justiça, algumas páginas soltas de jornal voaram pelo pavimento escuro da calçada. Os transeuntes, mesmo os mais bem

vestidos, apressadamente apanharam as folhas e as enfiaram no casaco. Um policial fazia o possível para recolhê-las, mas elas choviam de algum sótão como folhas de outono. Impressos à mão em porões, era impossível reprimi-los: não importa quantas dependências fossem invadidas, quantos escribas fossem presos, o espírito de dissidência, com suas cabeças de Hidra, persistia. Kate Reed, a admiradora de Charles, tornara-se o principal luminar da imprensa clandestina. Escondida, ganhara a reputação de Anjo da Insurreição.

Em Pall Mall, Netley, que Geneviève julgou ser um tipo nervoso, parou no Clube Diógenes. Após um instante, a porta se abriu e Charles juntou-se a ela na carruagem. Depois de beijá-la no rosto com lábios frios, sentou-se de frente para ela, desencorajando maiores intimidades. Vestia um imaculado traje a rigor, o forro vermelho da capa como sangue respingado no assento, uma rosa branca perfeita na lapela. Ela olhou de relance quando a porta foi fechada e viu o rosto reservado do vampiro bigodudo do Miller's Court.

— Boa noite, Dravot — Charles disse ao criado do Clube de Diógenes.

— Boa noite, senhor.

Dravot ficou em pé no meio-fio, em posição de sentido, mas restando a continência. A carruagem teve de tomar uma rota tortuosa até o palácio. O Mall tinha sido bloqueado pelos cruzados durante quase toda a semana anterior; os resquícios das barricadas ainda permaneciam ali, e longos trechos da St. James Street tinham sido destruídos, as pedras do pavimento convertidas em projéteis.

Charles estava calado. Ela o vira várias vezes desde a noite do dia 9 de novembro, e até fora admitida na santificada Câmara da Estrela do Clube Diógenes, para fornecer provas numa audiência particular da cabala dirigente. Charles fora convocado para explicar as mortes do Dr. Seward, Lorde Godalming e, casualmente, Mary Jane Kelly. O tribunal decidira quais verdades deveriam ser ocultadas e quais deveriam ser apresentadas ao público em geral. O presidente, um diplomata quente que havia sobrevivido às mudanças, captou tudo, mas não deu nenhum veredicto, cada grão de informação moldando as políticas de um clube que muitas vezes era mais que um clube. Geneviève deduziu que se tratava de um esconderijo para os pilares do antigo regime, se não um ninho de insurgentes. Com exceção de Dravot, havia poucos vampiros no Clube Diógenes. Ela sabia que sua descrição tinha sido atestada por Charles. Do contrário, supunha que o Sargento iria visitá-la levando um garrote de prata.

Assim que se puseram a caminho, Charles inclinou-se para a frente e tomou suas mãos. Ele a olhou nos olhos, intencionalmente sério. Tinham estado juntos há duas noites, em particular. Seu colarinho escondia as marcas.

— Gené, eu imploro — ele disse —, deixe-me parar a carruagem fora do Palácio e soltá-la.

Os dedos de Charles pressionavam as palmas de suas mãos.

Querido, que absurdo. Não tenho medo de Vlad Tepes.

Ele a soltou e recostou-se, obviamente contrariado. Com o tempo, ele confiaria nela. Ela tinha percebido que, em muitas coisas, os desejos de Charles conflitavam com seus deveres. No momento, ela era o desejo de Charles. Os deveres apontavam para direções que ela não discerniu imediatamente.

— Não é isso. É...

• • •

... a desordem em que Beauregard encontrara Mycroft teve um ar de Último Ato. Nesta reunião, ele próprio seria a cabala. O presidente brincava com o bisturi.

— A famosa Faca de Prata — ele ponderou, testando a lâmina com o polegar. — Tão afiada.

Descansou o instrumento e soltou um suspiro que fez tremer suas bochechas. Perdera um pouco de seu peso excessivo e a pele estava flácida, mas os olhos ainda eram aguçados.

— Você será convidado ao Palácio. Mande lembranças ao nosso amigo a serviço da rainha. Você não deve se assustar com ele. É um sujeito dos mais delicados. Delicado demais, para dizer a verdade.

— Ouvi falar muito bem dele.

— Era um dos favoritos da falecida Princesa Alexandra. Pobre Alex.

Mycroft esticou os dedos gordos e descansou o queixo sobre eles.

— Exigimos muito de nosso pessoal. Há muito pouca glória pública neste maldito negócio, mas ele precisa ser feito.

— Temos que fazer sacrifícios.

Beauregard lembrou-se de Mary Jane Kelly. E outros, apenas nomes nos jornais, rostos congelados: Seward, Jago, Godalming, Kostaki, Mackenzie, von Klatka.

— Todos nós faríamos o que estamos pedindo a você — Mycroft insistiu.

Ele sabia que era verdade.

— Não sobraram muitos de nós.

Sir Mandeville Messervy aguardava a execução, acusado de alta traição, junto com outros notáveis; o dramaturgo Gilbert, o colosso das finanças Wilcox, a arquirreformista Beatrice Potter, o editor radical Henry Labouchère.

— Presidente, uma coisa ainda me intriga. Por que eu? O que eu fiz que Dravot não poderia ter feito? Vocês me deixaram correr pelo labirinto, mas ele sempre estava lá. Ele poderia ter cumprido a missão sozinho.

Mycroft balançou a cabeça. — Dravot é um bom homem, Beauregard. Não queríamos que você se sobrecarregasse com o conhecimento do papel dele em nossos planos maiores, para que isso não interferisse...

Beauregard engoliu o comprimido sem engasgar.

— Mas Dravot não é você. Não é um cavalheiro. Não importa o que ele fizesse, ele jamais seria convidado ao Palácio...

Finalmente, Beauregard entendeu...

• • •

... um convite com a estampa do Palácio fora entregue pessoalmente por dois guardas carpatianos uniformizados; Martin Cuda, que fingiu não se lembrar de Geneviève e manteve a cabeça baixa, e Rupert de Hentzau, um sujeito da Ruritânia cujo estudado sorriso sardônico ameaçava constantemente transformar-se num riso cruel. Como diretora interina mais ou menos permanente do Toynbee Hall, ela estava mais ocupada do que nunca, mas um chamado da rainha não podia ser ignorado. Presumivelmente, seria condecorada por seu papel no fim da carreira de Jack, o Estripador. Uma honra secreta, talvez, mas ainda assim uma honra.

O nome deles não aparecera. Charles insistiu que os créditos públicos fossem para a polícia. A crença geral era a de que o policial Collins surpreendera Godalming e Seward quando saíam do quarto onde, juntos, haviam mutilado Mary Jane Kelly. Reforços foram chamados às pressas e acuraram os dois no Miller's Court, onde foram mortos na confusão. Ou os assassinos tinham matado um ao outro para escapar da estaca, ou a polícia, enfurecida e horrorizada, os destruíra sumariamente. Influenciada pelos recentes costumes de justiça em Londres, a maioria preferiu a segunda explicação, embora a Câmara de Horrores de Madame Tussaud exibisse uma vívida reconstituição, completa, com roupas de verdade, dos dois Estripadores arrancando as entranhas um do outro.

Na Scotland Yard, Sir Charles Warren pedira demissão em troca de uma colocação no exterior, e Caleb Croft, um ancião com fama de carrasco, foi chamado para substituí-lo. Lestrade e Abberline cuidavam de novos casos. A cidade caçava um novo maníaco, um assassino quente de temperamento e aparência brutais, chamado Edward Hyde. Ele havia pisoteado uma criança pequena e então, mais ambicioso, fincara uma bengala quebrada no coração de um membro renascido do Parlamento, Sir Danvers Carew. Depois que Hyde fosse pego, outro assassino surgiria, e outro, e mais outro.

Uma luz vermelha tremeluziu na carruagem ao passarem pela Trafalgar Square. Embora a polícia não parasse de apagar os incêndios, os rebeldes sempre os provocavam de novo. Usavam pedaços de madeira e até peças de roupa como

combustível. Os renascidos, que tinham um medo supersticioso do fogo, não chegavam perto demais. Multidões enfrentavam policiais ao lado das fogueiras, enquanto um grupo de bombeiros, talvez sem muito entusiasmo, tentava apontar as mangueiras. O Capitão Eyre Massey Shaw, o popular superintendente do Corpo de Bombeiros de Londres, fora recentemente removido do cargo, supostamente por ter se recusado a lidar com a conflagração na Trafalgar Square; o Dr. Callistratus, um transilvaniano taciturno e sem experiência ou interesse em combate ao fogo, foi instalado no lugar de Shaw e, segundo dizem, não conseguiu ocupar seu escritório por causa da pilha de pedidos de demissão amontoada na porta. Ela olhou para fora, labaredas envolvendo os leões de pedra, chamas subindo até um terço da altura da Coluna de Nelson. Originalmente uma lembrança das vítimas do Domingo Sangrento, os incêndios tinham agora um novo significado. Rumores sobre mais um motim chegavam da Índia. Sir Francis Varney fora arrastado por sipais do Forte Vermelho em Délhi e amarrado à boca de um de seus próprios canhões para ser explodido. Uma mistura de fragmentos de ferro e sais de prata atravessara-lhe o peito, e Varney fora queimado numa fogueira até virar cinzas. Muitas tropas e oficiais britânicos quentes haviam se unido aos nativos rebelados. Segundo os jornais, que obviamente tinham fontes em altos escalões, a Índia estava em franca revolta, e havia indícios também na África e em pontos do Oriente.

Na Trafalgar Square, agitavam-se cartazes e gritavam-se slogans, JACK AINDA ESTRIPA, lia-se numa pichação. As cartas ainda chegavam, garatujas em tinta vermelha assinadas por “Jack, o Estripador”. Tinham sido recebidas pela imprensa, pela polícia, por indivíduos proeminentes. Agora, incitavam os quentes a se unirem contra os líderes vampiros, ou os renascidos britânicos a resistirem contra anciãos estrangeiros. Sempre que um vampiro era morto, “Jack, o Estripador” levava o crédito. Charles não disse nada, mas Geneviève suspeitava que muitas das cartas eram escritas pelo Clube Diógenes. Jogava-se um perigoso jogo nos corredores do governo secreto. Mesmo um louco tornando-se herói servia a algum propósito. Aos que consideravam Jack, o Estripador um mártir, lá estava Jack Seward erguendo sua faca de prata contra os vampiros opressores. Aos que consideravam Jack, o Estripador um monstro, lá estava Lorde Godalming, o morto-vivo arrogante usando e abusando de mulheres comuns que tratava como lixo. A história assumia um significado diferente a cada vez que era contada, e o Estripador, um rosto diferente. Para Geneviève, esse rosto sempre seria o de Danny Dravot, os dedos sujos de tinta vermelha, aguardando, enquanto Mary Jane Kelly era estraçalhada.

A ordem pública na cidade estava a ponto de entrar em colapso. Não apenas em Whitechapel e Limehouse, mas em Whitehall e Mayfair. Quanto mais pesada

se tornava a mão das autoridades, mais o povo resistia. A última moda entre londrinos de todas as classes era pintar o rosto de preto, como menestréis, e chamarem a si mesmos de “nativos”. Cinco oficiais do exército aguardavam a corte marcial e empalamento sumário por se recusarem a ordenar que seus homens disparassem contra uma passeata pacífica de falsos negros.

Após algumas negociações e não poucos xingamentos aos gritos de uma senhora com o rosto pintado de preto, Netley foi autorizado e atravessar com a carruagem o Arco do Almirante. O cocheiro deve ter desejado poder apagar o brasão do veículo, quando fosse conveniente.

Vampira, mas não da linhagem de Vlad Tepes, Geneviève foi deixada, como sempre, em posição secundária. Tinha sido reconfortante, no início, após séculos de dissimulação, não ter mais de fingir ser quente; mas, com o tempo, o Príncipe Consorte tornara as coisas tão desconfortáveis para os mortos-vivos quanto para os vivos que ele chamava de gado. Para cada nobre murgatroyd com seu harém voluntário de escravas fornecedoras de sangue, havia vinte Mary Jane Kelley, Lily Myllet ou Cathy Eddowes, tão miseráveis quanto sempre tinham sido, os atributos vampirescos como vícios e deficiências, em vez de poderes e potencialidades...

• • •

... com Geneviève, ele visitara os Churchwards. Penélope já saíra da cama. Eles a encontraram numa cadeira de rodas, na sala de estar toda fechada com pesadas cortinas, uma manta de lã xadrez sobre as pernas. Sobre cavaletes, havia um caixão recém-adquirido, forrado de cetim branco, no lugar da mesa de centro.

Penélope fortalecia-se. Seus olhos estavam claros. Tinha pouco a dizer.

Sobre a lareira, Beauregard notou uma fotografia de Godalming, numa pose rígida ao lado de um vaso de plantas com um fundo de estúdio, emoldurada com renda preta.

— Ele era, por assim dizer, meu pai — Penélope explicou.

Geneviève entendeu de um modo que Beauregard jamais poderia.

— Ele era mesmo esse monstro? — Penélope perguntou.

Beauregard respondeu a verdade. — Sim, receio que sim.

Penélope quase sorriu. — Ótimo. Fico contente. Serei um monstro, também.

Estavam sentados, as xícaras intocadas na mesa, a escuridão se aproximando...

• • •

... a carruagem seguia suavemente pela Bird Cage Walk em direção ao Palácio de Buckingham. Ao longo da via, rebeldes pendiam em correntes de gaiolas

cruciformes, alguns ainda vivos. Nas últimas três noites, batalhas entre quentes e mortos-vivos tinham assolado o St. James's Park.

— Veja — disse Charles, com tristeza —, lá está a cabeça de Van Helsing.

Geneviève esticou o pescoço e viu a massa informe e patética na ponta da estaca. Alguns diziam que Abraham Van Helsing ainda estava vivo, sob o domínio do Príncipe Consorte, e num lugar alto, para que seus olhos pudessem ver o domínio de Drácula sobre Londres. Era mentira; o que restara era um crânio putrefato.

Os portões principais assomaram diante deles, arames farpados entremeados às barras de ferro verticais. Carpatianos, os uniformes pretos com uma faixa diagonal carmesim, abriram as enormes grades de ferro trabalhado como se fossem cortinas de seda, e a carruagem entrou. Geneviève imaginou Netley, suando como um porco amedrontado no Baile dos Oficiais Indianos. O Palácio, iluminado por fogueiras noturnas e lamparinas incandescentes, soltava fumaça preta no céu, a própria imagem de Morloch, o Devorador.

O rosto de Charles era inexpressivo, mas sua mente estava concentrada.

— Você pode ficar na carruagem — ele disse, urgente, persuasivo. — Segura. Vou ficar bem. Não vai demorar.

Geneviève balançou a cabeça. Há séculos evitava Vlad Tepes, mas enfrentaria o quer que estivesse dentro do Palácio.

— Gené, eu imploro — sua voz quase falhou.

Duas noites atrás ela estivera com Charles, delicadamente lambendo o sangue de cortes em seu peito. Agora conhecia e entendia o corpo dele. Juntos, fizeram amor. Ela o conhecia e o compreendia.

— Charles, por que está tão preocupado? Somos heróis, não temos nada a temer. Sou mais velha que o Príncipe.

A carruagem parou ao lado da varanda, que parecia uma bocarra, e um lacaios de peruca abriu a porta. Geneviève desceu primeiro, apreciando o ruído suave do cascalho sob os sapatos. Charles desceu em seguida, tenso como o fio puxado de um arco, ajeitando a capa. Ela tomou seu braço e aninhou-se nele, mas isso não o confortou. Ele aguardava ansiosamente o que encontraria dentro do Palácio, mas a expectativa era obscurecida pela apreensão.

Além das cercas do Palácio havia uma multidão, como sempre. Visitantes calados espreitavam por entre as barras de ferro, aguardando a Troca da Guarda. Próximo aos portões, Geneviève viu um rosto conhecido, a garota chinesa do Velho Jago. Estava com um velho alto, oriental, cujo aspecto era, de algum modo, sinistro. Atrás deles, no escuro, havia uma forma oriental mais velha, mais alta, e ela sentiu novamente o lampejo de um terror passado retornando. Olhou outra vez, e o grupo chinês se fora, mas seu coração ainda batia rápido.

Charles ainda não lhe contara a história toda sobre a barganha com o assassino ancião.

O lacaios, um jovem vampiro de rosto pintado de dourado, conduziu-os pela ampla escadaria e bateu à porta com seu longo cajado. Abriram-na como se existisse um mecanismo silencioso, revelando um saguão abobadado, com piso de mármore.

Com a destruição de seu único vestido decente, ela tinha sido obrigada a encomendar um substituto. Hoje, usava-o pela primeira vez, um vestido de baile simples, sem anquinhas, enfeites ou babados. Ela duvidava que Vlad Tepes se importasse com formalidades, mas supôs que deveria fazer um esforço pela rainha. Ela se lembrava da família como os eleitores de Hanover. Seu único enfeite incomum era um pequeno crucifixo de ouro, pendurado numa das inúmeras correntes que já tivera. Era tudo o que tinha de sua vida de quente. Seu pai de verdade lhe dera a joia, afirmando que fora abençoada por Joana D'Arc. Ela duvidava disso, mas de algum modo conseguira guardá-lo ao longo dos séculos. Muitas vezes abandonara vidas inteiras — casas, posses, roupas, bens, fortunas — mantendo apenas o crucifixo que a Donzela de Orleans provavelmente nunca tocara.

Diáfanas cortinas de seda de trinta pés de altura abriram-se na corrente de ar, e eles atravessaram. O efeito era o de uma gigantesca teia de aranha, estendendo-se, ondulante, para atrair a mosca incauta. Criados apareceram, sob a direção de uma vampira, dama de companhia da rainha, e levaram as capas de Charles e Geneviève. Um carpatiano, o rosto uma máscara de pelos grossos, aguardou Charles entregar sua bengala. A corte não tolerava prata. Ela não tinha armas a entregar...

• • •

... ele tentara de tudo para dissuadi-la de acompanhá-lo, por pouco não revelando a missão que deveria cumprir. Beauregard sabia que ia morrer. Sua morte teria um propósito, e ele estava preparado para isso. Mas seu coração apertava quando pensava o que seria de Geneviève. Essa cruzada não era dela. Se fosse possível, ele a ajudaria fugir, mesmo à custa da própria vida. Mas sua missão era mais importante que qualquer um dos dois.

Quando estavam juntos, no calor da comunhão, ele lhe disse algo que nunca dissera a outra mulher, exceto Pamela.

— Gené, eu te amo.

— Eu também, Charles. Eu também.

— Eu também o quê?

— Também te amo, Charles.

Sua boca o mordeu novamente e eles rolaram juntos, ficando à vontade...

• • •

... um tatu serpenteou ao lado de seus pés, a parte traseira entupida com a própria sujeira. Vlad Tepes saqueara o zoológico de Regents Park, e havia espécies exóticas correndo soltas pelo Palácio. O pobre edentado era apenas um dos bichos de estimação mais inofensivos.

A dama de companhia que os guiara pelo saguão, que parecia uma catedral, vestia um libré de veludo preto, o brasão real sobre o peito. Com calça justa xadrez e botas de cano longo com fivelas douradas, parecia um rapaz. Apesar de bonita, o rosto perdera toda a suavidade feminina que talvez tivesse possuído quando sua dona era quente.

— Sr. Beauregard, o senhor se esqueceu de mim — ela disse.

Charles, absorto em pensamentos, ficou quase chocado. Prestou atenção na dama de companhia.

— Nós nos conhecemos na casa dos Stokers — ela explicou. — Alguns anos atrás. Antes das mudanças.

— Senhorita Murray?

— Agora viúva de Harker. Wilhelmina. Mina.

Geneviève sabia quem era aquela mulher: uma das crias de Vlad Tepes. Depois da Lucy do Dr. Seward, a primeira conquista do Príncipe Consorte na Grã-Bretanha. Assim como Jack e Godalming, ela fizera parte do grupo de Van Helsing.

— Então o terrível assassino era o Dr. Seward — Mina ponderou. — Ele foi poupado só para sofrer, e para causar sofrimento aos outros. E Lorde Godalming também. Como Lucy ficaria decepcionada com seus pretendentes!

Geneviève olhou para dentro de Mina Harker e percebeu que a mulher estava condenada — condenara-se a si mesma — a existir com as consequências do fracasso. Seu fracasso em resistir a Vlad Tepes, o fracasso de seu grupo em capturar e destruir o invasor.

— Não esperava encontrá-la aqui — Charles deixou escapar.

— Servindo no inferno?

Estavam no final do corredor. Mais portas assomaram acima deles. Mina Harker, os olhos queimando como gelo, olhou para os dois enquanto batia numa das almofadas das portas, os golpes dos nós dos dedos ecoando alto no espaço vazio como tiros de revólver...

• • •

... Beauregard lembrou-se da Mina Harker quente, descomplicada e direta, se comparada a Florence, Penélope ou Lucy, uma aliada de Kate Reed na crença de que uma mulher deveria se sustentar, deveria ser mais do que uma peça de decoração. Aquela mulher estava morta, e esta criada de rosto branco era seu pálido fantasma. Seward também era um fantasma, assim como Godalming. Juntos, eles, o Príncipe Consorte e o crânio espetado na estaca tinham de prestar contas por muitas vidas humanas arruinadas.

As portas internas se abriram em movimentos barulhentos, e um criado assustador recebeu-os numa antessala bem iluminada. As malformações extensas e grotescas de seu corpo eram enfatizadas por um terno multicolor feito sob medida. Ele não era a vítima renascida de um catastrófico fracasso na tentativa de mudar de forma, mas um quente que sofria de enormes defeitos de nascença. A espinha era drasticamente corcunda, calombos protuberantes brotando das costas; os membros, com a exceção do braço esquerdo, eram inchados e retorcidos. A cabeça era cheia de bulbos ósseos, coberta por poucos cabelos, e o semblante era quase completamente escondido por verrugas. Mycroft preparara Beauregard para isso, mas ainda assim ele sentiu uma pena terrível do homem.

— Boa noite — disse Beauregard. — Merrick, não?

Um sorriso formou-se em algum lugar nos sulcos flácidos do rosto de Merrick. Ele respondeu ao cumprimento, a voz quase ininteligível pelo excesso de pele em torno da boca.

— Como está Sua Majestade esta noite?

Merrick não respondeu, mas Beauregard imaginou uma expressão no espaço ilegível de seus traços. Havia uma tristeza em seu único olho exposto, e uma amargura nos lábios retorcidos.

Entregou um cartão a Merrick e disse:

— Cumprimentos do Clube Diógenes.

O homem compreendeu, e sua enorme cabeça inclinou-se. Era mais um servo da cabala dirigente.

Merrick conduziu-os pelo corredor, curvado como um gorila, o braço comprido impulsionando o corpo como um cajado. Aparentemente, o Príncipe Consorte divertia-se em manter a pobre criatura à mão. Beauregard não pôde evitar sentir uma repulsa adicional pelo vampiro. Merrick bateu às portas que tinham três vezes sua altura...

• • •

... ela percebeu, ridiculamente tarde, que Charles não temia o que quer que fosse enfrentar no Palácio. Temia por ela, temia as consequências de algo prestes a acontecer. Ele pegou em sua mão e apertou-a.

— Gené — Charles disse, a voz pouco mais que um sussurro —, se você sofrer pelo que farei, peço sinceras desculpas...

Ela não entendeu. Enquanto sua mente acelerava para acompanhá-lo, ele inclinou-se e beijou-a, na boca, do jeito quente. Ela sentiu seu gosto e lembrou-se de tudo...

• • •

... a voz dela era serena no escuro.

— Isto pode durar para sempre, Charles. Para sempre, de verdade.

Ele se lembrou da reunião com Mycroft.

— Nada é para sempre, querida...

• • •

... o beijo se desfez, e ele afastou-se, deixando-a desnorteada. Então, as portas se abriram e eles foram autorizados a se apresentar diante de Sua Majestade e de Sua Alteza.

Mal iluminado por candelabros quebrados, o salão do trono era um chiqueiro infernal de pessoas e animais, as paredes requintadas de outrora rachadas e manchadas. Quadros sujos e maltratados penduravam-se em ângulos estranhos, ou amontoavam-se com descuido, atrás da mobília. Criaturas rindo, choramingando, rosnando, gemendo e gritando aglomeravam-se em sofás e tapetes. Um carpatiano quase nu lutava com um macaco gigantesco, os pés rabiscando e escorregando num mármore cheio de secreções. O mau cheiro de sangue seco e excremento era tão forte quanto fora no número 13 de Miller's Court.

Merrick os anunciou ao grupo, o palato sofrendo enquanto ele pronunciava os nomes. Alguém fez uma observação grosseira em alemão. Uma onda de risos cruéis atravessou o barulho, e então foi cortada pelo aceno de uma mão do tamanho de um pernil. O gesto fez a congregação parar; o carpatiano esmagou a cara do macaco no chão e quebrou a espinha do animal, dando um fim prematuro ao teste de força.

Na mão erguida, um anel com uma enorme pedra preciosa continha os reflexos ardentes de sete chamas. Ela reconheceu o Koh-i-Noor, ou Lago da Noite, o maior diamante do mundo e a peça central da coleção conhecida como as Joias da Coroa. Seus olhos foram atraídos pela luz brilhante, e para o vampiro que a ostentava. O Príncipe Drácula estava sentado no trono, maciço como uma estátua comemorativa, o rosto imensamente inflado, de um vermelho rico sob o cinza murcho. Bigodes endurecidos por sangue recente penduravam-se até o peito, seu cabelo grosso, solto nos ombros, e o queixo, preto com a barba por

fazer, cheio do molho de sua última refeição. A mão esquerda segurava, sem muito empenho, o orbe real, que, nela, parecia do tamanho de uma bola de tênis.

• • •

Charles tremeu na presença do inimigo, o cheiro atingindo-o como bofetadas. Geneviève o segurou e olhou em volta.

— Eu nunca imaginei... — ele murmurou —, nunca...

Uma capa de veludo preto, esfarrapada nas pontas e com colarinho de pele de arminho, prendia-se aos ombros de Drácula como as asas de um gigantesco morcego. De resto, estava nu, o corpo coberto de pelos emaranhados, sangue coagulando no peito e nos membros. Seu membro viril branco estava enrolado no colo, a ponta escarlate como a língua de uma víbora. Seu corpo estava inchado de sangue, veias grossas como cordas pulsando visivelmente no pescoço e nos braços. Quando vivo, Vlad Tepes tinha sido um homem abaixo da estatura mediana; agora, era um gigante. Sua espinha devia ser da espessura de uma árvore para aguentar um corpo assim.

Uma moça quente correu pela sala, perseguida por um dos carpatianos. Era Rupert von Hentzau, o uniforme em farrapos, um rubor no rosto. Os ossos do crânio deslocavam-se enquanto ele andava pesadamente, distorcendo e reagrupando seu rosto. Ele derrubou a moça com um golpe de sua garra, arranhando a pele e a seda das costas. Depois começou a rasgar-lhe as costas e os flancos com a mandíbula de três articulações, comendo a carne e bebendo o sangue. À medida que se alimentava, Hentzau assumia a forma de um lobo, livrando-se das botas e das calças em movimentos sinuosos. A garota morreu instantaneamente.

Drácula sorriu, os dentes amarelos do tamanho e do formato de polegares pontiagudos. Geneviève encarou o rosto largo do Rei dos Vampiros.

A rainha estava ajoelhada diante do trono, uma coleira de pontas em volta do pescoço, presa por uma corrente maciça a um bracelete folgado no pulso de Drácula. Estava de camisola e meias finas, o cabelo castanho solto, sangue no rosto. Era impossível ver, naquela figura maltratada e desamparada, a antiga mulher corpulenta que havia sido. Geneviève tinha esperança de que a rainha estivesse louca, mas temia que tivesse plena consciência do que se passava à sua volta. Vitória virou o rosto para não ver a refeição do carpatiano.

— Majestades — disse Charles, inclinando a cabeça.

Uma enorme gargalhada explodiu da bocarra dentuça de Drácula. O mau cheiro de seu bafo encheu o salão. Era um cheiro de coisa morta e podre.

— Sou Drácula — ele disse, em inglês surpreendentemente brando e sem sotaque. — E quem seriam esses bem-vindos visitantes?

...

... sua cabeça estava no meio de um redemoinho, de um pesadelo. Em seu coração, uma determinação de aço. Tudo o que viu o fez um *justum et tenacem propositi virum*, um homem justo e tenaz em seu propósito. Mais tarde, se sobrevivesse, sucumbiria à náusea. Agora, nesse momento crucial, ele precisaria estar em completo controle de si mesmo.

Jamais inteiramente um soldado, Beauregard aprendera estratégia na escola e no campo de batalha. Ele sabia, sem parecer ter notado, as posições relativas de todos no salão do trono. Poucos deles importavam, mas ele estava particularmente preocupado com Geneviève, Merrick e, sem saber exatamente por quê, Mina Harker. Todos, por acaso, estavam atrás dele.

O homem e a mulher no tablado eram o foco de sua atenção; a rainha, cujo sofrimento visível apertava-lhe o coração, e o Príncipe, que estava sentado à vontade no trono, personificando o caos à sua volta. O rosto de Drácula parecia pintado na água; às vezes paralisado como gelo liso e duro, mas na maior parte do tempo em movimento. Beauregard percebeu outros rostos por baixo. Os olhos vermelhos e os dentes de lobo eram fixos, mas, em volta deles, abaixo das bochechas rugosas, havia uma forma em constante mudança; às vezes um focinho molhado e peludo, outras vezes um crânio magro e polido.

Um jovem vampiro meticulosamente vestido, uma explosão de laços escapando pelo colarinho, subiu no tablado.

— Estes são os heróis de Whitechapel — ele explicou, um lenço esvoaçando diante do nariz e da boca. Beauregard reconheceu o primeiro-ministro.

— Devemos a eles a destruição dos assassinos desesperados conhecidos como Jack, o Estripador — continuou Lorde Ruthven. — O Dr. Seward, de infame memória, e, ah, Arthur Holmwood, o terrível traidor...

O Príncipe deu um sorriso cruel, os bigodes rangendo como tiras de couro. Ruthven, pai-das-trevas de Godalming, ficou visivelmente irritado ao mencionar os eventos medonhos em que, acreditava-se, seu protegido estava envolvido.

— Vocês nos serviram com muita lealdade, meus súditos — Drácula disse, o elogio soando como uma ameaça...

...

... Ruthven estava em pé ao lado de Drácula, completando a tríade de governantes, os vampiros anciãos e a rainha renascida. Não havia dúvida de que Vlad Tepes era o vértice desse triângulo de poder.

Ela conhecera Ruthven há quase um século, enquanto viajava pela Grécia. Ele lhe parecera, na época, um diletante divertindo-se desesperadamente com passatempos românticos, mas oprimido pela aridez de sua longa vida. Como

primeiro-ministro, trocara o tédio pela incerteza, pois devia saber que, quanto mais alto subisse, maior a probabilidade de, cedo ou tarde, ser lançado às profundezas. Ela imaginou se alguém mais conseguia ver o medo que se aninhava, como um rato, no peito de Lorde Ruthven.

Drácula olhou Beauregard de cima a baixo, quase com benevolência. Geneviève sentiu o sangue de seu amante ferver e percebeu que ela própria adotara uma postura agressiva, os dentes expostos e os dedos curvados em garras. Fez um esforço para permanecer discreta diante do trono.

O Príncipe voltou sua atenção para ela e ergueu uma das sobrancelhas grossas. O rosto de Drácula era uma massa de cicatrizes sobrepostas que percorriam suas feições harmoniosas.

— Geneviève Dieudonné — ele disse, girando o nome pela língua, tentando espremer um significado das sílabas. — Já tinha ouvido falar em você, em tempos passados.

Ela estendeu as mãos vazias.

— Quando eu era novo neste estado abençoado — ele continuou, gesticulando expressivamente —, falavam muito bem de você. Foi uma tarefa exaustiva acompanhar as peregrinações de nossa espécie. Às vezes, recebia notícias suas.

Enquanto falava, o Príncipe parecia inchar. Ela desconfiou que ele optara por andar nu não apenas porque podia, mas porque nenhuma roupa era capaz de conter sua constante mudança de forma.

— Acredito que você era amiga de uma parente minha.

— Carmilla? Sim.

— Uma flor delicada, de quem temos triste saudade.

Geneviève concordou com um movimento da cabeça. A solicitude daquele monstro era doentiamente doce, difícil de engolir sem sentir náusea. Do mesmo modo que um senhor passa a mão, afetuosamente mas sem pensar, na cabeça de seu velho cão de caça, o Príncipe estendeu a mão e acariciou o cabelo emaranhado da rainha. O pânico brotou nos olhos de Vitória. Na base do tablado do trono, havia um grupo unido de mulheres *nosferatus*, as esposas de Drácula. Todas lindas, trajavam-se sem modéstia, expondo pernas, braços, seios e quadris. Sibilavam e contorciam-se de desejo, como gatas. A rainha claramente aterrorizava-se com elas. Os enormes dedos de Drácula circundaram o crânio frágil de Vitória e apertaram levemente.

— Minha senhora — ele continuou — por que não veio à minha corte antes? Deveríamos tê-la recebido em nosso Castelo de Drácula, do qual temos triste saudade, na Transilvânia, ou em nossa propriedade mais moderna, aqui. Todos os anciãos são bem-vindos.

O sorriso de Drácula era persuasivo, mas, por trás dele, havia dentes.

— Ofendo-lhe tanto assim, minha senhora? Você vagou de um lugar a outro durante séculos, sempre temendo os quentes invejosos. Como todos os mortos-vivos, era uma pária na face da Terra. Isso não era uma injustiça? Molestados por seres inferiores, negavam-nos o consolo da igreja e a proteção da lei. Você e eu, nós dois, perdemos garotas que amávamos para camponeses com lanças afiadas e foices de prata. Sou chamado de empalador, mas não foi Drácula quem perfurou o coração de Carmilla Karnstein, ou de Lucy Westenra. Meu beijo negro traz vida, doce e eterna; é a faca de prata que traz a morte, fria, vazia e interminável. As noites sombrias acabaram, e fomos elevados à nossa posição de direito. Foi isso que fiz de bom para todos os *nosferatus*. Nenhum deles precisa mais se esconder entre os quentes, nenhum precisa sofrer a febre mental da sede vermelha. Filha-das-trevas de Chandagnac, você partilha de tudo isso, e ainda assim não tem amor nenhum por Drácula. Isso não é triste? Não é a atitude de uma mulher superficial e ingrata?

A mão de Drácula estava em volta do pescoço de Vitória, o polegar acariciando sua garganta. Os olhos da rainha estavam abatidos.

— Você não estava sozinha, Geneviève Dieudonné? E não está entre amigos agora? Entre iguais?

Ela tornara-se morta-viva meio século antes de Vlad Tepes. Enquanto ela se transformava, esse príncipe era um bebê de colo, que logo seria entregue a uma vida de cativo.

— Empalador — ela declarou —, não tenho iguais.

• • •

... quando o Príncipe olhou furiosamente para Geneviève, Beauregard deu um passo à frente.

— Trouxe um presente — ele disse, a mão no bolso interno do fraque — um souvenir de minhas explorações no East End.

Os olhos de Drácula revelaram a avareza filisteia de um verdadeiro bárbaro. A despeito dos títulos imponentes, ele mal estava a uma geração de seus ancestrais, valentões das montanhas. Esse Príncipe adorava coisas bonitas. Brinquedos brilhantes, resplandecentes. Beauregard tirou um embrulho de pano do bolso interno e o abriu.

Uma luz prateada explodiu.

Vampiros que se alimentavam no escuro, ruidosamente sugando a carne de jovens e garotas, estavam agora todos em silêncio. Poderia ser uma ilusão, mas a pequena lâmina cintilava, uma Excalibur em miniatura, iluminando o salão inteiro. A fúria contorceu a testa de Drácula, depois desdém e júbilo

transformaram seu rosto numa máscara de boca aberta. Beauregard ergueu o bisturi de prata de Jack Seward.

— Você acha que pode me desafiar com essa pequena agulha, inglês?

— É um presente — ele respondeu. — Mas não para você.

Geneviève afastou-se devagar, em dúvida. Merrick e Mina Harker estavam muito distantes para interferir na ação. Carpatianos abandonaram suas diversões e formaram um semicírculo lateral. Algumas vampiras do harém levantaram-se, as bocas vermelhas molhadas e ávidas. Não havia ninguém entre Beauregard e o tablado, mas se ele fizesse um movimento na direção de Drácula, uma parede sólida de osso e carne de vampiro iria formar-se.

— Para minha rainha — Charles disse, jogando a faca.

A prata refletiu nos olhos de Drácula, enquanto a raiva explodia escura em suas pupilas. Vitória apanhou o bisturi no ar...

• • •

... tudo tinha sido para aquele momento, para trazer Charles à presença de Suas Majestades, para cumprir aquela missão. Geneviève, com o gosto dele em sua boca, compreendeu...

• • •

... a rainha enfiou a lâmina no peito, grampeando o vestido em suas costelas, perfurando o coração. Para ela, tudo acabou rapidamente. Com um gemido de alegria, caiu do tablado, sangue gotejando do ferimento fatal, e rolou pelos degraus, a corrente chacoalhando ruidosamente com ela enquanto se desenrolava. *Sic transit Victoria Regina*.

O primeiro-ministro abriu caminho através do harém, empurrando as harpias, e agarrou com força o corpo da rainha. A cabeça de Vitória caiu quando ele extraiu o bisturi, puxando-o de uma só vez. Ruthven pressionou a mão sobre o ferimento, como se quisesse trazê-la de volta à vida. Não adiantou. Ele se levantou, ainda segurando a faca de prata. Seus dedos começaram a fumegar, e ele lançou fora o bisturi, expressando com um uivo a própria dor. Cercado pelas esposas de Drácula, seus rostos se transformando com fome e fúria, o primeiro-ministro tremeu dentro de seus trajes enfeitados.

Beauregard aguardou o dilúvio.

O Príncipe — não mais Consorte — pôs-se de pé, a capa ondulando à sua volta como uma nuvem carregada. Imensos caninos explodiram de sua boca, as mãos tornaram-se penças de lanças pontiagudas. Seu poder tomara um golpe do qual jamais se recuperaria. Albert Edward, Príncipe de Gales, era o rei agora; e o padraço que o despachara para um exílio prazeroso, mas sem finalidade, em

Paris, provavelmente não exerceria nenhuma grande influência sobre ele. O Império que Drácula usurpara iria se erguer contra ele.

Se Beauregard morresse agora, teria feito o bastante.

Drácula levantou a mão, a corrente inútil pendendo de seu pulso, e apontou para Beauregard. Incapaz de falar, expelia fúria e ódio.

A falecida rainha tinha sido a avó da Europa. Sete de seus filhos ainda estavam vivos, quatro deles, quentes. Por meio do casamento e do consentimento, eles uniam as realezas da Europa. Mesmo que Albert fosse afastado, havia pretendentes suficientes para reivindicar o trono. Por ironia, o Rei Vampiro poderia ser rebaixado por um bando de hemofílicos coroados.

Beauregard deu alguns passos para trás. Os vampiros, subitamente sóbrios, uniram-se. As mulheres do harém e os oficiais da guarda. As mulheres atacaram primeiro e o derrubaram no chão, rasgando-o...

• • •

... Charles tentara salvá-la, deixando-a de fora dos planos do Clube Diógenes, mas ela teimosamente insistira em ver Drácula em seu covil. Agora ambos provavelmente morreriam.

Ela foi afastada aos empurrões pelas mulheres de Drácula. Elas queriam Charles, com garras e bocas vermelhas. Pôde sentir as unhas cortantes das criaturas no rosto e nas mãos de Beauregard. Ela puxou uma das gatas infernais — aquela cadela da Estíria, Condessa Barbara de Cilly, de Graz, se Geneviève não estivesse enganada — da refrega e, gritando, arremessou-a ao outro lado do salão. Geneviève expôs os dentes e sibilou para a mulher caída.

A raiva a fortalecera.

Caminhou a passos largos até o amontoado que se formara sobre Charles e o libertou, puxando-o, socando e golpeando com as mãos. Em seu covil, as cortesãs ficavam frágeis, saciadas. Foi relativamente fácil afastar as mulheres de Drácula. Geneviève viu-se guinchando e cuspiendo nas outras criaturas, arrancando tufo de cabelos e arranhando olhos vermelhos. Charles sangrava, mas ainda estava vivo. Ela lutou por ele como a loba luta por suas crias.

As gatas infernais arrastaram-se para trás, afastando-se de Geneviève, dando-lhe espaço. Charles estava em pé a seu lado, ainda atordoado. Hentzau surgiu diante deles, o campeão de Drácula. A parte inferior de seu corpo era humana, mas ele tinha dentes e garras de animal. Cerrou o punho e uma ponta de osso saiu dos nós dos dedos. Aumentou de tamanho, reta e afiada.

Ela retrocedeu, fora do alcance do florete de osso. As cortesãs recuaram, formando um círculo, como a multidão de espectadores de uma luta de boxe. Ainda algemado à rainha morta, Drácula observava. Hentzau rodopiou, sua

espada movendo-se mais rápido do que ela conseguiu enxergar. Ela ouviu o sussurro da lâmina e, instantes depois, percebeu que seu ombro estava aberto, uma fina linha vermelha escorrendo pelo vestido. Ela agarrou uma banqueta e levantou-a como escudo, desviando o segundo corte. Hentzau perfurou o tecido e a almofada da banqueta, fincando a borda da lâmina na madeira. Quando ele puxou a espada-osso de volta, parte da crina do estofamento caiu pelo rasgo.

— Lutando com a mobília, hein? — zombou Hentzau.

Hentzau desferiu golpes perto do rosto de Geneviève, e cachos cortados de seu cabelo flutuaram. De algum lugar ao lado da porta veio um grito, e algo foi jogado no chão diante de Charles...

• • •

... a voz estrangulada era de John Merrick. Ao pé de Charles estava sua bengala-espada. A pobre criatura a tomara à força das mãos de um laçao. Beauregard não esperava sobreviver à rainha. Para ele, aqueles segundos pertenciam à vida após a morte.

O vampiro que projetara uma espada de seu esqueleto aproximou-se de Geneviève. Hentzau não considerava um homem quente digno de preocupação. Estava em pé, ágil, os músculos de esgrimista movendo-se em seus joelhos, o braço-espada afiado o bastante para cortar fora uma cabeça.

Beauregard apanhou sua bengala e desembainhou a espada de prata. Entendeu como o demônio da Ruritânia devia se sentir, com uma arma como extensão do próprio braço.

Com um tapa, Hentzau arrancou a banqueta das mãos de Geneviève. Deu um sorriso cruel e retrocedeu para uma investida no coração da anciã. Beauregard desfechou um golpe enviesado, destruindo a pontaria de Hentzau, e puxou de volta a espada na diagonal, o fio da lâmina escorregando sob a mandíbula do guarda, deslizando através de pelos grossos, cortando a pele e raspando o osso.

O demônio da Ruritânia uivou de dor e virou-se para Beauregard. Iniciou um ataque, a ponta do braço-espada projetando-se como uma flor boca-de-leão. Mesmo em agonia, ele era rápido e preciso. Beauregard desviou de uma série de golpes. De repente, veio uma investida. Sentiu uma fígada logo abaixo das costelas. Lançando-se para trás, meio segundo à frente da lâmina afiada, seus calcanhares derraparam no mármore. Caiu de modo desajeitado, sabendo que Hentzau se aproximaria e perfuraria suas artérias. As mulheres do harém beberiam das fontes de seus ferimentos.

Hentzau ergueu seu braço-espada como uma foice; a lâmina começou a descer, zunindo. Beauregard sabia que o movimento em arco terminaria em seu pescoço. Pensou em Geneviève. E Pamela. Com um espasmo, ergueu o próprio

braço para impedir o golpe. O cabo da espada escorregou ligeiramente em seu pulso suado e ele o apertou com força.

O choque de um impacto percorreu-lhe o corpo todo. O braço de Hentzau bateu contra a lâmina de prata de Beauregard. O guarda cambaleou. O braço-espada caiu como um bloco morto, totalmente decepado na altura do cotovelo. Enquanto o sangue jorrava, Beauregard rolou no chão, desviando-se.

Ele voltou a ficar de pé. O guarda apertou o coto e tombou. Seu rosto tornou-se humano, os pelos caíram. Depois que os uivos de Hentzau transformaram-se numa sucessão de gemidos sufocados, ouviu-se um estrepitoso tinido metálico. Beauregard e Geneviève viraram-se para a fonte do barulho.

O Príncipe Drácula estava em pé no tablado. Ele removera de seu braço a corrente da rainha, soltando-a no chão...

• • •

... desceu do trono, soltando fumaça pelas narinas. Por séculos, ele se considerara um ser superior, apartado da humanidade; menos deslumbrada por fantasias egoístas, ela sabia ser apenas um carrapato escondido nos quentes. Inflado como estava, o Príncipe parecia quase letárgico.

Ela segurou Charles e dirigiu-se à porta. Diante deles surgiu o primeiro-ministro. Ele era civilizado, quase efeminado, se comparado ao grupo.

— Afaste-se, Ruthven — ela sibilou.

Ruthven ficou em dúvida. Com a rainha morta de verdade, as coisas iriam mudar. Disposta a tentar qualquer coisa, ela mostrou seu crucifixo. Ruthven, surpreso, quase riu. Ele poderia tê-los barrado, mas hesitou — sempre político —, e então saiu do caminho.

— Muito inteligente, milorde — ela disse, calmamente.

Ruthven deu de ombros. Ele sabia que um Império havia soçobrado. Ela imaginou que ele iria concentrar-se, de imediato, na própria sobrevivência. Anciãos eram habilidosos em sobrevivência.

Merrick abriu as portas. Na antessala, estava uma assustada Mina Harker, indecisa em sua perplexidade. Todos vacilavam, tentando acompanhar as rápidas mudanças. Algumas cortesãs haviam desistido e voltado aos seus prazeres.

A sombra de Drácula cresceu, sua fúria expandindo-se como um nevoeiro.

Ela ajudou Charles a sair do salão do trono. Lambeu o sangue de seu rosto e sentiu a força em seu coração. Juntos, enfrentariam esse turbilhão.

— Eu não podia lhe contar — ele tentou explicar.

Ela o silenciou.

Merrick fechou as portas e encostou nelas suas costas enormes. Soltou um longo uivo que poderia ter significado “fujam”. Alguma coisa bateu

violentamente contra o outro lado da porta, e uma mão em garra atravessou acima da cabeça de Merrick, a doze pés do nível do piso, despedaçando a madeira. A mão cerrou o punho e aumentou o buraco. As portas tremiam como se um rinoceronte estivesse investindo contra elas. Uma das dobradiças superiores voou para fora.

Ela cumprimentou Merrick e partiu mancando, Charles a seu lado...

• • •

... ele disse a si mesmo para não olhar para trás.

Enquanto corriam, Beauregard ouviu as portas arrebentando, e Merrick sendo esmagado pela madeira e pisoteado. Mais um herói maltratado, perdido rápido demais para que sua morte fosse lamentada.

Passando impetuosamente por Mina Harker, saíram da antecâmara para o saguão, que estava repleto de vampiros uniformizados. Uma dúzia de boatos diferentes os alvoroçava.

Geneviève o empurrou para a frente.

Ele ouviu o estrondo da perseguição. Em meio ao barulho das botas, ouviu-se um som singular. Ele sentiu a corrente de ar de gigantescas asas batendo.

Guardas aturdidos deixaram-nos atravessar as portas do Palácio...

• • •

... o sangue de Geneviève acelerou. Não havia carruagem alguma, é claro. Teriam de seguir a pé e desaparecer em meio à multidão. Na cidade mais populosa do planeta, iria ser fácil se esconder.

Enquanto, aos tropeços, desciam a larga escadaria, uma unidade de carpatianos marchava escada acima, as espadas trepidando estrepitosamente em suas bainhas. No comando estava o general de quem todos zombavam pelas costas, Iorga.

— Rápido! — ele gritou — o Príncipe Consorte, a rainha! Tudo estará perdido!

Iorga tentava parecer resoluto, e não deleitado pela perspectiva de que algum mal desconhecido acometera seu comandante-em-chefe. A unidade redobrou a velocidade e se espremeu na entrada do Palácio, justamente no instante em que o séquito de Drácula tentava sair. Eles já teriam atravessado os portões principais quando os carpatianos se desembaraçassem.

Charles, a euforia do duelo desaparecendo, limpou o rosto com a manga da camisa. Ela segurou seu braço, e eles caminharam, inclinados, para longe da gritaria.

— Gené, Gené, Gené — ele murmurou em meio ao sangue.

— Quietos — ela falou, conduzindo-o à frente. — Temos que nos apressar.

• • •

... pessoas, quentes e mortos-vivos, passavam correndo de todos os lados. O Palácio estava sendo atacado e protegido ao mesmo tempo. No parque, um coro de manifestantes entoava cânticos, bloqueando a passagem do carro de bombeiros. Nas trilhas, cavalos corriam à solta, chutando para cima projéteis de cascalho.

Ele precisava tomar fôlego. Geneviève, que apertava seu braço com força, deixou-o fazer uma pausa. No instante em que parou de correr, percebeu a severidade dos golpes que havia sofrido. Apoiou-se na espada desprotegida e aspirou ar frio para os pulmões. Mente e corpo tremiam. Era como se tivesse morrido no salão do trono e fosse, agora, um ectoplasma expelido das entranhas da Terra.

Adiante, um grupo de pessoas apinhava-se nos portões do Palácio. A simples pressão de seu peso fez com que caíssem para dentro, derrubando dois guardas. Aquele tumulto veio num momento muito conveniente. O Clube Diógenes estava cuidando dos seus. Ou seus outros amigos, do Círculo de Limehouse, estavam intervindo para salvá-lo. Ou ele estava perdido nas marés da História, e aquilo era apenas uma feliz coincidência.

Empunhando tochas e crucifixos, uma multidão de brutamontes, rostos riscados com cortiça queimada, irrompeu no pátio. A líder era uma freira, a touca na cabeça revelando alguns traços de um rosto chinês. Pequenina e ágil, ela convocou os seguidores e apontou para o céu.

Uma escuridão mais profunda que a noite caiu. Uma enorme sombra surgiu em toda parte, encobrindo a multidão. Duas luas vermelhas olhavam para baixo. Asas que batiam vagarosamente derrubavam as pessoas. A coisa em forma de morcego preenchia o céu sobre o Palácio.

Por um instante, a multidão calou-se. Então uma voz ergueu-se contra a sombra. Outras vozes juntaram-se a ela. Tochas foram jogadas no ar, mas não alcançaram. Pedras do chão foram atiradas. Tiros foram disparados. A imensa sombra pairava acima de tudo.

Os homens de Iorga, reagrupados depois do humilhante tombo, investiram contra a multidão com sabres. A turba foi facilmente rechaçada de volta aos portões principais. Beauregard e Geneviève foram tragados para fora do pátio com o recuo. Houve muito barulho, mas poucos danos. A freira chinesa foi a primeira a desaparecer na noite, seus seguidores dispersando-se atrás dela.

Longe dos portões, ele se permitiu olhar para trás. A sombra havia pousado no telhado do Palácio de Buckingham. A criatura em forma de gárgula olhava

para baixo, as asas acomodando-se como uma capa. Beauregard imaginou por quanto tempo o Príncipe conseguiria ficar agarrado a seu poleiro.

Na noite, incêndios ardiam altos. A notícia em breve correria, como um rastilho de pólvora. Em Chelsea, em Whitechapel e em Kingstead; em Exeter, em Purfleet e em Whitby; em Paris, Moscou e Nova York: haveria repercussões, ondas se propagando para mudar o mundo. No parque, havia gritaria. Figuras sombrias dançavam e lutavam...

• • •

... ela sentiu uma ponta de tristeza por perder o cargo. Não voltaria ao Toynbee Hall, e seu trabalho seria passado a outrem. Com ou sem Charles, neste país ou fora dele, abertamente ou às escondidas, ela começaria tudo de novo, construindo uma nova vida. Tudo o que levava consigo era o crucifixo de seu pai. E um bom vestido, um tanto manchado.

Ela tinha certeza de que a criatura no telhado do Palácio, apesar de seus olhos noturnos e seu ponto de observação privilegiado, não conseguia vê-los. Quanto mais avançavam, menor Drácula se tornava. Depois de passarem pelo crânio espetado de Van Helsing, Geneviève olhou para trás e viu apenas escuridão.



Notas e Agradecimentos

Aos 11 anos de idade, permitiram que eu ficasse acordado até tarde para ver *Drácula*, a versão de 1930 de Tod Browning, com Bela Lugosi, na televisão. Não há como exagerar o efeito que este simples ato exerceu no curso subsequente de minha vida. Assim, meu primeiro agradecimento deve ir para meus pais, Bryan e Julia Newman, que suportaram meus interesses bizarros durante a adolescência e além. Uma de minhas primeiras experiências como escritor foi uma peça de uma página, baseada no filme, que escrevi, estreei e dirigi para a aula de teatro de Tony Collins, no Ginásio Dr. Morgan, no outono de 1970. Logo depois, li (e reli) o romance de Bram Stoker e vi todos os filmes de *Drácula* possíveis. Eu tinha até o kit Aurora que brilhava no escuro (“*Frightning Lightning Strikes!*”), com Lugosi como o Conde. Entre meus amigos da época, e até hoje, que aguentaram essa loucura e viam os filmes comigo, devo agradecer a Alex Dunn (*O Jovem Frankeinstein*), Rodney Jones (*Os Ritos Satânicos de Drácula*), Dean Skilton (*Blácula*) e Brian Smedley (*Dracula AD 1972 — No Mundo da Minissaia*). Também, do final dos anos 1970 ao início dos anos 1980 — quando conheci o *Nosferatu* de Murnau e pude comparar com as novas versões de Louis Jourdan, Klaus Kinski, Frank Langella e George Hamilton — agradeço David Cross (*Plan 9 From Outer Space*), Steve Roe (*The Games of the Countess Dolingen of Gratz*), Stefan Jaworzyn (*Dracula Versus Frankenstein*), Nigel Floyd (*Deu a Louca nos Monstros*) e Tom Tunney (*O Maior Fã de Madeline Smith*). Quando por acaso voltei ao prédio do Ginásio

do Dr. Morgan, em fevereiro de 1989, o palco estava montado para a peça daquele ano, *Drácula*, o que considereei um desagravo pessoal.

Eis como este livro se desenvolveu: a primeira vez que tive a ideia de um desfecho alternativo para a história de *Drácula* foi no início dos anos 1980 — lembro-me de ter falado sobre isso com Neil Gaiman e Faith Brooker por volta de 1984 mas o projeto ficou engavetado, até que Stephen Jones me pediu para escrever alguma coisa para uma antologia que ele estava preparando, em 1991, *The Mammoth Book of Vampires* (O Monumental Livro de Vampiros). O pedido de Stephen me levou a finalmente estabelecer os parâmetros de *Anno Dracula*, já que um monumental livro de vampiros deveria contar com a presença do rei dos mortos-vivos. O resultado foi *Red Reign* (Reino Vermelho), que apareceu pela primeira vez no livro de Steve e que foi amplamente canibalizado — e, para quem já leu o original não achar que está perdendo dinheiro, sorrateiramente, alterado aqui. Entretanto, eu já havia sido atraído pelos vampiros em meu trabalho sob o pseudônimo de Jack Yeovil para a GW Books, desenvolvendo não apenas um sistema de vampirismo que, num cruzamento com o sistema de Bram Stoker, sobrevive aqui, mas também uma Geneviève que é uma espécie de prima transcontínua da Geneviève deste romance. Gostaria de agradecer a Bryan Ansell, Phil Gallagher, Neil Jones, Tom Kirby, Martin McKenna, Lindsey Paton e David Pringle por sua influência e encorajamento desta minha linha de trabalho, e os admiradores de Geneviève e de sua raça e laia devem dar uma olhada nos romances de Jack Yeovil *Drachenfels* e *Beasts in Velvet*, e nos contos *No Gold in the Grey Mountains* e *Red Thirst*, além do livro *Geneviève Undead*, que contém as novelas *Stage Blood*, *The Cold Stark House* e *Unicorn Ivory*.

É claro que este romance não existiria sem o *Drácula*, de Bram Stoker (1897). E, ao me apoderar do material de Stoker, também devo reconhecer minha dívida para com muitos estudiosos. Os mais consultados foram Leonard Wolf (*The Annotated Dracula*) e Christopher Frayling (*Vampyres: Lord Byron to Count Dracula*), que salientam muitos dos aspectos que acabei explorando, mas não subestimo Basil Copper (*The Vampire in Legend, Fact and Art*), Richard Dalby (*Dracula's Brood*), Daniel Farson (*The Man Who Wrote Dracula*), Donald F. Glut (*The Dracula Book*), Peter Haining (*The Dracula Centenary Book*), Raymond T. McNally e Radu R. Florescu (*In Search of Dracula/Em busca de Drácula e Outros Vampiros*, no Brasil), Michel Parry (*The Rivals of Dracula*), Barry Pattison (*The Seal of Dracula*), David Pirie (*The Vampire Cinema*), Alan Ryan (*The Penguin Book of Vampire Stories*), Alain Silver e James Ursini (*The Vampire Film*), David J. Skal (*Hollywood Gothic: The Tangled Web of Dracula from Novel to Stage to Screen*) e Gregory Waller (*The Living and the Undead*). Além disso, por inúmeros detalhes históricos, literários e frívolos, devo dar

crédito a W. S. Baring-Gould (*Sherlock Holmes: A Biography* e *The Annotated Sherlock Holmes*), Paul Begg, Martin Fido e Keith Skinner (*Jack the Ripper A to Z*), Richard Ellman (*Oscar Wilde*), Philip José Farmer (*Tarzan Alive* e *Doc Savage: His Apocalyptic Life*), Andrew Goodman (*Gilbert and Sullivan's London*), a tradução de Steve Gooch de *The Lulu Plays*, de Frank Wedekind, Melvin Harris (*The Ripper Filé*), Michael Harrison (*The World of Sherlock Holmes*), Beth Kalikoff (*Murder and Moral Decay in Victorian Popular Literature*), Laurence Lerner (*The Victorians*), Norman e Jeanne Mackenzie (*The Time Traveller: The Life of H. G. Wells*), Sally Mitchell (*Victorian Britain: An Encyclopedia*), Arthur Morrison (*A Child of the Jago*, com um estudo biográfico de P. J. Keating) e David Pringle (*Imaginary People: A Who's Who of Modern Fictional Characters*). Devo um agradecimento especial a Norman Mackenzie e Laurence Lerner; este é o segundo romance (o primeiro foi *Jago*) extraído de minha experiência do curso “Late Victorian Revolt” (As Últimas Revoltas Vitorianas), na Universidade de Sussex, em 1979. Entre as várias pessoas que passaram os olhos pelos manuscritos, de diversas formas, gostaria de agradecer Eugene Byrne por sua minuciosa revisão histórica, Steve Jones, Antony Harwood e Maureen Waller.

Na datação de *Drácula*, Bram Stoker não especifica o ano em que os acontecimentos do romance ocorrem. Frayling afirma de modo persuasivo que a intenção do autor seria o ano de 1893, enquanto que Wolf e Haining optam por 1887. O fato é que nenhuma das alternativas é inteiramente suficiente. Publicado em 1897, o romance termina com um capítulo passado no presente do autor, localizando a parte principal da história sete anos antes, mas inúmeros detalhes — como o uso da expressão “nova mulher” surgida em 1892, ou mesmo o sofisticado fonógrafo do Dr. Seward — contradizem isso. Arredondei o ano — como fizeram Jimmy Sangster, Terence Fisher e Hammer Films em seu *Drácula*, de 1958 (*O Vampiro da Noite*, no Brasil) — para 1885 e optei por mudar para uma linha temporal alternativa no meio do capítulo 21 do livro de Stoker, na página 249 da edição comentada de Wolf. O *Drácula* de Bram Stoker já é uma história alternativa, que se passa numa linha temporal em que o progresso social e mecânico avançou ligeiramente mais rápido do que na nossa, em que Chicksand Street e Picadilly são vias públicas consideravelmente mais longas do que as que utilizamos, e em que Londres ostenta o Cemitério de Kingstead, na região de Hampstead Heath, presumivelmente correspondendo ao nosso próprio Cemitério de Highgate.

Ao reescrever a história, tomei como ponto de partida o mundo imaginado por Stoker, em vez de nosso próprio, a ponto de apresentar ao público Kate Reed, uma personagem concebida por Stoker para *Drácula*, mas omitida do

romance. Outros autores de destaque que contribuíram para a criação deste mundo de consenso, onde Dr. Jeckyll e Dr. Moreau podem compartilhar uma pesquisa, ou o Inspetor Lestrade e o Inspetor Mackenzie mantêm uma rivalidade amigável, devem ser conhecidos o suficiente para não precisarem de maiores apresentações, mas, dada a importância que algumas figuras secundárias ganharam à medida que o livro se desenvolveu, talvez eu deva direcionar o leitor interessado a Alexandre Dumas (*A Dama Pálida*), Conde Eric Stenbock (*The True Story of a Vampire*, conto que encontrei da antologia de James Dick, *The Undead*), George A. Romero (*Martin*), e o sempre confiável Anônimo (*The Mysterious Stranger*), para nossos valorosos carpatianos Kostaki, Vardalek, Cuda e von Klatka. As mães e pais-das-trevas dos outros vampiros que aparecem ao longo destas páginas irão, espero, aceitar o reconhecimento e entender que fiz o melhor possível para cuidar bem de suas linhagens.

Como de costume, devo mencionar várias pessoas que foram simpáticas comigo durante a composição deste romance, influenciando sutilmente o texto através de telefonemas tarde da noite, de respostas dadas voluntariamente a perguntas bizarras, de conversas cada vez mais degeneradas durante jantares em lugares estranhos, e do entusiasmo geral e agradável. Em particular, Susan Byrne tranquilizou-me em meio às dificuldades do capítulo 14. Agradeço também Julie Akhurst, Pete Atkins, Clive Barker (pela tarde em que eu, bêbado, reclamei da extensão do romance *Imajica*), Saskia Baron, Clive Bennett, Anne Billson (em breve: o romance de vampiros dela), Steve Bisette, Peter Bleach, Scott Bradfield, Monique Brocklesby (mais sangue, mais sangue), John Brosnan, Molly Brown (capítulo 45!), Allan Bryce, Mark Burman, Ramsey Campbell, Jonathan Carroll, Kent Carroll, Dave Carson (seu homem), Tom Charity, Steve Coram, Jeremy Clarke, John e Judith Clute (mais paronomásia, agora!), Lynne Cramer, Stuart Crosskell, Colin Davis, Meg Davis, Phil Day, Elaine di Campo, Wayne Drew, Alex Dunn, Malcolm e Jax Edwards, Chris Evans, Richard Evans, Dennis e Kris Etchison, Tom FitzGerald, Jo Fletcher, Christopher Fowler, Barry Forshaw, Adrian e Ann Fraser, Kathy Gale (Nodding Dog, Nodding Dog), Steve Gallagher, David Garnett, Lisa Gaye, John Gilbert (pela tarde em que eu, bêbado, reclamei por não ter sido pago), Charlie Grant, Colin Greenland, Beth Gwinn, Rob Hackwill, Guy Hancock, Phil Hardy (Crouch End Luncheon Society), Louise Hartley-Davies, Elizabeth Hickling, Susannah Hickling, Rob Holdstock, David Howe, Simon Ings, Peter James, Trevor Johnstone, Alan Jones, Graham Joyce (Mal Infinito em Leicester), Roz Kaveney, Joanna Kaye (uma das esguias sombrias), Leroy Kettle, Mark Kermode (desculpe, sem Linda Blair), Roz Kidd (por uma tarde interessante em Islington), Alexander Korzhenevski, Karen Krizanovich (nariz bonito), Andy Lane (informações sobre

o Círculo de Limehouse), Joe Lansdale, Stephen Laws (que certamente beberia no Ten Bells), Christopher Lee (e Gitte, por duas semanas em outra cidade), Amanda Lipman, Paul J. McAuley (Parceiro em Muitos Crimes), Dave McKean, Tim Mander, Nigel Matheson, Mark Morris, Alan Morrison (e Gowan, por me colocar num trem), Cindy Moul (beijos), Dermot Murnaghan (por George Formby), Sasha Newman, David Newton, Terry Pratchett, David Roper, Jonathan Ross, Nick Royle, Geoff Ryman, Clare Saxby, Trevor Showler, Skipp 'n' Spector, Adrian Sibley, Dave Simpson, Brian Stableford, Janet Storey (mais ou menos), Dave e Danuta Tamlyn, Lisa Tuttle, Alexia Vernon, Karl Edward Wagner, Howard Waldrop (eu não mereço!), Mike e Di Wathen, Sue Webster, Chris Wicking, F. Paul Wilson, Doug Winter, Miranda Wood, John Wrathall e todos os murgatroyds.

Por coincidência, estou assinando esta conclusão em 3 de maio, exatamente o dia em que *Drácula* começa, com a chegada de Jonathan Harker na Transilvânia. Então, foi aí que entramos...

Kim Newman
Crouch End, 1992



Anno Dracula: Guia de Personagens

por Susana Alexandria

Relação de personagens emprestados de outras obras de ficção (por ordem de aparição)

Livros, peças etc.

Conde Drácula: *Drácula*, de Bram Stoker.

Dr. John Seward: *Drácula*, de Bram Stoker.

Arthur Holmwood (Lorde Godalming): *Drácula*, de Bram Stoker.

Lucy Westenra: *Drácula*, de Bram Stoker.

Abraham Van Helsing: *Drácula*, de Bram Stoker.

Mina Harker: *Drácula*, de Bram Stoker.

Renfield: *Drácula*, de Bram Stoker.

Jonathan Harker: *Drácula*, de Bram Stoker.

Quincey Morris: *Drácula*, de Bram Stoker.

Geneviève Dieudonné: *Drachenfels*, de Jack Yeovil (pseudônimo do próprio autor de *Anno Dracula*, Kim Newman).

Chandagnac: *Drachenfels*, de Jack Yeovil.

Inspetor G. Lestrade: *Um Estudo em Vermelho* (*A Study in Scarlet*), de Arthur Conan Doyle.

Lulu Schön: *Pandora's Box*, de Frank Wedekind.

Ivan Dragomiloff: *The Assassination Bureau, Ltd*, de Jack London.

Sargento Dravot: *O Homem que Queria Ser Rei (The Man Who Would Be King)*, de Rudyard Kipling.

Sir Mandeville Messervy: parente de Sir Miles Messervy, *Cassino Royale*, de Ian Fleming.

Mycroft Holmes: *O Intérprete Grego (The Greek Interpreter)*, de Arthur Conan Doyle.

Condessa Geschwitz: *Pandora's Box*, de Frank Wedekind.

Melissa D'Acques: *Drachenfels*, de Jack Yeovil.

Kostaki: *The Pale-Faced Lady*, de Alexander Dumas.

Henry Jekyll: *O Médico e o Monstro (The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde)*, de Robert Louis Stevenson.

Lorde Ruthven: *The Vampyre*, de John Polidori.

Sir Francis Varney: *Varney the Vampire*, de J. M. Rymer.

Conde Brastov: *The Soft Whisper of the Dead*, de Charles L. Grant.

Vulkan: *They Thirst*, de Robert McCammon.

Saint-Germain: *Hotel Transylvania*, de Chelsea Quinn Yarbro (mas também personagem histórico).

Villanueva: *The Black Castle*, de Les Daniels.

Weyland: *The Vampire Tapestry*, de Suzy McKee Charnas.

Barlow: *Salem's Lot*, de Stephen King.

Karnstein: *Carmilla*, de J. S. LeFanu.

Lady Ducayne: *Good Lady Ducayne*, de Mary Braddon.

Sarah Kenyon: *The Tomb of Sarah*, de F. G. Loring.

Ethelind Fionguala: *Ken's Mystery*, de Julian Hawthorne.

Condessa Dolingen: *O Convidado de Drácula (Dracula's Guest)*, de Bram Stoker.

Sir Danvers Carew: *O Médico e o Monstro (The Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde)*, de Robert Louis Stevenson.

Amahager: *Ela, a feiticeira (She)*, de Henry Rider Haqggard.

Ezzelin von Klatka: *The Mysterious Stranger*, Anônimo.

Conde Vardalek: *The True Story of a Vampire*, de Eric Stenbock.

O arrombador diletante: *Raffles*, E. W. Hornung.

O Senhor das Mortes Estranhas (Dr. Fu-Manchu): *O Insidioso Doutor Fu-Man-chu (The Insidious Dr. Fu-Manchu)*, de Sax Rohmer.

O carregador de água que era um homem melhor do que muitos: *Gunga Din*, de Rudyard Kipling.

Professor (Professor Moriarty): *O Problema Final (The Final Problem)*, de Arthur Conan Doyle.

Sikes: *Oliver Twist*, de Charles Dickens.

Dr. Nikola: *A Bid for Fortune*, de Guy Boothby.

Griffin: *O Homem Invisível (The Invisible Man)*, de H. G. Wells.

Coronel Sebastian Moran: *A Casa Vazia (The Empty House)*, de Arthur Conan Doyle.

Macheath: *The Threepenny Opera*, de Brecht & Weill.

Madame de la Rougierre: *Uncle Silas*, de J. S. LeFanu.

Carnacki: *Carnacki the Ghost-Finder*, de William Hope Hodgson.

Martin Hewitt: *Martin Hewitt, Investigator*, de Arthur Morrison.

Max Carrados: *Max Carrados*, de Ernest Bramah.

Cotford: *Drácula*, de Bram Stoker (personagem suprimido pelo autor).

Sra. Warren: *A Profissão da Senhora Warren (Mrs Warren's Profession)*, de George Bernard Shaw.

Inspetor Mackenzie: *Raffles*, de E. W. Hornung.

Berserker: *Drácula*, de Bram Stoker.

Gorcha: *O Wurdalak*, de Alexei Tolstoi.

Louis Bauer: *À Meia-Luz (Gas Light)*, de Patrick Hamilton.

Reid: *Zorro, o Cavaleiro Solitário (The Lone Ranger)*, de George W. Trendle.

Basil Hallward: *O Retrato de Dorian Gray (The Picture of Dorian Gray)*, de Oscar Wilde.

Ned (Edward Malone): *The Adventure of the Grinder's Whistle*, de Howard Waldrop; *The Lost World*, de Arthur Conan Doyle.

Sra. Amsworth: *Mrs. Amworth*, de E. F. Benson.

Dr. Moreau: *A Ilha do Dr. Moreau (The Island of Dr. Moreau)*, H. G. Wells.

Clayton: *Os Cães de Baskerville (The Hound of the Baskervilles)*, de Arthur Conan Doyle; *Tarzan Alive*, de Philip Jose Farmer.

Carmilla: *Carmilla*, de J. S. LeFanu.

Henry Wilcox: *Howard's End*, de E. M. Forster.

Rupert de Hentzau: *The Prisoner of Zenda*, de Anthony Hope.

Lioncourt: *Entrevista com o Vampiro (Interview with the Vampire)*, de Anne Rice.

Soames Forsyte: *The Forsyte Saga*, de John Galsworthy.

Quatermain: *As Minas do Rei Salomão (King Solomons Mines)*, de H. Rider Haggard.

Roxton: *O Mundo Perdido (The Lost World)*, de Arthur Conan Doyle.

O russo que usa o arco de guerra tártaro /General Zaroff: *The Most Dangerous Game*, de Richard Connell.

Lucian de Terre: *The Werewolves of London*, de Brian Stableford.

Edward Hyde: *O Médico e o Monstro (The Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde)*, de Robert Louis Stevenson.

Filmes, séries de TV etc.

Waverly: parente de Alexander Waverly (Leo G. Carroll), de *O Agente da UNCLE*.

General Iorga: Robert Quarry, *Count Yorga-Vampire*.

Krolock: Ferdy Mayne, *A Dança dos Vampiros (The Fearless Vampire Killers)*.

Meinster: David Peel, *As Noivas do Vampiro (Brides of Dracula)*.

Mitterhouse: Robert Tayman, *O Vampiro e a Cigana (Vampire Circus)*.

Tesla: Bela Lugosi, *The Return of the Vampire*.

Collins: Jonathan Frid, *Dark Shadows*.

Duval: German Robles, *El Vampiro*.

Condessa Zaleska: Gloria Holden, *Dracula's Daughter*.

Asa Vajda: Barbara Steele, *La Maschera del Demonio*.

Martin Cuda: John Amplas, *Martin*.

Anthony: Simon Oakland, *The Night Stalker*.

Príncipe Mamuwalde: William Marshall, *Blacula*.

Caleb Croft: Michael Pataki, *Grave of the Vampire*.

Graf Von Orlok: Max Schreck, *Nosferatu*.

Dr. Ravna: Noel Willman, *Kiss of the Vampire*.

Ancião chinês: *Mr. Vampire*.

Dr. Callistratus: Donald Wolfitt, *Blood of the Vampire*.

Elisabeth Bathory: Delphine Seyrig, *Daughters of Darkness* (também personagem histórica).

Principais personagens reais

Jack, o Estripador (Jack the Ripper): foi o pseudônimo dado a um assassino em série não identificado que agiu no bairro pobre de Whitechapel, em Londres, na segunda metade de 1888. O nome foi tirado de uma carta, enviada à Agência Central de Notícias de Londres, por alguém que dizia ser o criminoso. Suas vítimas eram prostitutas. Elas tiveram a garganta cortada e o corpo mutilado. Teorias sugerem que, para não provocar barulho, as vítimas eram primeiro estranguladas, o que talvez explique a falta de sangue nos locais dos crimes. A remoção de órgãos internos de três vítimas levou oficiais da época a acreditarem que o assassino possuía conhecimentos anatômicos ou cirúrgicos. Os jornais,

cuja circulação crescia consideravelmente durante aquela época, deram ampla cobertura ao caso, devido à natureza selvagem dos crimes e ao fracasso da polícia em efetuar a captura do assassino. As vítimas conhecidas, que também aparecem como personagens em *Anno Dracula*, são:

— **Mary Ann Nichols**, conhecida como Polly. Nascida em 26 de agosto de 1845 e morta em 31 de agosto de 1888, uma sexta-feira. O corpo de Nichols foi descoberto aproximadamente às 3h40, no terreno em frente à entrada de um estábulo em Buck's Row (hoje Durward Street). Sua garganta sofreu dois cortes profundos, e a parte posterior do abdômen foi parcialmente arrancada por um golpe intenso e irregular. Havia também diversas incisões pelo abdômen, e três ou quatro cortes similares no lado direito, causados pela mesma faca.

— **Annie Chapman**. Nascida em setembro de 1841 e morta em 8 de setembro de 1888, um sábado. O corpo de Chapman foi descoberto aproximadamente às 6h, no quintal de uma casa em Hanbury Street, Spitafields. Assim como Mary Ann, sua garganta foi aberta por dois cortes. O abdômen foi completamente aberto, e o útero, removido.

— **Elizabeth Stride**, conhecida como Long Liz (Liz Comprida). Nascida na Suécia em 27 de novembro de 1843 e morta em 30 de setembro de 1888, um domingo. O corpo de Stride foi descoberto por volta da 1h, no chão da Dutfield's Yard, na Berner Street (hoje Henriques Street), em Whitechapel. Havia uma incisão direta no pescoço. A ausência de mutilações no abdômen lançou incerteza sobre a identidade do assassino, além de sugerir que ele pudesse estar transtornado durante o ataque.

— **Catherine Eddowes**. Nascida em 14 de abril de 1842 e morta em 30 de setembro de 1888, no mesmo dia da vítima anterior, Elizabeth Stride. Seu corpo foi encontrado na Mitre Square, na Cidade de Londres. A garganta, assim como nos dois primeiros casos, foi aberta por dois cortes, e o abdômen aberto por um corte longo, profundo e irregular. O rim esquerdo e grande parte do útero foram removidos. A mídia e moradores de Londres se referiram ao episódio como “evento duplo”.

— **Mary Jane Kelly**. Passou a usar o nome “Marie Jeanette Kelly” depois de uma viagem a Paris. Supostamente nascida na Irlanda, em 1863, e morta em 9 de novembro de 1888, uma sexta-feira. O corpo de Kelly, terrivelmente mutilado, foi descoberto pouco depois das 10h45, deitado na cama do quarto onde ela vivia, na Dorset Street, em Spitalfields. A garganta foi cortada até a

coluna vertebral, e o abdômen, quase esvaziado de seus órgãos. O coração também foi retirado.

Rainha Vitória (1819-1901): rainha do Reino Unido por 63 anos, de 1837 até sua morte. A incorporação da Índia ao Império Britânico, em 1877, conferiu-lhe o título de Imperatriz da Índia. Seu reinado ficou conhecido como a Era Vitoriana, período marcado pela Revolução Industrial e por grandes mudanças econômicas, políticas, culturais e sociais.

Florence Stoker (1858-1937): esposa de Bram Stoker, autor de *Drácula*.

Bram Stoker (1847-1912): escritor irlandês cuja obra mais famosa é *Drácula* (1897).

Frederick Abberline (1843-1929): inspetor chefe da Polícia Metropolitana de Londres e figura proeminente das investigações sobre Jack, o Estripador.

Wynne Baxter (1844-1920): advogado, tradutor, antiquário e botânico inglês, mais conhecido como o magistrado que conduziu os inquéritos de vários assassinatos ocorridos no bairro londrino de Whitechapel, entre 1888 e 1891, inclusive alguns dos cometidos por Jack, o Estripador.

Oscar Wilde (1854-1900): escritor, poeta e dramaturgo irlandês. Dândi e homossexual, numa época em que isso era considerado crime na Inglaterra, foi condenado a dois anos de trabalhos forçados por “cometer atos imorais com diversos rapazes”.

Algernon Charles Swinburne (1837-1909): poeta inglês, famoso por seus temas libertários, como sadomasoquismo, lesbianismo, suicídio e anticristianismo. Era alcoólatra, o que levou sua saúde a definhar progressivamente, até que foi levado para Putney e tratado pelo amigo Theodore Watts pelo resto da vida.



Posfácio à Edição Brasileira: Velhos Heróis, Nova Mitologia

por Octavio Aragão

Desde que Hércules se juntou a Jasão, Orfeu, Castor, Pólux e a outros heróis, formando a equipe dos Argonautas, em busca do Velocino de Ouro, que leitores e espectadores de todo o mundo gostam de enredos que reúnam personagens diferentes em um mesmo cenário. A equação é simples: se um herói traz consigo uma carga considerável de aventuras e ação, dois ou mais multiplicam o prazer de uma boa história.

A ideia de vários personagens habitando o mesmo universo ficcional surgiu cedo no imaginário humano, pois o que seria, em última análise, um panteão divino? Ou a corte de Artur, que reunia diversos protagonistas de lendas originalmente não relacionadas em uma cronologia mais ou menos coesa?

No Brasil, em 1921, Monteiro Lobato foi dos primeiros escritores a reunir heróis e vilões oriundos de diversas fontes, compondo o mosaico ficcional do Sítio do Picapau Amarelo, em que o Capitão Gancho podia duelar com o marinheiro Popeye, o Gato de Botas contracenar com o Gato Félix, ou os mitos gregos enfrentarem ameaças típicas do folclore brasileiro.

Se Lobato foi um expoente da geleia geral na literatura brasileira — mesmo levando-se em conta sua má vontade com os modernistas da Semana de 22 —, na Europa, onde autores desenvolveram hábitos parecidos antes de Sherlock

Holmes virar coadjuvante de luxo em romances de Maurice Leblanc, o mais recente representante dessa estirpe é, sem dúvida, o inglês Kim Newman.

Nos anos 1970, enquanto a moda valorizava as cores ácidas e o psicodelismo, esse futuro escritor vestia capa de ópera à luz do dia. Isso talvez explique o porquê de sua tendência a transformar a ficção em realidade, mesclando as luzes projetadas nas telas dos cinemas ao tubo catódico da televisão e às páginas impressas, criando um amálgama no qual Dr. Henry Jekyll, James Bond e Fu-Manchu coexistem com Edgar Allan Poe, Bram Stoker e até Francis Ford Coppola.

No início da década de 1980, Newman destacou-se como crítico de cinema para a revista *Interzone* e, em 1985, lançou seu primeiro livro, uma parceria com Neil Gaiman. Tratava-se de um trabalho não ficcional, *Ghastly Beyond Belief: The Science Fiction and Fantasy Book of Quotations*, algo como uma enciclopédia de citações ligadas à ficção científica e à fantasia, logo seguido por *Nightmare Movies: A Critical History of the Horror Film Since 1968*, uma pesquisa a respeito da filmografia da produtora britânica Hammer, responsável por diversos filmes de horror dos anos 1960, que popularizaram os atores Christopher Lee e Peter Cushing.

Seu romance de estreia, *The Night Mayor*, de 1989, é uma história detetivesca a respeito de uma realidade virtual em que uma dupla de investigadores caça um supercriminoso e esbarra em diversos personagens de filmes do gênero. Ou seja, a vontade de mesclar mídias já estava presente desde o início da carreira de Newman, o que resultou em *Bad Dreams* (1990), o primeiro indício de que o tema vampiresco seria uma nova tendência. Finalmente, em 1992 surgiu *Anno Dracula*, e o autor caiu no gosto dos aficcionados do horror e da ficção científica.

O que distingue este romance de todos os outros pastiches da obra de Bram Stoker é que Newman subverte a trama num ponto crucial. Se no original de 1897 Drácula é perseguido e banido da Inglaterra por um grupo de caçadores que representava o melhor que a sociedade ocidental tinha a apresentar — um médico, um advogado, um barão do gado/*cowboy* norte-americano, um lorde britânico de fina estirpe e um supercientista holandês —, na versão de Newman todos são derrotados num piscar de olhos pela criatura centenária.

Drácula vira o jogo, a mesa e a cabeça dos leitores ao neutralizar todos os inimigos de uma vez, desposando a Rainha Vitória e empregando alguns camaradas em funções burocráticas do Império Britânico.

Nesse ponto começa a festa do monstro maluco, pois Newman lança mão de todas as referências possíveis e (in)imagináveis para cobrir cada cantinho imerso em sombras. Lorde Ruthven, personagem de John Polidori (sim, aquele médico e

amigo de Lorde Byron que esteve presente na reunião literária que originou o *Frankenstein*, de Mary Shelley) em *The Vampyre* (1819), é primeiro-ministro. Varney, protagonista de *A Feast of Blood* (1845), de James Malcolm Rymer (ou de Thomas Preskett Prest, segundo alguns), faz ponta como um representante do trono, e até o dentuço e encarquilhado Conde Orlock, do filme *Nosferatu* (1922), de Friedrich Wilhelm Murnau, dá o ar de sua desgraça.

De Carmilla, a vampira lésbica de Joseph Sheridan LeFanu, em *A Vampira de Karstein* (1872), ao Lestat, de *Entrevista com o Vampiro* (1976), de Anne Rice, Newman promove um verdadeiro desfile de personagens e alegorias.

A trama caleidoscópica gira em torno do assassinato de uma vampira, o que já é uma inversão das regras do gênero; mas como os sanguessugas se tornaram uma aristocracia dominante, torna-se prioritário descobrir quem seria capaz de estripar (sim, o termo correto é esse) os imortais.

Há, porém, outras forças em rota de colisão. Para compensar a ausência de Sherlock Holmes, preso na Torre de Londres, surge um grupo de personagens que tentam se afirmar num cenário onde a ordem é caos. Professor Moriarty e os doutores Fu-Manchu, Moreau e Jekyll, entre outros, passeiam pelas ruas de uma Londres onde a Revolução Industrial foi suplantada pelo poder do sangue.

O sucesso de *Anno Dracula* deu origem a duas continuações: *The Bloody Red Baron* (1997), narrando os acontecimentos das Guerras Mundiais, e *Dracula Cha Cha Cha* (1998), ambientado nos lisérgicos anos 1960. Nesses livros, aquilo que antes era uma linha narrativa torna-se uma tapeçaria complexa em que fatos e mitos são mesclados com ficção literária, num dos melhores exemplos daquilo que o estudioso francês Eric B. Henriot chamou de “ficção alternativa” (ou “ucronia ficcional”) em seu compêndio *L’Histoire Revisitée* (1999). A ficção alternativa estabeleceria um ponto de divergência dentro do enredo original e, a partir daí, traçaria um novo caminho. Na *Encyclopedia of Science Fiction*, John Clute e Peter Nicholls chamam a isso “ficção científica recursiva”. O texto de Kim Newman, porém, está acima dessas discussões acadêmicas e reinventa Drácula numa aventura consistente e bizantina.

E o melhor é que a fonte que reviveu o Vampiro-Rei parece estar longe de secar. De acordo com o próprio autor, as possibilidades são infinitas, já que em seu terceiro romance até um vampiro brasileiro surge ao pôr do sol. Se considerarmos o sucesso das mesclas de Monteiro Lobato no início do século XX, não será de espantar que, ao chegar ao Brasil, a influência da ficção alternativa de Newman agrade a uma nova geração de leitores dispostos a acompanhar as aventuras dos velhos heróis em uma mitologia pós-moderna, coesa e multifacetada.

OCTAVIO ARAGÃO é designer gráfico, doutor em Artes Visuais pela EBA-UFRJ e professor adjunto da ECO-UFRJ. Foi coordenador de arte do jornal *O Globo*, subeditor de arte de *O Dia* e editor de arte das revistas *Internet Business*, *Internet.br* e *Webguide*, da Ediouro. Organizou a antologia de contos *Intempol* (Ano Luz, 2000) e é autor do romance *A Mão Que Cria* (Mercuryo, 2006), assumidamente influenciado por Kim Newman.